



SÉRIE GUARDA-COSTAS

BRUNO

LIVRO II

MAYJO





BRUNO

**SÉRIE GUARDA-COSTAS
LIVRO II**

MAYJO

Copyright © MAYJO 2016

Título Original: Bruno

Capa: Murilo Magalhães

Revisão: Lucilene Vieira

1ª Edição Digital [2016]

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma, meio eletrônico ou mecânico sem permissão por escrito da autora. A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei n°. 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

Esta é uma obra de ficção. Seu intuito é entreter as pessoas. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora.

Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Esta obra segue as regras da Nova Ortografia da Língua Portuguesa.

Dedicatória

As minhas leitoras fiéis.

Obrigada.

Alicia Duran

Uma da manhã, e todos os convidados parecem com energia para amanhecer o dia na festa. Meus pés parecem que vão pegar fogo de tão doloridos, mas como organizadora de festas e eventos, tenho que ficar até o fim ou quase isso. Gosto de saber se tudo correu bem, sem percalços, até o último convidado sair.

Hoje a festa é uma recepção de casamento, e os convidados dos noivos não parecem com muita vontade de ir embora tão cedo. Observo o deslumbrante salão de baile em um dos hotéis mais luxuosos da cidade e dou um sorriso de contentamento. Minha equipe tinha deixado tudo perfeito. As luzes suaves davam um ar romântico e deslumbrante à decoração. Certifico-me se o abastecimento de suprimentos do Buffet está ok e se os convidados possuem bebidas em abundância. Relaxo um pouco ao ver que todos estão sorridentes e focados em se divertirem, e é isso que interessa hoje, aqui.

Minha empresa é pequena, mas tenho uma clientela seleta e rica que me mantém sempre com muito trabalho. Não temos um foco tão definido de eventos, aceitamos qualquer trabalho desde que esteja dentro de nosso alcance realizá-lo e, portanto, estamos cada dia crescendo mais e mais no mercado. E faço questão de está sempre atenta para que ela continue crescendo e por

essa razão estou sempre presente buscando a melhoria dos serviços em sua excelência.

Mais de meia hora depois, quando percebo que já começaram a sair, eu passo a responsabilidade de supervisionar o serviço para Marcos, meu gerente, e deixo a festa também. Estou acordada há muito tempo, desde as cinco da manhã. Estou exausta quando estaciono meu carro na garagem do meu prédio.

Evan provavelmente já está dormindo, ou não, pode ter saído como costuma fazer nesses últimos meses. Meu casamento de três anos está indo por água a baixo, como diz o ditado. E não vejo muitas opções de salvamento à vista.

Cumprimento o porteiro da noite e caminho para os elevadores. Espero impaciente enquanto ele desce, e tenho uma surpresa quando três homens saem de dentro dele. Coisa mais estranha. Observo-os saírem e entro no elevador logo após, um sentimento estranho tomando conta de mim devido ao encontro com aquelas pessoas.

Medo se arrasta como insetos rastejantes na minha pele; meu corpo todo treme, e é como se visse isso acontecendo de fora do meu próprio corpo. Eu sabia, no momento que aqueles homens saíram do elevador, que algo ruim tinha acontecido. Meus olhos tinham se conectado com um deles, e algo havia piscado neles.

Algum tipo de reconhecimento.

Eles não pararam. O homem que olhou para mim hesitou por um pequeno instante, no entanto, passou direto, indo para fora do prédio. Não entendo o porquê de eles não terem sido impedidos de entrar no prédio. Sabia que não eram moradores, e não parecia que eram convidados de algum dos moradores do prédio.

Quando desço no sexto andar onde fica nosso apartamento, estou tão ansiosa e com um pressentimento ruim, que sinto uma dor aguda no estômago. Empurro a porta do meu apartamento, que está aberta – e isso só confirma que algo não está bem —, entro e paraliso no lugar. Um grito fica preso em minha garganta quando olho para minha sala. Tontura toma conta de mim, as paredes parecem se fechar ao meu redor, me fazendo cambalear, e tudo parece escurecer à minha volta.

Evan, meu marido, está sentado no sofá, mas seus olhos estão vítreos e tem um furo ensanguentado na testa. Tento correr para perto, porém minhas pernas falham e caio sentada em minha própria bunda. Por um momento curto estou paralisada, depois ajo freneticamente, fazendo a única coisa plausível para mim, que é pegar meu celular e tentar ligar para a única pessoa no mundo que pode me ajudar agora.

Enquanto o celular chama do outro lado, eu consigo

levantar e sair do apartamento. Estou indo na direção do elevador, quando vejo que ele foi chamado para baixo. Sei instintivamente que devo sair daqui e não penso duas vezes quando vou para as escadas. Melhor não dar chance para a má sorte. *E se aqueles homens adivinharam que sou a esposa de Evan?!*

— Alô. Oi, mana — a voz de Matt é sonolenta. Lembro que ele esteve viajando e deve ter chegado de viagem, e como já passam das duas...

— Matt! — estou sussurrando quando atinjo o quinto andar — Matt, o Evan está morto na nossa casa e acho que seus assassinos podem vir atrás de mim. — solto de uma vez.

— Onde você está agora, Alicia? Já chamou a polícia? Estou indo para aí agora — escuto quando ele se movimenta do outro lado, sua voz agora totalmente alerta.

— Estou descendo pelas escadas. Não quero ficar dentro do apartamento, Matt. — digo, acredito que não há ninguém atrás de mim, já que não escuto passos. Talvez o medo tenha me feito imaginar coisas — Não sei o que fazer, Matt, não sei o que aconteceu — minha voz embargada treme.

— Vou desligar e ligar para a polícia, ligo para você em seguida, e procure um lugar seguro, Alicia — meu

irmão é meu melhor amigo e somos extremamente cuidadosos um com o outro.

Estou no terceiro andar e vou até o apartamento de Cindy. Ela é uma das poucas pessoas que conheço e tenho algum tipo de amizade nesse prédio, afinal, só fazem quatro meses que viemos morar aqui. Toco a campainha, e pouco depois a porta abre. Ela aparece, fechando o roupão e com cara de sono. Ela é uma moça gordinha, em torno de trinta anos, com cabelos pretos cortados curtos, tipo Chanel. Seus olhos castanhos se arregalam quando vê meu rosto.

— Alicia, o que você tem? Parece pálida — ela segura meu braço, e entro no apartamento dela, fazendo-me respirar de alívio. Ela me puxa para o sofá na sala e eu praticamente desabo lá. — Aconteceu alguma coisa? Fale, querida.

Não sei o que dizer. Como falar que meu marido está morto? Eu nem sabia que Evan tinha inimigos.

— Só preciso ficar aqui uns minutos, ok? — ela saberá em breve, mas não quero que ela entre em pânico achando que posso atrair assassinos à sua casa, por isso me calo.

Devia falar, já que pela forma como me olha com pena, deve achar que levei uma surra do Evan. Evan, coitado, está morto, morto. Quem faria algo assim?

Quem?

— Vou preparar um chá para você, acredito no poder calmante do chá, você sabe — ela pisca um pouco, sem graça, já que estou parecendo uma múmia sentada lá, e vai preparar o chá, quando meu telefone volta a tocar. Atendo imediatamente.

— Matt!

— Você está segura, querida? — ele pergunta

— Estou bem — minha voz está tensa. — Você estará em breve aqui, Matt? Estou apavorada. — eu nunca imaginei chegar na minha casa e encontrar meu marido morto, além do fato de encontrar seus possíveis assassinos. Eu tinha, de uma hora para outra, me tornado quase testemunha de um crime.

— Está aqui, querida, vai se sentir melhor — Cindy está na minha frente com uma xícara de chá. Digo para Matt onde estou e desligo.

— Obrigada, Cindy — sussurro. Eu preciso ser forte como sempre fui. Agora não era hora de demonstrar fraqueza.

Três horas depois, estou sentada no departamento de polícia, repetindo uma e outra vez a mesma história para

os policiais. Estou esgotada e não tinha derramado nem uma lágrima pelo Evan. Devo estar em choque. Tudo que ainda me mantém amparada é Matt, que sempre foi como um pai para mim, mesmo sendo apenas cinco anos mais velho que eu, e sei que estará me dando forças em tudo que está acontecendo.

Nunca fui fraca, mas encontrar uma pessoa morta na sua sala, e sendo seu marido, desconcertaria qualquer pessoa. Estou tão calma por fora que qualquer um diria que não sinto pela morte de Evan, mas sei que tudo virá de uma só vez.

— Você saberia dizer se seu marido tinha inimigos, senhora Duran? — o detetive da polícia, calvo, de uns cinquenta anos, está indagando e tirando-me dos meus pensamentos.

— Não, nunca imaginei que ele estivesse envolvido com algo que nos colocasse em risco — meu casamento não era um mar de rosas, mas Evan nunca fez algo para que eu suspeitasse que ele pudesse levar uma vida dupla. Mais de três anos de casamento e parece que não conheço meu marido.

— A senhora pode reconhecer esses suspeitos? — o detetive continua.

— Acredito que sim. Um sim, com certeza, se o visse me recordaria — garanto. Eu lembro perfeitamente

dos olhos de um daqueles homens, se os visse à minha frente saberia identificá-lo.

Vejo quando Matt aparece e fala com o detetive, e pouco depois sou dispensada do depoimento. Estou entorpecida, parece que estou no limbo onde nada pode me atingir, mas sei que a ruptura pode acontecer a qualquer instante.

Saio da delegacia com Matt, e ficamos calados durante a maior parte do tempo em que seguimos para a casa dele. Não sei como farei daqui em diante. Não quero morar mais naquele apartamento, está fora de cogitação.

— Você está bem? — ele pergunta eventualmente a caminho da casa dele — Poderia ver um médico, afinal você teve um choque e tanto hoje.

— Estou bem, só preciso da minha cama — minha apatia começa a se evidenciar, o cansaço por estar há mais de 24 horas acordada iria me derrubar literalmente.

— Não quero que se preocupe com nada, Alicia, cuidarei de tudo para você — Matt sempre foi assim, cuidava de tudo para mim desde que perdemos nossos pais. Tinha sempre sido eu e Matt contra o mundo.

Acordo algumas horas depois e fico olhando para o teto do quarto de hóspede do apartamento de Matt. Tudo parece um pesadelo acontecendo em câmera lenta. Levanto e deixo para lamentar depois, tenho tantas coisas para organizar. Estou surpresa comigo mesma por estar tão controlada. Não chorar por Evan parece errado, e sei que depois isso virá tudo de uma vez, sei disso.

Nos dias seguintes, tudo parece acontecer de uma vez na minha vida. Após o funeral de Evan, toda enxurrada de emoções que não tinha acontecido ainda veio de vez de dentro de mim. Chorei por ele, por mim e por coisas que vinham se revelando ao longo desses dias.

A polícia descobriu que ele tinha desviado dinheiro de clientes dele. E talvez seja essa a razão de seu assassinato, e eu poderia estar correndo risco de morte por ser sua esposa e indiretamente estar envolvida com as falcatuas de Evan. Não basta ter um marido assassinado, você descobre que ele é um homem desonesto e envolvido com desvio de dinheiro.

Sinto que em quase quatro anos não conhecia meu marido, ao menos não como profissional, porque em casa eu o conhecia bem demais. Isso foi o catalisador para chorar por tudo que aconteceu. Todos os clientes que ele roubou podem ser um possível mandante do

crime. A polícia não tem nenhuma pista dos criminosos, já que eles tiveram cuidado para não mostrar seus rostos nas câmeras de segurança do prédio.

Além disso, estou na mira de seus possíveis assassinos, quando saiu na televisão que eu tinha encontrado os criminosos. Fui aconselhada pela polícia para ter cuidado com minha segurança ou poderia acabar como Evan, com uma bala na testa.

Um mês depois, estou morando em um apartamento da empresa de Matt, um novo empreendimento onde há um apartamento modelo. Não queria ficar em sua casa, estava acostumada a ter minha própria. Voltar ao meu apartamento, duas semanas depois daquela noite foi bem difícil, não podia olhar para aquela sala sem imaginar Evan sendo assassinado ali. Mas tinha de retirar minhas coisas pessoais de lá. Matt tinha resolvido muitas coisas para mim, poupando-me das partes desagradáveis.

Estou ajeitando as flores no jarro, na cozinha da minha nova moradia, quando escuto a porta da frente sendo aberta e a voz de Matt logo em seguida.

— Hei, maninha! — ele aparece sorridente na porta um momento depois — Tenho algo para conversar com você. Eu espero que você não surte antes de ouvir o que tenho a dizer.

— Imagino que não irei gostar. Já não bastam meus

clientes cancelando suas festas comigo? — sim, meu pequeno negócio estava sofrendo com a repercussão da morte de Evan e seus roubos. Tinham sido cancelados praticamente metade dos meus compromissos agendados, e isso era um baque no orçamento da Duran Festas & Eventos. Estar chateada com isso era pouco. — Fale de uma vez, Matt.

Ele caminha para perto e, depois de depositar um beijo na minha têmpora, puxa uma cadeira e senta à mesa.

— Senta aqui comigo — ele bate com a palma na mesa. Sento em frente a ele e espero. Bom, tenho fé que não seja nada tão ruim.

— Eu estive falando com o detetive de polícia e fui aconselhado a contratar um segurança para você — tento falar, mas ele levanta a mão, me impedindo — Alicia, não quero ver você morta. É minha única família, não quero te perder também por culpa daquele...

— Não, Matt — balanço minha cabeça. — Melhor deixar os mortos em paz — ele tem razão de estar chateado com Evan, sua maledicência estava respingando em mim.

— Não o defenda, sabe que tenho razão — ele me dá um olhar consternado — Mas, isso não vem ao caso agora. Só quero que aceite ter um segurança até esses

caras serem pegos pela polícia, ok?

— Não há outra maneira? Como seria esse arranjo?
— pergunto — Onde esse segurança irá ficar? Não é aqui, é?

— A princípio, sim. Esse prédio não tem muita segurança, está ainda em construção, você sabe. Não sei por que escolheu ficar aqui.

— Estou ajudando você nos negócios, irmão — dou um sorriso — Poderia fazer propaganda grátis para você!

— Sério? — ele ri, isso é uma piada, já que ele tem uma equipe de marketing para isso — Isso a deixa mais suscetível ao perigo, isso sim, qualquer um poderia se passar por cliente e entrar no prédio e chegar até você.

— Está bem, mas não conheço nenhuma firma de segurança, Matt.

— Deixe isso comigo, Alicia — ele segura minha mão entre as suas — Tenho um amigo, dono de uma empresa privada, vou entrar em contato com ele.

Bruno Ross

— Você voltará, querido? — a loira ronrona na minha

direção, quando me vê colocando minhas roupas que estão espalhadas pelo quarto.

Voltar? Acho que não. Por que diabos iria repetir uma transa com uma mulher quando tem centenas de outras por aí disponíveis? Tenho cara de otário? Mas é claro que não. Ainda mais uma que nem conheço, a não ser no sentido bíblico.

Tinha passado a noite aqui em sua casa, mas a conheci ontem numa boate. Eu sou totalmente avesso a me amarrar a uma mulher só. Tinha sexo na hora que eu quisesse. Por que diabos iria arranjar problemas? Por quê? Se as mulheres têm a capacidade de metamorfose maior que qualquer outro ser vivo? Não, de jeito nenhum voltaria lá. Daqui a uns dias ela iria querer pôr uma aliança no meu dedo.

— Claro que sim, ligo em breve para você — viro para ela com um sorriso galanteador — Você é especial, você sabe.

Ela morde os lábios e devolve meu sorriso, acreditando em mim. Mulheres! São tão ingênuas, acreditam em palavras vazias tão rápido que chega a ser vergonhoso, só basta um homem sorrir e dizer “eu te amo” que elas ficam extasiadas. Abotoo minha camisa azul marinho, deixando o colarinho aberto, e coloco o terno por cima. Dizer o que elas querem ouvir é tão fácil.

— Até mais, querida! — digo despedindo-me enquanto caminho para fora de sua casa e de sua vida.
— Nos veremos em breve, linda!

É manhã de segunda-feira, e já era para eu estar trabalhando, já que volto de minhas pequenas férias hoje. Saio da academia que tenho na minha casa com o suor escorrendo por meu peito nu e caminho para uma chuveirada antes de ir para a empresa. Estava nessas miniférias da Marshall Segurity depois de quase dois anos sem tirar um descanso. Alex era um tirano filho da puta, se nós praticamente não fugíssemos, trabalharíamos sem férias por toda a vida.

Estou saindo do banho quando escuto meu telefone tocando:

— Isso é tudo saudade, Alex? — digo quando atendo.

— Onde você está? Pensei que já estaria a essa hora aqui. Tenho um serviço novo para você. Me procure assim que chegar à empresa, “*senhorita*”! — ele praticamente vomita as palavras, e nem dá chance para eu dizer algo, desligando em seguida. Mas era de uma *finesse* que dava gosto. Jogo meu celular na cama e vou colocar uma roupa.

Estaciono minha Harley no estacionamento do

escritório da M.S. Estou entediado com as férias, e essa ligação de Alex veio na hora certa, preciso de ação ou vou enlouquecer. Depois de um certo tempo, com o tipo de trabalho que deixa você com a adrenalina correndo pelo seu corpo, ficar de “molho”, mesmo em uma praia tropical, deixa um cara como eu entediado. Tinha chegado no sábado e saído para uma cerveja com os caras da agência, mas tinha terminado a noite em uma boate onde conheci a loira e terminado na cama dela.

— Bom dia, linda! — sorrio para a recepcionista que, naquele momento, está digitando algo no computador e leva um susto quando falo inclinando meu corpo em cima do balcão circular de mármore preto e madeira polida.

— Bom dia, Bruno! Como foram as férias? — Lilian Benacci é a única mulher que não consigo ter uma chance, e ela é linda. Loira com um cabelo liso até a cintura, era muito tentação. Eu amo as loiras. Mas a verdade é que ela é casada com o Salvatore, e o cara morre de ciúme da mulher, mas isso não me impede de flertar com ela.

— Foi legal — dou outro sorriso com uma piscadela para ela — Poderia ter sido melhor...

— Sua sala é na recepção, Ross? — viro para o dono da voz nada amigável atrás de mim.

— O que posso fazer, a recepção dessa empresa me cativa — replico e levanto minhas mãos — Mas estou indo.

— Babaca pomposo — Salvatore resmunga, e sigo meu caminho para a sala de Alexander. O cara não parece trabalhar mais, a vida dele agora era viver para Lana. Nojento isso! Era meloso demais para meu gosto, penso com um meneio de cabeça. Se o cara tinha total acesso a mulher, por que inventar de casar e estragar as coisas? Não entendo isso. Antes que pergunte, não tenho trauma, sou simplesmente do lema “ame e as deixe”.

Bato na porta de Alex, mas não espero resposta, abro e dou de cara com Alexander e outro homem na sala.

— Ah, enfim — Alex diz, me apontando — Pensei que não chegaria nunca, Bruno.

— Homem, melhor disfarçar essa ansiedade em me ver, pode dar outra impressão às pessoas — debocho, sentando na outra cadeira em frente à mesa e ao lado do cara que não conheço.

— Mathews, este é Bruno Ross, ele que pretendo disponibilizar para a segurança de sua irmã — ele continua como se eu não tivesse falado, me apresentando em seguida — Bruno, Mathews Novais.

Aperto a mão dele, e nas horas seguintes fico a par do porquê Mathews estar contratando um segurança

para sua irmã.

Alicia Duran!

Bruno

Espero o melhor para minha irmã — diz Mathews Novais para Alexander. Não gosto do que ele insinua, eu posso ter vários defeitos, mas faço meu trabalho com competência. Lanço um olhar desdenhoso para Alex, porém ele me ignora.

— Claro que irei disponibilizar os melhores — garante Alex — Bruno assumirá tudo que diz respeito a isso, e pode tratar diretamente com ele — estava me sentido um garoto naquela conversa.

— Bom, espero você lá amanhã, onde minha irmã está morando agora — ele diz que ela mora em um novo edifício, em fase final de construção, e fico intrigado como ele quer manter a irmã segura e a coloca em um lugar mal habitado. Bem, mas ela ainda não está sob minha responsabilidade.

Como fiquei sabendo que a irmã de Mathews Novais estava morando em um apartamento em construção, resolvi aparecer mais cedo hoje. E fico imaginando como as pessoas são tão burras com relação a sua própria segurança. Isso é pedir para morrer. Irei mostrar a eles que entrar nesse prédio é tão fácil como tirar um pirulito de uma criancinha de seis meses de idade.

Estaciono meu Jeep na frente do edifício e olho ao redor. Qualquer idiota entraria ali sem nem precisar se preocupar muito em ser visto. Caminho tranquilamente para dentro, passo por trabalhadores que estão ocupados no térreo, onde será o saguão do prédio, e vou até o elevador. Entro, acionando a cobertura, e até agora nem uma alma viva me interceptou. Desço no último andar, onde existem dois apartamentos, e um ainda não está totalmente pronto. Pelo visto, o outro que parece habitável deve ser onde mora Alicia Duran.

Eu tinha marcado com Mathews hoje, só que resolvi vir mais cedo, para ter uma ideia de onde sua irmã vive e como era a segurança. E até agora nada aqui me agrada.

Toco a campainha e espero, para pouco depois ver a porta ser aberta e revelar uma mulher... Oh, cara!

Olho para o seu rosto, e não tenho e nunca terei palavras suficientes para descrever a beleza dela.

Raramente olho muito para mulheres morenas, tenho preferência por loiras, isso todo mundo sabe, mas Alicia Duran tem um rosto de beleza radiante. Seus olhos não são nem azuis nem verdes, mas são lindos, e seus cabelos pretos brilhantes parecem macios, e tenho a súbita vontade de correr meus dedos por eles. Sem falar no porte altivo e elegante dela. Registro isso em menos de trinta segundos. Essa não será nenhum sacrifício *proteger...*

— Matt, pensei que... — ela deixa escapar, antes de perceber seu erro. Ela tem uma voz deliciosamente rouca e sensual.

Ela fica paralisada na minha frente, e vejo com perspicácia o momento que ela começa a cogitar que eu poderia ser uma ameaça. Começa a se afastar para trás e tenta fechar a porta, no entanto, planto minha palma na mesma, impedindo que ela feche a porta na minha cara.

— Quem é você?

— Com certeza não sou um assassino em potencial, ou você estaria morta agora, senhora... — deixo a frase no ar, esperando que ela se apresente. Como ela continua me olhando de olhos arregalados, com provável medo, prossigo: — Bruno Ross, seu segurança!

Estendo minha mão para cumprimentá-la, ela ignora e recua para dentro e força a porta, que ainda segura

para me impedir de entrar.

Claramente ela perde o medo, porque surpreendentemente tenta chutar minhas bolas ao mesmo tempo que tenta fechar a porta mais uma vez, mas estou ligado e desvio a tempo de ser atingido. Escuto o som do elevador chegando no andar e a voz de um homem.

— Vejo que já conheceu a Alicia — olho para trás e vejo Novais vindo do elevador — Você está adiantado.

— Vim sondar o ambiente, e devo dizer que sua irmã poderia estar morta agora — olho para ela — Se eu fosse um assassino em potencial.

— Bem, mas não estou — ela agora estava com o queixo erguido em desafio para mim — Vamos ficar aqui na porta? — ela parece chateada.

Quando adentramos o apartamento, verifico ao redor. A decoração era elegante, realmente feita para impressionar clientes, o piso de linóleo dava para uma sala de estar ricamente decorada. Entretanto, não me atenho a isso. Olho para a janela, do chão ao teto de vidro, e sei que uma bala pode atravessar facilmente dependendo do calibre, e balanço minha cabeça em desaprovação: esse lugar não é nada seguro.

— Esse vidro é blindado, Novais? — pergunto e vou até lá. Olho através do vidro, percebendo que um atirador de elite do prédio do outro lado pode muito bem

acertar um alvo aqui nessa sala — Eu me pergunto se é sorte sua irmã estar viva ou se os bandidos que estão atrás dela não pensam muito? — bato com os nós dos dedos no vidro — Isso aqui? É o mesmo que colocar uma placa com um alvo em seu peito.

— Não tinha pensando nisso — Novais diz — Sugeri para a Alicia ficar aqui...

— Não é só isso, entrei aqui sem ser abordado por ninguém, estão sendo incipientes com a segurança — olho firme para ele — Se eu pude entrar facilmente, qualquer um poderia tê-lo feito.

— Se não notaram, senhores, estou bem aqui também. Não falem de mim como se não estivesse presente — volto-me para Alicia Duran e franzo meu cenho. Onde foi parar a mulher de olhar amedrontado de cinco minutos atrás? Essa aqui estava soltando fogo pelos olhos. Analiso-a mais uma vez. Era muito bonita e estava furiosa, dessa forma ficava ainda mais linda!

Dou um sorriso charmoso para ela, mas não surte efeito nenhum. Ao contrário, ela levanta uma sobrancelha com o olhar nada agradável.

— Eu sugiro que deva procurar outro lugar para morar — falo para ela — A facilidade que entrei aqui é assombrosa. Terá de ser mais cuidadosa no futuro, senhora Duran.

— Sempre sou cuidadosa, senhor Ross — ela indica os sofás de couro branco — Por que não senta e nos conta como o senhor pode me manter segura com sua grande sabedoria?

Ela estava por acaso caçoando de mim? Ela era azeda demais para meu gosto. Deve chupar limão pela manhã, mas dou um desconto, afinal, está viúva há pouco tempo.

— Sente, Ross — Mathews interfere.

Alicia

— Mais um, Marcos? — inacreditável como as pessoas não sabem separar as coisas — Desse jeito, vamos fechar as portas em breve.

— Os Di Cavalcanti são ótimos parceiros de negócios — meu gerente diz do outro lado — Perdê-los irá levar outros com eles, você tem de estar preparada, Alicia.

Meus clientes estavam me deixando preocupada. Sim, eu tenho de estar preparada para ir à bancarrota? Não, essa não sou eu.

Se tiver que ir a cada cliente e conversar pessoalmente com eles, irei. Farei isso a partir de amanhã, não vou deixar minha empresa falir por causa

de atos que não são meus.

Despeço-me de Marcos, pedindo que ele marque reunião com quem não desmarcou ainda e começo a dar meus próprios telefonemas.

Fico parada por um bom momento, pensando no por que Evan nunca me falou de seus problemas financeiros. Como um casamento se torna tão vazio que os cônjuges não conhecem um ao outro? Onde ele colocou todo dinheiro desviado?

Uma lágrima solitária desce pelo meu rosto. Sua traição me magoa como nunca. Sinto-me culpada por pensar isso de uma pessoa morta, mas ele não tinha o direito de fazer isso com nossas vidas. Ele estava morto, e eu poderia ser a próxima vítima de sua falta de caráter. Ele trabalhava com aplicações na bolsa de valores, ganhava razoavelmente, não havia necessidade de enganar seus clientes. Empurro os pensamentos desagradáveis para o fundo da minha mente e volto para o que realmente importa: sair dessa enrascada em que estou metida.

Escuto e campainha tocar e olho o relógio. Droga, queria terminar uns telefonemas antes de ter a reunião com Matt e o segurança que vai ficar aqui comigo. Enquanto caminho para abrir a porta, meus pensamentos distraídos na situação precária do meu negócio, não noto

que nem olhei no olho mágico quem está lá fora.

Não penso quando escancaro a porta e dou de cara com um desconhecido. Gaguejo alguma coisa incoerente para mim e tento fechar a porta, quando dou conta da minha estupidez. Que droga que eu fiz aqui? Expondo-me ao perigo dessa forma? Esse homem pode ser um assassino. Não me lembro de tê-lo visto aquela noite, lembraria com certeza. Ele é belo, mas a beleza pode esconder os piores monstros.

Meu coração começa a bater acelerado e tento controlar o pânico.

Ele está falando qualquer coisa e avança para perto de mim. Meu instinto de autopreservação retorna e recuo, tento acertá-lo nas bolas, no entanto, o estranho está prevenido e desvia facilmente do meu joelho. *Oh, Deus, será meu fim?* Minha mente explode de aflição.

— Vejo que já conheceu a Alicia — escuto a voz do meu irmão e relaxo. Quem é ele, afinal? — Você está adiantado.

Vejo Matt cumprimentá-lo e percebo que ele é provavelmente o segurança. Ele é alto e forte, com vastos cabelos negros e lisos caindo na testa. Está vestido com um terno cinza e não tem nada que me faça lembrar um guarda-costas. Seus olhos são reprovadores quando começa uma ladainha sobre a segurança do

prédio. Ele deu-me um susto por nada?

Ele entra na minha casa e começa a apontar as falhas de segurança, e isso me tira do sério. Se eu fosse especialista em segurança, não teríamos contratado uma empresa. Quem ele pensa que é? Ele e Matt estão falando de mim como se eu fosse invisível.

— Se não notaram, senhores, estou bem aqui também. Não falem de mim como não estivesse presente — digo jocosa. Estou realmente chateada com essa atitude de *senhor que tudo sabe*.

Ele sorri para mim, mas dou a ele meu olhar de professora sisuda. Mas ele continua ostentando o sorriso, agora um tanto malicioso. Sério?

— Eu sugiro que deva procurar outro lugar para morar — ele fala — A facilidade que entrei aqui é assombrosa. Terá de ser mais cuidadosa no futuro, senhora Duran.

— Sempre sou cuidadosa, senhor Ross — olho-o severa e aponto para sentarmos — Por que não senta e nos conta como o senhor pode me manter segura com sua grande sabedoria?

— Sente, Ross — Mathews aponta o sofá, ele está com a sombra de um sorriso, deve estar achando engraçado meu mau humor. Eu nem sempre sou ácida com as pessoas, mas esse segurança é... é ...ridículo.

Ele está olhando para mim com ar de deboche quando vai até apoltrona ao lado do sofá e senta. Ele abre a frente do terno e dá um vislumbre do peito amplo por baixo da camisa azul clara que só faz enfatizar seus olhos azuis. Eu não estou admirando, só apontando um fato, digo para mim mesma.

Não quero um segurança, ainda mais um que tenha de viver vinte e quatro horas dentro da minha casa. Viver com uma pessoa desconhecida era, no mínimo, desconfortável. Estou quase mudando de ideia e indo ficar com Mathews. Este homem de imediato passava a impressão de arrogância, ego alterado e confiante. Incomoda-me sobremaneira.

— Então vamos falar do que interessa: meu motivo de estar aqui, senhora Duran — ele começa. — Fale-me de sua rotina diária para que eu posso planejar sua segurança.

Começo dizendo para ele do meu trabalho com eventos e vejo quando levanta as sobrancelhas e me interrompe:

— Seria prudente dar um tempo nesses eventos. — diz ele. Aponta para meu apartamento e continua: — Eu pensei que esse lugar fosse seguro, porém vejo que não. Senhora Duran, deve perceber que está em um lugar onde tem várias pessoas desconhecidas, é o lugar

propício para um ataque bem-sucedido. Sugiro que dê um tempo em participar dessas festas.

— Como é? Não vou abrir mão do meu trabalho, senhor Ross! — digo furiosa — Essa é sua brilhante ideia sobre segurança? Sério?! Estou assombrada com sua incrível e distinta inteligência. Desse jeito, qualquer um idiota pode ser um guarda-costas...

— Alicia... — a voz de Matt vem cheia de reprimenda — Ele pode ter razão. Isso é ariscado, não tinha pensado nessa possibilidade.

— Matt, não vou deixar de atender meus eventos porque *ele* — sinalizo o segurança, que mantém a mão debaixo do queixo e olha-me com ironia — Não se garante como profissional.

— Chega, Alicia! — Matt volta a falar — Desculpe minha irmã, Ross, tem sido muitas coisas acontecendo ultimamente...

— Não se desculpe por mim — lanço um olhar firme para Matt — Então, senhor Ross, continue.

— Quando você parar de falar, quem sabe. — ele olha dentro dos meus olhos. *Que insolente!* — Posso dar conta do meu trabalho e da *senhora* com as mãos amarradas nas costas.

Quanta arrogância. O que diabos ele quis dizer sobre dar conta de mim?

Ouço o riso de Matt antes de ele abafar com a mão. Virei motivo de riso ou o quê?

Sustento seu olhar afiado, não dando para ele a satisfação de desviar meu olhar do dele. Pense outra vez!

— Bem, podemos continuar? — ele pergunta quando desvia seu olhar do meu. Incrível, eu não sabia que tinha esse temperamento exacerbado. Sempre fui tão centrada e serena, mas cinco minutos com aquele homem na sala e eu me surpreendi comigo mesma.

A contragosto falo da minha rotina diária, que consiste em ir para o escritório da Duran Festas & Eventos na parte da manhã, onde fico trabalhando a parte burocrática à tarde, e à noite, quando tem eventos agendado, estou sempre onde será a festa. Nunca fico em um mesmo lugar.

— Isso é péssimo! — resmunga ele — Quero sua agenda, senhora Duran. Antes de qualquer evento, preciso saber com antecedência para tomar as devidas providencias quanto à segurança do local.

— Coopere, por favor, Ali — diz Matt, que tinha se mantido calado, observando nós dois com curiosidade. — Lembre-se que isso é por pouco tempo.

— Será uma eternidade, Matt — resmungo.

— Espero que tenha seu quarto de hóspede arejado, senhora Duran — Bruno fala com voz grave — Irei

acampar aqui com você, até que seus perseguidores estejam presos.

— O senhor pode muito bem dormir no corredor lá fora — será que ele pegou a dica?

Ele explode em uma gargalhada.

— Mathews, sua irmã faz bem para meu ego — ele para de rir e fica sério quando se dirige a mim — Por que não me mostra seu apartamento, senhora? Mal posso esperar para conhecer meu novo lar.

Prevejo que essa ideia de segurança vai tirar meu sono! Penso enquanto mostro o apartamento para ele.

3

Bruno

Enquanto Alicia me mostra o apartamento, faço anotações mentais do quanto impraticável seria ficar aqui. Se todo o empreendimento estivesse pronto, sim, eu aprovaria. Esse lugar era amplo e confortável com vistas espetaculares, mas eu não estava confortável, e algo me dizia para sair daqui. E eu gosto de seguir meus instintos, isso já me salvou algumas vezes.

Ontem, depois que terminamos a reunião com Novais, fui até a delegacia de homicídio para obter informações de toda a circunstância da morte do marido de Alicia. A polícia tinha fortes evidências que o crime não foi contratado por profissionais, um matador de aluguel não sairia do prédio para qualquer um ver, mesmo de madrugada, ou viria com mais duas pessoas fazer o serviço. Intriga-me que o porteiro não viu nada. Isso era no mínimo estranho, no entanto, meu serviço é manter Alicia segura. Algo que está se mostrando bem desafiador, nesse pouquíssimo tempo que a conheço.

O apartamento é grande e arejado, mas acho que grande demais para uma pessoa só. Estou pensando, quando volto para a sala, em levar *Dona Senhora Independente* para meu apartamento, pelo menos enquanto durar essa ameaça contra ela. Aqui tem todo um sistema de segurança falho. Enquanto não for organizado, ela pode ficar comigo.

Mas isso será provavelmente mais um motivo para ela não gostar de mim, menos do que já gosta, pelo visto. Estava acostumando com mulheres sempre se rendendo ao meu charme, no entanto, Alicia Duran mostrava que não ia muito com minha cara.

— Novais, posso falar com você um momento? — pergunto quando volto para sala, onde o irmão de Alicia está ao celular. Preciso colocar isso em ação, não tenho tempo a perder aqui.

— Senhor Ross, o que tem a falar com meu irmão pode ser dito para mim — Alicia está falando quando para do meu lado.

— Você saberá, senhora Duran — Novais desliga o telefone e vem sentar onde estávamos antes — Bem, eu acredito que você quer o melhor para que sua irmã se mantenha viva. Sugiro que ela se mude para outro lugar, um que tenha um sistema de segurança funcional, aqui é impraticável. Ou até que seja instalado um sistema aqui,

coisa que levará um tempinho.

— Senhor Ross, e onde acha que devo ficar? Um hotel? Acha que será melhor que aqui? — Alicia questiona, lívida, e por um momento ela deixa transparecer fragilidade, mas no momento seguinte já não está mais ali.

— Normalmente não faço esse tipo de sugestão, mas se não tiver outro lugar que tenha um forte sistema de segurança... — dou uma pausa e olho seus incríveis olhos esverdeados — Minha casa será o lugar ideal para que você passe um tempo, enquanto vejo com seu irmão para que uma equipe instale neste prédio um sistema melhor, já que até onde vi, nada foi feito nesse sentido ainda.

— Nem vou considerar essa sugestão, senhor Ross, sinceramente — Ela levanta e sai da sala, mas vira-se para nós antes de sair — Matt, estou indo ficar com você. Não demoro muito!

Ela sai deixando o silêncio entre nós e o clima nada agradável

— Qual a razão para sua irmã estar aqui? Vocês dois não pensam? — eu digo para Novais — Por que diabos você não a colocou em um lugar seguro? Aqui não acho que seja um lugar adequado.

— Nossa lógica é que aqui seria o último lugar que

alguém a procuraria — ele diz, e tenho vontade de rir — Bem, vamos providenciar os equipamentos de segurança já. Acho que com um pouco mais de empenho consigo isso instalado em três dias.

— Só se você contratar um batalhão de técnicos, esse prédio é enorme — digo. Isso não ficará pronto em menos de uma semana — Até que posso ficar aqui, mas irei arriscar a vida dela, e sei que você não quer isso. Como irei monitorar quem entra e quem sai daqui se não tiver sistema de câmeras instalado e funcionando? Não, prefiro não arriscar. Garanto que a minha casa é melhor que aqui.

— Não conhece minha irmã, Ross, ela não irá — ele diz.

— Deixe-me falar com ela — digo.

— Bom, se você acha que consegue, tudo bem. — ele levanta e estende a mão, despedindo-se de mim — Vou deixar meu bem mais precioso em suas mãos, é bom que tome conta dela direito. — diz enquanto aperta minha mão.

— Antes de ir... — começo — Sua irmã recebeu alguma ameaça real ou são só conjecturas da polícia?

— Fomos aconselhados para tomarmos providências quanto à sua segurança, já que ela viu os assassinos saindo do prédio — ele diz — Mas até agora Alicia não

recebeu nenhuma ameaça velada, mas não quero dar chance ao acaso.

— Certo, isso torna meu serviço bem mais complicado — faço uma careta de desgosto — Pessoas que acham que não estão correndo um perigo real tornam-se imprudentes e isso leva a erros trágicos, e não quero correr riscos desnecessários.

— Mantenha-me informado do que decidirem — Mathews diz.

— Claro que sim.

Ele sai logo depois sem se despedir de Alicia, e tenho o pressentimento de que ela vai surtar em me ver aqui. Sorrio para mim mesmo quando sento e espero.

Cerca de dez minutos passam e nada de Alicia aparecer com as malas que ela disse que iria fazer. Falta-me paciência para esperar e vou atrás dela. Trabalhar de segurança de Alicia não ia ser fácil. A mulher era intragável. Mas linda pra caralho! E isso era um bônus, não é? Eu sei que ela acabou de perder o marido, não pensará em outro homem agora, mas posso sonhar, não é mesmo? Caramba, ela nem faz meu tipo loira, magra e porra louca.

Eu posso tentá-la, fazê-la desejar outra vez. Faz tempo que não tenho um verdadeiro desafio de ter uma mulher, elas vêm fáceis para mim. Aliás, eu nunca tive

um desafio, para falar a verdade. Mulher gosta de homem que não se apega a nenhuma pelo simples desafio de fazer aquilo que outra não fez, que é amarrar o coitado despreparado. Bem, enquanto elas tentam me pegar, eu aproveito isso da melhor maneira possível: fodendo todas!

Percorro um corredor onde antes tinha visto com ela e caminho para o quarto principal, o qual foi o único que ela não me mostrou. Chego até a porta que se encontra fechada e bato suavemente. Não obtendo resposta, depois de algum tempo, forço a maçaneta e entreabro para que eu coloque minha cabeça dentro do quarto. E não estou preparado para ver uma Alicia Duran deitada na cama de bruços e seus ombros delicados convulsionando pelo choro silencioso. Merda!

Não sei o que fazer, não sei se entro ou se dou meia-volta e volto para a sala, de onde não deveria ter saído. Mas meu lado cavalheiro venceu. Mesmo que meus instintos de autopreservação estivessem em alerta total, afirmando que era um erro me aproximar e, ainda mais, de uma mulher desconhecida que nem gostava de mim.

Sento na ponta do colchão e levo minha mão para seu ombro. Ela ainda não se mexeu de sua posição, com o rosto enfiado no colchão

— Você está bem, Alicia? — pergunto em voz baixa.

O único sinal de que tinha tomado consciência do meu toque foi seu corpo enrijecido e tenso.

Alicia

Entro no meu quarto, e em vez de fazer as malas como prometi para Matt, caio na minha cama e sinto que minhas forças estão se esvaindo do meu corpo. Estou perdendo a compostura quando fui tão forte até agora. Toda essa sensação de insegurança começa a pesar sobre mim.

— Foda-se, Evan! Você não podia ter feito isso com nossas vidas. — falo em voz alta, mas sou quebrada por soluços indesejados — Como pôde me deixar, sofrendo as consequências de suas atitudes dessa forma? — pergunto para o vazio do meu quarto.

Meu casamento com Evan já não era mais o mesmo há quase um ano, cada dia nos distanciávamos mais um do outro, eu não sei se ele tinha alguém fora de casa, entretanto é o que você imagina que seu marido faz quando ele sai tanto de casa à noite. Como meu trabalho na empresa me fazia trabalhar à noite, isso levou a algumas brigas entre nós, ele dizia que eu já não dava atenção para ele e nosso casamento.

Ele não entendia que eu não nasci para ser só dona

de casa. Ter um negócio lucrativo era minha meta, e isso estava acabando com meu casamento.

Eu tinha amado Evan, sim, muito. Ele foi meu marido, afinal, mas eu descobri que a decepção dos últimos dias tinha me feito ver que não o amava mais tanto assim. Eu sentia sua morte, mas isso não me quebrou, até o momento só tinha sentido mais raiva dele que outro sentimento, e isso estava pesando demais no meu peito. Parecia que eu era fria e insensível. Eu não quero ser essa mulher fria que eu estava mostrando. Mas quando tudo em que você acredita desmorona aos seus pés, a única forma de se preservar é se recolher em você mesma, e era isso que estava fazendo, me preservando de mais decepção.

Enterrando meu rosto para baixo no colchão, tento silenciar meu choro, não quero que Matt ou aquele homem abominável escutem meu momento de fraqueza. Odeio perder o controle assim, ficar vulnerável, dar o controle da minha vida a outra pessoa. Não quero essa fraqueza, porém nada que eu faça agora impede que o choro saia em convulsões do meu corpo, parece que as comportas da minha alma abriram-se e eu não consigo sustentar mais nada dentro.

Por mais que tenha tentado chorar em silêncio, devo ter deixado meus soluços chegarem ao meu irmão,

porque escuto um leve bater na porta e ela abrindo em seguida. Pouco depois sinto o colchão afundar, comprovando que Matt veio à minha procura, no entanto não me movo do lugar.

Mas choque atravessa meu corpo quando sinto alguém tocar meu ombro e sei que não é Matt, e logo após a voz confirma.

— Você está bem? — ele pergunta, e todas as células do meu corpo enrijecem e fico dura no lugar, enquanto tento me recompor. O que ele fazia ali no meu quarto? Ele enlouqueceu?

Levanto, saindo da inércia que me encontrava, e travo meu olhar no dele, azul claro e hipnótico.

— O que faz aqui, cadê o Matt? — digo levantando da cama, limpando o rosto com minhas mãos trêmulas, e espero uma resposta.

— Acalme-se, Alicia — ele também levanta e para à minha frente — Por que não vamos para a sala onde podemos conversar? Eu adoro conversar na cama, mas tenho certeza que você prefere o sofá a cama.

Esse homem por acaso leva algo a sério? Ele estava flertando comigo? Era isso?

— Prefiro que você saia já do meu quarto, não te dei permissão para entrar aqui. — minha fragilidade de antes tinha evaporado com a presença dele.

— Bem, seu irmão tinha algo para resolver e deixou-me para conversar com você — ele diz, sério.

Caminho para fora do quarto, e ele segue com uma risadinha debochada que estou começando a odiar cada vez que o escuto fazer isso. Deus, eu tinha vontade de socá-lo.

— Bem, aqui estamos. Diga o que tem de falar, senhor Ross, e saia — eu começo quando chegamos à sala — Não sei por que meu irmão confia em você, porque eu ainda não faço isso.

— Sente-se, Alicia — ele diz duro, sua voz empostada e grave faz minhas pernas dobrarem mesmo sem querer. — Assim é bem melhor.

Ele senta na minha frente e olha duro em meus olhos quando fala:

— Sei que você está passando por momentos difíceis, senhora Duran, mas quero lhe manter segura, e este apartamento não é seguro agora. Então, aconselho que deixe sua má vontade comigo e pense com clareza: não é para meu bem-estar que quero que vá para outro lugar. Meu apartamento foi só uma sugestão. Quer ficar com seu irmão? Isso é uma prerrogativa sua, mas seja sensata.

— E esse discurso é para qual finalidade, Sr. Ross? — digo — Não quero sair da minha casa.

— Isso não irá levar muito tempo — ele inclina-se para frente, apoiando os cotovelos nas coxas — Não seja infantil, Alicia. Não precisa gostar de mim, só confiar.

Eu rio, rio forte, uma risada amarga tão estranha para mim quanto deve estar sendo para ele. Confiar? Nele? Bem difícil isso. Eu não confiaria em nenhum outro homem depois de Evan, não poria o controle da minha vida nas mãos de outros. De maneira nenhuma.

— Confiar no senhor? Acho que está pedindo muito — levanto e começo a andar para cima e para baixo na sala, enquanto ele me assiste de testa franzida.

— Não deixe seu irmão preocupado com você mais do que ele já está, Alicia — ele argumenta. E deve saber meu ponto fraco, porque ele continua com voz macia: — Ele foi embora porque confia em mim para cuidar de você.

— Por que quer ir para seu apartamento? — pergunto desconfiada. — É lá que amarra suas vítimas e as mata? Por que você pode ser um psicopata disfarçado, senhor Ross.

— Sou, nas horas vagas. — ele realmente está flertando comigo

— Está bem, irei ficar com o senhor, mas espero que não seja por muito tempo — digo, mas sei que posso me

meter em encrenca com essa minha decisão. — Mas quero deixar claro que não irei deixar meu trabalho, senhor Ross. Tenho pessoas que dependem de mim, não deixarei meus funcionários sem trabalho. Eu vou onde tiver de ir para que me mantenha viva, mas também não deixarei que isso dite totalmente minha vida.

Ele assente, e vejo que não é exatamente como ele queria, mas se estou abrindo uma exceção, ele também pode.

— Irei tomar as devidas providências e estará de volta aqui o mais rápido possível — ele diz e começa a discar no celular — Por que não vai fazer suas malas? — ele sugere e começa a falar com a pessoa do outro lado.

Eu fico parada olhando para o espécime masculino na minha sala e meneio a cabeça caminhando de volta para meu quarto. Acho que estou em apuros, e nada tem a ver com os inimigos de Evan.

Alicia

Faço minha mala para no máximo dois dias, não tenho intenção de ficar mais tempo que isso. Pego uma frasqueira com artigos de higiene pessoal e arrumo tudo rapidamente, indo para sala em seguida, onde meu segurança late ordens ao telefone. Fico em pé à espera que ele termine e o observo atentamente.

O homem era muito bonito. Aqueles vastos cabelos negros caindo na testa e incríveis olhos azuis, além do fato que debaixo daquele terno dava a entender que seu corpo não era nada flácido e ele era alto, devia ter uns vinte centímetros mais que eu, e não sou tão baixa assim, estou dentro do padrão, mas sinto-me pequena ao lado dele. O aperto na minha barriga ao olhá-lo está causando sérios danos na minha paz de espírito, e só o conheci há algumas horas, isso era demais. Parecia que estive morando numa ilha deserta há mil anos.

Tome jeito, Alicia. Isso não combina com você.

Vejo que ele parou de falar e está com uma

sobrancelha levantada zombeteiramente para mim. Acho que fui pega observando, mas o encaro desdenhosa, fazendo-o dar um meio sorriso e caminhar para mim.

— Só levará isso? — diz apontando minha pequena mala ao meu lado — Pensei que levaria todo o dia para você preparar sua mala.

— Esse deve ser mais um dos enganos de sua parte no que diz respeito à minha pessoa, senhor Ross — eu não pude evitar. — O senhor está pronto?

— Muito... — ele sugere, fazendo meu rosto esquentar — E me chame de Bruno, esse senhor Ross está me deixando louco. Odeio essa formalidade exacerbada. — ele diz baixo em seguida: — Mulher enervante, empertigada.

— Prefiro senhor Ross — faço que não escuto a última parte. Sim, isso serviria como uma barreira, já basta estar morando com ele na mesma casa, e eu o conheci a o que, minutos atrás? Coisa maluca essa. Como Matt pode confiar em uma pessoa que acabamos de conhecer? E ainda me deixar sozinha com ele aqui. — Então... eu quero ir antes ao meu escritório, senhor Ross.

— Antes, vamos acomodar você na minha casa — ele diz categórico — Tudo ao seu tempo, querida!

Que Deus me ajude, estou fortemente tentada a

acertar esse homem com meu punho. Está decido: irei me matricular em uma academia para praticar *Muay thai*. Antes que isso acabe, eu o tenho nocauteado.

Saímos do apartamento e, depois de descer do elevador, seguimos para a entrada do prédio, onde Bruno segura meu braço causando um frisson, que se origina onde ele está segurando e se propaga para outras partes de mim. Olho de olhos arregalados para onde ele segura, mas não tenho tempo de falar nada, pois ele está falando.

— Fique aqui, vou pegar o carro e trazer o mais próximo possível — esse é mais paranoico do que imaginei. Fico parada lá enquanto ele sai. Observo quando um carro para bem em frente à entrada pouco depois, e Bruno desce de dentro olhando ao redor como uma ave de rapina.

— Tudo limpo, madame — diz quando se aproxima de mim outra vez e pega minha mala.

Bruno mora em um apartamento amplo e arejado, que me surpreende pelo ambiente agradável para um homem solteiro. Quer dizer, eu deduzo que seja solteiro, que homem levaria uma mulher para sua casa se houvesse uma esposa lá? Eu não permitiria que meu

marido tivesse esse tipo de comportamento, se por acaso eu fosse esposa de um homem desses com uma profissão que levava a tanta intimidade. E me surpreendo ainda mais por haver uma parede de vidro.

Ele me tira da minha casa por causa de uma janela de vidro quando o apartamento dele tem uma parede?

— Senhor Ross, por que me tirou da minha casa e me trouxe aqui se sua sala tem uma *parede* de vidro? — digo furiosa — Estou tentada a acreditar que me trouxe aqui por razões nada cabíveis a...

— Precisaria de uma bomba atômica para quebrar essa parede, Alicia, e aqui ninguém irá se meter comigo — ele corta meu discurso — Vamos.

Ele me conduz para um quarto de hóspedes em tons pastéis com mobília clara e confortável, tudo muito bem limpo ao redor, coisa que agradeço. Odiaria ficar na casa de um homem bagunceiro. A cama ampla está forrada com lençóis negros e vermelhos de seda, contrastando com o ambiente claro das paredes e resto dos móveis.

— Espero que aqui seja agradável e que sua estadia na minha residência, senhora Duran, seja confortável — ele murmura enquanto deposita minha mala ao lado da cama.

— Obrigada — eu sinceramente nem sei por que estou agradecendo.

— Vou deixá-la agora, fique à vontade. Temos todo o tempo do mundo. Depois venha que lhe mostrarei e darei um tour pelo meu apartamento — ele ri e caminha para fora do quarto, me deixando lá em pé como uma idiota pela segunda vez no dia.

Bruno

Saio com um sorriso do quarto de hóspede, onde deixei a senhora empertigada. A mulher era certinha demais para o meu gosto. Eu não consigo parar minha mente de imaginar se ela continua toda composta quando faz sexo suado. Pelo jeito, ela nem sabia o que era isso. Deve ficar lá contando quantos convidados haverá em suas festas e qual cor será a decoração durante todo o ato. Quando chego à cozinha, estou rindo forte com a imagem dançando na minha mente. Estou ferrado com ela aqui, vai ser muita tentação para não investir com tudo para cima da viuvinha empertigada do caralho!

Sinto arrepios de excitação quando a imagino debaixo de mim, toda vermelha e descomposta. Estou correndo o risco de morrer de inanição de buc...

— O senhor pode me levar agora, senhor Ross? — diz uma voz feminina atrás de mim. Se não fosse treinado, teria dado um pulo de susto ao ser pego

fantasiando em plena cozinha com a dona da voz. Limpo minha garganta e continuo sem virar para ela, já que ela provavelmente veria minha calça com uma tenda digna de um rei beduíno.

Nem sei se tem rei beduíno, mas terá a partir de agora. A tenda da minha calça daria para sua família inteira morar debaixo.

— Por que não almoçamos, Alicia? — viro minha cabeça, vendo-a parada no limiar da porta. — Relaxe, seu escritório vai continuar lá.

— Senhor Ross, eu disse que viria aqui com a condição de que não deixaria meu trabalho negligenciado. Então, eu agradeceria muito se me levasse para lá — diz, seus olhos soltando faíscas de raiva. Dou um sorriso e caminho para preparar meu almoço, que será muito demorado hoje. Tenho minhas habilidades culinárias e irei usar todo meu arsenal. Alicia Duran fazia o diabinho no meu ombro pular de entusiasmo, vê-la perder essa frieza dela estava tornando-se uma missão.

— O que quer para o almoço, minha querida? — escuto o bufo de raiva dela e suas pisadas duras para fora da cozinha. Não tenho o mínimo receio que ela saia sozinha daqui. Meu apartamento só abre as portas com minha digital, e se eu não cadastrasse a dela no sistema, ela nunca abriria a porta. Por isso continuo na cozinha,

tranquilo.

Duas horas depois, estou parando meu carro defronte um prédio comercial e observo o local. Pedi para Alexander mandar técnicos para o escritório de Alicia para instalar equipamentos de vigilância, onde seria monitorado a partir da central da nossa empresa. Esse prédio e o dela, afinal, são péssimos, cheios de ponto cego.

— Matt, eu quero sair dessa casa o quanto antes — escuto a voz de Alicia ao telefone quando caminho para a sala, dois dias depois que ela veio ficar aqui em casa. Estou prestes a entrar na sala quando ela continua: — Eu prefiro qualquer outro segurança. Esse que você escolheu tem o péssimo hábito de andar pela casa nu, completamente! — tenho vontade de rir alto, mas ela não terminou — Ele acha que é um presente de Deus para as mulheres! Não, mas ele... é arrogante, pretensioso... Onde você foi arrumar esse?

Escoro meu ombro no umbral da porta e a observo sentada no sofá. São seis horas da manhã, e a maldita mulher já está de pé. Isso depois de encontrá-la de madrugada acordada, e eu nu...

Eu não durmo com porra de pijama nenhum, nada melhor que sentir os lençóis frescos na pele, e esqueci completamente que meu trabalho estava dormindo na mesma casa e que ela poderia estar acordada.

Eu levantei de madrugada e segui para a cozinha para beber alguma coisa, depois de tentar dormir em vão, para deparar com uma Alicia de olhos arregalados na minha cozinha. O copo que ela tinha na mão se espatifou no chão quando ela soltou um grito malditamente alto e virou as costas para mim. Porra, ela por acaso era virgem, nunca tinha visto um homem nu antes? Isso só serviu para eu ficar excitado com a visão dela num micro short e uma regatinha que nada deixava para minha imaginação.

— Ah! Também não conseguiu dormir? — disse enquanto seguia meu caminho para a geladeira. Ela continuou de costas para mim.

— Com licença, limparei tudo amanhã — ela diz enquanto caminha para fora da cozinha como o diabo foge da cruz. Eu percebi que, desde que a conheci, mantenho um sorriso nos lábios. Quando voltei para o quarto, depois de limpar os cacos de vidros no chão, não escutei nada no quarto de hóspede. Pena, adoraria atormentá-la mais um pouco.

Agora ela estava na sala, falando de mim para seu

irmão. Porra de tesão de merda por uma mulher que nem gostava de mim! Não estou acostumado a isso, sempre foi o contrário, elas vinham fáceis, e sei que com Alicia a coisa é diferente. Pela primeira vez tenho receio de abordar uma mulher diretamente. Sou mesmo um crápula, ela acabou de enviuvar e já estou pensando em jogá-la sobre a primeira superfície plana que encontrar e fodê-la como nunca foi antes. Merda!

Devo ter deixando escapar um gemido, porque ela virou a cabeça em minha direção e, pela segunda vez, vejo os olhos dela terrivelmente grandes na porra do rosto de anjo que ela tem, olhando para minhas calças.

— Falo com você depois — ela fala para seu interlocutor — Sim, vou ficar bem. Só é demais... Também amo você, querido.

Descolo meu ombro da parede e vou para a cozinha preparar um café, e Alicia me segue.

— Bom dia, querida! — digo cortês, e antes que ela comece uma ladainha sobre ir embora, eu me adianto: — Quero me desculpar pelo incidente de hoje de madrugada. — eu mentia, lamentava merda nenhuma, só não quero seu contínuo pedido para ir àquele apartamento que não está pronto. Que se depender de mim não ficará pronto nunca. — Você me desculpa? Esqueci que tinha uma dama aqui. Ato que não se

repetirá jamais. Fique tranquila, que sua honra estará guardada.

Faço meu discurso para ela, que tinha se mantido calada e séria. Ela me deixa completamente ensandecido.

— Café? — pergunto quando começo a preparar a cafeteira — Além do péssimo hábito de andar nu, também sou viciado em cafeína — alfineto e ela cora.

— Senhor Ross, acredito que minha casa já esteja pronta para voltar para lá — ela diz, ignorando a última parte.

— Receio que não. De qualquer maneira, vamos permanecer juntos. Lá, aqui, tanto faz — aponto a cadeira — Por que não senta e relaxa um pouco? Vai criar uma úlcera de tão tensa que você vive.

— Agradeço sua preocupação — diz jocosa, mas senta. Temos um começo — E agradeceria também que vestisse uma roupa. — aponta para minha calça de pijama, a única concessão que abri para ela.

Ficamos em silêncio esperando o café ficar pronto, ela sentada olhando para as mãos entrelaçadas, enquanto eu a observava encostado no balcão da cozinha. Eventualmente, ela levantou a vista e nossos olhos se conectaram. Ficamos nos encarando por tanto tempo, que quando a cafeteira apita levamos um susto. Essa porra não ia prestar, eu precisava procurar uma mulher e

transar até que perdesse os miolos, só assim esqueceria certa senhora empertigada. Eu sei quando uma mulher sente desejo por mim e também sei quando ela luta contra isso. Alicia Duran não gosta de mim, mas sente atração. Cara, eu estou com um sorriso idiota no rosto.

Terei de sair hoje à noite e procurar uma mulher disposta, antes que agarre essa viuvinha gostosa pra cacete!

Alicia

Meu Deus, dai-me força!

Quando Bruno vira-se para a cafeteira, eu solto minha respiração que tinha prendido durante o tempo que ficamos nos olhando fixamente. Deus, acabei de perder Evan e já estou desejando outro homem? O que isso faz de mim?

Engulo em seco quando olho para a bunda dura debaixo da calça fina de seda que ele está usando. Meu coração troveja no meu peito quando lembro que poucas horas antes, nesta mesma cozinha, tinha visto mais dele do que eu realmente desejaria.

Maldito homem, andando nu em pelo! Ele tinha um problema de ereção constante? Estou ficando com medo desse tarado em potencial.

Eu preciso ir para minha casa o quanto antes, antes

que faça alguma loucura e venha me arrepender depois. Remorso queima na minha barriga. Eu estou de luto, que droga estou pensando aqui?

Lembro-me do que acabei de passar por causa de um homem e de o porquê do meu casamento já não andar bem das pernas. Não era só porque eu trabalhava fora e não dava atenção a Evan, tinha muito mais que isso envolvido. A dor nunca acabava, mesmo quando eu tento enterrar lá no fundo da minha mente angustiada. Envolver outro homem nisso estava fora de cogitação.

Respirando profundamente, tento manter o foco, sair de perto da tentação, isso sim...

5

Em um local desconhecido.

— Como anda a vigilância sobre a viúva Duran? — o homem de terno escuro, magro e de aparência sofisticada, inclina-se para trás de sua poltrona e fixa seus olhos negros no homem sentado à sua frente.

Ele era um homem de negócios acima de qualquer coisa, mesmo que não fossem negócios lícitos, no entanto negócios são negócios em qualquer patamar. Evan Duran era o homem que lavava seu dinheiro no mercado financeiro legítimo, mas ele achou conveniente meter a mão no que não era dele. Por isso pagou com a morte.

— Tenho um homem dentro da delegacia de polícia que me mantém informado das coisas. Segundo minha fonte, ela não lembra nada concreto daquela noite. — o outro mais jovem responde.

— O que está te impedindo de finalizar com essa pendência? Não devemos dar chance para que ela lembre um rosto. Todos nós seremos associados e será como

um castelo de cartas, levando-nos a cair um por um. Faça alguma coisa, antes que essa mulher abra a boca e entregue todos nós. Não seja idiota!

— Vamos agir em breve, só não podemos cometer os erros que cometemos antes — o mais jovem diz.

— Então, aja — diz, sua voz não deixando margem para dúvida do seu aborrecimento.

Alicia

O que era para serem dois dias estava caminhando para uma semana. Estou hospedada na casa de Bruno há *quase uma semana!* Se nós fôssemos amigos, seria ótimo, mas não somos. Estamos mais para inimigos ferrenhos que amigos. E eu sou uma completa desmiolada. Eu vivia inquieta e me pegava pensando mais nele do que seria correto.

Peguei-me o observando a cada oportunidade que tinha, já que éramos praticamente gêmeos siameses e ele vivia colado em mim dia e noite. Levava-me à empresa e ficava lá todo o tempo que eu estava trabalhando. Me perguntava se ele não ficava entediado de não fazer absolutamente nada, parado em frente da minha pequena sala.

Além do fato de que não conseguia conciliar o sono em seu quarto de hóspede, vivia dispersa em pensamentos nada adequados para nossa condição.

Agora estou na sala de espera de um cliente que me abandonou semana passada. Marcos tinha agendado para hoje uma reunião para que eu tentasse reverter essas quebras de contrato constantes. Contorço-me na cadeira e aliso minha saia preta justa. Isso estava me deixando muito preocupada.

— Senhora Duran? — uma voz feminina me tira dos meus devaneios e volto para a realidade, onde não existem olhos azuis infernais e irreverentes para me tentar.

Levanto meus olhos para dar com uma loira digna de uma revista masculina e incríveis olhos violetas. Este é um dos maiores escritórios de advogados que conheço, perder esse cliente, em particular, era um prejuízo sem tamanho. Eu tenho que ter argumentos para convencer Danila Arantes, a responsável pelos eventos da empresa.

Eu já tinha organizado um evento de pequeno porte aqui, este seria o segundo e bem mais grandioso, onde teria a presença de muitos clientes em potencial, ainda mais agora que meus antigos estão quebrando os contratos. Se meus fornecedores estão com pé atrás, imagina um cliente em que sua organizadora está

envolvida indiretamente com falcatruas? Eu não tirava suas razões de desconfiar de mim, ademais, eu era esposa de um homem que roubou descaradamente seus clientes.

Essa semana tinha sido caótica, descobri que meu apartamento, que Evan tinha comprado recentemente, não seria mais meu. Seria vendido para reembolso de parte do dinheiro roubado. A conta dele no banco estava congelada e não havia quase nenhum dinheiro lá, e eu corria o risco de ter meus poucos bens confiscados para investigação. Isso estava me levando à loucura. Inferno!

Levanto e sigo atrás da loira, que dá um sorriso artificial para mim. Segundos depois adentro o escritório de Danila Arantes.

— Alicia Duran, como vai? — A senhora Arantes devia ter por volta dos sessenta anos, casada com um dos sócios majoritários da Arantes & Belga advogados Associados. Era uma mulher fina e elegante.

Cumprimento-a e sentamos em volta da mesa de reunião, onde tento mostrar para ela que estou sendo indevidamente injustiçada e que minha conduta como empresária e prestadora de serviços é idônea e acima de qualquer suspeita. Que meus eventos são organizados e nunca faltei com um compromisso. Derramo uma gama de argumentos, e três horas depois saio mais feliz do que

entrei naquela sala. Não era uma vitória, mas um começo. Ela levaria meus argumentos para sua equipe e logo me daria uma resposta. Para quem estava com o evento cancelado, já era uma vantagem sair de lá com esperança de ela reconsiderar minha proposta.

Quando volto para a recepção, depois de me despedir da senhora Arantes, encontro Bruno praticamente debruçado sobre a mesa da recepcionista em uma conversa muito mais que particular com a senhorita miss Califórnia. E pela cara dela, a conversa devia estar muito boa. Ela tem um sorriso do Gato de Cheshire no rosto de Barbie dela. Paro e espero os dois terminarem de ronronar um para o outro. Mas como não sou notada, resolvo intervir:

— Podemos ir, senhor Ross? — digo calmamente — Se quiser ficar aqui, fique à vontade, eu estou de saída.

Ele se vira para mim com um sorriso e aponta para eu o preceder na saída. E vejo quando ele põe um papel ou um cartão no bolso da calça do terno cinza chumbo que usa hoje.

— Nos vemos em breve, querida — ele acena para a Barbie Califórnia.

Prostituto!

Droga, de onde vem esse pensamento? Nem o conheço e já estou julgando. Mas quem poderia me

condenar se ele mal chegou aqui e, pelo visto, já tem um telefone de uma mulher no bolso? Piso duro para fora da sala, seguida por ele bem em meus calcanhares.

Nem perderia meu tempo com esse homem, não mesmo. Homem odioso.

Bruno

Como uma mulher conseguia ser tão malditamente sexy sem nem mesmo tentar? Eu tenho os olhos grudados no rebolado sutil de seu quadril enquanto ela caminha altiva à minha frente. Mas que inferno! Eu preciso sair, e tenho de dar um jeito para que isso aconteça hoje à noite, não posso ficar em estado duríssimo constantemente por uma mulher que nem me olha direito nos olhos.

Aquele bumbum sexy levava calor direto para minha virilha, e estava me deixando mal-humorado. *Porra*, só preciso encontrar uma mulher e tudo se resolverá. A loira gostosa da recepção era uma boa distração, tenho o número dela e posso muito bem usá-lo hoje se eu quiser. Quem sabe não faça isso? Só tenho de convencer Alex para mandar outro cara hoje para minha casa. Não tenho de ficar com eterno tesão por causa de certa morena infernal.

Entretanto, nem sei o que me segura para investir

todo meu charme nela. Para ser sincero, ela me causava medo. Com um único olhar, ela faz minha libido esfriar. Podia estar duro igual titânio, mas ela me olhava com certo ar desdenhoso e eu perdia o tesão na hora, não importava que logo em seguida estivesse do mesmo jeito, duro outra vez. Esse jeito professoral dela me deixa louco.

Essa rivalidade entre nós era um afrodisíaco potente. Ajeito minha calça apertada quando entramos no elevador, e ela mantém os olhos longe de mim. Sentia um desejo maldito de ir até ela e desmanchar aquele cabelo arrumadinho, essas roupas comportadas, deixá-la vermelha de excitação e tirar um pouco da dor nesses olhos magoados que ela ostenta desde que a conheci. Esse maldito marido morto dela era um idiota completo, fazer merda e deixar a esposa arcando com as consequências. Inferno! Não era à toa que a mulher era azeda!

Que Deus me ajudasse, mas eu não poderia parar de pensar em tê-la enroscada em mim, mesmo meu subconsciente dizendo para não ir nessa direção. Alicia Duran ia acabar comigo, sem nem mesmo tentar.

Quando saímos do elevador, percebi que ela não havia me olhado nem uma vez no percurso.

Antes que ela saísse do prédio onde estivemos até

agora, eu seguro seu braço impedindo sua saída. Sinto o tremor do corpo e, por um momento, quase não resisto a vontade de puxá-la para mim e beijá-la até perdermos nossa capacidade de pensar. Só não sabia quanto tempo teria algum escrúpulo com ela, isso nunca me impediu antes. Ter um caso com uma cliente era mais corriqueiro que respirar.

Provavelmente levaria um tapa quando o beijo terminasse.

— Nunca saia direto para a rua, Alicia. Que mania, já falamos sobre isso — repreendo — Quer levar um maldito tiro?

— Então seja ágil, senhor Ross, não tenho o dia todo — ela resmunga, mas acaba acatando minhas ordens enquanto pego meu 4x4. Estou com saudade de pilotar minha moto, mas levar dona empertigada para os lugares numa moto não era nada viável, e ela certamente daria um chilique se fosse andar na garupa da minha Harley.

Quando estamos acomodados no carro, resolvo começar uma conversa com ela:

— Você está com problemas, Alicia? Tirando o fato que pode levar um tiro? — começo. Percebi que ela está com problemas na empresa dela, mas não fala muito disso, aliás, ela não fala muito comigo.

— Quanta delicadeza, senhor Ross, fico bem

tranquila quando o senhor fala assim — ela tem razão, estou sendo grosso propositalmente para que ela não seja imprudente. Afinal, isso era uma realidade, por que ignorar se era verdade?

— Não tenho problema algum, senhor Ross — ela continua. Havia uma pressão no timbre de sua voz.

Frustração, impaciência. Como se ela estivesse por um fio. Não sei o grau dos problemas dessa mulher, mas me vi desejando saber mais dela, o que estava a preocupando e tirando seu sono durante a noite. Eu sabia que ela não estava dormindo bem, seus movimentos durante a noite eram frenéticos. Teve momentos nesses dias que tive vontade de ir até ela e tentar, de alguma forma, afugentar sua inquietação — Leve-me ao escritório agora.

Ela fica calada depois disso, não dando margem para uma aproximação de minha parte. Acabo deixando para lá, afinal, eu não era o homem recomendado para aliviar seu fardo. Era um homem com um tesão furioso, isso sim. Só preciso manter a luxúria até a noite ou iria ser preso por assédio à viúva engomadinha.

Quando paro meu carro e a conduzo para seu escritório, onde ela se tranca na sala com o tal Marcos, eu fico do lado de fora. Odiava esse marasmo que era a segurança particular. Pego meu telefone e ligo para

Alexander.

— Bruno — diz quando atende — Algum problema?

— Por que teria? Não posso te ligar, florzinha? Posso estar com saudade — gracejo. Ele odiava minhas gracinhas, e não poderia deixar de atormentar o senhor certinho, cara chato! — Alex, devia pegar sua noiva e relaxar no mar Mediterrâneo ou quem sabe no deserto do Saara, assim você ficaria mais quente, homem!

— Bruno, você me ligou para dizer essas merdas sem sentido? Caso não saiba, sou um cara ocupado que trabalha, ou você não sabe o que isso quer dizer? — ele esbraveja, me fazendo rir.

— Estou precisando de uma folga hoje à noite — deixo minhas graças de lado, por enquanto — Mande um homem de confiança para minha casa, tenho que sair.

— Sair? Bruno, eu deleguei esse trabalho para você, caso não...

— Alex, você devia estar me agradecendo por procurar “diversão” longe do meu trabalho, não é isso que tanto você fala? *Não se envolva com suas clientes, Bruno.* — imito seu tom de voz.

— O quê? Ainda não entrou na calcinha da viúva? — ele diz realmente espantado. Bem, era isso, estou chocando a humanidade com meu comportamento inusitado.

— Fica na sua, *senhor dominado por uma Patricinha*
— ele está rindo às gargalhadas do outro lado.

— Porra! Preciso ver isso de perto. Bruno Ross, garanhão invicto, levando um fora pela primeira vez.

— Foda-se, imbecil. Ela que não faz meu estilo. Morena, certinha demais e chata — ele está rindo mais ainda. Merda, não estou convencendo nem eu mesmo com esse discurso. — Só mande alguém e deixe minha vida de lado, Ice man.

— Eu faço questão de eu mesmo ir aí. Não se preocupe, garanhão — diz depois que seu surto de riso passa — Que horas quer alguém aí?

— O mais rápido que puder. E, Alex? — respiro fundo — Não mande nenhum babaca para cá.

— O único babaca nessa empresa é você, Bruno, caso tenha esquecido. Mando alguém.

Ele corta a ligação sem nem avisar. Fodido, filho da mãe.

Minha próxima ligação é para a loira de mais cedo. Caralho, eu preciso extravasar essa porra!

Alicia

...

Eu estava parada no lugar onde você me deixou

*Rezando que você voltaria para me buscar
Mas agora eu encontrei uma segunda direção
Agora encontrei minha segunda pele*

...

Estou na cozinha da casa de Bruno fazendo meu jantar, escutando *Army of me*, da Christina Aguilera, baixinho no rádio que está ligado acima do balcão de mármore, quando ele aparece na porta vestido totalmente diferente: camisa branca e jeans e um casaco de couro por cima. Depois que tínhamos chegado, uma hora atrás, ele me mandou ficar à vontade e foi para o próprio quarto onde ficou até agora. Deve ter tomado banho, porque gotas de água brilhavam em seus cabelos negros e o cheiro dele me atinge de uma maneira totalmente inesperada, me atordoando.

Devo estar encarando, porque o vejo levantar uma sobrancelha indagadora na minha direção.

— Daqui a pouco irá chegar uma pessoa para ficar com você até amanhã pela manhã, Alicia — ele diz e fico imediatamente inquieta — Tenho um compromisso para essa noite.

Compromisso? Sei...

— E daí? — dou de ombros e volto para o fogão, onde estou preparando um *fettuccine parisiense* que eu

adoro, além da salada. Fiz para duas pessoas, achando que meu anfitrião jantaria em casa. Droga! E por que diabos fiz jantar para ele? — Divirta-se.

— Irei... — sua voz soa bem perto de mim, e percebo que ele veio para meu lado no balcão. Meu coração está bombeando sangue nas minhas veias numa velocidade incrível e causando sério problema de taquicardia. Por que me sinto culpada por desejá-lo? Tudo parecia fora de lugar — Você vai ficar bem?

Ele parece realmente preocupado comigo, e sinto um aperto no peito. Como não respondo, ele pega no meu braço me virando de frente para ele. E meu desejo é fugir para bem longe dali, mas fico plantada no lugar. Meu pulso bate enlouquecido de tensão.

Levanto meu rosto para encará-lo, e nossos olhos se prendem e ficamos parados bebendo da visão um do outro. Não sei quanto tempo estamos assim, até que a campainha toca e dou um pulo para longe dele, recriminando-me por ainda cogitar a possibilidade dele me beijar. Ouço o suspiro dele quando vai atender a porta. Deve ser o outro segurança que ficará aqui. Desligando o fogo, caminho para a sala e ouço a voz de outro homem.

— Espero que não esqueça de voltar, Don Juan — a voz é grave e sexy — Esteja de volta o mais rápido que

você descarregar essa merda de você — ele está dizendo quando apareço na sala. O cara é enorme e está de braços cruzados na frente de Bruno, que está sério, coisa não muito usual. — Ah! Senhora Duran.

O desconhecido caminha para mim com a mão enorme estendida.

— Alexander Marshall. Um prazer, enfim, conhecê-la — enfim? O que isso quer dizer? — Matt é um amigo de longa data, mas não me lembro de tê-la conhecido antes.

Assim, deve ser por causa do Matt que ele disse isso, não por esse burro do Ross ter falado de mim para seus amigos seguranças.

— O prazer é meu, conhecer um amigo do meu irmão — aperto sua mão e ele sorri afável para mim. Bem, eu gostei dele, parecia um homem agradável.

— Ficarei aqui com você essa noite — ele aponta para Bruno que está nos observando — Folga para nosso amigo aqui ir encontrar sua nova namorada.

O quê?

— Sem problemas. Bem, espero que o senhor esteja com fome — dou um sorriso enorme para ele — Estou preparando um *Fettuccine* delicioso, para dois — ignoro o idiota do Bruno, que está de cara feia para nós, quando caminhamos para a cozinha o deixando lá plantado na sala.

— Me chame de Alex — meu novo segurança diz.

— Claro, Alex, será um prazer — digo — Então, me diga, como você e meu irmão se conheceram?

— Divirta-se, Ross — Alex diz quando levanta suas mãos em despedida.

6

Bruno

Devo estar vermelho de raiva. Porra, por que diabos estou me sentindo traído? Sinto meu corpo fervendo, como se lavas quentes estivessem correndo nas minhas veias, quando vejo a interação desenvolta de Alicia, tão diferente de quando é comigo. Droga!

— Divirta-se, Ross — Alexander acena indo para a cozinha, como se fosse o dono do lugar, e a engomadinha à frente dele.

Qual era o problema deles dois, se acham os donos da minha casa? Alicia está há uma semana aqui e nunca sorriu para mim, praticamente não olhava nos meus olhos, e quando fazia isso era com mau humor, mas bastaram dois segundos e já era toda sorrisos para o idiota do Alex.

E o que ele estava fazendo aqui, afinal? Alex não sai muito da parte administrativa da nossa empresa, nós fazemos essa parte com maior prazer e ele administra, mas qual não é minha surpresa ele mesmo aparecer aqui

fazendo, o que tinha prometido, e não mandando alguém como era usual.

Filho da puta, o que ele quer com minha Alicia? *Minha?* Devo ter fumado um baseado e não lembro. Ela deve me odiar, e eu fantasiando com ela. Esse pensamento me incomoda de uma maneira totalmente nova e desconhecida para mim. Estou ficando um fodido filho da mãe sem sentido.

Por que desejo que ela goste de mim? No fim ela vai embora e partirei para outra, tão logo ela saia da minha vida, como tantas outras. Talvez seja porque não tenho nenhuma chance de ter algo com ela, e isso está fazendo meu ego murchar feito um pneu sem válvula.

— Pode deixar, meu caro, irei fazer exatamente isso — resmungo para ninguém em particular, afinal, a sala está vazia, onde estou por vários minutos em pé escutando as vozes divertidas dos dois na cozinha.

Pego as chaves da minha moto e caminho para a saída, mas antes eu preciso ver o que os dois estão fazendo de tão divertido. Caminho a passos largos para minha cozinha e paro na porta observando os dois interagirem como se fossem velhos conhecidos. Alicia está de volta ao fogão e Alex está ajudando. Inferno! Fui totalmente esquecido aqui.

— Então vocês se conheceram na faculdade? —

Alicia está perguntando — Matt nunca falou de você. Não para mim.

Espero pela resposta do Alex, mas este me vê e dá um sorriso com suas sobrancelhas erguidas.

— Não vai sair mais, Ross? — ele diz, fazendo Alicia se virar em minha direção, e seus olhos grudam nos meus — Se não, eu posso ir embora. — ele continua sorrindo, cheio de dentes. Parece que estava lendo meus pensamentos. Limpo minha garganta:

— Vim só dizer que estou de saída — digo, e minha voz sai aborrecida — Até amanhã.

Digo isso olhando para Alicia, e parece uma eternidade quando me viro e saio deixando-os lá, me olhando com olhares estranhos.

Quando disparo no trânsito com minha Harley em direção ao endereço da loira, deixo de pensar por um instante em tudo e sinto o vento noturno bater em mim, levando parte da tensão que foi essa semana.

Cerca de uma hora depois, estou em um restaurante com Evy. Ela é atraente; não, atraente não, ela é linda, mas não sinto a empolgação de terminar minha noite com ela. Olhando-a, eu começo a fazer comparações com a viuvinha empertigada, e minha mente deriva da conversa que mal mantenho com ela, indo de volta para minha casa e o que aqueles dois estão fazendo. Ainda

bem que Evy falava por mim e por ela. Beberico minha taça com água, já que não estou bebendo hoje. Pilotar moto e com as veias cheias de álcool não era uma combinação legal.

— O que você é da senhora Duran? — ela está perguntando, e seu rosto mostra evidente interesse na minha inexistente relação com Alicia.

— Sou seu guarda-costas — digo sem dar nenhuma outra explicação, mas parece que ela espera algo mais, só não tenho vontade de falar da minha vida para ela.

— Só isso? Pareceu que há algo mais pela forma que ela me fulminou hoje mais cedo com os olhos, no escritório — ela insiste — E a forma como ela olha para você.

O quê? Tinha curiosidade em saber de que jeito ela me olhava, porque eu a estava olhando desde que a conheci. Bem, mas agora não estava com vontade de discutir meu não caso com a viuvinha, tinha outras ideias para essa noite, já que ela não estava no cardápio.

Estendo minha mão e deslizo meus dedos para cima e para baixo pelo braço desnudo de Evy.

— Por que não deixamos isso de lado e vamos para um lugar mais íntimo, querida? — digo com voz macia — Afinal, viemos aqui para nos divertir, não?

E ela dá-me um sorriso sedutor.

Observo Evy sentada no meu abdome e seus cabelos loiros roçando meu peito desnudo quando ela suga um mamilo em sua boca quente. Tínhamos chegado à sua casa há mais de uma hora e fomos direto para seu quarto sem nenhuma cerimônia, e era onde estávamos agora, com ela me montando igual uma cowgirl sexy.

Eu não pareço um homem que tinha passado a semana com um tesão maldito, a verdade é que estou entediado e, sem aviso, seguro ela pela cintura e a tiro de cima de mim, causando um gritinho de susto nela.

Verifico as horas e vejo que não é nem meia-noite. Merda, isso não saiu como imaginei que seria, tudo que consigo pensar é naqueles dois na minha casa, o que estão fazendo e, droga, eu sei que Alexander respeitaria Alicia, mas só de imaginar ela conversando com outro homem me causa certa vontade de socar a cara do indivíduo.

— Hei, aonde vai? — choraminga Evy quando me vê procurando minhas roupas pelo chão do quarto dela — Pensei que poderíamos nos divertir mais. —ronrona.

— Eu tenho um compromisso, não posso ficar toda a noite — dou a primeira desculpa que vem à mente —

Deixei um substituto fazendo meu trabalho e não posso demorar.

— Você tem meu número, querido, não hesite em me ligar outra vez — ela pisca sedutora para mim — Apesar de ser tão rápido, me diverti bastante.

Eu dou um sorriso padrão que dou para todas que saio por uma noite e prometo voltar, mas, como vocês devem saber, ela não me verá uma segunda vez.

Alicia

Alexander é um gentleman comigo durante o tempo que ficamos conversando, depois que Bruno saiu e nos deixou a sós. Enquanto devoramos o *fettuccine*, conversamos como velhos amigos, e não como duas pessoas que acabaram de se conhecer. Ele me questiona sobre o dia que encontrei Evan, mas como não quero ir por esse caminho — cada vez que lembro aquela noite sinto calafrios percorrerem minha pele — digo para ele que não quero conversar a respeito.

— Você sabe que qualquer informação pode levar ao suspeito — ele diz — Sei que a polícia já fez milhares de perguntas a você, mas deixamos isso de lado.

Eu agradeço sua gentileza e dou um sorriso sem graça. Não posso nem mesmo me ajudar para sair dessa enrascada.

Mudamos de assunto e, por fim, acabei perguntando mais sobre Bruno.

Queria saber mais do profissional que ele era e suas facetas como ser humano. Tinha vontade, às vezes, de conversar com ele, mas eu odiava homens cheios de si, que se acham deuses na terra, e Bruno tinha de imediato me passado essa impressão, mas eu queria e torcia para estar enganada.

Paro imediatamente minha linha de pensamento. Jesus! Onde quero chegar com isso? Não tenho tempo para essas coisas e, pior, seria julgada por conhecidos se, de repente, com pouco mais de um mês eu tivesse em um caso com outro homem. Pare, Alicia, com isso já?! Ele me faz tão consciente de mim mesma! Mas não paro e me vejo instigando Alexander por informação:

— Você sempre trabalhou com o Bruno? — pergunto em dado momento. Eu tinha curiosidade sobre o homem, fazer o quê? — São parceiros?

— Somos sócios na firma de segurança — ele diz, recostando o grande corpo na cadeira da mesa da cozinha. Seus olhos incrivelmente verdes me avaliam detidamente, deixando-me com o rosto quente de constrangimento. — Alicia, eu tenho o dever moral, além do fato de que Matt é como um irmão para mim, de lhe deixar a par com relação ao Bruno. — faço menção de

falar, porém ele continua: — Ele não é um homem que se apega a mulher nenhuma, ele usa o charme dele para se dar bem, principalmente com as mulheres que ele trabalha fazendo sua segurança. Você pode se perguntar o porquê de eu estar falando isso do meu sócio, mas é por respeito a você que pode se deixar envolver por ele, e você está passando por tantas coisas que tenho o dever de te alertar. Seu irmão não me perdoaria se sua irmã saísse magoada disso tudo.

Estou chocada com seu discurso e demoro um momento para reagir. Como ele pode falar mal do próprio amigo? Mas se ele diz, é preciso levar em consideração.

— Bem, senhor Marshall, deixa eu te falar. Não sou uma donzela em perigo para que o senhor tenha que me salvar do lobo mau. Seu sócio não tem esse poder todo que você alega. — digo um pouco aborrecida. Quem ele pensa que sou, afinal?

— Você não sabe nada sobre ele. E, Alicia, eu sou homem antes de qualquer coisa, e morar com uma mulher bonita sobre o mesmo teto leva a intimidades indesejadas. — ele me olha detidamente — E conhecendo Bruno como conheço, ele está mais que interessado em você.

Está? Hummm

— Garanto que não...

Ele ri, cortando meu discurso.

— Pela cara dele, antes de sair, ele está mais que interessado — ele ri.

— Recado dado, Alex — levanto e vou retirando os pratos usados da mesa. Mas ele gentilmente se oferece para limpar a cozinha. Eu aceito e peço licença para ir ao meu quarto. Estou um pouco abalada pelas revelações sobre Bruno. Eu tinha razão em não confiar muito nele.

Cerca de duas horas depois, eu volto para a sala, atraída pelo som de uma música, e encontro Alex sentado com o som estéreo ligado ao som de *Magic*. Percebo o quanto estou me sentindo um pouco solitária nessa casa, e ter alguém para conversar é mais que bem-vindo.

Ele me vê parada e faz um gesto para que eu sente. Ele estava apaixonado? O pensamento me faz rir interiormente. Difícil de imaginar o gigante bonitão todo derretido de amor, contudo é o que aparenta.

— Incomodei com a música? — ele pergunta quando sento em frente a ele no sofá.

— Não, eu amo essa música — digo e sorrio, comentando a seguir: — Mas isso é música para gente apaixonada.

Ele abre um sorriso.

— O que posso fazer? Estou nesse estado lamentável de amor — me surpreendo por ele admitir. Ele pega o celular, mexe nele e me entrega o aparelho, onde tem uma foto de uma mulher com um sorriso sapeca no rosto jovem, e fico mais que surpresa, pois tenho a nítida impressão de que a vi em algum lugar antes, ela me parece familiar. Ele está ao lado dela na foto, e seus olhares apaixonados não deixam dúvidas que eles se amam.

— Muito bonita, sua... — o quê? Noiva, namorada, esposa?

— Minha noiva, Lana — ele diz quando entrego o celular de volta — Estou correndo sério risco por estar aqui esta noite. Essa menina me tem pelas rédeas. — fala rindo e quase acredito nele, pois parece um cara que não se deixa dominar facilmente.

Ele começa a contar as estripulias da noiva, e estou rindo alto de suas histórias quando escutamos a porta abrir e vejo Alex assumir uma posição de defesa, segurando uma arma. Aconteceu tão rápido que penso que estou imaginando a coisa toda.

— Porra, Bruno! — Alex grunhiu para um Bruno carrancudo que entra na sala calmamente, como se ter uma arma apontada para ele fosse nada de mais. Alex coloca a arma na cintura e volta a sentar — Quando falei

para não esquecer de voltar, não disse que era tão rápido, Don Juan. Alicia tem sido uma agradável companhia.

— Foda-se, Alex — ele caminha para a sala e joga-se no outro sofá. Vira-se para Alexander — Agora pode ir. Sua namorada deve estar preocupada com você sumido. Não se esqueça de levar uma coleira para amarrar a fera!

— Não se preocupe com minha namorada, Bruno — Alex ri — Estou mais preocupado com o seu traseiro, isso sim. Mas já que você chegou mais cedo do que um colegial com toque de recolher, irei embora.

Ele levanta-se e caminha para pegar seu terno, que tinha retirado quando chegou, colocando por cima da camisa branca. Depois caminha na minha direção e estende a mão em cumprimento.

— Alicia, deixe eu saber se precisar de algo — ele aperta minha mão na sua — Até breve. E espero sinceramente que tudo se resolva e você possa se livrar de todos nós limitando sua vida.

Ele vai embora logo após, acompanhado de Bruno, que mantém uma conversa sussurrada com ele na porta. Eu fico na sala sem saber se volto para o quarto ou continuo sentada. Bruno volta, me olhando fixamente, e fico consciente de que estou com um short e camiseta confortável, mas ele olha como se eu estivesse vestindo nada mais que minha própria pele. Merda, ele

provavelmente saiu com uma mulher esta noite e está me olhando como estivesse com vontade de me devorar. Homem prostituto.

Mesmo assim sinto-me quente em todos os lugares, e arrepios correm por mim quando encontro seus olhos fixos nos meus, só desviando quando ele desce lentamente pelo meu corpo. Levanto rapidamente, dou um "boa noite" e corro para meu quarto.

Estou fugindo, eu sei, mas tudo que Alex falou hoje pesa na minha consciência, sobre eu ser mais uma na sua lista de intermináveis mulheres fáceis. Que não sou mais que uma cliente em sua lista de conquista.

Durmo mal, revirando-me na cama inquieta, e amanheço o dia para encontrar um Bruno na cozinha tomando café da manhã. Pela cara dele, não deve ter tido uma noite tão boa também. Porém, lembro que ele saiu para se divertir.

— Bom dia. — cumprimento quando entro e vou direto à cafeteira para tomar um café para acordar. Estou precisando de cafeína em meu sistema. Viro-me para Bruno depois de me servir — Divertiu-se ontem à noite?

— Quem se importa? — ele resmunga — Mas me diverti bastante — fico chocada com os sentimentos que desencadeiam dentro de mim, imaginando-o fazendo sexo com outra mulher e, ao mesmo tempo, tento inibir

isso, já que não tenho nada a ver com sua vida. É até bom ele sair, só assim eu tenho mais um motivo para não deixar ele se aproximar de mim.

— Que bom...

— Mas não era a companhia com quem eu queria me divertir — ele levanta e traz sua xícara para encher perto de mim, e seu corpo prende o meu no balcão quando ele se inclina para encher a xícara na cafeteira. Engulo o caroço na minha garganta — Para ser bem sincero, eu pensava em outra pessoa durante toda noite. Uma chatice — sua voz está enrouquecida. Sinto o hálito dele batendo no meu rosto.

Tento lembrar a mim mesma que não é culpa de Bruno que estou decepcionada com os homens em geral, que ele só é a personificação dos tipos que devo ficar longe, mas o cheiro masculino que sinto emanando dele me deixa excitada, e totalmente contra minha vontade, salivo. Sem que me dê conta, corro minha língua por meus lábios lentamente, e quando olho para aqueles olhos azuis, eles estão famintos e grudados na minha boca.

— Assim fica difícil, Viuvinha — ele soa sexy para meus ouvidos — Resistir a você está sendo a coisa mais difícil ultimamente. E você me provoca com seus olhares de desprezo e essa boca sexy pra caralho. Estou

agora mesmo pensando como, onde e em quais posições vou foder você e tirar fora essa sua capinha de boa moça que me deixa malditamente duro. — a voz é persuasiva, calma e profunda.

Estou respirando com dificuldade com a crueza de suas palavras, e ele mais parecia com raiva do que excitado com a perspectiva de fazer sexo comigo. Estou sentindo que estou corada quando ele ergue a mão e desliza levemente o dorso do dedo indicador por meu rosto, e arrepios nascem a partir do toque. Sem aviso prévio, ele segura embaixo do meu queixo e faz com que eu incline minha cabeça para trás para que eu fique olhando-o, sua boca pairando na minha. Quando penso que ele vai me beijar, ele morde meu lábio inferior entre os dentes.

Meu pensamento de fuga evapora, as recomendações de Alex voam pela janela, e a única vontade que tenho agora é ficar nas pontas dos pés e beijá-lo. Mas ele não me dá tempo para isso. Sua boca bate na minha, e quando penso que ele me beijará duro, seus lábios são macios e dolorosamente lentos nos meus. Beija-me devagar e gemo contra sua boca. Nossas línguas se encontram e enroscam com lentidão, saboreando mansamente como se tivéssemos todo tempo do mundo nesse beijo. Mas, ainda assim, minha respiração está até

mais acelerada do que se eu estivesse em uma maratona de 10km.

Bruno

Isso sim é novidade para mim, beijar uma mulher como se tivesse medo de quebrá-la. Quando olhei nos olhos verdes azulados de Alicia, agora há pouco, antes de reivindicar sua boca na minha, ela parecia frágil e ao mesmo tempo forte, contudo ela me faz pensar antes de agir. Tenho, pela primeira vez, medo de machucar os sentimentos de uma mulher que quero foder sem sentido. E isso me abala, faz aquele homem que estou acostumado a ser, o que não pensa além da cabeça de baixo, colocar um freio nas suas atitudes.

E, pela primeira vez, eu a beijo docemente, com sinceridade. Nossas línguas dançam uma com a outra. Os gemidinhos que Alicia solta me deixam com tanto tesão, que quero rasgar suas roupas certinhas e jogá-las no assoalho e fodê-la forte. Deslizo minhas mãos por sua cintura em direção aos seios e espalmo meus dedos por essas protuberâncias deliciosas, quando ela me empurra forte.

Que diabos...

— Está se divertindo, senhor Ross? — ela tenta soar

fria, mas sua respiração entrecortada diz algo bem diferente — Qual é meu número?

De que porra ela está falando, agora?

— Esclareça, docinho — peço — De que número está falando?

— De clientes suas que você seduz, senhor Ross — fala entre dentes. Que merda.

— Quem disse isso, que seduzo minhas clientes, Alicia? — eu tinha ideia de quem tinha dito.

— Alexander fez questão de me dizer qual seu *modus operandi*, senhor Ross — ela morde as palavras com raiva, e vejo que não será fácil para mim com essa mulher.

Maldito Marshall, empata foda, filho de uma cadela! Juro que o matarei lentamente, com requintes de crueldade.

— Além do fato de que o senhor não passa de um homem prostituto, que saiu com uma mulher ontem à noite e agora já está me beijando — ela sai de perto de mim, colocando distância entre nós — Sou melhor que isso, senhor Ross.

Ela tinha razão, afinal, eu não era digno de confiança de qualquer maneira.

— Viuvinha, você devia relaxar e gozar a vida! — sorrio para ela e caminho para perto dela outra vez. Que

se dane essa porra. Vou dar motivos para ela me odiar, então.

Até agora, nem comecei com ela!

Alicia

Ele está com raiva por tê-lo chamado de prostituto, mas não me importo, já que ele era isso mesmo, um safado cara de pau.

— Viuvinha, você devia relaxar e gozar a vida — ele ri cheio de dentes. Seu sorriso era lindo e tinha aquele ar safado que eu estava aprendendo a odiar e gostar ao mesmo tempo, sem querer. Ele segue atrás de mim.

— Não chegue perto de mim — aviso. Meu estômago está apertado de ansiedade. Ele não para até estar colado a mim.

— E o que vai fazer, querida? — ele encosta em mim, seu corpo me imprensando no armário atrás.

Sua calça do pijama não esconde o quanto ele está excitado, e parece que quanto mais digo não, mais ele parece gostar.

Ele agarra a bainha da minha camiseta e me puxa em sua direção. Eu ofego quando bato no seu corpo duro. Bruno envolve minha cintura com um braço e a outra

mão nos meus cabelos. Enrijeço, tensa, a única coisa que faço é segurar seus braços musculosos. O ruído de sua garganta é de satisfação, e isso me deixa quente em todos os lugares. Ele corre a língua pela comissura dos meus lábios, que estão fechados, e sua língua persuasiva tenta abrir caminho.

— Sabe, querida, sei que gostará disso que tenho em mente para fazer com você — fala contra meus lábios — Relaxe, bebê... só sinta.

— Pare... — eu cravo as unhas em seus músculos para tentar me afastar dele — Não estou desesperada, senhor Ross.

Ele ri baixinho, aquele risinho odioso dele.

— Viuvinha, eu tenho certeza que, agora mesmo, seu desespero é grande — ele desce a mão da minha cintura para minhas nádegas, dentro do meu short, minha pele contra sua palma, e me esfrega contra sua ereção, causando nele um gemido rouco. Seus lábios tocam minha orelha num sussurro provocante — Tenho certeza que está molhada e pronta para mim, bebê.

Ele sabe que está me afetando, estou sem forças, minhas pernas parecem geleias, mas...

— Nunca... — ofego porque estou sentindo tudo isso que ele falou. Maldito! Me tenta além da conta — Nunca vou desejar suas patas em mim, senhor Ross —

oh, meus Deus! Se aquilo é minha voz de rejeição, como seria a que implorava por seus lábios?

— Você pensa demais, querida. Pense no que posso fazer por você — diz, o desejo evidente no seu tom — Quero levantá-la em meus braços e me enterrar dentro de você, como tenho fantasiado desde que a conheci, e sei que você apreciaria isso. Diga sim, Alicia... Podemos nos divertir, pense no prazer que posso te dar.

Era isso, se divertir, eu não passava disso para ele. Diversão. Tiro minhas mãos dos seus braços, as espalmo no seu peito largo e o empurro forte. Mas ele nem se mexe do lugar. Então falo:

— Vá procurar diversão em outro lugar, senhor Ross — ele levanta a cabeça para me olhar nos olhos. Meu tom não deixa margem para dúvida de que não cederei a seus avanços, mas nunca foi tão difícil resistir.

— Por que pensa tanto?

— E por que tenho de ser um desafio para você? Tenho certeza que pode encontrar alguém disposta...

Ele segura minha cabeça com as duas mãos, bate a boca na minha e me beija outra vez, e agora nada tem de suave. Sua língua exigente força entrada na minha boca e me vejo abrindo, receptiva. Tranco meus dedos em seus cabelos macios e puxo com força, fazendo ele soltar um gemido gutural em apreciação. Correspondo o beijo

combinando seu ardor com o meu, nossas línguas acariciando-se com fervor, meu corpo reagindo ao estímulo e ao desejo de tê-lo dentro de mim. Mas preciso pensar se realmente quero isso, se sinceramente estou preparada para ter um caso de uma noite com esse homem, porque sei que não será mais que isso. E também não quero ter qualquer tipo de relacionamento agora na minha vida.

Empurro Bruno lentamente para quebrar o beijo.

— Por favor — sussurro — pare.

— Você deixa qualquer santo louco, Alicia — ele me solta e dá um passo para trás — Só que não forço nenhuma mulher, não tenho necessidade para isso. Gosto delas bem-dispostas.

Ele dá meia-volta e senta à mesa como se eu fosse invisível. Ele não via que eu estava lutando a maior luta interna da minha vida?

Mas não ache que vou implorar, querido.

Empino meu queixo e anuncio:

— Irei sair em vinte minutos, senhor Ross — pego outra xícara de café, já que meu antigo estava agora frio, e vou trocar de roupa para meu dia.

Encaro a mulher no espelho do banheiro mais tarde, e avalio a figura refletida. Eu só tinha vinte e sete anos, toda a minha vida pela frente, e estou frustrada e cheia

de mágoa com a vida. Meus lábios estão inchados e vermelhos, sinal que fui muito bem beijada, e levo meus dedos para tocar minha boca. Estou pensativa, e mordo o canto dos meus lábios.

O que vou fazer com essa atração? O que vou fazer com você, Bruno Ross?

Quando volto para a sala, ele já está em pé me aguardando para sair e não dá sinal do que houve mais cedo. Na verdade, ele não dá pista do que está pensando.

— Pronto, senhora? — ele fala quando me vê.

— Sempre.

Ele ri com ironia e levanta suas sobrancelhas

— Se você diz. Vamos — aponta a saída e vou para lá.

Passo o dia em reunião com um cliente, um dos poucos que continua com a minha empresa, decidindo um jantar para quinhentas pessoas. E, mesmo precisando me focar, nada faz com que as imagens de hoje pela manhã desapareçam da minha cabeça. Estaria mentindo para mim mesma se dissesse que não o queria também. Eu quero, mas algo me impede de ir em frente.

Amanhã tenho um evento para organizar com minha equipe, que já está no local preparando tudo para a recepção. Não sei como Bruno irá manter a segurança com tanta gente se movimentando para lá e para cá ao

meu redor.

Quando voltamos para seu apartamento depois do trabalho, estou tensa. Bruno não fala muito mais que o necessário comigo, a não ser para dar ordens. Ele tinha pedido a lista de convidados, e quando perguntei para que, ele me olhou como se eu tivesse sete cabeças.

— Amanhã quero sair cedo para esse local que você irá trabalhar — ele resmunga quando entramos no apartamento — Tenho uma equipe lá, mas quero conhecer o local com antecedência.

— Como quiser — digo e vou para o quarto, estou sentido fadiga, preciso sair do caminho do senhor nervosinho. — Boa noite.

— Só se for para você, senhora Duran — ele resmunga baixinho e depois acrescenta alto quando já estou deixando a sala: — Durma bem, se puder!

Ignoro suas provocações e vou cuidar para tentar ter uma boa noite de sono.

Bruno

Eu a quero, porra!

Estou parecendo um maldito disco quebrado o dia todo com essa ladainha em minha cabeça, como um mantra. Estou tão frustrado que sinto o gosto amargo na boca.

Esmurro e chuto com força o saco de pancada na academia do meu apartamento para liberar toda frustração do meu corpo, mas nada adianta. É um vício me exercitar, eu precisava para me manter ágil para meu trabalho e economizava tempo de locomoção, mas, depois que ela veio morar aqui, eu tenho feito isso toda essa semana para tirar fora a energia direcionada à viuvinha.

Desde que cheguei mais cedo com Alicia, eu tinha mantido distância dela. A mulher me enervava e levava à loucura. Tentar foder com outra tinha sido um erro, parecia que estava mais frustrado ainda, e só não estou dentro da calcinha da viuvinha porque o bocudo do Alex achou engraçado fofocar igual uma lavadeira. Idiota. Não sabe o que irei aprontar com ele, quando tiver oportunidade. O merdinha era tão ciumento com a Lana, bastava só piscar para ela que ele ficava eriçado. Filho da mãe!

Verifico as horas e vejo que passam das vinte e três. Droga, tenho tanta endorfina no meu corpo que dormir será um problema. Adoraria encontrar Alicia perambulando com aquele shortinho indecente que ela usa, achando que está bem coberta.

Bem, acho que ela está dormindo, assim não posso provocar nem um pouquinho, tirá-la da zona de

conforto.

O apartamento dela já está todo pronto faz dois dias, mas me mantive de levá-la de volta. Matt não interferiu na minha decisão. Ainda bem, prefiro ficar aqui do que naquele lugar deserto onde não conheço cada polegada do lugar. Que ela nem sonhe que estamos com o lugar pronto.

Finalizo meus exercícios com uma corrida na esteira e caminho para meu quarto. A casa está em total silêncio, ela deve ter ido para a cama. Imaginá-la lá era um catalisador para meu pau ganhar vida.

— Calma, pequeno Bruno, ela não quer você. — digo em voz alta, olhando para ele que está firme e forte em sua missão — A mulher deve ser frígida para resistir a você. Melhor se contentar com um banho frio.

E é exatamente o que faço, mas meu tesão precisa de atenção também. Envolver meu punho em torno de mim e penso na viuvinha empertigada. Percebo que, depois que a conheci, vivo falando sozinho e com minhas partes baixas, que é pior ainda.

É, Ross, quem diria isso de você.

Tomo o banho mais demorado da história, e parece que não fiz nada para aplacar minha vontade de ir no quarto ao lado. Coloco uma calça de pijama, pois desde que Alicia me pegou nu na cozinha que aderi a ela. Saio

do meu quarto à procura do meu jantar.

Quando ouço gemidos vindo do quarto de hóspede, dou um sorriso ao imaginar Alicia dando prazer a si mesma pensando em mim. Sou pretensioso nesse caso, porque eu simplesmente sei que ela me quer também, só é muito teimosa e certinha. Mas meu sorriso desaparece quando escuto um grito de agonia e um soluço. As imagens agora não são nada sensuais.

Testo a porta, e ela se abre para um quarto escuro só com as luzes de fora incidindo para dentro, deixando sombras por todo o quarto. Vejo o contorno do corpo de Alicia se contorcendo na cama. Ela deve estar tendo um pesadelo. Caminho para o lado da cama, acendo a luminária do criado-mudo e sento na cama quando toco em Alicia. Ela solta sons que fazem meus pelos arrepiarem.

— Alicia? — chamo devagar — Acorde, querida — ela está suada e dá um pulo, sentando-se e olhando para mim em choque.

— Você estava tendo um pesadelo. — digo — Você está bem?

— S-sim, obrigada — seu rosto está com marcas de lágrimas, e estendo minhas mãos para tocar sua pele.

— Com o que estava sonhando que te deixou tão triste, bebê? — acaricio com o polegar as maçãs do

rosto dela, nas marcas de lágrimas. Seus olhos estão marejando, e meu coração bate descompassado quando vejo uma tristeza profunda neles. Não tinha percebido isso ainda. Qual a causa da tristeza dela? Será que sentia falta do marido? Devia estar sofrendo por sua morte repentina. Só podia ser isso.

— Não foi nada, já estou bem — sua voz está trêmula, contradizendo suas palavras.

— Vou trazer algo para você tomar — digo, já levantando.

— Estou bem. Não preciso de nada, mas obrigada por se preocupar — diz, mas a ignoro e vou buscar uma dose de conhaque para ela. Volto pouco depois e encontro a cama vazia, mas sei que ela está no banheiro. Logo após ela sai e caminha outra vez para a cama. Seus cabelos estão com alguns fios úmidos, e essa roupa que ela usa me deixa duro e ansioso para tirar dela.

Calma, Ross...

— Aqui. Tome, fará você dormir outra vez — ela pega o copo e cheira, balançando a cabeça.

— Quer me embriagar? — pergunta, mas toma um gole da bebida. — Argh! Isso é veneno?

Bem, ao menos a cor está de volta para sua pele. E parece que ela está se recuperando do pesadelo.

Sento ao seu lado na cama outra vez, e ela se afasta

mais para o meio. Ela tem medo de mim? Porra. Faça sua jogada, aproveite sua vulnerabilidade. Faça-a esquecer de tudo, Ross.

— Talvez assim, bebê, você possa me deixar te beijar como tenho sonhado em fazer. Eu poderia fazer você esquecer qualquer pesadelo só com minha boca, mas sei que você precisa de mais... — olhos arregalados e respiração ofegante. Sim, Viuvinha, você está excitada e quer isso tanto quanto eu. — Você me quer, Viuvinha?

Pego sua mão, que está apertada em seu colo, e a levo para meus lábios para beijar os nós dos seus dedos. Depois a viro e corro minha língua pela palma, deliberadamente lento. Ela estremece visivelmente, seus lábios abrem-se e ela ofega. E para chocar mais, agarro sua mão e coloco em minha ereção.

— Sinta o quanto quero te foder.

Ela tenta puxar a mão, seus olhos estão tão grandes que posso me afogar neles, mas, como eu esperava essa atitude dela, aperto sua mão com mais firmeza no meu pau por cima da calça do pijama, que não deixa muito à imaginação.

— Solte-me... — ela diz num fio de voz, que soa como um canto de sereia para mim. Puxo-a bruscamente e ela cai em meus braços. — Você é louco!

— Sim, eu sou — beijo-a com força quando rolo na

cama com ela por baixo de mim. Exatamente onde a queria desde sempre. Ela tinha um corpo maravilhoso, curvas nos lugares certos.

Empurro-a contra o colchão e levanto seus braços para cima de sua cabeça, fazendo seus seios virem direto para mim. Desço minha boca e degusto com prazer seus mamilos por cima da sua camiseta branca e fina. Sugo forte, e ela geme enquanto empurra mais em minha direção. Levanto minha cabeça pouco depois para apreciar meu trabalho.

Uma mancha molhada mostra seu mamilo ereto e duro, fazendo minha boca salivar querendo mais. Dou o mesmo tratamento para o seio invejoso do outro lado e sinto Alicia se contorcendo debaixo de mim, entregue. Deixo uma trilha de beijos por seu pescoço até sua boca e a beijo com fome. Nossas línguas deslizam e entrelaçam, e gememos juntos quando minha mão vai para dentro do short dela e acaricio sua boceta lisa. Minha viuvinha empurra seus quadris ao encontro da minha mão, com abandono.

Ela está tão excitada! Massageio seu clitóris intumescido, ela grita em minha boca e tremores saem do seu corpo. Ela treme toda. E eu estava prestes a gozar só de vê-la tão excitada. Toda minha. Vermelha e desfeita, pronta para meu bel-prazer.

— Tão ávida, bebê... — sento e começo a tirar suas roupas. Mas as mãos dela seguram meus pulsos, me impedindo de executar a tarefa. — O que houve?

— E-eu... não posso — balbucia, mas seus olhos vítreos e ansiosos dizem outra coisa. Sua indecisão faz a raiva de mais cedo voltar.

Porra, por que ela se nega tanto?! Ela tinha um olhar de foda-me, os homens sabem essas porras, porém essa boca dela sempre abre para se negar.

— Não pode? Deixa eu mostrar que pode, Alicia — agarro seus quadris e removo seu short — Você pode e vou te fazer gozar forte e várias vezes! — envolvo seu clitóris na minha boca, sugando tão duro quanto posso. Levo dois dedos dentro dela, e as paredes de sua vagina apertam meus dedos, estrangulando-os. Porra nenhuma que ela não pode. Vou provar que ela pode qualquer coisa que ela quiser.

— Ohhh, sim — ela sussurra tremendo quando goza tão rápido que me surpreende. — Ah, Bruno!

Ah, sim, agora ela acertou meu nome. Estou assistindo a viuvinha se desfazendo lânguida sob meu toque, mas ainda não terminei com ela. Castigo sensualmente seu clitóris e a faço gritar outra vez. Convulsionando de prazer, é assim que desejei vê-la desde que a conheci. Sorrio satisfeito comigo mesmo.

Alicia

Seus lábios então nos meus, devastando todos os meus sentidos. Sinto meu próprio sabor em sua língua, e é meio constrangedor. Caramba! Irei fazer sexo com o prostituto do Ross!

— Estou louco para me enterrar em você desde que abriu aquela porta para mim semana passada, bebê — ele diz pairando sobre minha boca — Espera aqui. — ele praticamente pula da cama.

Aonde ele vai? Ele sai do quarto, e fico lá sem saber o que fazer, mas termino de retirar minha blusa que ele tinha começado a tirar. Quando ele volta com embalagens de alumínio, minha barriga aperta. *Oh meu, eu irei mesmo fazer sexo com ele!* Estou sendo imprudente e inconsequente, mas quem se importa?

Ele tira a calça de pijama que ainda usa e sua ereção pula livre. Ofego deliciada com a visão do seu pau. Ele me olha com um sorriso safado quando acaricia para cima e para baixo de seu comprimento. Quero minha boca nele, isso é certo. Corro minha língua por meus lábios, e seu sorriso amplia mais, mas ele deve ter outros planos quando rasga um preservativo e se cobre. Droga! Estou umedecida de antecipação, querendo, almejando-o dentro de mim.

— Você quer isso, Viuvinha? — ronrona com voz gutural, e coro violentamente. — Temos tempo para isso depois, agora só quero foder você.

Bruto!

Ele volta para cima de mim, segurando seu peso em seus braços musculosos. Quando eu levo minhas mãos para seu peito duro com músculos rígidos, sinto as batidas do seu coração acelerado. Quero sentir minha pele contra sua pele, e isso me faz sentir contrações em meu baixo ventre. Ele só pode estar me enfeitiçando.

Quando ele volta a me beijar é totalmente diferente: exigente, apaixonado, intenso. Oh céus, queria tê-lo beijado mais cedo. Gemo, faminta.

— Você é linda... — seus olhos azuis estão praticamente pretos, já que suas pupilas dilatadas cobrem quase todo o azul. Seu desejo é latente e quase palpável. Empurrando minhas pernas abertas, ele fica entre elas. Seus dedos habilidosos acariciam minha vagina, e não posso me conter, solto gemidos incoerentes.

— Ah, sim, bebê... eu amo isso também — diz quando me invade com seus dedos e começa a bombear sua palma, fazendo maravilhas em meu clitóris. Ele se afasta quando percebe que estou na borda de outro orgasmo. — Ah, não.

Ele explora outra vez minha boca quando seu pau

abre caminho lentamente dentro de mim, fazendo-me gemer alto em sua boca.

— Sinta-me, querida...

— Pare de falar, Ross — digo, e ele levanta o tronco e me olha divertido — Você promete muito e não faz tanto como diz. — o suor cobre nossas peles, deixando-nos suados. Ele move o quadril para frente, se empurrando mais fundo dentro de mim — Ahh.

— Tudo bem, você que pediu querida— ele puxa para fora e bate duro de volta.

— Ahh, merda! — grito e ele faz de novo. Ele tinha um olhar carnal, passional e safado que me deixava querendo mais, e me dá uma e outra vez, fazendo minha boca abrir em gritinhos deliciados.

— Ah, você gosta disso, não é, Viuvinha? — ele diz. Esse apelido idiota que ele me deu passa despercebido na névoa sensual que estou envolvida. Bruno segura minhas mãos, palma contra palma, e enfia forte em mim. — Sabia que você gostava das coisas duras!

Ele é implacável em busca do nosso prazer, me consumindo, e sou bombardeada por uma nova onda de prazer quando gozo pela terceira vez e ele não para de meter forte, até explodir dentro de mim.

— Merda, isso foi rápido — ele diz com a voz rouca e grossa — Hummm, temos tempo a noite toda para ir

devagar, querida.

Temos?

Ele rola e leva-me com ele, seus braços me envolvendo e sua mão deslizando para cima e para baixo em minhas costas. Ele segura meus cabelos na nuca e levanta minha cabeça para que eu possa olhá-lo e me beija suavemente numa carícia delicada. Bom, era bem o oposto do que tínhamos feito agora há pouco. Eu podia me acostumar com isso.

Ele me solta e cruza as mãos atrás da cabeça, e fico olhando para ele.

— Agora sim podemos ir com calma. Sua vez de explorar, Viuvinha — ele está com um sorriso cheio de dentes para mim, esperando meu movimento.

Onde fui me meter?

Alicia

Isso não é emocional, é apenas físico, carnal, pura resposta física dessa atração fora de hora, e eu sei que sou apenas mais uma para ele. Que amanhã ele pode nem mais lembrar dessa noite. Ele é um lobo maldito que me tenta, e quero aproveitar nem que seja por um momento. Amanhã de manhã posso voltar ao meu estado normal. Sem loucuras para cometer.

Ele faz uma careta, levanta e segue para o banheiro, voltando em seguida sem a camisinha. Joga-se na cama, na mesma posição anterior, com as mãos cruzadas atrás da cabeça, me olhando com um sorriso de lado.

— Sou muito para você, princesa? — provoca. Princesa? Quantos apelidos idiotas ele vai me dar?

— Para falar a verdade, quero que saia do meu quarto — digo séria. — Vou tomar um banho e, quando voltar, não quero te encontrar aqui, senhor Ross.

Levanto rápido e sigo para o banheiro, deixando um Bruno pasmo olhando para mim. Escondo meu sorriso

maléfico quando entro e fecho a porta. Começo a contar. Um, dois, três...

— Porra nenhuma que vou ser dispensado assim, querida! — a porta se abre em uma explosão, e ele entra pronto para a briga. Tenho um pequeno sorriso, e ele estreita os olhos — Você está brincando comigo, Alicia?

— Não sei do que está falando — sim, estava brincando em parte. Minha vontade real era de mandá-lo embora, não quero deixar que ele pense que pode ter sexo quando quiser. Mas eu poderia deixar todas as coisas de lado só por essa noite; tirar todo esse peso dos meus ombros, por um momento.

Fico séria quando me lembro do pesadelo, o motivo de acordar chorando. Era sempre o mesmo sonho, e fazia um tempo que não o tinha, não sei o que o desencadeou hoje. Talvez a pressão que sinto de um novo envolvimento tenha trazido para fora, o motivo pelo qual não quero um novo homem tão cedo em minha vida.

— Hei, terra chamando. — Bruno está na minha frente, gloriosamente nu e muito à vontade. — Não fuja agora — seu sorriso sedutor é um lembrete que isso é só hoje, amanhã ou depois, quando voltar para meu lugar, não lembraremos nem o nome um do outro. Ele estica o braço e coloca uma mecha de cabelo atrás da minha

orelha — Vamos ficar a noite toda aqui em pé, bebê? Ou vamos explorar mais essa atração entre nós?

— Estou indo tomar banho, senhor Ross — digo e entro no box, ligando o chuveiro.

— Voltamos ao senhor Ross? Há pouco tempo eu era só Bruno. Isso não me fará recuar, querida — ele diz, me seguindo. — Quanto mais diz não, mais sinto vontade de ter você.

— Sou um desafio agora para você? — ele segura minha cintura e me atrai para ele, minhas costas sendo pressionadas contra seu peito. Inclinando a cabeça, ele começa a depositar beijos molhados pelo meu ombro, subindo em direção à minha orelha e mordisca meu lóbulo.

Suspiro, o desejo cru outra vez vindo com força total. Ele me vira de frente, capturado minha boca na dele, exigente, e estamos outra vez nos beijando. Bruno me empurra delicadamente na parede do box e desce sua boca por meu queixo, seios, barriga, ficando de joelhos à minha frente, e ergue minha perna para seu ombro direito. Ele tem um meio sorriso quando ergue seus olhos para mim. Estou totalmente vulnerável e disponível para o ataque de sua língua hábil.

— Assista eu te dar prazer, bebê — sim, por favor. Eu não posso me conter ao sentir suas carícias, em

pouco tempo estou jogando minha cabeça para trás, em êxtase.

Humm, isso é vergonhoso, nunca gozei tão rápido na minha vida. O que ele está fazendo com meu corpo? Quando volto a olhá-lo, ele está sentado sobre as pernas e está me puxando para seu colo e direto para seu membro que me preenche completamente.

— Ainda não terminamos, querida.

— Bruno... — sussurro roucamente, línguas de fogo correm por minhas veias partindo de onde estamos conectados, choques de puro prazer sensual. Agarro seus cabelos que caem na sua testa, o deixando com ar perverso, e colo minha boca na dele novamente, e começamos a nos beijar com necessidade. É tão gostoso senti-lo. Estou me dissolvendo em uma massa de modelar outra vez, quando ele enrosca um braço na minha cintura e me ajuda a subir e descer por todo seu comprimento.

O dia amanheceu, e eu não tinha dormido nada. Droga, que noite! Estou me sentindo como se tivesse sido atropelada por uma manada de elefante! Bruno tinha voltado para seu quarto depois que saímos do banho e

me deixado aqui com um sentimento de culpa. E, não sei por qual razão, afinal, não tenho de dar satisfação para ninguém.

Eu na verdade praticamente o expulsei do quarto, e ele tinha me olhando como se tivesse duas cabeças.

São seis horas da manhã, então levanto para meu dia que vai ser corrido. Ainda bem que tenho uma equipe que já sabe como agir em uma organização de festas, senão eu estaria com problemas, visto que não estou operando hoje muito bem. Não dizem que sexo te deixa radiante? Acho que em mim foi o contrário, estou me sentindo estranha.

Visto calça de alfaiataria cinza, com uma blusa branca de mangas compridas. Calço scarpins preto e faço um coque no meu cabelo. Bem, acho que seria o suficiente. Escolho um vestido de noite e coloco em um saco para roupa com os sapatos, já que não voltarei para trocar de roupa, e levo tudo comigo quando caminho para fora, na esperança que Bruno não solte nenhuma gracinha. Não estou pronta para sua língua afiada.

Ele está na varanda, sentado em uma das cadeiras de vimes que tem por lá. Terno cinza claro o deixa deliciosamente sexy, parecendo mais um CEO que um segurança hoje. Ele está olhando o horizonte, e fico sem saber o que fazer a seguir, mas resolvo ir para a cozinha

para pegar um café antes de sair. Isso vai ser estranho, eu o tinha enxotado do meu quarto quando terminamos de tomar banho, depois do sexo no box, e pelo visto ele nunca tinha sido dispensado depois de uma turnê de sexo.

Suspiro profundamente enquanto encho uma xícara de café, talvez assim eu crie coragem de enfrentar o homem. Merda! Estou parecendo uma adolescente que fez sexo pela primeira vez. Empurro os pensamentos de lado e viro para seguir para a varanda, mas quase deixo escapar um grito de susto quando viro e dou de cara com Bruno praticamente colado em mim. Como ele chegou e não senti sua presença? Homem sorrateiro.

— Bom dia, Viuvinha — sua voz é seda pura e seus olhos azuis estão intensos — Dormiu bem?

— Não devia chegar sorrateiramente atrás das pessoas dessa maneira — repreendo — E, sim, dormi igual a um bebê.

— Tenho certeza que sim — ele me observa de cima a baixo — Tão séria, bebê, mas nós dois sabemos que isso é só uma fachada, não é?

— Senhor Ross, estou pronta para sair — ignoro sua conversa fiada e ele ergue as sobrancelhas ironicamente.

— Quando você me chama assim, bebê, sinto todo meu sangue indo para a parte sul do meu corpo — ele

morde o lábio inferior com um sorriso — É excitante!

— Não é para ser — digo, tentando o máximo ficar séria, mas acabo dando um sorriso relutante. E a atração entre nós explode como uma chama viva enquanto trocamos olhares intensos. — Acho melhor sairmos — murmuro tomando um pouco do meu café para quebrar o clima tenso. Chega, Alicia! Ele não faz nenhum movimento para mim, coisa que agradeço profundamente.

Bruno para a SUV no local onde estamos organizando o evento e abre a porta para mim. Ele não solta gracinhas quando está na rua comigo, é sempre sério e focado no seu serviço. Parece dois homens diferentes, o que é um gaiato e o outro sério, não sei qual dos dois gosto menos. Quando caminhamos para dentro, noto um outro cara grandalhão na porta aguardando por nós, provavelmente porque ele caminha direto para se encontrar conosco. Ele tinha uma aparência distinta e sua feição é fechada.

— Ross, você demorou — ele diz, e seus olhos deslocam para mim, mas ele não dá nenhum sorriso quando estende sua mão para mim — Carl O'Neil, vou ajudar Ross hoje com a sua segurança, senhora Duran.

— Ah, sim, prazer, Carl — digo quando dou um

meio sorriso para ele. Ele é tão sério, diferente de seu amigo. — Bem, vou deixar vocês e vou trabalhar. Até mais, senhores.

Sigo para o salão de festas, mas noto que Bruno me segue depois de trocar algumas palavras com o sisudo Carl.

— Espera, Alicia — ele segura meu braço, me parando — Vou deixar um segurança aqui na porta, pois preciso checar as coisas. Se precisar sair comunique, por favor.

Assinto e tento soltar meu braço que ele ainda está segurando. Ele se curva um pouco e sussurra:

— Apesar de você me chutar para fora, Viuvinha, eu adorei a noite passada — ele tem um sorriso largo agora. — Até o fim dessa noite eu vou estar dentro de você outra vez.

Ele me empurra lentamente para dentro da sala e caminha para o outro lado, onde Carl está esperando com o cenho franzido para Bruno, me deixando quente e úmida e de olhos arregalados. Vejo outro homem de terno se juntando a eles. Bruno aponta para a porta que não fechei ainda, e o homem caminha para cá. Entro, respiro fundo e viro para sala onde meu pessoal está dando o seu melhor na decoração do lugar. Caminho em direção do gerente e tento tirar da minha cabeça certo

segurança metido a besta. Ele era totalmente e ridiculamente irritante. Mas era tão delicioso. Merda!

Bruno

Dispensio o cara que vai ficar de olho em Alicia quando me viro para Carl, que ainda me encara de cara fechada.

— Não acredito — ele resmunga quando caminhamos para verificar o nível de segurança, repassar a lista de convidados e ter certeza que um segurança nosso, além dos que já fazem esse trabalho, verifique na entrada cada convidado. Não quero nenhum incidente, apesar de que esse é o serviço mais fácil que já trabalhei. Nada acontece, estou quase mudando para algo mais perigoso. Adrenalina é viciante. Marshall deve ter algo mais interessante para mim. Além do fato de fofocar a meu respeito.

— Não acredita em quê? — devolvo, mas posso adivinhar por sua carranca do que ele está falando.

— Já está mais uma vez envolvido amorosamente com seu trabalho, Ross? — sua cara de poucos amigos me olha com reprovação — Um dia você vai se dar mal por causa disso.

— Qual é, O'Neil? Virou padre, é? Não preciso do

seu sermão da montanha, meu amigo — digo, mas suas palavras me pegam de qualquer maneira. Eu não vou me dar mal porra nenhuma, mulheres tem de sobra por aí, por que uma em particular pode me ferrar?

— Só estou dizendo — ele levanta a mão, condescendente — Só acho que dessa vez você foi longe demais. Pelo que soube, a moça está vulnerável, e você não tem escrúpulos, cara. Devia se conter.

Paro em choque. Qual é a desses malditos caras se metendo na minha vida? Caralho! Hoje estava se provando um dia muito chato. Eu queria estar na cama com certa mulher enervante, em vez de estar aqui escutando sermão desses caras.

— Não se meta onde não foi chamado, O'Neil — vocífero colérico — não questiono sua vida celibatária de um maldito monge, então não questione a minha porque eu adoro mulheres quentes e receptivas — e cravo a estaca no coração — Talvez você seja gay, no fim das contas, não é? Nunca te vi com mulher nenhuma.

Ele dá um sorriso frio para mim.

— Nem todo mundo tem a necessidade de viver como um maldito puto, meu caro Ross, mas faça como quiser — diz e aponta para a sala de monitoramento de câmeras do prédio — Por que não vamos trabalhar?

— Recado dado e recebido — dou um aceno e

entramos para fazer o que realmente importa aqui, que é manter Alicia Duran deliciosamente segura.

Quando os convidados começam a chegar, naquele dia, eu faço meu caminho para me manter o mais perto possível da viuvinha que está linda em um vestido longo e cabelo artisticamente arrumado, mas ela não se mantém parada no maldito lugar. Estou ficando zozinho, literalmente, de tanto procurar e mantê-la em minhas vistas. Tenho um cara em cada canto do lugar de olho, mas sei que essa pessoa que eliminou seu marido não dará suas caras em uma festa dessas, porém eu nunca subestimo meus inimigos.

Estou num canto do salão principal onde se aglomera a maioria dos convidados, e minha mente volta para a noite anterior. Sinto o sangue ferver, e não é de tesão, ah não. A dona empertigada me expulsou do quarto dela quando estava lindamente saciada. Ela ainda me deve uma foda muito dura, ah deve sim...

Uma novidade, essa. Eu nunca fui dispensado como um moleque de recados como fui ontem por ela. Droga, estava me sentindo usado.

Um homem se aproxima dela e entro em alerta total, minha mão corre para minha arma que mantenho no coldre junto ao meu corpo. Fico tenso, mas Alicia dá um sorriso para o homem enquanto esse aperta sua mão,

beijando sua bochecha. Aperto minha arma agora por outro motivo mais obscuro que o anterior.

Foco, Ross, foco, pelo amor de Deus! Seu trabalho é de um mero guarda-costas hoje à noite, não de um amante cheio de ciúmes porque ela não te deu um sorriso hoje depois que fizeram sexo na noite passada, e agora ela está sorridente para outro homem.

Tenho vontade de me aproximar, entretanto controlo a todo custo meu ímpeto assassino de arrancar a mão do idiota que agora descansa na base de suas costas enquanto caminham para o buffet. Ela está falando e apontando as coisas. Demoro a buscar na mente quem é o cara. Ele estava na lista que verifiquei hoje à tarde. Lembro que ele é algum empresário, mas não sei de onde. Trinco minha mandíbula e ando ao redor da sala para que eu fique o mais perto possível dos dois.

Seja um maldito profissional, Ross, não um homem reivindicando seu território.

Ela vira a cabeça em minha direção, e nossos olhos se encontram e eles dizem o quanto ela está consciente da minha presença. Isso não era nada bom. Tinha prometido que não demoraria a tê-la debaixo de mim, suada e gemendo. Só tinha de continuar com meu jogo de sempre.

Alicia

Pelo canto do olho vejo quando Bruno se aproxima, enquanto Lorenzo Lamartine elogia a organização do evento, dizendo que em breve me ligará para um possível trabalho.

Era para eu estar eufórica, já que ele é a terceira pessoa essa noite que promete me procurar posteriormente, mas, em vez disso, estou com o pensamento em outro ponto da sala. Fico imaginando quando ele cumprirá a ameaça de hoje mais cedo sobre estar dentro de mim outra vez.

Argh! Desde quando tenho minha cabeça tão cheia de imagens indecentes? *Foco, Alicia, foco*, recomendo mentalmente. Nossos olhos se conectam e engulo em seco.

— Bem, vou deixá-la para fazer seu trabalho, tem uma pessoa que desejo falar — diz Lorenzo ao meu lado, trazendo-me ao presente. — Minha assistente ligará para você em breve.

— Claro, adoraria aceitar o trabalho — ele aperta minha mão em despedida e vai conversar com alguns outros empresários ali perto. Volto minha atenção e verifico se tudo está indo bem. Isso é uma coisa automática nessas ocasiões, e vejo que tudo está em ordem.

Essa noite parece longa e estou cansada, não vejo a hora de ir para casa e dormir, a noite anterior está cobrando seu preço. Sinto as pálpebras pesadas.

Uma da manhã, e não aguento mais ficar aqui nem mais um minuto. Procuro Bruno e não demora muito para encontrá-lo, ele se manteve perto a noite toda, ele e Carl sempre estavam no meu campo de visão. Nenhum incidente aconteceu, e me sinto aliviada. Caminho até ele e anuncio que já podemos ir. Estou frustrada por ele não fazer uma tentativa de cumprir sua promessa, acho que ele fez isso de propósito para que eu ficasse ligada o tempo todo. Maldito.

— Pronta? — ele segura minha cintura e me guia para fora do prédio e a SUV já estacionada perto da entrada. Ele segura a porta para mim e depois dá a volta para o lado do motorista. Devo ter cochilado porque acordo com Bruno xingando e o carro em alta velocidade pelas ruas, que tem trânsito livre a esta hora.

— O que está havendo? — indago ainda meio grogue — Por que diabos está correndo tanto?

— Mantenha-se abaixada, bebê — diz, e sua voz está tensa. Ele olha pelo espelho retrovisor a cada segundo. E eu noto que estamos sendo seguidos. Tento olhar para trás na esperança de ver algo — Mantenha-se abaixada, Alicia!

A voz dele está alta quando me recrimina, e faço o que me pediu, mas ele me puxa e fico curvada o mais que posso e o cinto de segurança permite, no banco.

— Me diga o que está havendo, Bruno — estou falando quase gritando de nervoso.

— Não se preocupe, Alicia, não deixarei que nada aconteça a você.

Eu estou em apuros?

9

Bruno

— Filho da puta! — esbravejo furioso.

Acelero o carro pelas ruas, e o automóvel que tem me seguido desde que deixamos a festa acelera também. Tento ver o motorista, mas não consigo distinguir suas feições. Ligo para Carl, que tinha me seguido quando saí com Alicia, e ele não atende. Que merda!

— Maldição! — Alicia acorda de seu cochilo, desorientada, e procuro mantê-la abaixada. Não sei quem são esses caras que estão atrás dela, não quero que essa noite acabe em tragédia.

Acelero o máximo que posso, mas, ao mesmo tempo, tento nos manter seguros e não causar um acidente. Avanço todos os sinais vermelhos, já que nesse horário praticamente não há carro nas ruas. Escuto um estampido e vejo pelo espelho retrovisor o cara tentando acertar o pneu do SUV.

— Merda, merda! — tento ligar para Carl outra vez — Atende, filho da puta! — ele atende dessa vez.

— Ross, estou atrás de você, fiquei preso no sinal, estou vendo o carro. Vocês estão bem? — ele diz. Não espera resposta e continua: — Vou tentar tirá-lo de sua cola. Não tenho ideia de quem está lá dentro, vidros escuros.

— Acho muito bom, não quero assustar Alicia com algo desnecessário — ela já estava em pânico, óbvio — Tem outros com você? — pergunto. Isso poderia sair do controle.

— Tenho, vou tentar tirar esses caras de cima de vocês — ele garante, e eu mantenho a calma o quanto sou capaz quando acelero. Não tenho medo por mim, mas estar sozinho e com Alicia vulnerável era motivo para me deixar em alerta total e cuidadoso, qualquer falha de minha parte ela poderia ser assassinada por esses filhos da puta ou eu perderia o controle do carro e causaria um acidente. Mantenho contato com Carl e viro-me para Alicia, que continua tentando se mover do seu lugar abaixada.

— Você está bem, Alicia? Mantenha-se abaixada, não a quero machucada, apesar de que esse carro tem vidros blindados. — tento passar calma para ela, apesar da adrenalina estar correndo pelo meu corpo a toda velocidade. — Boa garota, vou levá-la para casa em segurança, bebê, eu prometo.

Ela vira seus olhos arregalados de pânico para mim e assente. Melhor assim, se fosse outra já estaria gritando feito uma desvairada. Eu admirava o controle dela, era uma das poucas mulheres que se mantinha firme e calma nos momentos mais adversos. Quando aceitei esse trabalho, naquela primeira reunião com Matt, ele tinha deixando claro que sua irmã era uma mulher forte e decidida, e agora descubro o quanto ela permanece fria e calma, apesar do seu medo evidente.

— Droga! — o carro bate atrás da SUV, nos jogando contra o cinto de segurança. Com o solavanco, o carro dá uma guinada brusca, batendo de volta no asfalto. — Merda, Carl, tire esse filho da puta de cima de mim. Porra!!! — grito para o telefone.

— O que está havendo, Bruno? — Alicia grita numa voz abafada.

— Mantenha-se abaixada, porra! — tento manter o carro no controle e um olho nela ao mesmo tempo.

Ouçõ estampido mais uma vez, mas agora vejo também o carro de Carl seguindo e ele tentando acertar o carro do salafrário que me acertou há pouco. Jogo o carro em uma rua paralela, saindo das ruas principais.

— Mantenha-se seguro, Bruno, a polícia foi acionada — ouço a voz de Carl no alto-falante do carro — Acertei um dos pneus dos caras, eles vão fugir, e agora é o

melhor a fazer, mas estou seguindo eles. Melhor levar Alicia para um lugar seguro.

— Vou voltar ao meu apartamento. Siga para lá depois, quero montar um esquema mais forte de segurança, um homem sozinho é furada. Isso poderia ter terminado mal hoje.

Olho ao redor e verifico que não estou sendo mais seguido, no entanto não facilito, percorro as ruas em alta velocidade. Só estarei bem quando tiver Alicia protegida em casa.

— Claro!

— Falo com você depois — desligo e estendo minha mão para Alicia — Tudo bem, já pode levantar se quiser.

Mas ela se mantém quieta, deve estar bastante amedrontada. Desacelero mais o carro, minha vontade é parar, mas não faço nada disso. Cerca de dez minutos depois, entro na minha vaga no meu prédio.

— Hei? — desafivelo meu cinto para que eu possa chegar nela, que continua encolhida no banco do carro sem falar nada. Acabo saindo do carro e dou a volta para seu lado — Venha aqui, está tudo bem — digo quando abro a porta. Tiro seu cinto e ela vem para meus braços tão facilmente que fico chocado. Ela tem lágrimas contidas nos olhos assustados — Hei, estamos bem agora.

Meu telefone começa a tocar. Carrego Alicia para o elevador e pego meu telefone. Alexander que está ligando.

— Carl está indo para sua casa, ele perdeu o cara — ele diz assim que atendo, nem dando chance para eu falar. Cara, ele tinha essa mania — Está tudo bem com Alicia? Tenho Matt na outra linha querendo falar com você.

— Estamos bem, diga para ele ligar daqui a pouco. E estou esperando Carl. Percebe que precisamos ter mais cuidado?

— Vou reforçar as coisas por aí — ele diz — Atenda o Matthews e dê informações da sua irmã.

Desliga como sempre faz. Alicia está tremendo quando passo meus braços em volta dela e a trago de encontro a mim. Deve estar realmente assustada para não lutar comigo e ficar de bom grado grudada em mim sem começar aquela ladainha de mulher recatada dela.

Beijo seus cabelos bem no momento que o elevador abre em nosso andar. Levo Alicia para dentro do apartamento. Ela desmorona no sofá e vou pegar uma bebida para ela. Essa fachada durona dela podia ser enganosa. Quando sirvo sua bebida, meu telefone toca. Matt.

— Seu irmão — depois que digo o que houve ele

desliga e, logo após o telefone de Alicia deve estar tocando, mas deve estar no silencioso, já que não ouço tocar, porém a vejo tirá-lo de dentro da bolsa que carrega e atender — Estarei aqui na sala, caso precise de mim. Vou fazer umas ligações para saber se a polícia tem uma pista desses caras — ela assente e segue para atender seu irmão no quarto.

Alicia

Estou tentando não entrar em pânico depois dos acontecimentos de hoje à noite. Agora estou aqui no quarto com Matt ao telefone, buscando acalmá-lo para ele não aparecer na casa de Bruno quase às três da manhã. Não o tinha visto muito esses dias, para falar a verdade, só tínhamos nos falado ao telefone, mas ter meu irmão surtando de preocupação era enervante.

Tínhamos chegado cerca de meia hora atrás, e Bruno estava ao telefone tentando descobrir junto com os outros seguranças quem atentou contra nós hoje. Saber que tinha estado tão perto de ser morta era terrível, e eu tenho a forma mais estranha de lidar com esse tipo de coisa: sempre fico fria e calma nessas horas. Carl tinha nos seguido até aqui quando Bruno conseguiu despistar os caras.

— Quero ter certeza de que está bem, Alicia — sua

preocupação é nítida no timbre grave de sua voz — Que tal amanhã você e eu termos um momento de irmãos, hein? Não nos vimos muito ultimamente.

— Não sei se será possível, Matt. Mas aviso a você. — digo pesarosa. Eu sei que ele vive para o trabalho dele e não tem que dispensar todo seu tempo comigo, já sou bem crescida para isso — Só se for um jantar. Posso ir só ou tenho de levar o mala do guarda-costas?

— Ele é mais que necessário, ainda mais depois de hoje, querida — ele tinha falado com Bruno em primeiro lugar. Não sei como ele tinha ficado sabendo de nossa aventura, mas estar em casa era uma benção. — Agora descanse, querida, te vejo amanhã.

— Te vejo amanhã — despeço-me dele e fico olhando para o nada por uns instantes. Estou parada a um bom tempo, quando ouço baterem na porta do quarto.

— Oi. Tudo bem? — Bruno abre a porta e entra sem ser convidado. Caminha para a cama e senta ao meu lado bem perto. Ele coloca uma mecha do meu cabelo para trás — Você está tão calma para uma mulher, que estou com receio que tenha um chilique daqui a pouco.

— Não se preocupe comigo — digo.

— Como não? Esse é meu dever, bebê, me preocupar com você — sim, eu era um dever, trabalho e

nada mais que isso para ele. E por que diabos acho isso um incômodo?

— Obrigada. Vou tomar um banho e deitar, chega de aventura por hoje. Chega de ser alvo de assassinos — faço uma tentativa de gracejo, mas minha voz trêmula denuncia que não estou tão calma assim. Minha ficha começa a cair; eu poderia estar morta agora. E quando penso nisso, sinto as lágrimas começarem a cair por meu rosto — Eu não entendo o porquê de eles quererem me assassinar.

— Queima de arquivo, querida. — Bruno envolve seus braços mais forte ao meu redor. Simplesmente não importa nada agora, suas palavras cruas me atingem forte e as lágrimas saem aos montes. — Hei, não deixe que isso abata você agora, sei que é forte, uma das mulheres mais fortes que conheço. — ele me coloca em seu colo e me refugio só por um instante lá.

Sinto uma dor tão grande, era quase física de tão intensa. Por que eu tinha de pagar pelos pecados de outros? Sinto minhas forças, as quais tanto me orgulho, me deixarem, e a sensação de impotência e desestabilização me invadirem, deixando um cansaço incomum. Não sei quanto tempo fico nessa posição com Bruno me segurando, sem nenhum outro apelo a não ser de conforto. Era o que eu precisava agora.

Sua mão corre para cima e para baixo pelas minhas costas e beija meus cabelos. Sua amabilidade e carinho me surpreendem, eu não associaria a palavra carinhoso para ele, nunca, mas sua gentileza me desarma e envolvo meus braços ao redor dele mais forte. Sinto-o tenso debaixo de mim, mas só faz me afagar gentilmente.

Acordo me sentindo incomodada e pegajosa, e ouço minha própria voz soar angustiada no silêncio. Mais um pesadelo, mas agora era de perseguições e pessoas querendo me matar. Evan; tudo isso era culpa dele.

Rolo na cama e percebo que estou com minhas roupas íntimas e sem o vestido que lembro que estava usando. Bruno não está em lugar nenhum. Levanto meio grogue e vou tomar um banho.

Olho para as horas: são seis da manhã. Estou me sentindo cansada como se tivesse lutado num ringue de luta livre. Devo ter dormido e Bruno ter tirado minhas roupas para eu ficar mais confortável e saído em seguida. Lembro do seu carinho comigo e algo quente me envolvendo. Ele me fazia sentir segura, apesar de tudo.

Bruno

Observo Alicia entrar na sala, e sua tristeza era palpável. Sinto algo mexer dentro de mim, queria pegá-la no colo e fazer tudo desaparecer de sua vida. Ela não merecia estar sendo ameaçada de morte.

Maldito marido idiota dela. Ela estava pagando por algo que nada tinha a ver com ela. Se aquele idiota ainda estivesse vivo eu mesmo o mataria lentamente.

Ela parece pronta para sair. Não tínhamos falado do que houve entre nós na outra noite, e Alicia estava fazendo de conta que aquilo nunca existiu, e não estou acostumado com as mulheres me ignorando. Ontem eu tinha sido só um amigo, afinal, ela tinha passado por um momento estressante. Mas hoje... percorro seu corpo esbelto envolto em um vestido marinho, deixando-a com uma aparência comestível para caralho! E eu queria mais um gostinho da viuvinha.

Viúva! Isso me lembra de que temos que conversar. Sei que ela não gostará do que vou dizer.

— Bom dia, Bruno — ela para, indecisa. — Humm... vou estar pronta para sair em dez minutos — anuncia.

— Por que não senta aqui, querida? — aponto a poltrona à minha frente. — Temos que conversar.

Ela não senta e, pelo visto, não está muito satisfeita.

— Posso tomar meu café da manhã? — nossa

viuvinha amanheceu de mau humor. Dou um sorriso torto.

— Fique à vontade, bebê — ela olha feio para mim e sai da sala. Bom, ao menos não a tenho chorando. Isso é ótimo, amo provocá-la e manter sua mente fora de homens querendo tirar sua vida — Não demore, amor!

— Não sou seu amor, Ross — ela resmunga da cozinha. — E nunca serei. Convencido!

Rio. Era bom ter a senhora ranzinza de volta, com essa eu posso lidar.

Alicia

— Não!

— Não seja imprudente, Alicia — Bruno diz para mim, carrancudo. A conversa que ele queria ter comigo era para que eu não fosse aos eventos à noite.

— Deixar meus eventos sem minha presença? Impossível! — como assim, só um louco para achar que posso deixar minha reputação nas mãos de outras pessoas — Como vou saber se as coisas estão certas se não vou estar lá organizando?

Como vou fazê-lo entender que não deixarei um evento nas mãos só dos funcionários, mesmo sendo eles capacitados para isso?

— Você viu ontem à noite que isso pode ser sua

morte, Alicia — ele fala firme — Você pode muito bem fazer as coisas a distância.

Fico olhando para ele. Ele é louco ou o quê?

— Meu trabalho não se executa a distância, senhor Ross — deposito a xícara na mesa de centro e o encaro — Se eu contratei segurança foi para que eu pudesse viver relativamente segura em todos os lugares.

— Ah, estamos chegando ao cerne da questão, senhora Duran. Exatamente por querer sua integridade física é que até a polícia descobrir quem são esses caras, você não sairá para essas festas a noite.

Porra! Ele não fala sério!

— Ok, posso falar com seu chefe? — peço com um sorriso falso para ele.

— Está falando com ele!

O quê?!

— Estou falando do Alexander — esclareço.

— Alexander não é meu chefe! — claro que é, eu imagino, mas ele continua: — Somos sócios, bebê, e ele não decide tudo na empresa. Ele acata minhas decisões também.

— Quero falar com ele assim mesmo e com meu irmão — digo categórica — Você não é o único segurança nessa firma, tenho certeza. Posso solicitar outro.

— Fique à vontade! — ele estende seu telefone, que eu agarro como se disso dependesse minha vida — Número um na discagem rápida.

Hum, por que diabos ele tem um homem em primeiro lugar na discagem rápida? Pensei que seria do prostíbulo mais próximo.

Cinco minutos depois, estou fumaçando de raiva dessa firma de homens trogloditas.

— Isso te deixa muito vulnerável, e esses caras não vão parar agora, Alicia — Alexander está dizendo depois que eu esbravejei ao telefone com ele. — Posso falar com Ross?

— Consiga um outro segurança para mim! Esse aqui é abusado. — digo.

Estendo o aparelho, e ele pega com um sorriso largo para mim. Ele parece muito satisfeito consigo mesmo.

— Ross... — diz e levanta, indo em direção à uma porta que sei que é onde fica seu escritório. Provavelmente para falar em particular. Idiota.

Volto para o quarto, pego meu próprio telefone e ligo para Matt. Não passaria o dia olhando para a cara debochada de Ross.

— Querida, estava quase ligando para você — Matt diz quando atende — Você está bem?

— Não estou bem, Matt. Você pode vir me buscar?

— como odeio depender dos outros para as coisas mínimas. Só sei que o troglodita do outro lado da sala está me tirando do sério, terrivelmente.

— O que houve?

— Nada de mais, só quero ficar com você o dia de hoje.

— Sim, irei cancelar uma reunião e já passo aí e fico com você — estou parecendo um bebê chorão hoje. Desligo e ligo para o escritório para avisar a Marcos de minha ausência. Ainda bem que não tenho nenhum evento por esses dias, ou estaria enlouquecendo aqui.

Quando desligo outra vez e levanto minha cabeça, dou com Bruno na porta do meu quarto.

Ele entra em linha reta para mim, e estou provavelmente de olhos arregalados quando ele me puxa com força para ele.

— Então, você quer outro segurança? Deixa eu te lembrar por que você gosta de mim, Viuvinha — ele me beija duro.

Asas de borboletas estão alvoroçadas na minha barriga quando abro minha boca para receber sua língua dura na minha. Gemo involuntariamente. Inferno, isso estava me deixando completamente excitada. Ele agarra meus braços e afasta-me bruscamente dele, fazendo-me cair em cima da cama. — Você veio para me deixar

louco, bebê.

Ele paira acima de mim. Fico parada, ofegante, na cama. Ele estava com raiva porque eu queria outro segurança? É isso?

— Pensando bem — ele tem os olhos azuis cintilantes. Imagino ser desejo que brilha neles. — Acho que você é louco.

Ele levanta e me puxa da cama, me jogando por cima do ombro, levando-me para fora do meu quarto.

— Ponha-me no chão, Bruno! — grito furiosa e esmurro suas costas.

— Vou foder você na minha cama, Viuvinha, para você não esquecer quem está te dando prazer.

10

Deni

— Qual o problema de vocês?! Querem todo o departamento de polícia atrás de nós? — O homem grita, furioso — Uma perseguição em via pública? Sério isso? Amadores filhos da puta!

— Mas temos uma informação importante — diz um dos homens em pé em frente à mesa do escritório.

— Eu espero que seja boa o bastante para vocês virem aqui no meu escritório — o homem continua — Porque estou perdendo minha paciência com vocês.

— Claro, senhor. Descobrimos quem é o segurança que anda com Alicia Duran — ele fala, ainda intimidado pelo olhar raivoso à sua frente. — Bruno Ross, ela está morando na casa dele.

— Bruno Ross?! Tem certeza? — agora as coisas estavam ficando melhores!

— Absoluta, senhor. Ele que estava no carro com ela

na noite passada e tinha outros seguranças dando reforço.

O sorriso do homem sentado à mesa era de satisfação.

— E vocês descobriram onde ele está morando, imagino. — fala mansamente.

— Sim, mas a segurança do local é impenetrável.

— Para vocês, não para mim. E um aviso para vocês, idiotas: não façam a merda que fizeram ontem. Já ouviram falar em fazer as coisas com sutileza? — disse — Não irei ser tão bonzinho da próxima vez.

Com isso, ele dispensa os dois homens e recosta em sua cadeira, definindo um plano.

Alicia

Bruno não ouve meus apelos para que me coloque no chão. Ele abre a porta da suíte e entramos em seu quarto. Eu nunca tinha estado aqui... Mas agora não tinha como parar e observar o local, estava muito ocupada com o que ele pretendia fazer.

— Qual o seu problema, Bruno? Solte-me — grito inutilmente. Dessa vez ele obedece, porém, caio em cima da cama larga. Tento fugir, mas ele segura minhas pernas, prendendo-me debaixo dele.

Quão ridículos nós somos? Pessoas lá fora tentando me matar e nós aqui agindo de modo infantil. Não sei o que ele quer provar para mim.

— Bebê, pare de pensar — é tudo que ele diz. Pouco depois somos apenas braços, pernas e sensações entrelaçadas.

Segurando em minha cintura, sua língua vai fundo dentro de mim, me levando para longe dos meus pensamentos coerentes enquanto eu empurrava contra sua boca. Eu não conseguia me controlar. Eu queria montá-lo. Eu queria mais dele. Onde foi parar a mulher controlada que eu sempre fui? Sexo com Evan nunca foi tão... bom.

No começo até era prazeroso, mas no fim já não sentia mais que uma obrigação, e nem isso mais serviu de alguma coisa. Por que não posso tê-lo só mais uma vez? Quando estou prestes a explodir com seus beijos, ele levanta, me deixando frustrada e ansiosa por sua boca. — Então você quer outro segurança, bebê?

Ficamos nos encarando no que parece uma eternidade, quando ele perde a luta e geme, segurando meu pescoço e beijando fortemente.

Estamos tão envolvidos um com o outro que não escutamos a campainha tocando insistentemente.

— Quem é o filho da puta que... — Bruno resmunga

frustrado quando levanta, abotoando as calças que ele nem chegou a tirar — Fique aqui, não se mexa, irei dispensar o idiota — era provável que fosse Matt, por isso, quando ele sai, eu recolho minhas roupas espalhadas pelo chão e vou para meu quarto. Saio de lá cinco minutos depois recomposta em parte, porque, vamos combinar, frustração é como uma dor constante que nunca vai embora.

Quando entro na sala vejo Carl, e junto com ele está meu irmão, que vem para mim dando um abraço de urso.

— Estava preocupado com você, querida. — ele diz quando beija meu cabelo. Meus olhos encontram os de Bruno, que estão furiosos. Tenho vontade de rir. Ele deve estar tão frustrado quanto eu. Bem feito! — Arrumou sua mala?

Matt me pergunta, tirando-me dos meus devaneios. Fazer as malas? Por quê? Antes que eu responda, Matt continua:

— Você não queria outro lugar para ficar? Então, ficará lá em casa, afinal, esses bandidos podem já saber onde você está e podem tentar outra vez...

— Matthew, tenho certeza que sua irmã ficando aqui nada irá lhe acontecer — fala Bruno, e sua voz não deixa dúvida que ele está com muita raiva — Agora, na sua

casa não tenho certeza, já que isso foi descartado desde a primeira vez que decidimos onde ela ficaria — ele olha firme para mim — Mas isso cabe a ela decidir, afinal, Alicia não é nenhum bebê que não saiba o que é melhor para ela.

Droga, estava cansada disso tudo. Quando abro minha boca a seguir, percebo que sou muito estúpida:

— Bem, acho que ficar aqui seja o melhor a fazer — Ai, Alicia, você está ficando louca! Vejo a cara de satisfação de Bruno e me arrependo imediatamente da minha decisão. — Mas ainda quero passar o dia com você, Matt, afinal cancelei meus compromissos para hoje. Vou pegar minha bolsa, já volto.

Bruno

— O que está havendo com você e Alicia? — essa pergunta era uma que eu não gostaria de responder para Matt. Assim que ela saiu da sala em busca dos seus pertences ele virou-se para mim, desconfiado.

— Nada que seja da sua conta, Matthew — digo — Onde vocês estão indo? Por que vocês insistem em fazerem as coisas sem combinar com a segurança?

— Vou levar Alicia para fora da cidade um pouco, ela precisa relaxar — ele diz. — Falei com Alex antes e ele providenciou uns seguranças para nos acompanhar.

Quando eu penso que as coisas podem melhorar, elas só pioram. Olho para Carl, que tinha se mantido calado até agora, e vejo por que ele estava aqui. Bem, eu não iria nessa aventura, tenho outras coisas além de ser a babá de Alicia. Se eles queriam brincar com a vida dela, não poderia fazer nada a respeito.

Deixo-os saírem e vou para meu escritório. Ligo para Alexander, ele tinha me dado esse caso e agora estava se metendo sem conversar comigo.

Não consigo relaxar no tempo que estou trabalhando, na maior parte da manhã, nos relatórios que faço para a empresa. Devo ter demorado mais que devia, quando percebo já passar da uma da tarde. Estou levantando da mesa quando escuto a campainha tocar.

— Quem inferno é agora? — verifico quem está lá fora e paraliso. Puta que pariu, como ele encontrou minha casa? — Olha, se não é meu amado irmão! — faço uma reverência zombeteira para ele e dou um passo ao lado, o deixando entrar.

— Quanto tempo, irmãozinho — Deni entra na minha sala parecendo um rei fodido olhando ao redor — Esperava mais de você ao virar as costas para sua família, irmão, mas... — ele aponta meu apartamento — Isso é tão... você.

— O que você quer aqui, Deni? Além de me insultar?

— Não posso visitar meu ingrato irmãozinho mais novo? — ele abre o botão do terno e senta no sofá, cruzando a perna, muito à vontade. Seus olhos azuis, tão parecidos com os meus, são frios e calculistas como sempre foram.

— Não, não pode. Se eu quisesse ver você, eu iria à sua casa, querido irmão, afinal sei onde você mora — digo, frio.

— Ao contrário de mim, que tenho de descobrir por acaso — ele levanta a sobancelha e verifica ao redor outra vez — Mora só?

— Como descobriu onde moro? E por que quer saber da minha vida? — rebato — Isso nunca te interessou antes.

Ele sorri

— Nosso pai queria saber onde anda seu filho mais novo — disse, como se isso justificasse sua presença aqui. Eu não confio nele, alguma coisa eles querem de mim.

Eu já tinha há muito tempo atrás renunciado aquelas pessoas que se diziam minha família. Eu não tenho nenhuma vontade de ter algo a ver com eles ou com o que eles fazem.

Olhando meu irmão no seu terno Armani, muito à vontade, como se nenhuma preocupação do mundo

pudesse tirar esse ar de frieza do seu rosto, lembranças que queria esquecer ressurgem na minha mente.

Quando eu completei dezoito anos, anunciei para meu pai meu desejo de ir para as forças especiais. Ele tinha sido categórico quanto a isso; não, ele não queria nenhum de seus dois filhos servindo para qualquer corporação que não fosse a da família Ross. Mas eu não tinha vontade de ingressar na sua empresa, eu deixava isso para Deni, que gostava de ser o espelho do nosso pai em tudo. Sempre tinha sido uma competição para quem chamava mais atenção do senhor Ross.

Minha mãe era neutra, não tomava partido para nenhum de nós, mas eu sabia que ela também não queria que eu fosse para as forças especiais. Porém, como sempre fiz aquilo que sempre quis da minha vida, me inscrevi e fui aceito em todos os exames. No dia que comuniquei que estava indo, meu pai deu o ultimato: se eu fosse, esquecesse que eles existiam e que a partir dali eu não seria mais seu filho. E que fizesse um favor a todos nós, que não aparecesse mais na sua porta.

Então, foi o que fiz; deixei para trás minha família, com seus valores deturpados e sua empresa de fachada. Eu não estaria perdendo muita coisa, no fim das contas. Fui embora naquele mesmo dia. Isso foi há dez anos, e agora meu irmão aparece aqui na minha porta? Eu tinha

levado um tempo para decidir que tipo de pessoas eram minha família, mas eu já sabia há muito tempo, só não queria admitir para mim mesmo.

— Aconteceu alguma coisa com a mamãe? — eu ainda sentia falta dela, apesar de tudo. Ele ri mais uma vez.

— Sua preocupação é comovente! Mas mamãe está mais saudável que você, Bruno.

— Então faça o favor de cair fora da minha casa, Deni, aqui não é lugar para sua "alteza real" — digo e caminho para porta, abrindo-a em um convite mudo. Ele não se mexe do lugar.

— Relaxa, irmão, não vim aqui brigar com você, só saber de você. Somos irmãos, lembra?

— Quem esqueceu esse pequeno detalhe foi você e seu querido pai. Agora, se me der licença, eu tenho trabalho a fazer.

— Falando em trabalho, em que está envolvido agora, já que as forças especiais chutou seu traseiro? — ele parece tão desinteressado que fico em alerta máximo. Aprendi que quanto menos demonstrava interesse por algo, mais ele queria saber a respeito.

Eu conhecia meu irmão bem demais para saber que tinha algo muito estranho com essa sua pergunta. Que ele não deixaria sua torre de marfim só para saber de

mim depois de tanto tempo para se dignar a saber se eu estava vivo ou não.

— Meu trabalho não é da sua conta...

— Descobri que você é sócio em uma empresa de segurança e estou pensando em contratá-los. Estou tentando com isso, unir nossa família outra vez — diz e levanta, andando até a janela.

O quê? Isso estava muito errado, eu precisava descobrir o motivo desse súbito interesse do meu irmão em mim. Será que meu pai tinha passado parte da fortuna para meu nome? Só algo relacionado ao dinheiro poderia deixar meu irmão louco e fazendo bobagens.

— Por que não vamos logo ao que interessa, Deni, eu não tenho o dia todo — digo e volto a sentar no sofá. Ele também volta a sentar. Estou ficando impaciente com seu joguinho maldito, nunca fomos chegados, nunca tivemos afinidades de irmãos, e isso não ia mudar agora.

— Estou ficando cansado da porra do seu jogo, Deni!

— Calma, meu irmão, além de ser a ovelha negra da família, os anos não fizeram nada com sua paciência e cabeça quente. — ele diz com um sorriso, mas continua, levantando a mão: — Tenho uma proposta para lhe fazer. — diz — Quero que assuma a segurança da nossa empresa e deixe de ser um Zé ninguém. Podemos fazer

isso em família.

Ele só pode estar de brincadeira!

Alicia

— Você esteve tão calada o dia todo, Alicia — Matt diz do outro lado da mesa onde jantamos, em seu restaurante favorito.

Estamos em uma sala privada, para minha segurança. Carl e mais dois seguranças estavam ao lado da porta parecendo serem do serviço secreto americano. Nós tínhamos voltado do haras onde Matt mantinha um cavalo para ele, quando queria passar um dia relaxante. E eu até me diverti, mas aquela sensação de insegurança tinha persistido o dia todo, fazendo com que eu ficasse, a maioria do tempo, pensativa. Me perguntava o que Bruno tinha feito o dia todo, já que ele não veio conosco. Pelo que ouvi de Matt, Alex preferiu acatar minha decisão e mudar de segurança. Bruno deve estar muito enraivecido comigo por isso.

— Não tenho nada, estou pensando no trabalho — digo e lhe dou um sorriso — Mas talvez eu tenha me acostumado a ser sozinha esses últimos tempos e não saiba mais do traquejo social. — digo para disfarçar sua curiosidade sobre mim.

— Tenho minhas próprias conclusões, irmãzinha —

ele beberica seu vinho, seus olhos são preocupados —
Notei certa tensão entre você e seu segurança, querida.

— Tensão é o que mais exala de nós quando estamos na mesma sala, Matt — estico minha mão para minha própria taça de vinho e bebo para retardar ainda mais essa conversa. Esse assunto estava fora da pauta hoje. Dou um sorriso tenso, e Matt só me observa com o cenho franzido.

— Mas você não tem de estar sozinha, eu sempre estarei aqui para você, não importa o que aconteça, Alicia.

A noite seguiu sem que ele insistisse mais no assunto, o que mais que agradei por sua perspicácia. Freddie Mercury canta ao fundo *How Can I Go One*, e fico penso onde tudo isso vai dar. Minha vida por um fio e um caso sem sentido eram mais do que eu posso lidar.

*Como posso continuar a partir de hoje?
Quem pode me fortalecer em todos os caminhos
Onde posso estar seguro?
A onde pertenço?
Nesse enorme mundo de tristeza
Como posso esquecer
Aqueles lindos sonhos que compartilhamos
Eles estão perdidos e não consigo achá-los*

Como posso continuar?

Eu tinha tantos sonhos, e isso perdeu-se no caminho, e agora os que ainda posso realizar estão sendo quase tirados das minhas mãos por uma pessoa louca que acha que de alguma forma os ameaço.

São onze da noite quando Matt me deixa de volta no apartamento de Bruno, e Carl me acompanha até a porta. Não tive notícia dele o dia todo e não sei o que vou encontrar quando entrar por essas portas.

O apartamento está vazio ou Bruno está dormindo, coisa que acho bem difícil, ele sempre dorme depois de mim. Carl tranca a porta, dá uma olhada em todo apartamento e confirma que ele não está. Onde diabos ele foi?

— Vou fazer uma ligação, Alicia, vou ficar aqui até Ross estar de volta. — Carl diz quando sai da sala me deixando lá, sem saber o que fazer. Merda!

Resolvo ir para meu quarto, mas no caminho escuto a voz de Carl no escritório de Bruno e paro.

— Onde diabos você está, Ross? — ele está dizendo. — Sério? Cara, você não tem noção de nada, mesmo.

Ele escuta por um momento.

— Sim, ela está bem e... — ele escuta. Depois diz, irritado: — Não sou você, Ross! Você andou bebendo?

Não fico lá para escutar sua conversa unilateral. Sigo para meu quarto. Esse dia foi longo demais.

Bruno

Fico olhando para Deni depois de sua proposta, e rio alto. Isso é hilário, sinceramente.

— Não sei qual a graça, irmãozinho — ele parece chateado com minha atitude.

— Você é engraçado. — falo e dou minha cara de jogador de pôquer para ele — Deni, qual é o motivo disso tudo? Porque convenhamos, você tem um motivo muito forte para estar aqui na minha casa.

— Você se tornou muito desconfiado, Bruno. Eu tenho interesse nos seus serviços de segurança, qual o mistério nisso?

— Bem, deixa eu esclarecer para você: não tenho nenhum interesse de trabalhar com você, deixei isso para trás há dez anos, Deni. Então, procure outra empresa. E essa conversa acabou.

Levanto e o convido a se retirar. Ele para à minha frente antes de sair:

— Pense na minha proposta, será vantajoso para nós, e isso fará bem para você, deixará de ser um reais segurança nessa empresa que você trabalha. — ele bate no meu ombro em um aperto — Vou esperar seu telefonema aceitando minha proposta. Pense nisso como um retorno ao lar, Bruno.

Idiota!

Não respondo, e ele suspira indo embora. Tenho certeza que essa não será a ultima vez que o verei.

Ligo para Carl, já que minha protegida fugiu de mim hoje. Fico sabendo que eles estão passando o dia fora da cidade. Talvez eu precise de uma folga também, depois de receber a visita surpresa de Deni. Eu preciso de uma boa dose de álcool no sangue para tirar toda a raiva acumulada ao longo de dez anos de nenhum interesse da minha família sobre mim. E agora, de repente, me vejo repleto de lembranças que mantive esquecida durante todo esse tempo longe deles.

Uma hora depois estou na sala de Alexander, chateado além da medida. Sou um cara que não me aborreço facilmente, mas me vi nesses últimos dias sendo levado ao meu limite com a interferência de Alex na minha vida. Como agora.

— Se acalma, porra! Sua imaturidade ainda pode nos causar problemas sérios, Ross — esbraveja Alexander

quando sua mão bate no tampo da mesa.

— Estou calmo. — digo — Alexander, eu não interfiro na sua vida! Então não se meta nos meus assuntos! — minha voz, ao contrário da dele, está calma.

— Não me importo com quem você tem seus casos, mas quando você se envolve com a irmã de um amigo e ainda ela sendo uma cliente da nossa empresa, isso me faz interferir, caralho! — ele devolve — Matt pediu-me para enviar outra pessoa quando sua irmã pediu por isso, e ele faz tudo por ela.

Merda! Alicia era a mulher que me levaria à morte, isso era certo!

— Foi um mal-entendido, e ela já reconsiderou isso — falo — Ela vai continuar comigo e assunto encerrado, goste você e Matt ou não. — levanto e caminho para fora de sua sala, deixando-o lá.

A mania de querer controlar tudo é chato demais para mim. Passo na minha sala, onde mal estou indo ultimamente, e fico o resto da tarde. Não tenho vontade de voltar meu apartamento vazio. Deni infectou minha casa com sua presença inconveniente.

Quando estou saindo para ir para casa, no fim da tarde, encontro alguns dos seguranças juntos na recepção saindo para um *happy hour*, e acabo indo junto

com eles. Afinal, não tenho nada para fazer até amanhã.

— Anda sumido, Ross — diz Salvatore do outro lado da mesa, no bar lotado que fica a poucos quarteirões do escritório. — A nova cliente está dando trabalho, como sempre dão? Ou essa tem consciência do perigo que corre? — ele enrosca os braços ao redor da loira do lado dele e me dá um sorriso debochado. Deve estar sabendo que estou sendo chutado no traseiro por Alicia com a ajuda do Alex.

— Nada que me preocupe, Benacci — dou um sorriso de tubarão para Helen, fazendo-o rosnar na minha direção. — Helen, minha linda, quando você cansar da cara velha e feia do seu marido, deixe-me saber, querida! — pisco para ela e bebo meu conhaque, peço outro e sou atendido imediatamente por uma coelhinha da playboy disfarçada de garçonete.

— Vejo que você não tem medo de ficar com sua cara bonitinha remendada. — Sal resmunga e levanta, puxando Helen para a pista de dança do outro lado do bar. Rio da sua exasperação. Eu não entendia por que ele era meio louco quando se referia a Helen. Ela era linda, mas mulher tinha de sobra por aí.

Perco a conta de quantos conhaques tomei, e estou sentindo que perdi a noção do tempo quando meu telefone toca mostrando que é Carl, o novo segurança de

Alicia. Dou um sorriso quando atendo:

— Carl, você cansou de ficar com minha garota?! — digo — Ou ela já cansou de você?

— Onde diabos você está, Ross? — ele diz — Porque você não está fazendo seu maldito trabalho aqui...

— Fique longe da Alicia, isso é um aviso, meu camarada! — nem sei o que falo, já que minha fala está enrolada. Os conhaques tinham feito mais efeito do que eu achava e estava interferindo no meu maldito julgamento das coisas — Ela não é... para seu...

— Sêrio, cara?!

Eu começo uma ladainha de ameaças sem sentido para Carl e depois lembro que não sei se Alicia está bem. Sou um jumento mesmo. Pergunto para ele onde ela está, e ele me dá uma resposta mal-humorada.

— Estou indo para casa... — resmungo para ele.

Droga, tinha bebido demais, isso era o efeito da minha família na minha vida despreocupada. Essa merda estava vindo com força para cima de mim.

Pego um táxi depois de me despedir dos caras. Entro e recosto no banco, de repente sentindo que sou um homem sem qualquer direção na porra da minha vida. Eu amava minha vida do jeito que ela estava, mas me vejo agora questionando toda sorte de merda que jogam para

cima de mim. O motorista deve estar gozando da minha cara quando liga o rádio e Bryan Adams começa sua voz mansa do caralho e canta *Have You Ever Really Loved A Woman?*

Claro que não, e nem pretendo. Isso é perda de tempo, elas estão todas lá fora querendo você, por que ter dor de cabeça com uma só? A imagem da Alicia aparece na minha mente e eu a corto fora. Essa era a pior de todas. Tão certinha! Já consegui dela aquilo que sempre quis em todas as mulheres, mas sou a porra de um masoquista, ainda não me cansei dela, e ainda vou tê-la até conseguir tirá-la do meu sistema.

*Quando você ama uma mulher
Diz a ela o quanto é desejada
Quando você ama uma mulher
Diz a ela que ela é única
Ela precisa de alguém para dizer-lhe que durará
pra sempre
Apenas me diga você realmente
De verdade, já amou uma mulher?*

Esse Bryan não sabe porra nenhuma de mulher, porque eu digo todas essas coisas piegas quando quero levar uma mulher para a cama e nem por isso estou com

elas hoje, e gosto disso do jeito que está.

No entanto, não consigo desligar meus pensamentos de Alicia e meu corpo também não, porque só de pensar nela eu fico duro.

Praguejo com Bryan Adams. Ele estava certo: para realmente amar e entender uma mulher, precisamos a conhecer por dentro, conhecer seus sonhos, ouvir seus pensamentos, e eu não fazia nada disso. Eu só queria entrar em sua calcinha e fodê-la até seus miolos estourarem, porém eu me via querendo conhecer os pensamentos e sonhos de Alicia, muito... eu estava começando a me preocupar com esses ...

Acho que o álcool não está me fazendo racionar direito.

Deni

Minha ida à casa do meu irmão tinha provado não ser de muita valia. Precisava de uma forma de chegar em Alicia Duran, essa mulher poderia estragar uma vida de negócios bem-sucedidos. A polícia poderia puxar a ponta dessa corda e ela desandar em cima de nossas cabeças. Minha, do meu pai e de nossos parceiros, e isso não era nada bom. E seria bem pior para a mulher de Evan Duran, filho da puta ganancioso.

Entro no meu escritório e peço para minha assistente descobrir tudo que diz respeito a Alicia Duran, até o tamanho do seu sutiã. Eu precisava chegar nela antes que essa porcaria de caso explodisse e perdêssemos o controle mais do que já tínhamos perdido.

— Mais alguma coisa, senhor Ross? — Betany pergunta, fazendo-me voltar à realidade.

— Sim, quero saber tudo sobre meu irmão Bruno — digo — Tudo que ele faz, aonde vai...

— Não sabia que o senhor tinha um irmão — olho para ela de cenho franzido.

— Você não tem de saber de nada, só faça o que pedi

— ela acena rapidamente, saindo da minha sala. Tenho que me reunir com meu pai mais tarde e isso, por si só, me deixava nervoso. O homem sabia como te fazer sentir um inútil.

São quase oito horas da noite quando resolvo ir para a casa do meu pai, mas, antes que eu saia, Betany entra na minha sala com um dossiê de Alicia Duran.

— São só informações superficiais, mas pedi que continuassem procurando — Betany me olha com expectativa.

Folheio rapidamente o documento, e nada de mais na vida da viúva de Duran, só sua empresa que anda mal das pernas. Havia no dossiê a relação de alguns clientes, reconheço alguns. Também as últimas festas que ela organizou e suas próximas estavam aqui.

— E nada do meu irmão? — pergunto.

— As atividades do seu irmão não são fáceis de conseguir, mas estou trabalhando nisso também, senhor.

— Ótimo, espero que até amanhã tenha algo.

Leio todo o documento no caminho da casa do meu pai, e um cliente em especial chama minha atenção. Bem, vamos colocar a operação em andamento.

Alicia

*Eu sinto falta desses olhos azuis
De como você me beijava de noite
Eu sinto falta de como a gente dormia
Como se não houvesse nascer do sol*

A letra de *I Never Told You* da Colbie vem em meus pensamentos, que não param. Minha mente hiperativa está inquieta desde cedo. Devo ter voltado ao meu momento de adolescente sonhadora, onde ficava com os pensamentos fixos em alguém. Eu preciso tomar de volta as rédeas da minha vida, que perdi quando Evan foi assassinado. Eu odeio esses sentimentos turbulentos e não sei o que fazer com eles.

Pelo jeito, meu guarda-costas não estava tão preocupado assim comigo. Saiu e está provavelmente bêbado e com um rabo de saia, como de praxe acontece quando um homem sai para um bar.

Levanto e pego meu robe. O visto e vou atrás de algo para beber. Mal me alimentei no jantar com Matt, adorava meu irmão, mas ele era enervante com sua curiosidade sobre eu e Bruno. Essa tensão no meu corpo é tão familiar que acho estranho que nessas duas semanas não tenho sentido nada anormal. Meu corpo parece que deu uma trégua para mim. Saio do quarto e encontro Carl na mesa da cozinha. Ele está bebendo algo

em uma caneca, e levanta quando me vê entrar.

— Precisando de algo, Alicia? — ele é tão calmo por fora que chega a ser curioso.

— Pode sentar, Carl, estou sem sono, só isso — eu começo a preparar um chá, e enquanto espero viro e encaro o homem à minha frente — Então, você descobriu onde anda o dono da casa? — digo, me referindo a Bruno.

A cara de poucos amigos de Carl se acentua.

— Parece que nosso amigo tirou folga hoje — ele segura a caneca entre as mãos enormes dele e olha para mim — Por que você quer outro segurança, Alicia? Não se sente segura aqui?

Não sei bem o que responder, e viro com a desculpa de terminar meu chá. Não quero falar com ninguém da minha vida particular, mas devo imaginar que todos sabem que Bruno dorme com suas clientes, e eu não fui diferente, não é mesmo?

— Não é isso, só não somos tão amigáveis um com o outro, nada de mais.

— Não precisa desconversar, Alicia. Todos nós conhecemos o Ross, ele sabe ser um tremendo babaca quando quer — Carl continua — Você tem direto de pedir outro para mantê-la segura.

— Está se candidatando para o cargo, O'Neil? — a

voz de Bruno reverbera pelo cômodo. Pelo seu tom azedo da sua voz, ele está chateado. Eu não me dou ao trabalho de olhar para ele.

— Ah, enfim a Cinderela voltou para casa — Carl debocha — E, pelo visto, não está pronto para assumir suas responsabilidades.

Pego meu chá pronto e caminho de volta para meu quarto, passando por Bruno na porta.

— Boa noite! — digo quando saio para ninguém em particular.

Tranco a porta do quarto e me sinto bem melhor depois que tomo meu chá.

No outro dia de manhã acordo com o sol alto no céu, já que as luzes derramam seus raios pelo quarto, e lembro que tenho de fazer Bruno me levar até meu escritório. Pouco depois, estamos saindo sem grande alarde. Eu e Bruno estamos silenciosos enquanto ele dirige atento pelas ruas.

Ele não comentou o dia de ontem, e eu muito menos, só acatou minha decisão de ir trabalhar sem questionar, e fiquei chocada quando ele aceitou tão facilmente, tinha levantado pronta para a briga.

Estou há pouco tempo na minha sala quando recebo um telefone da Danila Arantes, perguntando se posso comparecer ao seu escritório para uma reunião hoje. Eu

não esperava mais que ela ligasse, depois de ter dito que ligaria o mais rápido possível naquela reunião de semana passada. Estou com um sorriso no rosto quando ligo para Marcos para ele pedir que Bruno entre na minha sala, já que ele sempre ficava lá fora.

Instantes depois, ele irrompe na sala com um olhar estoico para mim. Eu nunca o chamei aqui, enquanto trabalhava.

— Preciso estar no escritório de Danila Arantes, hoje às três — informo tranquilamente. Ele só faz arquear a sobrancelha e assentir.

— Mais alguma coisa que queira informar? — diz sério. Que bicho o mordeu de repente? Será que o álcool comeu seu lado idiota? Tomara.

— Por enquanto só isso.

— Quando quiser sair é só informar. — ele sai, e fico lá olhando durante uns bons cinco minutos para a porta. Acho que estou começando a entender a coisa com ele.

Merda, bem que fui avisada.

Estou entretida com meu trabalho quando Erica, da recepção, aparece com um almoço para mim, coisa que não me lembro de ter pedido, e agradeço a ela por lembrar:

— Só estou cumprindo ordem, Alicia — ela ri, seu

rosto se tingindo de vermelho — Bruno que pediu seu almoço, só vim entregar. — diz quando deposita a bandeja na minha mesa e sai em seguida. — Bom apetite, e lembre-se que você tem uma reunião às três.

Como ela sabe disso, se nem a Marcos eu contei? Só deve ser mais um recado do meu guarda-costas, modo eficiente. Resolvo me alimentar, já que está aqui. Estou morrendo de curiosidade para saber o que fez Danila mudar e resolver aceitar minha proposta, quer dizer, acho que é para isso que ela marcou essa reunião.

Bruno deve ter chamado a cavalaria para nos acompanhar ao escritório, tem outro segurança com ele que nunca vi e um carro também nos segue. Estou ficando realmente encabulada com tanta gente para me manter segura. Acho tão desnecessário!

Danila me recebe com entusiasmo e um sorriso cordial, porém percebo uma certa tensão nela. Mas estou tão feliz que ela não me decepcionou e aceitou minha proposta. Ela não me fala por que resolveu me contratar. Quando questionei, ela fez uma cara estranha e mudou de assunto. Bem, não importa, isso era uma volta para as grandes empresas, já que muitos desistiram de me contratar por causa de Evan.

Quando aperto sua mão em despedida, fora da sua sala, Bruno, que se manteve em frente à sala mais uma

vez, vem ao meu encontro, tenso. Ele me guia com a mão na minha cintura em direção ao elevador, quando a boneca Barbie do outro dia aparece na nossa frente.

— Bruno Ross, sabia que encontraria você de novo, querido. — ele não sorri de volta para ela. Ela agora está fazendo cara de cachorro que caiu da mudança. — Você prometeu me ligar, e não fez!

Hein?!

— Estamos de saída, senhorita.

— Adoraria que voltasse à minha casa — ela sussurra para ele quando passamos.

Ele transou com ela? Mas as surpresas só estavam começando naquele dia. Paramos na frente dos elevadores, e quando ele abre, foi para revelar uma cópia do meu segurança dentro do elevador. Não bem uma cópia, mas muito parecido.

O homem dentro do elevador com certeza era parente de Bruno. Os olhos eram praticamente idênticos, só que esses eram frios, e um desconforto desliza por mim quando escuto Bruno praguejar baixo ao meu lado.

— Mas que porra ele faz aqui? — a voz de Bruno transmite sua raiva latente.

Alicia

O homem sai do elevador, parando à nossa frente, e volta-se para Bruno com um sorriso. Formigamentos tomam meu corpo, e sinto o desconforto de Bruno irradiando para mim, era como se estivéssemos ligados e sua inquietude fosse a minha própria.

— Bruno, que coincidência encontrá-lo aqui — o homem diz, logo após volta seu olhar para mim e estende sua mão — Deni Ross, o irmão. — sim, isso era notável.

— Prazer — digo, não dando mais que isso. Não sei a razão do porquê não queria ser cordial com ele. Acho que se devia ao fato de Bruno estar prestes a explodir ao meu lado de tensão.

Eu aperto sua mão e largo o mais rápido possível quando Bruno segura minha cintura e praticamente me arrasta para dentro do elevador e aperta o botão para fechar as portas. Que droga foi essa?

— Estou esperando sua ligação, Bruno! — Deni fala antes das portas fecharem. Olho para Bruno, vendo que ele tem os dentes trincados, sua mandíbula tensa. Eles

provavelmente não são tão chegados, pelo visto.

— Não falou com seu irmão? — digo, e ele me dá um olhar carrancudo. Esse assunto deve ser delicado, então. Ele está tão sério essa manhã.

Eu sustento seu olhar, e ele vem em minha direção, me fazendo andar para trás até minhas costas baterem na parede do elevador atrás de mim. Ele espalma suas mãos ao lado da minha cabeça, colando seu corpo ao meu. Sinto sua respiração antes de sua boca cair sobre a minha, seus lábios envolvendo os meus. Ergo minhas mãos para entrelaçá-las atrás do seu pescoço, enredando meus dedos por seus cabelos macios, e gemo contra ele. Eu provo sua língua e estremeço com luxúria. Escuto o barulho do elevador quando as portas se abrem, então Bruno se afasta.

Droga, o que estou pensando beijando meu segurança no local onde irei trabalhar em breve? Eu estava ofegante. Bruno consegue tirar minha compostura. Sinto-me aliviada por não encontrar ninguém lá esperando quando saímos do elevador, já que não havia pensado em uma desculpa coerente para dar do porquê estar ali agarrada com meu guarda-costas. Mas algo continua martelando no meu subconsciente, e antes que me pare me vejo perguntando:

— Quando foi que você transou com a Barbie

Malibu? — surpreendo a mim mesma por ir por esse caminho. Droga, nunca tive que fazer esse tipo de pergunta para homens, e agora estou vermelha de constrangimento por isso. Mas, afinal, faz dois dias que andava rolando na cama com esse homem, tinha o direito de perguntar.

— Vamos. Não podemos ficar o dia todo aqui, esperando seus amiguinhos tentarem acertar um tiro em você. — ele diz quando me leva para o carro que está nos esperando.

Ele está ignorando minha pergunta?

— Então, senhor Ross? — digo quando sento ao lado dele no carro — Você...

— Alicia, eu não tenho caso com duas mulheres ao mesmo tempo — ele me corta — Pode me acusar de várias coisas, mas isso não faço.

Realmente, difícil de acreditar nele.

— Sério? Não é o que seus colegas e amigos seguranças dizem de você — viro meu corpo para que eu possa olhá-lo — Pelo que ouvi, você não passa de um prostituto que não pode se segurar em suas calças.

Ele não responde, mas vejo seu queixo duro e suas mãos apertarem o volante quando ele sai com o carro no tráfego da tarde. Quero ir para o escritório e digo isso para ele, que só assente. Enquanto isso pego meu bloco

de notas e faço anotações das ideias que tenho para a decoração da festa de um dos meus próximos trabalhos.

Quando chegamos, mais tarde, vou direto para meu escritório sem hora de sair daqui hoje. Tenho receio de voltar para a casa de Bruno e continuar fazendo as asneiras que ando fazendo com ele, mesmo dizendo para mim mesma que não vou continuar com isso. Fazia muito tempo que não sentia essa frieza na barriga quando pensava em estar com um homem.

E sou ainda tão jovem, o que andei fazendo nesses últimos tempos? Casar jovem causava essa monotonia em todas as mulheres? Falta de interesse de estar fazendo sexo com seu marido, como tínhamos no começo do relacionamento? Por que para eu e Evan ter sexo nos últimos tempos era coisa muito rara. Mas agora eu queria estar na cama com meu guarda-costas todas as horas. Estou ficando devassa igual a ele! Maldito homem prostituto.

Bruno

Eu merecia ser chamado de nomes piores por ela, eu realmente era um cara sem nenhum pudor e pegava aquilo que me interessava, mas o que está me preocupando não é isso, é o motivo de Deni estar no

escritório e aquele encontro de mais cedo. Que porra ele quer?! Ele se apresentar para Alicia era ainda mais estranho, Deni não era um cara que era gentil por natureza.

Merda! Estou ficando paranoico quando o assunto é Alicia. Eu não tinha essa preocupação com outras clientes, eu as fodia, não ficava pensando se eu não seria capaz de mantê-las salvas ou não.

Nos dias seguintes, nada acontece com relação a novas tentativas de atacarem Alicia, mas em contrapartida, eu e ela estávamos numa trégua silenciosa. Não conversamos sobre aquele dia que encontrei Evy na recepção e ela abriu a boca para estragar meu dia. Odiava quando as mulheres não se tocavam quando o homem já tinha feito passar muita água sob a ponte e elas não interessavam mais. Eu e Alicia estávamos nos entendendo melhor do que eu esperava. Bem, estávamos fodendo mais do que eu imaginei. Eu sabia que seria por pouco tempo tudo isso, mas não quero que pare. Eu precisava de mais dela a cada dia que passava.

Naquele dia, quase duas semanas depois da visita de Deni, ele volta a me ligar no meu telefone de casa querendo uma resposta para sua proposta descabida e, claro, não aceito. Não sei como ele conseguiu aquele telefone, afinal não está na lista telefônica. Ele tem feito

isso durante aqueles dias, várias vezes.

— Por que você não se dá bem com seu irmão, Bruno? — Alicia está deitada ao meu lado na cama em um dos dias que bati o telefone, mais uma vez, na cara do meu irmão. Era onde mais ficávamos quando estávamos em casa, na minha cama, para ser exato.

Fico calado por um momento. Não quero falar disso com ninguém, eu não falava de minha família nem para meus melhores amigos, só quem sabia da minha família era o Alexander, mas ele não falava disso por aí.

— Tudo bem se não quiser falar, eu entendo — diz Alicia, e agradeço por ela não insistir, isso só me aborreceria e não quero estragar nossa trégua com conversa de travesseiro, isso não estava na relação que eu queria com ela. Bem, para ser claro, com mulher nenhuma, mas de alguma forma Alicia estava se infiltrando em mim de uma maneira que me assustava pra caralho.

Para fazê-la esquecer de Deni, eu a empurro de bruços na cama e começo a beijar e lamber todo o caminho da sua nuca e suas costas sexy pra caralho. Eu amava beijar a viuvinha e deixá-la tonta de desejo. Minhas mãos têm vontade própria e descem para sua bunda. Seguro apalpando os globos arredondados, e ela empina mais para mim.

— Bebê... — dou pequenas mordidas por toda extensão de suas costas, minha língua fazendo redemoinhos na base de sua coluna, e escuto seus gemidos abafados pelo colchão — Você está com fome? Vou levá-la para jantar...

— Hummm — ela resmunga quando levanta sua bunda sexy para mim. Ela emite sons essencialmente femininos de prazer.

— O que você disse? — pergunto quando mordo duramente seus glúteos e continuo descendo por suas coxas e panturrilhas. Espalho mordidas delicadas e lambo cada uma delas lentamente. Puxo seus quadris para cima, deliciando meus olhos com a visão do seu corpo. Ela está molhada e corada, suas dobras estão inchadas de nossa brincadeira de antes. Droga, eu estou morrendo aqui... — Vamos lá, vamos sair e jantar... — provoco.

— Bruno, não seja idiota... — bato minha mão em um tapa firme em sua bunda.

— Que boca suja, bebê — digo com um sorriso, mas ele murcha quando ela levanta e senta de frente para mim.

— Você bateu em mim? Não é suposto você me proteger, senhor segurança? — ela está carrancuda — E quero que me leve para...

Avanço e beijo sua boca atrevida antes que ela comece uma nova ladainha. Fecho os dedos ao redor de sua garganta, não uma ameaça, mas em um gesto de possessão que me abala. Eu estava querendo demais sua submissão, e ao mesmo tempo amava seu jeito durão que, no fundo, não passava de um mascaramento de sua fragilidade. E eu quero sua fragilidade também, além de seu corpo gostoso e doce pra caralho.

Meus dedos dobram e deslizam por seu pescoço, e a beijo mais profundamente.

Estamos no meu restaurante favorito, e descubro que Alicia ama comida tailandesa, assim como eu. O cheiro forte de tempero e iguarias está em todo o ambiente dentro do estabelecimento e me deixa salivando.

— Você me trouxe aqui de propósito, Bruno Ross? — diz Alicia enquanto esperávamos nossa comida — A comida tailandesa tem essa característica afrodisíaca, você sabe. — ela está vermelha. É tão bonito ver uma mulher que se diz resolvida corar quando fala de sexo. Só a alusão disso já deixa minha pequena megera enrubescida.

— É mesmo? Não sabia disso — digo com um

sorriso. Merda, estou sorrindo tanto com Alicia, outra coisa que não faço tanto genuinamente com outra mulher. Geralmente quando dou um sorriso é com quartas e quintas intenções.

Ela tem relaxado mais nesses últimos dias, a Alicia tensa e retraída estava mais descontraída. Ela devia se divertir mais em vez de só pensar em trabalho. Fico me questionando às vezes por que uma mulher jovem como ela é tão séria e não tem muitos amigos. Durante esse tempo todo que ela está comigo, ela não pediu para sair e encontrar com outras pessoas. Só trabalho e trabalho e, lógico, Matt. Mas seu irmão não contava.

— Posso perguntar algo? — digo. Ela me olha, desconfiada.

— Acho que sim.

— Como era seu casamento, Alicia? — ela fecha seu semblante e seus lábios franzem quando encara a mesa à sua frente. Aquele olhar era de uma mulher que não tinha mais confiança nos relacionamentos, e devo imaginar o porquê de ela tê-lo em seu belo rosto agora.

— Acho que esse assunto não é da sua conta, Ross. Não temos esse tipo de relacionamento — ela olha ao redor — Por que está demorando tanto nosso jantar?

Então temos mais coisa em comum do que imaginávamos. Ela não gosta de falar de sua vida tanto

quanto eu não gosto de falar de minha família querida.

Deni

Observo meu irmão e Alicia Duran no restaurante onde os segui, e fico surpreendido quando vejo a troca entre eles. Eles têm um relacionamento amoroso? Pensei que ele só fosse seu guarda-costas. Estou tão enraivecido com ele. Fiz aquela idiota da Danila contratar Alicia para ter a chance de me aproximar dela, mas meu maldito irmão estragou minha oportunidade quando não me deixou aproximar nem dez segundos da mulher. Trabalho em vão que fiz, e ele se mete mais uma vez no meu caminho.

Sempre foi assim, seu jeito certinho de ser, sempre o menininho politicamente correto! Foda-se isso. Agora ele não pode ser a barreira entre eu e Alicia Duran. Eu tinha de ter acesso a ela, já que os caras que contratamos só traziam mais estardalhaços para o caso. Espero enquanto eles estão imerso em uma conversa íntima e me aproximo.

Alicia

— Você é um provocador, Ross — digo olhando

para o homem à minha frente. Ele tem um olhar que diz o quanto era um conquistador, um homem acostumando à rendição de todas as mulheres, e parecia que eu não era exceção à regra. Mas o que eu via era mais que isso, às vezes.

Agora ele tinha um sorriso provocante nos lábios, ombros relaxados, apesar de estarmos em um lugar público, de uma forma que me dizia que ele estava apreciando nossa noite juntos, tanto quanto eu. Apesar da nuvem negra de quando estávamos esperando o jantar, quando ele perguntou do meu casamento, agora ele tinha só flertado a noite inteira comigo e, bem... eu estava me divertindo sem nenhuma cobrança.

Eu tinha me permitido isso esses dias, sem cobrança, sem culpa ou remorso, só prazer pelo prazer. Éramos adultos com tesão, afinal. Não me importo se serei julgada por meus atos que só dizem respeito a mim mesma. Eu adorava ser alvo daqueles lindos olhos azuis, o calor líquido que fazia meu núcleo apertar cada vez que eu era alvo de sua intensidade.

Estamos envolvidos um no outro, e não percebemos que tínhamos companhia até ele falar, ao menos eu não percebi até agora:

— Ora se não são vocês outra vez! — diz uma voz masculina, que lembro bem, ao lado de nossa mesa,

fazendo com que olhássemos para ele. — Alicia, enfim nos encontramos de novo. Da outra vez não tivemos chance de falarmos, meu educado irmão não permitiu isso.

O irmão de Bruno está ao lado da nossa mesa, e a mudança nele é incrivelmente rápida quando cumprimenta Deni friamente.

— Mais uma coincidência, Deni? Isso já está ridículo até para você — Bruno chama o garçom com um sinal para pagar o jantar, enquanto fala. Deni senta-se à mesa sem ser convidado e me olha com um sorriso.

— Desculpe a grosseria do meu irmão — ele está dizendo. Eu não estou entendendo nada disso. A única coisa clara para mim é que eles são estranhos demais um com o outro. — Estava jantando aqui quando vi vocês e vim cumprimentar.

— Deni, Alicia não está interessada nessa sua conversa mentirosa — Bruno fala — Sabemos muito bem que você está me espionando. Muitos encontros por acaso, não acha?

— Estamos aborrecendo você com essa conversa, não é mesmo? — Deni ri para mim, piscando um dos seus olhos azuis tão parecidos com os de seu irmão — Ele está sempre se aborrecendo com minha presença, e eu só quero ter meu irmão de volta. Acha que estou

sendo inconveniente, Alicia?

— Bem... — começo, sem saber o que dizer. Não conheço a história dos dois.

— Vamos, Alicia — Bruno levanta e estende a mão para mim. Os dois seguram as mãos que tinham nos acompanhados estão em outra mesa e refletem nossas ações se levantando também.

Eu dou um sorriso sem graça com um aceno para Deni, que está com um olhar duro para Bruno, e quando percebe meu olhar ele muda para um sorriso pesaroso.

— Até mais, Alicia, prazer ter conhecido uma namorada do meu irmãozinho — diz. Quero negar que sou namorada do Bruno, mas sou literalmente arrastada por ele pelo restaurante. Argh, ele sempre faz isso quando Deni está perto.

— Seu irmão te chateia tanto assim? — digo quando sento com ele no carro e ele arranca feito um louco pelas ruas.

— Quero que fique longe dele — ele avisa com voz dura — Ele é um maldito lobo na pele de cordeiro. Cordeiro só quando quer ganhar algo com sua fala mansa.

Fico calada, porque sinceramente não irei ver Deni outra vez e nem tenho vontade de ter amizade com ele.

A preocupação de Bruno não tem sentido. Não

procuro ligação com sua família.

— Não tenho interesse por sua família, Bruno — digo eventualmente — Portanto não tem com que se aborrecer com isso.

— Não se trata disso, Alicia — ele diz e olha rapidamente para mim — Só não quero você junto dele!

— Ok, não é como se pudesse sair sem ter você ou outra sombra por perto, não é? — digo. Nunca saio só, de qualquer maneira.

Dou um sorriso, e a tensão que eu nem tinha notado saiu dos meus ombros. Mas ele também relaxa a cada metro que colocamos a mais de distância entre ele e seu irmão. Isso estava me deixando tão curiosa. Ele liga o som, e a música nos envolve dentro do carro. Ele estava voltando a ser o Bruno charmoso do começo da noite.

— Quer esticar a noite, bebê? Hoje eu quero que você se divirta. — dá um sorriso para mim — Aonde quer ir?

Aonde quero ir? Eu não sei o quer é isso, faz um longo tempo. Sair só por sair e passar uma noite agradável só me divertindo?

— Não sei... — dou de ombro e, de repente, sinto-me culpada por estar aqui me lamentando da minha vidinha, enquanto tem coisas maiores que minha falta de diversão acontecendo. Evan morto e uma pessoa ou

pessoas querendo me ver morta também. Era muito, e de súbito sinto vontade de chorar, mas seguro minhas emoções, não quero essa fraqueza.

Recosto no bando com um suspiro e escuto a voz de Chris Martin, cantando *Clocks coldplay*, invadir meus sentidos

— Acho que prefiro ir para casa. — digo por fim.

Alicia

Eu tive uma surpresa na semana seguinte: fui chamada pelo departamento de polícia para comparecer lá. E fomos informados pelo detetive responsável pela investigação da morte de Evan que o caso seria encerrado.

Fico totalmente confusa, já que nada foi esclarecido até então. O que aconteceu para que a polícia encerrasse o caso? Eles nada disseram do que foi descoberto até agora, e acho muito estranho parar assim, de uma hora para outra. Tinha sido atacada semanas atrás, e nada foi feito sobre isso? Estou começando a ficar cada dia mais desconfiada disso tudo. Algumas vezes cheguei a cogitar se Evan realmente estava morto. Mas depois lembro que o vi em um caixão, isso era bizarro.

Bruno e Matt tinham ido comigo, mas estavam agora com o detetive numa conversa particular fazia uns bons vinte minutos. Estou aguardando-os na sala contígua, e parece que irei ficar aqui por muito tempo.

Meia hora depois, quando eles saíram visivelmente

irritados, percebo que não conseguiram arrancar nada da polícia.

— Temos uma reunião na empresa com Alex — informa meu irmão ao chegar ao meu lado — Essa decisão da polícia vai nos causar problemas.

— O que você quer dizer? — pergunto, no entanto, posso imaginar que isso pode ser minha sentença de morte declarada.

— Seu irmão quer dizer que a polícia pode estar assinando sua sentença de morte — Bruno diz, como se lesse meus pensamentos, sem nenhum preâmbulo vai direto ao ponto. Gosto disso, ao menos não fico só imaginando as coisas. — Temos de ir — Ele segura meu braço quando me guia para fora.

Mantenho-me calada em todo o caminho para a empresa de Alex. Cuidadosamente coloco minha vida em perspectiva, e acho que estou indo de mal a pior a cada dia. Se a polícia não está mais preocupada se me mantenho viva ou não, o que devo fazer daqui em diante? Me esconder mais do que tenho feito? Medo afunda suas garras profundamente nas minhas entranhas. Cada dia surge alguma novidade nada boa, enquanto fico presa ao meu segurança, com medo da minha própria sombra. Porque, para ser sincera, estou vivendo numa gaiola desde que fiquei viúva.

Encontro o olhar azul de Bruno pelo espelho retrovisor, sinto um anseio profundo que me chama para ele. Queria seu toque agora, e minha garganta fecha em dor com a súbita vontade de chorar. Por que isso me causa mais medo do que a possibilidade de ser assassinada por esses criminosos que andam atrás de mim?

Não sabia aonde estava indo meu caso, que era para ser de uma noite e já dura semanas. Mas também tenho visto o afastamento lento de Bruno, é como se ele estivesse aos poucos parando essa coisa entre nós. Os pensamentos dele são obscuros para mim. Mas tenho de concordar com ele, isso está indo longe demais e tem que terminar. Amanhã tenho uma consulta com meu médico, minha consulta trimestral, e sei que com certeza não quero complicar mais minha vida trazendo permanentemente um homem para ela e levar a mesma situação que eu tinha com Evan. Não quero isso mais.

Bruno

— Precisamos de um plano de ação e uma investigação paralela — digo para Alexander, na reunião que estamos tendo desde que chegamos do departamento de polícia há mais de duas horas. Temos

andado em círculos e nada ainda foi resolvido, ao menos para mim. Matt tem se mantido calado a maior parte do tempo, noto que sua preocupação com Alicia é grande e, como ele deixou claro, quer que continuemos a proteger sua irmã — Essa decisão de encerrar um caso que mal começou? Tem algo de errado e vamos ter de descobrir.

— Isso só está se arrastando, Bruno, e eu preciso de você em outro lugar — Alex diz.

— O quê? — minha fúria ainda estava sob controle, mas ameaçava escapar a qualquer momento. E neste instante estava direcionada para Alex — De que porra você está falando, Marshall?

— Alicia pode ficar com outro segurança, porque preciso de você para uma missão especial — ele continua calmamente, como se eu não estivesse a ponto de estourar seus miolos bem aqui. — Podemos conversar em particular?

Ele levanta e sai da sala de reunião, e não tenho alternativa a não ser o seguir para a sala dele.

— Esclareça por que você começou a me tratar como a porra de um empregado seu, Alex? — berro quando entro batendo a porta.

— Você precisa estar em outro lugar, não tenho outra pessoa melhor que você, Ross — ele senta na ponta da mesa, cruzando os braços — Estou precisando dos

melhores caras dessa empresa para um resgate, eu preciso daquela equipe que formávamos, e sei que você gostaria de voltar aos velhos tempos — ele para, me encarando — Não é você que adora adrenalina? Bem, estou contando com você.

— Como é que você resolve fazer algo desse tipo agora? — replico — Se não percebeu, estamos com a segurança de Alicia por nossa conta!

— Sempre soubemos que esse departamento de homicídios nunca fez nada para desvendar a morte do marido de Alicia, então qual a novidade?

— Não quero deixá-la agora. Não tão vulnerável.

— Desde quando isso te impediu antes? Desde quando se importou tanto quando você precisava mudar de lugar?

— E desde quando você é esse cara sem coração? — pergunto e levanto para sair, porque essa porra de reunião terminou. Alex ri e, pelo tom, ele está debochando da minha raiva.

— Bruno Ross, você está apaixonado? — ele está rindo de verdade agora — Isso é algo estranho de se ver, mas, no entanto, espetacular de apreciar. Quem diria que viríamos isso um dia?

— Não estou apaixonado, Marshall, só não gosto de ser informado das coisas dessa maneira e, além disso,

quem ficará com Alicia agora? Se não notou, a polícia não está mais se importando com esse caso.

— Alicia pode ficar com qualquer outro segurança, tenho certeza que ela prefere. Pelo que ouvi de Matt, vocês dois não são exatamente bons amigos. — diz.

Sim, realmente não somos amigos, temos sido uma mistura de coisas, mas amigos? Não sei se aplica a nós esse título. Começo a pensar que esse trabalho pode vir a ser uma desculpa, a oportunidade que surgiu de terminar nosso caso antes que se complique mais, antes que eu a machuque. Mas não estou me sentindo tão entusiasmado com essa perspectiva de terminar.

— Ela vai ficar bem, Ross — Alex está dizendo. Eu não estava seguro disso, algo errado estava acontecendo.

— Como diabos a polícia deixa um caso assim de repente? Sem comunicar previamente a uma pessoa que pode se ferir com tudo isso? — digo — Não posso aceitar ir nesse outro trabalho, não quero ser o responsável se algo acontecer a Alicia.

— O que está havendo com você, Bruno? Desde quando você hesitou em ir numa missão?

Nunca! Mas também nunca deixei uma mulher me dominar a esse ponto. Bom, e isso não estava acontecendo agora.

— Está bem, estou dentro, mas quero o melhor cara

aqui com Alicia enquanto estiver fora — Não era porque estávamos dormindo juntos... Afinal, quando eu saísse para esse novo trabalho nosso caso terminaria também.

— A mantereí segura...

— Como anda a investigação?

— Marquei uma reunião para hoje à noite com ele, por que não vem? — diz — Mas, pelos relatórios, Evan estava trapaceando com gente que não devia. Pelo que Liam tem me informado — Liam era o investigador particular que nossa empresa usava de vez em quando, quando queríamos uma investigação paralela de algum cliente nosso. — Evan Duran estava desviando dinheiro, muito dinheiro, fazendo aplicações em empresas que não existiam, que foram criadas para esse fim, na realidade, e depois dizia que perdeu todo o investimento, como se fosse um capital de risco. Só que ele investia muito dinheiro. Muito estranho essas pessoas confiarem tanto. Talvez esses caras nem queiram dar um fim na Alicia, talvez pensem que ela saiba onde está o dinheiro desviado. Essa é a linha de pensamento de Liam, e estou começando a acreditar nisso também. Porque, vamos ser sinceros, se eles a quisessem morta, um atirador já teria feito isso. É só ir nessas festas que ela organiza que não são seguras, onde qualquer um seria suspeito. Precisamos focar e descobrir onde Evan escondeu tanto

dinheiro.

— Será mesmo que ele ficou com isso? Pelo que soube, ele não deixou nada em suas contas bancárias e, pelo visto, Alicia também não sabe — digo.

— Por acaso vocês já conversaram sobre isso? Já teve algum tipo de conversa real com ela, além de estar dormindo com ela?

— Foda-se, Alexander! Você por acaso é algum santo? Pelo que lembro outro dia, você estava dormindo com uma cliente também. — sorrio quando vejo a carranca habitual surgir quando Lana é citada em uma conversa.

— Era diferente!

— Realmente?

— Claro que sim, afinal estamos juntos agora. Enquanto você, sei que muito em breve estará com outra diversão.

— Reunião encerrada. — Levanto. Essa droga de conversa acabou. — Preciso falar com Matt.

— A verdade é tão chata, não é, Ross? — Idiota apaixonado.

Quando informamos para o irmão de Alicia nossos planos um pouco mais tarde, ele não ficou muito satisfeito, mas acatou que sua irmã ficasse com ele. Mas nós sabíamos que Alicia não ia aceitar isso, ela nunca

quis ficar debaixo da asa de seu irmão antes, imagina agora.

— O que está acontecendo? — Alicia vira para mim quando dou partida no carro — O que vocês resolveram? Vão deixar de fazer minha segurança também?

— Claro que não, Alicia — digo — Entretanto, temos de conversar.

— Sobre o quê?

— Aonde você quer ir? Casa ou escritório? — pergunto e ignoro sua curiosidade.

— Escritório. — diz, calma.

Eu sabia que essa calmaria não ia durar quando informasse para ela que estava partindo. Nunca fui o cara de compartilhar minha vida, essa necessidade de ter outra pessoa. Eu não lidava bem com essa coisa emocional forçada que tanto fascina as mulheres. Estava na hora de cortar os laços.

Alicia

— O que precisamos conversar, Bruno? — vou

direto ao assunto quando chegamos ao meu escritório. Ele tinha se mantido muito calado no caminho para cá, e não tinha insistido em fazê-lo falar alguma coisa.

— Eu estou saindo para outro trabalho e você ficará no seu apartamento, que já está pronto faz algum tempo — ele diz com uma naturalidade que me choca, mas ele continua: — Ou você pode ficar com seu irmão, o que eu aconselho a fazer.

Percebo que estou parada olhando para Bruno, em choque. O que malditamente está acontecendo? Primeiro a polícia, agora estou sendo deixada desprotegida pelos seguranças que meu irmão fez questão de tanto trazer para minha vida? Eu pensei que agora, mais do que nunca, teria reforço na segurança, e é exatamente o contrário?

— Ficar com Matt é o mais seguro para você... — levanto minha mão, parando-o.

— Não se preocupe, Bruno. Isso, pelo visto, não é mais problema seu — Bem, se ele não se importa de me deixar, por que eu lhe daria o prazer de saber que estava me magoando com essa atitude de assumir outro trabalho sem se importar comigo? Deve ter cansado de mim e encontrou outra cliente disposta. Não precisava ter a mente de Einstein para saber disso — Vou voltar para minha casa, coisa que já deveria ter feito.

— Não seja imprudente, Alicia. — ele começa.

— Imprudente? Eu? Não sou eu que estou pedindo para ficar sozinha nessa, depois que a polícia anunciou que vai fechar o caso — estou praticamente gritando com ele — Meu irmão concordou com isso? Quando ele foi o único que moveu céu e terra para que a sua empresa me mantivesse segura?

— Outro segurança ficará com você, e Matt não tem nenhuma objeção com isso.

Ainda bem que não estava apaixonada por esse homem, porque do jeito que ele estava dispensando seus serviços comigo, seria da mesma forma se houvesse algum tipo de relacionamento sério entre nós. Mesmo sabendo disso, eu sinto meu peito apertar pelo fato de que sou dispensável para ele. Droga! Eu não posso acreditar que o deixei entrar, mesmo que um pouco, na minha vida, que já estava uma bagunça e agora caminhava para piorar.

Uma batida na porta me tira dessa linha de pensamento nada lisonjeiro.

— Entre! — Eu preciso sentar, toda essa novidade está me deixando fraca. Marcos coloca a cabeça no vão da porta, e faço sinal para que ele entre. — Algum problema, Marcos?

— Na verdade, você perdeu uma reunião com um

fornecedor para a festa da Danila Arantes — ele diz.

— Por que não me ligou? — pego minha agenda e, sim, está lá. Que droga! Tudo estava fora de lugar hoje. Bem, mas eu começaria a mudar isso agora:

— Obrigada, Marcus, quando acontecer isso outra vez, por favor avise, sim? — dispensando-o, volto minha atenção para Bruno.

— Eu preciso trabalhar, senhor Ross. Como viu, o dia de hoje não foi nada bom — aponto a porta para ele também — Pode fechar a porta quando sair. Está dispensado também.

— Não tão rápido, Viuvinha — ele diz — Ainda temos que conversar.

— Sobre o quê? Não temos nada para conversar, Bruno.

— Temos sim, sobre Evan... — ele deixa a sentença no ar. O que ele quer saber sobre meu ex-marido?

— O quanto você sabe sobre o trabalho do seu ex-marido?

Para ser honesta, pouco sabia do trabalho dele, Evan nunca foi de ficar discorrendo sobre o assunto. Como quase tudo em nosso casamento, isso era errado e confuso. Ele mantinha coisas escondidas de mim, isso era fato. Sempre dizia que o mercado financeiro era entediante, como se eu fosse alguma dondoca estúpida,

como se eu passasse o dia todo fazendo a unha e pintando meu cabelo.

Idiota! Isso e toda a frustração que já tínhamos de sobra foram as razões do nosso casamento ir ruim das pernas, além da minha incapacidade de dar o que ele queria. Não sei se teríamos durado mais tempo casados se ele não estivesse morto, agora.

— Sei tanto sobre isso quanto você, ou seja, nada — digo para Bruno que espera minha resposta.

— Sabia que ele desviava dinheiro dos "clientes" dele durante o tempo que foram casados?

— O quê? Está insinuando que eu sabia de suas falcatruas? É isso? — Tinha sido casada por anos com Evan, mas nunca tinha sequer suspeitado de nada. Para mim, ele era um simples correntista, porém isso parecia longe do que ele realmente fazia.

— Claro que não, Alicia — ele me olha atentamente — Mas há algo de suspeito sobre esses caras ainda não terem enfiado uma bala em você, talvez eles a queiram viva.

— Já que você não está mais trabalhando nisso, não vejo razão para falar com você. — Eu nada sei sobre Evan, mas estou com raiva do prostituto Ross e quero deixá-lo saber disso.

— Alicia...

— Não foi você mesmo que disse mais cedo que a polícia estava me sentenciando? Aí você achou legal e resolveu fazer a mesma coisa?! — grito, furiosa.

— Não estamos abandonando você, só mudando algumas coisas — ele chega perto de mim, estendendo a mão para meu cabelo — Já estava na hora de nós terminarmos, e agora que Alex me colocou em outra missão, foi o melhor. Foi legal enquanto durou.

Ele não disse isso! Cafajeste idiota!

— Sim — minha voz saiu fria e dou um passo para trás, pondo distância entre nós. *Estou no controle aqui, Ross não tinha o poder de me machucar, não havia nada para machucar.* Repito para mim uma e outra vez, meus pensamentos são uma tormenta — Você foi uma bela distração para tentar esquecer que me querem provavelmente morta. Nada mais que isso.

Observo quando seus músculos enrijecem sob o terno bem cortado, sua mandíbula se aperta e seus olhos azuis ficam glaciais quando encontram os meus.

Alicia

Observo quando seus músculos enrijecem sob o terno bem cortado, sua mandíbula está apertada e seus olhos azuis ficam glaciais quando encontram os meus.

— Você tem razão, Alicia, eu gosto de ser sempre a distração de mulheres lindas — ele caminha para a porta — E elas sempre querem mais distração. Elas gostam e sempre voltam para uma segunda rodada; eu que as dispenso.

Ouvi-lo dizer isso foi como um tapa bem dado em meu rosto. Canalha maldito! Tinha uma boa ideia de quem era Bruno, mas ele estava se superando ou eu estou muito sensível com tudo isso.

Tenho medo que aconteça algo comigo. Ele podia ter seus defeitos, mas fazia o máximo para não me deixar desprotegida quando saíamos. E agora parece não dar a mínima.

Nossos olhos trancam-se um no outro, e nenhum de nós parece disposto a quebrar esse clima tenso. Quando penso que acordei ao lado desse homem frio hoje pela

manhã, sinto vontade de me estapear por ter dado motivo para ele ter o poder de me ferir mais do que já estou.

— Talvez sejam mulheres vazias, Ross. E essa conversa acabou — digo e volto a sentar atrás da minha mesa de trabalho. Se ele queria ir, que fosse — Não esqueça de fechar a porta — sim, fecharia no sentido figurado e literal, Bruno Ross não teria outra chance comigo, o babaca pretensioso. Ele hesita por um momento, porém sai sem dizer mais nada, o que agradeço. Tenho vontade de jogar algo pesado na cabeça dele.

Respiro profundamente. Não vou ficar remoendo isso, não vou! Até meu trabalho estou negligenciando por causa dessa confusão. Pego meu telefone e ligo para meu fornecedor para tentar uma nova reunião.

Cerca de duas horas se passam quando, outra vez, batem na minha porta. Eu havia ficado imersa no trabalho e nem vi a hora passar. Tiro meus olhos da tela do computador e olho para a porta, onde Érica está.

— Sim?

— Tem uma pessoa aqui para falar com você, Alicia — ela dá passagem para Cindy, que adentra minha sala com seu jeito espontâneo. Oh, cara, eu não tinha tido nenhuma notícia sobre ela desde a noite que saí do meu

apartamento antigo. Nossa, nem agradei a gentileza dela em me ajudar naquela noite.

— Cindy, que surpresa! — vou até ela dando um abraço antes de fazê-la sentar no sofá que mantenho em um canto.

— Você não apareceu mais lá e, desde então, não pude falar com você — ela sorri olhando ao redor — E acabei descobrindo onde ficava sua empresa. Vi seu irmão no seu apartamento e perguntei por você.

— Fico feliz que tenha vindo, querida — digo. Por que Matt foi ao apartamento e não me contou nada? Cindy me avalia como se procurasse alguma coisa fora de lugar em mim.

— Como você tem passado? — ela começa, e digo um resumo do que tenho feito ultimamente, mas deixo de lado que sou caçada por algum louco com uma pistola na mão. — Você não voltou mais à sua casa.

— Eu agradeço de coração por você me receber naquela noite em sua casa — digo. Eu estava mesmo agradecida, tinha sido muito apavorante chegar em casa e ser recebida por meu marido assassinado na minha sala de estar.

— Imagina, Alicia. Fiquei feliz em ajudar, apesar de que seu irmão não demorou em resgatar você — ela dá um sorriso gentil e afaga minha mão. — Por que você

tem um segurança bravo de plantão fora da sua sala?

O quê?

— Bravo? — O que o idiota fez agora?

— Fui revistada e tudo para entrar aqui, mas eu gostaria de ser revistada várias vezes por ele, diga-se de passagem. — Ela dá um sorriso malicioso. Ah, sim, o enganoso efeito Ross.

— Não se iluda, querida, aquilo tem mais veneno que uma naja — Soei agora como uma mulher despeitada. Estou sendo ridícula, mas ele merecia levar um soco no meio da cara por ser um babaca. — Não vale a pena. — digo por fim.

— Ah, sim, percebo — Ela me dá um olhar de soslaio. Será que ela percebeu que dormi com meu segurança? Era suposto que ninguém soubesse disso. Ah, Alicia, que imaginação! Como ela saberia? Deve ser minha consciência doendo. — Devíamos sair qualquer dia desses, Alicia, pelo visto você não tem se divertido todo esse tempo.

Claro que me diverti, mas não da maneira que ela chama diversão. Argh! Agora vou ficar sonhando acordada com o prostituto?

— Claro que podemos sair — digo para logo em seguida me arrepender. Não posso levar Cindy para o perigo que hoje é minha vida, posso pôr sua vida em

risco, ainda mais agora que nem segurança tenho mais.

Ficamos de ligar uma para a outra, e pouco depois ela se despede e eu a acompanho para fora.

Bruno

Saio da sala de Alicia com vontade de torcer aquele lindo pescoço dela. Ela me atingiu e nem percebeu, mas ela tem razão; sou um merda mesmo.

Não queria terminar assim com ela, sempre sou charmoso quando se trata de cair fora de uma relação, sempre falo mentiras, e hoje fui brutalmente honesto e, francamente, não gostei de ter agido assim, ela está magoada. Isso é uma droga.

— Eu não preciso dessa baboseira romântica e emocional — resmungo.

Encosto-me na parede em frente à sua porta e olho para o nada. Não sei quanto tempo estou assim, quando a recepcionista para na minha frente batendo seus cílios para mim.

— Senhor Ross, a senhora Duran tem uma visita. — diz fazendo-me focar na outra mulher ao lado dela. Quem era essa? Precisava checá-la antes que fosse falar com Alicia.

— Qual seu nome e quem é você? — falo brusco e sem um mínimo de delicadeza. A moça começa a falar

que era vizinha de Alicia e que se chamava Cindy, que Matt disse que encontraria Alicia aqui. Depois de verificar que ela falava a verdade, deixo Érica conduzi-la à sala de Alicia.

Preciso descobrir qual cara irá ficar com ela em meu lugar, eu não confio em nenhum desses idiotas com ela. Mas não posso fazer nada para mudar o que já foi feito. Ligo para Alexander.

— Ross...

— Quero saber quem ficará com Alicia, tenho de passar algumas informações — digo bruscamente. Hoje Alexander foi para minha maldita lista negra.

— Cara, você está sendo uma tremenda dor na bunda com essa história, por que não assume de vez que a viúva pegou você de jeito? — ele está rindo do outro lado — Ah, se você admitir, daremos um jeito e você fica fora desse trabalho. Que tal, Don Juan?

— Foda-se, Alex, estou querendo trabalhar e deixar Alicia com uma pessoa responsável! — esbravejo, fazendo a assistente de Alicia colocar a cabeça para fora de sua sala, de olhos arregalados. — Mas você resolveu assumir meu posto de zombeteiro agora?

— Você nunca foi tão fácil de irritar, Ross — diz — Mas dois homens ficarão com ela, já que agora os "amiguinhos" dela podem achar que ficou fácil ter acesso

e alcançá-la.

Sim, esse era meu receio, eles acharem que poderiam agir livremente, já que não tinha nada sendo investigado pela polícia.

— Já conseguiu alguma informação com nosso cara lá no departamento?

— Ross, não é assim tão fácil ter essa informação, mas ele ficou de me ligar o quanto antes. — escuto ele falar com outra pessoa, depois volta a falar comigo — Tenho de sair agora.

— Envie os caras para minha casa, hoje — digo antes que ele desligue — Alicia vai voltar para a dela, então preciso que eles fiquem atentos com toda a segurança.

— Não conseguiu convencê-la a ficar com Matt?

— Não, talvez Matt deva falar com ela.

— Envio os homens para falar com você, agora realmente tenho de ir. Tenho uma reunião com Liam, e ele não pode vir aqui na empresa, então estou indo me reunir com ele.

Desligamos em seguida, e estou indo para falar com Matt, que tinha nos deixado mais cedo a negócio, quando a porta de Alicia abre. Ela está acompanhando Cindy, provavelmente para levá-la à saída.

— Senhoras, posso acompanhá-las? — claro que

faço a pergunta, porém vou de qualquer maneira aonde a viuvinha de olhar mortal for. Ela se despede da amiga e volta sem nem olhar para mim. Bom, acho que agora tenho uma inimiga mortal. Melhor assim, é o que digo para mim. Não tenho tempo para isso. Nós dois sabíamos que esse dia chegaria, só que tinha vindo muito rápido.

Quando estaciono no meu prédio, Alicia salta do carro como se mil demônios estivessem atrás dela e segue para o elevador sem esperar por mim. Bato forte a porta do carro, irritado. Ela estava sendo infantil sobre isso, odeio quando a coisa sai do controle assim. Ela não poderia se pôr em risco porque terminamos algo que não era mais nada que uma transa divertida. Por isso não tenho caso sério, só leva a dor de cabeça. Quando acaba, as mulheres, por mais que digam que só querem se divertir, acabam sempre querendo mais.

Chego no elevador, e por pouco a porta não é fechada no meu rosto. Fecho meu olhos e respiro fundo, antes que eu agarre Alicia e dê o que ela anda pedindo com essa atitude. Inferno!

— Se você continuar com essa birra de criança que

perdeu o pirulito, eu não respondo por mim, bebê — digo com voz macia. Vejo como ela fica tensa e se afasta até ficar o mais longe o possível de mim dentro do confinamento do elevador. Ela não responde, e acho que sabe o que é melhor para ela. Porque me desafiar acabaria com nós pelados antes de chegarmos ao meu andar.

Quando entramos, ela vai direto para o quarto e, pelo visto, ela não vai facilitar nossa vida sendo coerente.

— É, Ross, você está lascado. — falo comigo mesmo quando vou até a geladeira e pego uma cerveja. Eu preciso de álcool no meu sistema para aguentar a dose maciça de desprezo da minha viuvinha mal-humorada.

Não passou nem cinco minutos quando ela aparece na porta da cozinha puxando sua mala.

— Estou pronta, senhor Ross — diz friamente. Seus olhos esverdeados estão sérios, iguais quando eu a conheci, sem humor. Ela tinha mudado tanto nesses últimos dias, estava mais relaxada, agora voltou a ser a mulher empertigada de antes.

— Pronta para que, querida? — finjo que não me dou conta da mala ao lado dela. — Pronta para jantar? Humm, temos de fazer, você sabe...

— Não se faça de idiota, estou partindo para casa, e

não há nada que me impeça de ir — ela efetivamente não está de brincadeira — Se você não vai me levar, vou chamar um taxi. Coisa que já deveria ter feito e não vir aqui informar a você.

— Por que não senta aqui e falamos civilizadamente, querida? — aponto para a cadeira ao meu lado, mas só recebo um olhar raivoso em resposta.

Alicia

Como não obtenho respostas dele, dou meia-volta e pego meu telefone para pedir um táxi. Estou fazendo exatamente isso quando uma mão tira meu telefone de mim.

— Por que é tão impaciente? Estou esperando seus novos seguros — ele diz — Então, por que não relaxa? Um dia a mais ou a menos não fará nenhuma diferença, Alicia.

— Para você, que está acostumado com esse tipo de situação — resmungo. Queria distância dele e ficar aqui não dava.

— Só porque fizemos sexo? Sério isso? — ele caminha de volta para cozinha — Vou fazer o jantar, esteja convidada a vir também. Sabe que não pode sair, não é? Mudei a senha da porta.

— Imbecil!

Volto com minha mala para o quarto e retiro meus sapatos quando me jogo na cama. Ah, sim, agora lembrei por que não queria nada com ele! Bem feito para mim! Merda, ele ficou com meu celular? Levanto e ligo o som, esperando que esses novos seguranças não demorem tanto.

Escolho uma música alegre e tento entrar no clima descontraído, mas nada parece injetar um pouco de ânimo ao meu mau humor. Fecho meus olhos e trabalho minha respiração dentro e fora, dentro e fora.

Ouçó uma batida na porta. Ignoro o troglodita e continuo de olhos fechados.

— Alicia! Seu irmão está ligando para você. Quer que eu atenda e diga para ele vir aqui colocar um pouco de razão nessa sua cabeça dura?

Ah, Matt, tinha de ligar agora. Abro a porta, deparando com ele e seu ar de deboche, segurando meu celular entre os dedos.

— Quando terminar, o jantar estará pronto — avisa me entregando o aparelho e voltando a me deixar só.

Retorno a ligação de Matt e escuto mais uma vez que estou sendo imprudente, que não deveria ficar no apartamento que ele tinha disponibilizado para mim.

— Você está mostrando meu apartamento para algum comprador, Matt? — pergunto, tentando tirar o foco da

conversa para outro tema. — A Cindy me disse que você tem ido lá.

— Não, só estava dando acesso para um amigo do Alex fazer umas investigações...

— Investigação? Para quê? A policia já não fez isso?

— Que estranho não ter sido informada de nada disso.

— Investigação paralela, Alicia. Não quero você com mais uma preocupação. Não pedi que deixasse que eu resolveria as coisas em relação a isso para você?

Sim, mas era muito incômodo ser deixada de lado de coisas que envolvem minha vida.

— Bem, já que você não quer ficar comigo, irei ficar com você — ele ri — E saiba que você irá cozinhar para mim, irmãzinha!

— Leve sua cozinheira, querido — ele com certeza aparecerá lá em casa. Eu o amo demais, seu cuidado comigo às vezes era exagerado, mas eu entendo, porque se fosse ao contrário, eu me sentiria da mesma forma.

Desligo pouco depois e volto a deitar na cama. Estou cansada, hoje foi um dia atribulado de todas as maneiras.

Aumento o som, e Taylor Swift canta *Wildest Dreams*. Envolver meus braços ao redor de mim mesma, e antes de dormir, a letra da música me leva para longe... Quer dizer, não muito longe assim...

*Ele diz "vamos sair dessa cidade
Dirigir para um lugar afastado, longe da
multidão"
Eu pensei "os céus não me ajudarão, agora
Nada dura para sempre..."*

Bruno

Pow, pow, pow...

Batendo um soco atrás do outro, há quase uma hora, meus músculos estão pedindo clemência, mas estou tão puto que a dor é bem-vinda. A imagem de Alicia magoada, mesmo quando ela acha que consegue esconder de mim, me persegue.

Como eu fui acreditar que terminando com ela me sentiria melhor? Que o tempo que tive com ela foi suficiente para eu desencanar da mulher? Agora parecia que eu a desejava mais. Queria mais! Isso estava errado, eu nunca me liguei a mulher nenhuma. Por que Alicia seria diferente? Por isso essa decisão de partir, ficar longe, era a melhor. Droga, quem eu ainda estava tentando convencer disso?

Os caras estavam atrasados, por isso resolvi vir me exercitar. Ficar parado olhando as paredes era tentador demais, poderia me levar direto para o quarto de Alicia e tentar seduzi-la mais uma vez. Ela tinha corrido para o quarto como uma menininha desamparada quando

chegamos mais cedo. Trinco meus dentes, reprimindo o remorso por ter sido duro com ela. Porra! Sei que ela tem estado frágil, sei que me aproveitei disso, eu nunca disse que era um cara bonzinho, mas com ela sinto essa... Porra! Nem sei o que é isso.

Escuto a campainha da porta. Bom, devem ser os caras que Alexander mandou.

Alicia

Acordo sobressaltada com meu próprio grito sufocado. Devo ter dormido enquanto esperava a boa vontade dos meus novos seguros. Noto que estou com as mesmas roupas que estava usando durante todo o dia de ontem. Droga. Estão encharcadas de suor.

Mais um pesadelo, deve ser meu subconsciente me preparando para mais uma consulta com o Dr. Allan, meu ginecologista. A cada nova ida reacendia uma pequenina esperança de que meu diagnóstico seria diferente, que eu poderia voltar a ser aquela mulher de cinco anos atrás, que se sentia feliz com coisas mínimas. Agora eu era uma sombra preocupada com coisas mínimas, o contrário daquela Alicia.

Fui diagnosticada com endometriose logo que casei com Evan, e ela tinha sido assintomática até então, mas quando engravidei e acabei por sofrer um aborto

espontâneo, foi um dos motivos que levou nosso casamento a ir de ladeira abaixo. Os três abortos seguidos foram tão traumatizantes, que esses pesadelos agora parecem pálidos comparado aos momentos reais que sofri por não conseguir dar o filho que Evan queria.

Hoje em dia vou ao Dr. Allan a cada três meses para novos exames. Minha endometriose causa infertilidade além das dores, mas os medicamentos impedem que sejam piores, nem sinto dores mais assim, já que minha medicação impede que minha menstruação desça.

Um ano atrás, foi quando tive o último aborto, e o doutor recorreu ao tratamento por laparoscopia com laser, e hoje só tenho um dos ovários funcionando, que é monitorado a cada vez que volto às consultas. Tem grande chance de ele também ser retirado se a doença migrar. Eu não quero voltar aos pesadelos de perder mais um filho, não quero ficar depressiva a cada vez que isso acontecer.

Não quero trazer nenhum homem à minha vida para que eu volte a ser cobrada por algo fora de minhas possibilidades de realizar. Sei que muitos homens sonham em ter filhos, só não sou eu essa mulher a fazer isso por nenhum. Eu até posso engravidar, porém não consigo levar uma gravidez até o fim. Perder outro filho é algo que eu não quero passar de novo. Por isso,

sempre tenho pesadelos com bebês mortos, vários bebês. Cada dia minha chance de um dia ser mãe é mais remota. Sonhos ruins me lembram disso sempre, como hoje. As lágrimas queimam meus olhos, porque sinto a dor e agonia dilacerante nos meus ossos. Me sinto tão pequena, às vezes.

Ainda para completar meus pesadelos de sempre, agora tenho mais um a acrescentar: posso morrer a qualquer momento pelas mãos de algum psicopata louco, que acha que sou uma ameaça. Sim, minha vida é uma bagunça e eu estou sem controle dela, definitivamente.

Escuto a voz de Bruno me chamando na porta do quarto, onde havia me trancado ontem.

— Alicia? Você está bem? Ouvi você gritando — ele está dizendo — Posso entrar?

Levanto e destranco a porta. Ele está em pé só com sua calça de pijama. Ah, ele voltou a usar! Mesmo com resquícios do pesadelo rondando minha mente, ainda posso notar a gostosura do meu antigo segurança. Maldito homem gostoso. Sua barriga musculosa era uma visão deliciosa.

Ah, Alicia, você gosta de viver no limite! Definitivamente. Mesmo eu estando do meu próprio lado nessa história entre nós dois, ainda o desejo, muito.

O senhor calça de pijama sexy precisava tomar do

seu próprio remédio, só assim saberia como é ser usado e descartado para aprender a valorizar as mulheres que passavam em sua vida. Cafajeste! Era notável que meu senso de autopreservação precisava ser revisto.

— Escutei seu grito. Pesadelo? — sua voz está preocupada e algo brilha nas profundezas azuis de seus olhos. Talvez esteja lembrando-se de como nós começamos nosso caso. Ele vindo me ver depois que tinha escutado meus gritos de horror pela minha má sorte.

— Estou bem, Ross — digo e dou meia-volta, deixando a porta aberta — Nada que deva se preocupar e tirá-lo do seu sono.

— Quer falar a respeito desses pesadelos? Já são duas vezes que você acorda gritando na minha casa.

— Por que ainda estou aqui na sua casa? Não era para estar agora no meu apartamento? — digo ignorando seu modo de referir-se a mim e sua pergunta, pois não tenho vontade de falar dos meus problemas para ele.

Ele deve ter comprado a mudança de assunto, pois fala a seguir:

— Vim te chamar, mas você estava dormindo, provavelmente. — ele vem para perto de mim — Pela manhã irei levá-la para sua casa. Eu irei também deixar sua agenda com os novos seguranças para que eles

planejem seus dias sem nenhuma surpresa.

— Quem escuta você falar, poderia pensar que se importa comigo, Ross — tento gracejar, mas minha voz sai em um sussurro melancólico.

— Só queria ver se você estava bem.

— Como pode ver, eu estou perfeitamente inteira, senhor Ross — dou um sorriso sem graça para ele.

— Estava com saudade dessa Alicia "cheia de dedos" — ele dá um meio sorriso.

— Nunca deixei de sê-la...

— Quero que isso tudo se resolva, Alicia, para que você volte para seus amigos e sua vida, sem estar presa numa gaiola com medo de ser ferida quando sair de casa. — ele fala e olha sério — E não deixe que nossa situação afete você. Saiba que é uma mulher incrível, eu que não sou o cara certo para entrar na sua vida agora. Faça um favor para você, indo embora.

Ele parece realmente convencido disso.

— É tarde, Bruno, e preciso tomar um banho antes de voltar a deitar. Amanhã cada um tomará seu rumo, não é isso que você faz sempre? — digo e não espero uma resposta, vou ao banheiro e tento lavar do meu corpo toda frustração.

Achava que Bruno não se incomodaria em levar-me ao meu apartamento na manhã seguinte, mas ele vem juntamente com os dois seguranças que foram apresentados para mim quando os encontrei hoje mais cedo na sala dele. Nate e Connor eram duas muralhas de músculos mal-encarados. Eram meios assustadores esses dois. Entretanto não importa, não vou ser amiguinha de nenhum dos dois, afinal.

Voltar para casa é estranho, depois desse tempo na casa do Bruno. Ele me segue até meu quarto como se fosse o dono do lugar.

— Não acha que seus afazeres comigo já terminaram? — alfineto porque sei que ele não gosta quando lembro que ele não vai estar mais aqui. Dou a ele um sorriso malicioso, enquanto deixo minha mala em um canto para desfazer depois. — Agora tenho dois em vez de um para cuidar de mim. Boa escolha, hein? Agradeça ao Alex por mim, ele foi...

Ele me pega de surpresa ao me puxar de supetão, me agarrando pela cintura. Minha respiração engata e tento empurrá-lo para longe. Não consigo mais pensar sobre isso quando a boca dele cai dura na minha, porém não me beija agressivamente, ao contrário; sua suavidade e carinho me deixam mais surpresa que seu beijo.

Retribuo avidamente, pois sabia que não iríamos mais fazer isso, e era uma despedida, sentiria falta dele, mesmo não querendo admitir. Meu pulso dispara quando ele começa a caminhar, me empurrando em direção à cama. Ah, droga, mais um passo e estarei me colocando em apuros sérios aqui.

Ele passa a beijar meu rosto, queixo, pescoço enquanto ofego sem sentido, quando caímos num emaranhado de membros na minha cama. Lábios quentes e mãos fortes estão por toda parte de mim. Bruno está por cima, seu corpo duro e forte me tiram o fôlego.

— Como você é gostosa, bebê... — ele murmura, e eu não penso, só sinto. Isso é só uma despedida. — Você é linda! A quero muito, bebê, não importa o que aconteça daqui em diante, por esse momento você é minha. Só minha...

Observo Bruno terminar de se vestir e faço minha cara de paisagem quando ele volta seu olhar para mim.

— Cuide-se enquanto eu estiver fora, Viuvinha — sua voz está rouca como se tivesse acabando de acordar — Não seja insensata com as ordens dos rapazes.

— Não recebo ordens — digo e recebo um olhar

carrancudo dele.

— Prometa que se manterá segura. — ele senta ao meu lado na cama.

— Se você se importasse tanto, não iria — digo, o fazendo levantar-se — Não se preocupe, irei me cuidar. — garanto.

— Eu... — ele para, me olhando, e dou meu sorriso sem graça. Não era para ser assim. Parecia que estávamos constrangidos um com o outro, e vê-lo hesitar quase me faz rir. Bruno fodão Ross, receoso para partir. Seria hilário se não fosse meio constrangedor.

— Está tudo bem.

— Até mais, Alicia.

Ele se vira bruscamente e sai fechando a porta do meu quarto suavemente. Fico parada olhando o vazio, sem dar-me conta da lágrima solitária que cai do meu rosto até sentir seu gosto salgado nos meus lábios.

Chego na minha consulta com o Dr. Allan atrasada, pois sair sem o Bruno hoje foi muito estranho. E levando em questão as nossas ultimas ações, fizeram com que eu me atrasasse mais ainda. Estava acostumada com seu jeito idiota de ser, mas que me passava segurança. Ainda

precisava confiar nos meus novos companheiros das próximas semanas.

— Senhora Duran... — a recepcionista tira-me dos meus pensamentos e indica que já posso entrar no consultório. O Dr. Allan deve ter uns trintas e oito anos, faz cerca de três anos que me consulto com ele. Essa consulta de hoje é pura rotina, sei que nada de novo vai surgir da noite para o dia.

Ele diz que estou bem, só preciso ser mais otimista com minha situação. Ele acredita que posso agora levar uma gravidez até o fim, depois da laparoscopia.

— Alicia, pensei que não viria mais — ele fala quando me recebe na porta, me indicando a cadeira em frente à sua mesa. — Como tem se sentido ultimamente?

Doutor, tenho feito muito sexo com meu guarda-costas gostoso que partiu hoje e me deixou a ver navios!

— Estou bem, doutor — digo séria. — Bom, parei a medicação ontem, então, até agora, não sinto nenhuma dor.

— Ótimo, estamos no caminho certo, e daqui um tempo você poderá engravidar — ele aponta para a mesa de exame — Já sabe o que fazer.

E lá vamos nós! Gosto do doutor Allan, mas essas consultas são terríveis, ele me enche de esperança e medo todas as vezes que venho aqui. Cada vez que diz

que posso engravidar ainda, isso desencadeia meus pesadelos. Que começa comigo grávida e perdendo meu filho em seguida e sempre esse bebê se multiplica numa montanha de bebês mortos e acordo sempre chorando e com gritos de agonia...

Bruno

Um mês depois

Nossa missão de resgate na Floresta Colombiana provou-se uma missão suicida e infrutífera. A pessoa que tínhamos sido pagos para resgatar nunca foi encontrada. As informações não batiam, e agora estamos todos de volta para casa, sem fazer nosso trabalho. Isso era frustrante pra caralho! O calor infernal dos trópicos era terrível, estava exausto, mas tinha de saber como andava minha viuvinha predileta.

Não tinha obtido nenhuma notícia dela. Quando questionava Alex, ele só dizia que ela estava bem. Essa porra não bastava, tinha que vê-la e saber que tinha se mantido viva nesse último mês. Sei que nenhuma tentativa houve contra ela. Isso era tão estranho, um maldito jogo de gato e rato. Nunca sabíamos quando esses marginais poderiam atacar outra vez. Preciso saber como anda as investigações do Alex.

Pela informação que tive de "Tico e Teco", os dois babacas que agora estavam com ela, Alicia estava em uma recepção hoje em um hotel. Alguma festa de algum figurão, e eu estou indo para lá.

Paro o carro em frente ao hotel, e um manobrista aparece, entrego minhas chaves. Estou prestes a entrar quando sou parado na entrada por um dos seguranças. Esse provavelmente não faz parte da Marshall.

— Convite e identificação, senhor — pede.

— Sem convite, mas sou segurança da senhora Duran — digo. Sei que ele está fazendo seu trabalho e tento ser paciente, coisa que não ando tendo ultimamente.

— Senhor...

— Ross — informo quando tiro minha carteira de identificação. Espero que esse cuidado todo se aplique a todos que tentem entrar aqui sem ser convidado, mas tenho certeza que se um "amiguinho" de Alicia viesse aqui teria um convite para entrar.

Acabo entrando sem precisar apelar para outro meio e circulo à procura de Alicia. Não a vejo em lugar nenhum, mas também a quantidade de pessoas aqui é enorme, parece que toda a cidade resolveu comparecer ao evento. Estou quase ligando para uns dos "Tico e Teco" quando a vejo.

Ah, merda! Alicia está linda em um vestido preto elegante, toda feminina e delicada. Minha vontade é atravessar o salão e plantar um beijo duro nos lábios dela, que neste momento ostenta um lindo sorriso para a pessoa que fala com ela e que não dá para ver de onde estou. Excitação percorre meu corpo furiosamente quando começo a pensar numa forma de levar Alicia à minha casa hoje à noite.

Ah, Ross, você deveria deixá-la em paz. Vocês já tiveram suas chances. Penso e, no mais, eu não repito cardápio. Mas vê-la me deixa duro e louco, querendo ser o único homem que a terá daqui para frente. Estou fodido, completamente.

Começo a me aproximar pelo canto da sala, quando paro petrificado no lugar. Que porra era aquela? O que ele estava fazendo junto de Alicia? Vejo vermelho quando me aproximo deles, furioso. Antes que eu abra a boca, Deni me vê e abre um sorriso afetado para mim.

— Irmão, não sabia que frequentava esse tipo de festa — ele diz, fazendo Alicia virar-se para olhar-me — Alicia me disse que você estava fora da cidade.

— Eu quero você longe dela, Deni — minha voz é um sussurro tão furioso que minha mandíbula dói do aperto que mantenho sobre ela. Viro-me para Alicia, que está de olhos arregalados olhando ora para mim, ora para

Deni. — Venha comigo.

Seguro seu braço, ignorando sua tentativa de sair do meu aperto. Ando até uma das sacadas, longe dos ouvidos de Deni, e a encaro.

— O que diabos você faz de amizade com meu irmão, Alicia? — esbravejo ainda segurando seu braço.

— Solte-me, senhor Ross — ela fala calma, no entanto vejo que está furiosa e o verde de seus olhos estão mais intensos. — O que deu em você? Quer acabar com minha reputação, me arrastando por aí como um saco? Estou trabalhando aqui, senhor Ross. E você não tem nada a ver com isso.

— Quero saber o que faz com meu irmão! — ignoro seu discurso. Eu sabia que Deni queria me atingir de alguma forma e vou descobrir o que diabos ele quer. Se aproximar de Alicia não é mera coincidência. Bastardo filho da mãe! Ele quer algo, e vou acabar com seus planos.

— Seu irmão não é esse monstro que você diz, Bruno — ela olha para mim — Ele foi indicado pela Danila Fontes para que eu organizasse esse evento e, até onde vi, ele tem sido um cavalheiro.

— O quê?

— Sim, isso mesmo, seu irmão é o anfitrião do evento, senhor Ross. Então eu sugiro que você se

contenha com suas acusações, sim? — Ela passa por mim e volta para o salão.

Sim, meu irmão, definitivamente, está de alguma forma interessado em Alicia. Não acredito que ele vai começar esse joguinho só porque ele me viu com ela.

— Ora, ora, você não perde a oportunidade de falar mal de mim — a voz de Deni está carregada de ironia quando ele para na minha frente.

— Entre tantas outras empresas de eventos nessa cidade, você inventa uma festa sem sentido e contrata Alicia? Deni, o que você quer? Seja breve, não tenho a noite toda para você. — cruzo meus braços na frente do meu peito e espero.

— Sabe, Bruno, nem tudo gira em torno de você. Você sabe — ele ri, desdenhoso — E Ali foi muito bem recomendada por sinal.

— Quero você longe dela, ou eu vou acabar com você — minha ameaça era um pouco demais, mas eu estava falando sério com esse idiota.

— Acho que não vai ser possível atender a você, irmãozinho — ele começa a se afastar, mas para olhando por cima do ombro — Alicia e eu temos planos!

De que porra ele estava falando? Apenas um mês longe e as coisas já estão todas fora de controle? Por que Alex não me disse que meu irmão estava rondando

Alicia? Ela não sabe com qual cobra venenosa está se metendo.

Alicia

O que Bruno está fazendo aqui?

Essa pergunta ronda minha mente pelo resto da noite. Não sabia que ele tinha voltado de sua viagem. Ele tinha se mantido por perto a noite toda, cada volta que eu dava ele estava lá. Parecia cansado, mas não foi embora, até que eu mesma chamei um dos meus seguranças e disse que estava na hora de eu ir para casa, aproveitando que Bruno sumiu de vista por um momento.

Estou caminhando para saída quando Deni Ross aparece na minha frente.

— Indo embora?

— Sim, não precisam mais da minha presença aqui — sorrio para ele — Espero que tenha gostado, senhor Ross. — Isso era tão estranho, toda vez que o chamo de Ross não é bem ele que vem à minha mente. Outro Ross que vem claramente.

— Você sabe que sim, esse será o primeiro de muitos eventos que você organizará para mim, Alicia — diz charmoso. Eram tão parecidos, Bruno e ele — Farei de você a mulher mais procurada da cidade. No bom sentido, claro. Cada pessoa que queira uma festa

excepcional procurará você.

— Você é muito gentil, senhor Ross...

— Deni, chame-me de Deni — ele tem dito isso no decorrer dessas semanas que organizei às pressas esse evento para ele. Mas eu continuei chamando-o de senhor Ross

— Claro. Bem, tenha uma boa noite, Deni.

— Dou-lhe uma carona para sua casa, já estou de saída também — ele diz enquanto caminha ao meu lado para saída.

Alicia

— Dou-lhe uma carona até sua casa, também já estou de saída — Deni diz enquanto caminha ao meu lado para a saída. Não acho que seja uma boa ideia e declino o convite com gentileza. Ele é um cliente e não quero que tenha ideias a meu respeito.

— Deni, é muito gentil de sua parte, mas tenho dois seguranças esperando para me levar — sorrio afável para ele.

— Estou curioso em saber por que uma mulher como você tem dois seguranças. — ele devolve o sorriso agradável. Entretanto, meu sorriso apaga com a pergunta curiosa dele. Mas antes que eu responda, somos interceptados por Bruno que vem no sentido oposto.

Pensei que ele já teria ido embora, mas vejo que me enganei. Ele não estava satisfeito com Deni perto de mim. Eu realmente queria entender essa animosidade que ele tem pelo irmão, sei que muitos irmãos não se dão bem, isso é bastante comum, porém Bruno muda totalmente quando ele está com Deni.

— Onde está indo, Alicia? — ele para na nossa frente, e noto sua cara de poucos amigos para Deni.

— Estou sendo um cavalheiro e levando Alicia para casa, caso não tenha notado. Uma mulher precisa dessas coisas de vez em quando, irmãozinho. — Deni está sendo caçoísta, mas Bruno o ignora olhando fixo para mim.

— Bem, Deni, como nós dois sabemos que você não é nenhuma dessas coisas, eu mesmo levarei Alicia — estou me sentindo a droga de um osso velho sendo disputado por dois cães raivosos aqui.

Mas estou cansada e com fome, e não ficarei assistindo esses dois discutirem. Contorno Bruno e caminho para a saída, atrás das minhas duas sombras.

— Boa noite, senhores — digo, deixando-os lá.

— Deni, melhor seguir meu conselho de mais cedo — ouço Bruno falar, mas continuo meu caminho.

— Espera, Alicia. Eu a levarei para casa. — Bruno chega ao meu lado — Dispensei os caras por hoje.

Sério?

Quando não digo nada, ele me guia para seu carro, que está parado perto da saída, como ele sempre faz quando está comigo. Estaciona o mais perto possível, sempre cuidadoso.

— Bruno, não vejo necessidade de você levar-me,

passei um mês sem seu precioso cuidado e, por acaso, ainda estou viva. — Fico parada ao lado da porta do passageiro — Não tinha nada que dispensar os rapazes. É uma hora da manhã e quero descansar...

— Estou tentando fazer exatamente isso. Entre — ele abre a porta para mim, e acabo acatando sua ordem, não porque seja obediente, mas porque ele agora é meu único transporte além de um táxi. Quando sento, o espero fechar a porta, mas ele se inclina em cima de mim — E, Alicia, nunca aceite carona ou porra nenhuma que Deni ofereça para você. Ele só está usando você para me atingir, porque sabe que não gosto dele perto de você.

— Por que vocês não são amigáveis um com o outro? — não aguento e pergunto, realmente estou curiosa. Mas não espero sua resposta — Não quero que atrapalhe minhas oportunidades de ter minha empresa funcionando normal outra vez, Bruno. Então, você ficar atrapalhando não dá.

— É uma longa história, querida, mas seja prudente ao menos uma vez na vida, confie em mim, por favor — ele diz sem sua arrogância habitual, e fico desarmada para continuar argumentando com ele. — Bom, vou levar você para casa.

— Só não quero que continue atrapalhando meus negócios — digo, e ele assente com ar de resignação.

Suspiro suavemente quando ele sai de perto de mim e fecha a porta, dando a volta para sentar no banco ao meu lado. Recostando-me no banco tento relaxar, mas minha fome é maior que meu cansaço. Quando estou trabalhando esqueço de me alimentar, e não tinha comido praticamente nada o dia inteiro. Deni tinha me procurado a pedido de Danila e tive de organizar as coisas às pressas para tudo estar em perfeita ordem para a recepção. Tudo acabou saindo perfeitamente bem, mas, em contrapartida, negligenciei minhas necessidades básicas. Agora minha barriga está dando gritos arrepiantes, chamando a atenção de Bruno para mim.

— Não se alimentou? Devia ser mais cuidadosa com você mesma, Alicia — ele repreende, enquanto manobra o carro para o trânsito. As luzes da cidade entram no carro, mostrando o perfil de Bruno quando viro para olhá-lo.

— Pode parar em algum lugar para comermos? — peço, fazendo-o me olhar carrancudo, provavelmente sabendo que, para eu pedir isso, tenho de estar com muita fome, mas não diz mais nada.

Cerca de vinte minutos depois, conseguimos encontrar um restaurante aberto, e é onde estamos sentados agora, esperando sermos servidos. Pedi um sanduíche light no pão árabe e uma xícara de chá,

levando Bruno a levantar suas sobrancelhas para mim:

— Vai comer só isso? Sêrio? — diz balançando a cabeça.

— Vou dormir daqui a pouco — digo à guisa de explicação e tento mudar de assunto — E como foi no novo trabalho?

— Não foi, mas não quero falar disso — ele faz uma pausa quando somos servidos e segue logo após: — Quero saber como foi que se tornou amiga de Deni.

— Esse assunto de novo, Bruno? Isso está ficando chato — me servi da comida. Bem, eu aproveitaria muito bem minha refeição, se ele quisesse brigar, ele que brigasse só.

Acabamos conversando durante a refeição de outros assuntos, algo que agradei internamente. Não quero tratar Bruno como um inimigo a cada vez que estamos juntos. Eu estou tranquila com relação ao nosso caso, nunca quis que nada fosse sério, mas sentia falta daquelas semanas juntos, me fazia bem e distraía dos meus problemas. No entanto, não quero voltar a ter nada com qualquer homem, e uma segunda chance com Bruno acabaria comigo apaixonada por ele.

E tanto eu como ele não estamos preparados para isso. Para mim era muito cedo e, para ele, seria só mais uma transa sem significado algum. Isso era algo que eu

não queria arriscar, mas quem sabe o que o futuro me reserva?

Entretanto, não posso perder tempo sentindo pena de mim mesma. É claro que é mais fácil falar do que fazer. Eu tenho de admitir que sinto falta da cama e da casa do Bruno, de seu cheiro, a sensação de suas mãos em mim, suas gracinhas idiotas, seus beijos que me tiram o fôlego, dele dentro de mim da maneira mais completa possível...

— Alicia... Alicia? — a voz de Bruno expulsa sua imagem quente de minha mente. — Você está bem?

— S-sim... — limpo minha garganta e bebo sofregamente o resto do meu chá.

— Pronta? — diz apontando para meu prato — Para irmos?

— Claro.

No percurso até meu apartamento não nos falamos, e algo clica na minha cabeça quando Bruno estaciona no meu prédio.

— Você dispensou meus seguranças, quem ficará aqui? — digo quando ele abre a porta para mim.

— Eu ficarei, Alicia.

— Claro que não. — digo e ele empurra-me levemente para o elevador, sua mão quente na base da minha coluna me faz lembrar do porquê não o quero

debaixo do mesmo teto que eu — Bruno, você aceitou esse trabalho para ficar longe de mim e agora você voltou como se não tivesse acontecido nada?

— Nunca deixo um trabalho, Alexander precisava de mim, Alicia — ele diz como se essa fosse uma justificativa para seus atos antes de partir. Bem, senhor Ross, você terá uma surpresa.

— Bom, então volte para seu trabalho, prefiro do jeito que estamos agora.

— Não irei deixar você só, Alicia — sua expressão é indecifrável.

Entramos e ele, como sempre, faz a revista dos cômodos e, se isso era para me acalmar, só me faz mais nervosa.

— Bruno, quero que vá embora! — digo quando ele volta para a sala onde estou parada desde que entrei.

— Como?

— Precisamos deixar as coisas como estão, não preciso que fique aqui. Os outros nem ficam aqui dentro comigo, ficam no corredor. E você pode ficar lá também. — Pronto, resolvido.

— Está brincando comigo? Alicia, já ficamos mais próximos que isso, ficar aqui dentro não fará a menor diferença. — diz cruzando os braços, fazendo a camisa branca de mangas compridas evidenciar seus músculos.

Desvio os olhos para seu rosto.

— Claro que faz. Saia. Minha fase de distração acabou, Bruno. Você já serviu para um propósito e, bem... não quero repetir meus erros.

Ele me olha fixo por alguns minutos que parecem uma eternidade, e sem dizer nada caminha para a saída. Acho que acabei de magoar Bruno Ross.

Deni

Observo a interação do meu irmão com Alicia. Maldição! Ele tinha de estar de volta tão cedo? Tanto trabalho para ele estar na selva colombiana e ele já está aqui atrapalhando meus planos. Eu tinha de ganhar a confiança de Alicia, e meu irmão parece a droga de um carrapato colado nela. Um mês era muito pouco tempo, mas não desistiria dela. E posso dar um susto em Bruno por ser tão pé no saco. Pego meu telefone e faço uma ligação quando os sigo. Devia estar fazendo algo mais útil, em vez de estar aqui nesse carro seguindo meu irmão, mas tem coisas que só você pode fazer. E eu adorava ver Bruno irritado quando me via.

Sorrio quando paro ao lado do restaurante e espero. Ele não devia ser tão óbvio com sua irritação comigo. Desde muito cedo que nós dois brigávamos pela atenção de nosso pai, mas agora eu só o queria longe do meu

objetivo: Alicia Duran.

Eu estive algumas vezes com ela esses dias, mas não tive nenhuma chance de perguntar nada pessoal, ainda mais que não convém agora eu ter essa atitude para com ela. Além de que, os seguranças não a deixaram em nenhum momento só. Estou sendo pior que os homens que foram contratados antes para pegá-la. Sutileza não está dando o resultado que eu esperava.

Mas talvez ela não tenha nenhuma informação para onde o marido desviava o dinheiro. Descobri que a empresa anda mal das pernas, se ela soubesse onde estava esse dinheiro, provavelmente usaria. Tenho de ter tempo e paciência, coisa que não tenho.

E se ela lembrar dos assassinos que viu naquela noite? Ela tinha visto um dos sócios claramente.

Bruno

Saio praguejando todo tipo de maldição que conheço. Alicia Duran era doida de pedra.

Entro no meu carro e fico parado na frente do prédio de Alicia. Eu deveria saber que as coisas com ela não iam ser fáceis e, mesmo assim, dispensei os outros seguranças. Alicia estava consumindo toda minha sanidade, eu não deveria estar correndo atrás dela dessa

maneira. O primeiro erro foi chegar ontem e ir atrás dela, o segundo foi achar que ela me aceitaria em sua cama depois de dispensá-la; o terceiro, que estou ficando ligado demais a ela e não prestando atenção no que deveria estar focado.

Ela me faz pensar em coisas que, até então, eu nunca tinha cogitado ou que eu possa dar para ela, como assumir uma relação duradoura. E, além disso, ela transmite sinais duplos; uma hora é fria, outra dá a entender que me quer. Alicia está fodendo com minha cabeça. Estou aqui tentando ser um homem melhor do que eu costumo ser, aí ela vem e diz que sou apenas a porra de uma distração de problemas.

Porra!

O pior de tudo é Deni rondando. Isso me faz lembrar que tenho de descobrir por que ele apareceu de repente na minha vida.

Pego meu telefone e disco:

— Bruno, que diabos faz ligando para mim a essa hora? — Alexander resmunga mal-humorado quando atende.

— Desculpe interromper o interlúdio amoroso com a Patricinha, meu amigo. — digo, rindo — Mas eu preciso que você me diga se tem alguma novidade no caso de Alicia.

— Não temos uma reunião amanhã? — diz — Agora não é hora para isso, Bruno. E, cara, vai dormir. Você acabou de chegar de um trabalho exaustivo.

— Preciso ver outra coisa com você. Na verdade, preciso de um investigador para descobrir algo para mim.

— Claro, amanhã nos falamos. E, Bruno, pensei que você estava feliz em deixar Alicia em paz.

— E estou...

— Não parece, chegou hoje e... Onde você está agora mesmo? — ele ri.

— Estou em casa, por quê? — minto. Droga.

— Aposto que está na casa dela. Devia pensar no que anda fazendo, meu amigo.

— Alex, te vejo amanhã — desligo rapidamente. Não preciso do sermão do senhor certinho a essa hora.

Ligo o rádio do carro para distrair, sei que não poderei ir para casa e deixar Alicia aqui sem um segurança, mesmo que ela esteja relativamente segura em casa.

O problema com as garotas é que elas são um mistério

Algo sobre elas me intriga

Passei minha vida inteira tentando descobrir

Apenas sobre o que todas garotas são

A voz forte de Scotty McCreery soa dentro do carro, e tenho que concordar com ele: as mulheres são um mistério.

São sete da manhã quando termino de falar com os seguranças de Alicia. Eu tive de ligar para eles virem para ficar com ela, já que tenho coisas para revolver. E, claro, não quero deixar a engomadinha irritada com minha presença.

Entro no meu carro e dou partida, entrando no trânsito que a essa hora está bastante intenso. Cinco minutos depois, pego uma pista livre e acelero para me arrepender pouco depois. Estou distraído, pensando numa forma de reconquistar Alicia, quando o pneu do meu carro explode, fazendo-me perder o controle totalmente, fazendo-me bater forte no carro que vem em sentido oposto.

Bruno

Meu ombro doía e meus olhos estavam cheios de sangue do corte que tinha na testa, provavelmente. Constató isso quando eu consigo sair de dentro do veículo. Devo ter ficado desacordado por alguns instantes. Estou meio zozzo. Que merda tinha acontecido?

Ouçó a sirene de ambulância, ou seja lá o que fosse, só sabia que estava fazendo a minha cabeça latejar. Eu tinha tentado evitar um acidente feio no último segundo, no entanto não pude evitar bater forte, minha cabeça e ombro estavam igualmente latejantes.

Olho, mal enxergando como está o ocupante do outro carro. Eu tentei evitar uma colisão frontal, e o lado do passageiro do meu carro estava uma bagunça, mas a frente do outro carro também não estava diferente. E a pessoa ao volante estava pior que eu, pelo visto.

Paramédicos vêm na minha direção como se eu estivesse de passagem comprada para o céu ou inferno, quem sabe.

A contragosto, pouco depois, sou levado para o hospital. Apesar de dizer que estava bem, os paramédicos insistiram para que eu fosse atendido. E agora, uma hora depois, eu acho, porque não tenho noção de tempo, estou aqui olhando para as paredes brancas do quarto, mais entediado do que nunca.

A porta abre para deixar Alexander entrar junto com Lana Mitchell colada em seus calcanhares. Ela agora era um membro da Marshall?

— Ah, que maravilha! — digo, cruzando meus braços no peito.

— O que diabos você andou aprontando, Ross? — ele diz quando para ao lado da cama — O que houve?

— Não sei, o carro estourou o pneu — digo chateado. Isso não era para ter causado quase a morte de outra pessoa ou a minha. Isso só aconteceu porque eu fui negligente e desatento, pensando em uma mulher complicada e que nada quer comigo. E, para ser bem sincero, eu não penso em ir além do que dormir com ela mais algumas vezes. Estou fazendo a droga de um drama mexicano por causa de uma bo...

— Falei com o médico, e ele disse que você ficará aqui em observação por causa da pancada na cabeça. — Alexander diz, cortando meus pensamentos impuros em certa parte do corpo de Alicia Duran.

— Deu saudade de mim, Lana? Sabia que um dia se renderia — zombo para ela que, até então, tinha ficado calada. Essa menina parece tão diferente da Lana encapetada que conheci algum tempo atrás.

— Vejo que não houve nada com sua cabeça, Bruno. Deve estar bem. Ainda consegue, morrendo em um leito de hospital, falar um monte de besteira — ela diz com um sorriso, e recebo um olhar raivoso de Alex.

— Morrendo? Acho que não...

— A polícia verificou seu carro, e parece que não foi por acaso que seu pneu estourou, Ross. Alguém queria pregar uma peça em você ou tentar te tirar da jogada. Eu tenho algumas coisas que gostaria de falar com você assim que sair daqui. — ele diz, cortando meus gracejos para Lana — Temos algumas novidades sobre o caso da Alicia, e isso que aconteceu com você hoje pode não ser coincidência.

— Do que você está falando? O que isso tem a ver com Alicia? — Sento-me na cama e tento me levantar. Droga, preciso ficar perto se algo vier a acontecer a ela, não confio naqueles babacas que ele exigiu que ficassem com ela. Minha cabeça gira e volto a sentar. Que merda!

— Calma aí, Don Juan — Alex planta a mão no meu ombro, me fazendo ficar sentado. Odeio essa sensação de impotência — Alguém mexeu no seu carro e,

provavelmente, encheu demais o pneu e a pressão dentro deve ter causado a explosão, poderia ter sido pior.

Sim, agora eu tenho alguém querendo minha cabeça? Ótimo, as coisas poderiam ficar melhores?

— Você tem algum inimigo que eu não saiba? Será algum marido ciumento? — Ele continua meio brincalhão, porém fica sério quando continua: — A polícia já tem isso sendo investigado.

— Preciso sair daqui e ver Alicia — ignoro o que ele está dizendo e tento, outra vez, levantar.

— Ross, tenho a segurança de Alicia sendo reforçada nesse momento — ele diz — Ela tem algumas reuniões de negócio hoje que poderiam ser adiadas, mas, como tenho certeza que ela não aceitará, enviei mais um homem discretamente para garantir que nada aconteça com ela.

Fico mais aliviado sabendo que ela tem reforço. Será que acharam que ela estaria no carro comigo? Penso isso quando volto a me recostar na cama. Milhares de imagens vêm à minha mente e franzo a testa quando uma pontada de dor me faz suspirar.

— Vamos deixar você descansar — Lana fala e começa a puxar Alex para porta — Essa sua cara de durão não está me convencendo — Embora fosse jovem e meio louca, ela estava certa. Eu estou precisando

dormir, já que mal fiz isso depois que cheguei de viagem.

— Ficaré um homem aqui de babá, durma. Pelo que soube, você acampou na frente do prédio de Alicia — Alexander diz da porta — Tente não se matar até termos uma conversa, Ross. Você tem coisas para me explicar, como ser filho de um homem que está envolvido com negócios escusos, por exemplo.

Merda!

Fecho meus olhos esperando que ele saia, porém ele continua me fazendo abrir os olhos.

— Como me mantém no escuro sobre isso, Ross, como...

— Chega, namorado. Bruno não precisa de sermão agora, mais tarde você acaba com ele — Lana intervém mais uma vez.

— Amo você, Lana Mitchell — eu digo e pisco para ela.

— Ah, como você gosta de brincar com o perigo, Ross — ela ri quando fecha a porta do quarto. Meu sorriso apaga e volto a fechar meus olhos.

O que Alex tinha descoberto sobre minha família? Eu não gostava de ser relacionado com eles e muito menos deixar as pessoas saberem do meu parentesco. Suspiro mais uma vez e tento dormir um pouco.

Alicia

Sinto as mãos másculas correndo pelo meu corpo como se fossem penas ao longo da minha espinha dorsal; arrepios deliciosos percorrem minha pele onde os dedos dele me tocam. Sinto seus lábios tocarem minha nuca em beijos rastejantes e deliciosos...

— Bruno... — ouço meu murmúrio no silêncio do quarto, abro meus olhos e percebo que estive sonhando. Rolo na minha cama desejando voltar a dormir outra vez, mas o desejo insano que eu sentia agora me deixa inquieta. Tudo no que pensava era ele me tocando, beijando e dizendo coisas sacanas no meu ouvido. Correndo sua língua atrevida por cada canto da minha pele, fazendo os pelinhos se eriçarem em arrepios deliciosos.

Gemo alto quando afundo meu rosto no travesseiro.

Isso não poderia estar acontecendo. Por que eu não poderia deixar tudo no modo casual com ele? Tinha de ficar ruminando sobre algo que já era.

Meu corpo, nesse último mês, tem sentido falta do tratamento exclusivo que Bruno vinha fazendo comigo durante todo tempo que estive na casa dele. Gemo outra vez quando rolo e fico olhando para o teto. É dia já, e tenho de levantar, hoje tenho tantas coisas para organizar no Buffet. Olho para o relógio na mesa de cabeceira e

vejo que são mais de oito da manhã. Dormi demais, mas sinto como se não tivesse dormido quase nada. Sinto meu corpo pesado de exaustão.

Depois de fazer minha toalete matinal, sigo para fora do quarto esperando encontrar Bruno na minha sala, mas encontro Nate e Connor conversando em tom baixo.

— Bom dia para vocês dois — digo e vou para a cozinha preparar um café, mas como tem acontecido toda manhã, um dos meus seguranças já o tem preparado na cafeteira. Encho uma xícara enquanto preparo algo para meu café da manhã. Pouco mais tarde, quando sento à mesa, dou com Nate parado na porta com sua cara de poucos amigos que sempre ostenta.

— Algum problema? — pergunto enquanto bebo da minha xícara — Você parece incomodado com alguma coisa.

— Na verdade, senhora Duran, eu só gostaria de saber que horas pretende sair — ele diz — Temos umas coisas acontecendo e queremos redobrar a segurança.

— O que houve? — digo, deixando meu café da manhã intocado, sinais de alerta começam a pipocar na minha mente — Houve alguma coisa com meu irmão?

— Seu irmão está bem, senhora Duran — o telefone dele começa a tocar e ele atende, fazendo sinal para mim, saindo em direção à sala, e eu o sigo — Sim?

Ele escuta a pessoa do outro lado.

— Ainda estou aqui na casa... Acredita nisso? Ele está bem? — ele fala rapidamente com seu interlocutor. Isso estava me deixando aflita. — Vamos cuidar disso. — diz e desliga, virando-se para mim.

— Vai me dizer o que está acontecendo? — digo.

— Houve um incidente hoje mais cedo que nos deixou alerta, senhora. Já estamos cuidando disso, não se preocupe. — ele não responde à minha pergunta.

— Incidente com quem ou o quê?

— Nada que deva se preocupar — Sério que ele não ia me contar? — Quando quiser sair estamos esperando, senhora.

Faço uma anotação mental para mais tarde ligar para Matt. Eu já estou atrasada para minha reunião dos últimos detalhes da festa do escritório de advocacia de Danila Fontes, que seria daqui a dois dias. Tudo tem que sair perfeito, afinal, quero voltar às boas graças com meus futuros clientes.

Já passam das nove e meia quando entro no meu escritório e vejo que, discretamente, tem mais homens de Alex por aqui. O que estava acontecendo? Penso em ligar para Bruno e perguntar, mas ele deve estar querendo distância de mim, então resolvo cuidar dos meus negócios que eram minha prioridade. Apesar da

vontade de ligar, mergulho no trabalho e durante todo o dia não tenho nenhuma notícia do que houve. Acabo deixando de lado, porque se fosse algo grave já saberia.

De fato, por uma questão de desencargo de consciência, no meio da tarde, ligo para Matt e tento descobrir algo e fico estarecida quando soube que Bruno tinha sofrido um acidente pela manhã, perto do meu apartamento, depois que tinha deixado os outros seguranças lá e se certificado que eu estava segura.

Ele tinha estado dormindo na rua na frente do meu prédio toda noite? Eu imaginei que ele teria ido embora, mas eu devia imaginar que ele não me deixaria sozinha. Sinto-me mal, agora, por tê-lo enxotado no meio da madrugada. *Droga, Alicia!*

— E onde ele está? Ele está bem? — pergunto, não deixando transparecer meu tumulto interior para meu irmão.

— Soube que ele está no hospital, mas, segundo Alex, não é nada grave — diz, e começo a arrumar os documentos que estive analisando e que estão espalhados na minha mesa. Irei vê-lo, é o mínimo que posso fazer depois de ele se ferir por passar a noite acordado na frente da minha casa.

— Em que hospital? — pergunto. Pego minha bolsa e rumo para a saída. Ele me informa o nome do hospital,

e ando firmemente na direção dos meus seguranças — Falo com você depois — Desligo furiosa com aqueles dois idiotas por me esconderem isso pela manhã.

Tenho tantas coisas a serem resolvidas hoje, mas esqueço de tudo isso, preciso vê-lo.

— Por que não me disse que o "incidente" que você escondeu, na verdade foi um acidente com Bruno? — pergunto quando paro na frente de Nate, que está sentado no corredor ao lado da minha porta. — Me leve onde ele está, nesse momento. — exijo e não espero sua resposta quando caminho decidida para fora.

Meu estômago estava enrolando em nós de ansiedade e nervosismo. Quando Nate senta ao meu lado, no carro, peço detalhes do que tinha acontecido e ele fala muito pouco sobre isso, só diz que foi um simples pneu furado, mas não acreditava nele, e só me acalmaria quando visse Bruno para me certificar que ele estava bem.

A viagem até o hospital parece levar uma eternidade, e finalmente me vejo na frente do prédio. Desço do carro sem esperar meus seguranças, subo os degraus praticamente correndo. Nate me acompanha e logo depois somos encaminhados para o quarto particular onde Bruno está.

Acho estranho ter um segurança parado na porta do

quarto de Bruno, mas não me detenho e invado o quarto para encontrar um par de olhos azuis fixo na porta e que parecia furioso.

— Ah, agora as coisas começaram a melhorar. Minhas preces foram atendidas e você foi contratada como enfermeira, querida senhora Duran? — ele cruza seus braços e olha além de mim para Nate, que tinha vindo em meu encalço — O que ela faz aqui?

— Ela insistiu para vir — ele diz e recua fechando a porta, nos deixando a sós.

— Vejo que você está bem, senhor Ross — Me aproximo da cama. Tenho vontade de retirar a mecha de cabelo que cai em sua testa onde tem um curativo. Se não fosse por isso e o ar cansado dele, seria impossível dizer que ele tinha sofrido um acidente hoje — Você está bem?

— O que faz aqui, Alicia? — ele está tão sério, frio, e ignora minha pergunta preocupada.

— Queria saber como você estava, fiquei preocupada — admito.

— Sério? E só agora você apareceu? Humm, fico pensando quando você não estiver preocupada — dá de ombros, como se não tivesse importância. Isso não era justo. — Acho melhor você ficar em casa esses dias, Alicia.

— Eu não sabia, seus amigos seguranças acharam que não era importante me comunicar — digo e sento na cadeira que está ao lado da cama.

O engraçado de tudo isso é que me sinto um pouco magoada por ele não me receber com um sorriso de boas-vindas. Por alguma razão boba achei que ele iria.

— E por que faria isso? Já não basta que não tenha mais uma vida social e não saio para lugar algum, a não ser que seja a trabalho?

— O incidente de hoje foi proposital e talvez a pessoa tenha pensado que você estivesse no carro comigo — ele informa calmamente — Devia pensar em ficar viva, em primeiro lugar, depois você pensaria na sua empresa. Afinal, para ela funcionar você tem de estar viva, não?

— Bem, e quem diabos foi que mexeu no seu carro?

— Boa pergunta, a polícia está verificando isso. — ele diz e olha ao redor do quarto — Poderia ver onde estão minhas roupas? Tenho de sair desse hospital.

— Você não foi liberado ainda, Bruno — tento falar, mas ele me corta quando levanta uma mão.

— Se continuar aqui, morrerei de tédio em vez de uma pancada na cabeça. — Ele toca uma campainha ao lado da cama, e segundos depois uma enfermeira entra.

— Onde estão minhas roupas? — ele nem a deixa falar — Preciso delas — Bruno diz com veemência, seus

olhos azuis estão brilhantes como se estivesse febril. Tenho vontade de verificar.

— Senhor Ross, ainda não foi liberado pelo doutor — ela tenta guiá-lo para a cama, mas ele parece um tanque e não se move do lugar — Senhor...

Tento não rir da situação e levanto.

— Por que não deita enquanto eu falo com o médico, Bruno? — vou para a porta.

Meia hora depois, um Bruno carrancudo sai do hospital depois de assinar um terno de responsabilidade. Segundo o médico, a pancada em sua cabeça foi forte, mesmo os exames terem sido normais, queria que ele passasse todo o dia aqui antes de receber alta. Eu fico imaginando se não foi a minha chegada que o fez querer sair mais depressa.

— Não devia ter saído assim — digo quando sento com ele no banco de trás do carro que Nate está guiando para fora do estacionamento do hospital.

— Estou bem, tenho uma reunião na empresa e estou indo para lá — ele resmunga.

— Claro que não, vai voltar para casa e descansar — ele ri.

— Você vai me forçar, Viuvinha? Posso opinar na maneira como serei obediente a você? — diz, seus olhos azuis perdendo a frieza que tem me olhado desde que

entrei em seu quarto mais cedo.

— Acho que essa batida na sua cabeça só piorou sua babaquice — digo e dou um sorriso.

— Estou achando, bebê, que você gosta da minha babaquice — ele diz baixinho quando corre o dedo ao longo do dorso da minha mão. — Qualquer um acharia que você choraria se eu morresse.

Meu sorriso murcha imediatamente, e sinto como se tivesse levado um tapa no rosto. Ele deve ter percebido que suas palavras me atingiram e recua quando diz:

— Desculpe, má escolhas de palavras — sim, elas só fizeram me lembrar que o último homem da minha vida tinha morrido há tão pouco tempo e que eu não derramei tantas lágrimas por ele. É ruim se sentir culpada? Isso sempre me confunde. — Nate, vamos para a empresa — ele diz quando olha para fora do carro e percebe que estamos indo em direção à sua casa.

— Alexander cancelou a reunião, Ross — Nate diz, e eu o olho pelo espelho para ver se ele fala a verdade. Ele não deixa nada transparecer. Ao lado dele, Connor se mantém calado como sempre e igualmente não dá nenhum palpite do que está pensando.

— Por que não acredito nisso? — Bruno diz, mas recosta-se no banco ao meu lado.

Meu celular começa a tocar, e eu passo a procurá-lo

em minha bolsa. Olho para o visor e dou um gemido. Ah, não, logo agora?

— Alô? — digo baixo e olho de esguelha para Bruno.

— Alicia, como você está? — A voz de Deni soa do outro lado.

— Estou bem, e você? — era estranho falar com o irmão de Bruno com ele estando ao meu lado. Deni está falando e não estou realmente escutando, estou mais interessada em olhar para as sobrancelhas de Bruno que estão franzidas nesse momento. Ele me observava, curioso sem ser tão óbvio.

— Posso te encontrar mais tarde em um jantar? Quero discutir algumas coisas com você — fico sem saber o que responder.

— Deni, sinto muito, pode ser outro dia? — digo e vejo a cabeça de Bruno virar para olhar-me. — Tenho um compromisso para hoje, então, se puder ser outro dia, eu agradeceria.

— Sim, claro, ligue-me quando tiver um tempo livre. — ele diz e nos despedimos logo em seguida. Eu não entendo esse interesse de Deni em mim, será que é por causa do Bruno? Pelo pouco que observei, eles não são os melhores amigos, tem umas coisas antagônicas entre os dois. Só não sei do que se trata.

— Esse é o meu irmão, com quem você estava

falando? — ele parece incrédulo e furioso quando me questiona. — Fique longe de Deni, Alicia...

— Chegamos — a voz de Nate chega até nós, cortando o sermão que provavelmente receberia agora de Bruno.

Eu desço junto com ele e caminhamos para o elevador. Não sei a maldita razão de ter vindo com ele aqui. Deus, sou uma masoquista mesmo e uma louca de pedra, já que rejeitei seus avanços na noite anterior e aqui estou eu indo para sua casa de bom grado, mesmo que seja por uma questão de ajudar um amigo doente.

Eu preciso de um psicólogo urgente!

— Devia ir embora, Alicia, vir à minha casa não é uma boa ideia — ele diz quando entramos no elevador — Você e seus recatos de moça certinha podem não gostar do que vem pela frente.

— Por que tudo tem de ser sexual para você? — digo e me recosto na parede do elevador o mais longe possível dele. — Não posso ficar em sua casa enquanto está doente?

Ele dá uma pequena gargalhada, e o som mexe comigo de uma maneira que faz meu sangue correr mais rápido nas veias. Droga.

— Acha que estou doente, é? Não se engane, bebê — diz suavemente e crava seus olhos intensamente em

mim.

Ele vem com passos lentos em minha direção e para na minha frente. Estou prestes a empurrá-lo quando as portas se abrem e ele se afasta com um sorriso debochado.

— Salva pelo gongo. — Quando entramos, ele vai direto para o sofá da sala de estar e deita pesadamente lá.

— Não terminamos esse assunto de Deni ainda, Alicia.

— Eu sei, mas agora devia ficar quieto para variar — estou sendo condescendente com ele porque não aguento essa ladainha dele sobre Deni. Se ele me contasse o porquê desse mal-estar entre os dois, isso se resolveria — Quando você estiver bem, vai me contar por que tenho de ficar longe dele?

— Não! — Seu *não* taxativo me faz fazer uma careta de desgosto quando sigo para sua cozinha. Bom, agora sou a babá do meu guarda-costas. Legal!

— Você quem sabe. Eu tenho negócios com ele! — digo alto, ao mesmo tempo em que verifico sua geladeira. — E sua casa não tem nada para comer.

Espero uma resposta, mas ela não vem, então volto para a sala. Bruno está com um dos braços sobre os olhos, evidenciando seu corpo forte. Eu nunca antes tinha desejado um homem tão terrivelmente. Eu sempre fui tão contida com Evan, agora sinto essa vontade de

ser impulsiva, selvagem e desinibida com Bruno, e ao mesmo tempo, quando me sinto dessa forma, a culpa bate em mim.

Eu sei que posso me apaixonar fortemente por ele, mesmo sabendo que ele não foi feito para levar um relacionamento sério, e sei que isso não vai durar muito tempo porque eu mesma posso excluí-lo da minha vida. Não estou preparada para ele ainda, talvez para homem nenhum.

Bruno

Ouçó Alicia pelo meu apartamento e me pergunto o que ela faz aqui. Essa mulher vai me enlouquecer.

Bruno, não quero você!

Bruno, quero você!

Não, não quero você!

Mulher louca! Uma hora me come com os olhos e na outra me expulsa de sua casa. Quem as entende? Eu que não.

Preciso conversar com Alex, então pego meu celular para ligar para ele quando vejo Alicia vir do meu quarto, vestida com umas das minhas camisas que a deixa malditamente sexy.

— Desculpe por isso, precisava de um banho — ela

diz apontando minha camisa, e não posso controlar a súbita vontade de lhe agarrar e fazê-la pedir desculpas devidamente a mim de um jeito que vai nos deixar loucos e suados aqui mesmo no sofá.

Droga! O pensamento me deixa duro, e percebo chocado que faz um mês que fiz sexo. Recorde total de todos os tempos. Ela estava cheirosa! Cheira igual o céu, quero correr minhas mãos por suas coxas lisas e beijá-la bem forte...

Balanço minha cabeça para clarear minha luxúria e disco para Alex. Foco, Ross...

— Soube que já está em casa — ele diz quando atende. O cara nunca diz um alô como gente normal?

— Não devia ter desmarcado nossa reunião, Alex, preciso saber como anda nossa investigação.

— Estou passando em sua casa quando sair daqui do escritório — ele diz e eu olho para o relógio: são dezoito horas.

— Estou esperando. — Desligo e olho para Alicia, que ainda estava de pé na minha frente.

— Não devia trabalhar hoje — Ela agora me dá ordens? — Pedi um jantar leve para você, sua casa não parece habitável, sabia? Devia se cuidar melhor "guarda-costas".

O toque da campainha me impede de retrucar. Alex

foi rápido!

— Seu jantar! — Alicia diz quando caminha para a porta, e eu pulo do sofá antes que perceba o que estou fazendo.

— Vai abrir a porta assim? — aponto para minha camisa, fazendo-a franzir o cenho — E para começo de conversa, não devia atender a porta sem saber quem é. Eu faço isso!

— Tudo bem, irei colocar a mesa — ela se afasta para a cozinha e eu vou abrir a porta.

Bruno

Sinais de alerta piscam na minha mente quando vou para a porta. Minha cabeça não havia parado de trabalhar desde que Alexander disse que alguém mexeu no meu carro. Que horas teria sido? Não deixei o carro durante toda a noite, não dormi. Isso me faz pensar que alguém tem monitorado o apartamento de Alicia. Está esperando uma oportunidade para agir? O pensamento de alguém a observando tão de perto me dá calafrios.

A única hora que deixei o carro foi por meia hora enquanto falava com o Nate e o Connor naquela manhã. Espero que Alex já tenha algumas respostas da polícia.

Olho quem está lá fora antes de abrir a porta e, sim, é o entregador com sacolas de comida como se um exército fosse se alimentar na minha casa. Ah, minha viuvinha quer me deixar cheio de energia. Dou um sorriso para mim mesmo enquanto pego as sacolas.

— Obrigado — digo quando pago e fecho a porta.

Vou para a cozinha e encontro Alicia na ponta dos pés pegando pratos no armário. Eu esqueço as sacolas e

inclino minha cabeça, deleitando-me com a curva de seu traseiro quase à mostra.

— Ross, minha cabeça é aqui em cima — ela diz quando me pega olhando.

— Essa sua parte é mais apreciável, querida. Prefiro olhar para ela, sem ofensas à sua cabeça — digo e sorrio malicioso para ela. Bem, se ela veio para minha casa tão facilmente, eu devia pensar em ter uns pequenos acidentes e mantê-la aqui a meu bel-prazer.

Recebo um olhar recriminatório dela e levo a comida deixando em cima do balcão de mármore e volto a olhar sua movimentação colocando a mesa para dois. Ela parecia à vontade fazendo isso na minha casa.

— Por que veio, Alicia? — ela para o ato de colocar os talheres ao lado do prato e vira-se para me encarar. Seus olhos esverdeados estão frágeis, e meu coração falha uma batida. Meu instinto é de ir até ela e segurar seu corpo contra o meu tão apertado que ela nunca mais iria sair do meu abraço. Mas eu não sou esse tipo de cara. Eu não abraço uma mulher só para consolá-la, não. Eu vou querer sempre mais alguma coisa dela.

Mas Alicia me faz querer ser melhor e ser o cara que só quer dar aquele abraço, que fará sua mulher se sentir protegida e segura, sem nenhuma intenção por trás disso.

— Eu... Bem, não pensei sobre isso, sabe? Só achei que poderia... humm — ela me dá as costas mais uma vez e termina de colocar a mesa.

— Que poderia o que, bebê? — minha voz é baixa, quase inaudível, quando chego atrás dela. Segurando seus ombros, digo perto do seu ouvido: — Vou adorar ser cuidado por você.

— Não deve ficar a noite sozinho quando bateu forte a cabeça — diz ignorando minha provocação e foge para abrir as sacolas — Estou tentado ser gentil.

Eu sorrio. É essa a desculpa que ela inventou para vir até aqui? Tudo bem, que ela pense que me convenceu com isso, se esse é seu jogo, então estou mais que disposto a jogar junto. Eu fico observando quão bem ela fica aqui na minha casa. Sinto um calor no peito que é estranho, desconfortável e bom ao mesmo tempo. Eu pareço um doente seguindo seus movimentos graciosos com um sorriso idiota no rosto. Ela combina com a minha casa.

— Tire esse sorriso do rosto, Ross — serve a comida e aponta para que eu sente — Não tenha ideias erradas.

— Devo ficar doente mais vezes, assim terei uma Alicia doce e prestativa aqui comigo — apoio meu queixo na mão e dou um largo sorriso para ela, que me

olha carrancuda, e isso só me faz sorrir mais.

Ela senta e come em silêncio enquanto a olho, divertido. Não sei por que estou me sentindo muito satisfeito comigo mesmo. Eu não percebi o quanto tinha sentido a falta dela esse último mês que fiquei longe. Porra, estou salivando igual a um lobo em cima de sua presa e nem estávamos fazendo algo sexual.

— Você tem alguma ideia de quem atentou contra você hoje? — ela me puxa dos pensamentos obscenos que tenho dela de joelhos à minha frente toda submissa. Limpo minha garganta para me situar do que está falando. Ah, sim, o acidente.

— Não, mas descobrirei em breve — garanto para tranquilizá-la, mas não tenho a menor ideia de quem seja. Não tenho inimigo, que eu saiba, só se fosse um marido ciumento que agora descobriu que dormi com sua mulher, como disse Alex no hospital. Só se...

Não, isso não, seria demais para mim. Ele não faria nada tão idiota, faria?

— Diga-me, tem se encontrado muito com meu irmão nesse último mês? —sondo, baixando os talheres no meu prato.

— Bruno, sinceramente não sei aonde você quer chegar com essa pergunta, mas deixe-me dizer que...

— Só responda à pergunta, Alicia — corto

firmente.

— Não temos esse tipo de relacionamento que está sugerindo.

— Não sugeri nada, só fiz uma pergunta que não me respondeu — inclino na direção dela — Isso só me faz pensar que esconde algo.

— Temos negócios, só isso. E devo ser grata a você, porque segundo Deni, ele só me contratou por sua causa — diz fazendo meu sangue gelar. — Ele disse que quer se reconciliar com você e viu em mim uma chance.

Minha reação é rir, e não é um riso feliz. Agora tenho certeza que Deni não está com boa intenção em relação à Alicia. Resta saber o que ele quer de mim para tentar usar Alicia. Ele não estava sendo gentil com ela à toa.

Minha raiva é tão grande que me impede de dizer qualquer coisa, quero sair e encontrar meu irmão e quebrar a sua cara. Meu estômago embrulha só em pensar em ter uma conversa com Deni, já fazia tanto tempo que me afastei de todos.

— Eu sinto muito pela forma que agi ontem à noite — Alicia diz, quebrando o silêncio tenso — Eu ter exigido que você saísse no meio da noite e você dormir na rua.

Ela tem uma ruga de preocupação entre seus olhos, e estendo minha mão e agarro a dela. Vejo que minha

menina está se sentindo culpada pelo que me aconteceu.

— Você não tem culpa de nada disso, bebê, não foi você que estourou meu pneu — faço círculos na palma de sua mão — A culpa de ter batido foi totalmente minha, estava distraído demais no momento.

Não digo que era ela a minha distração, isso só a fará se culpar mais.

— Venha aqui — peço afastando minha cadeira, mas ela arregala os olhos e continua sem se mexer do lugar. — Venha aqui, Alicia.

— Termine seu jantar — ela diz, e bufo chateado. Essa mulher e seu controle eram minha ruína — Você não devia fazer esforço.

— Você está acabando com minha masculinidade falando assim — respiro fundo e volto a comer — Qualquer um que ouvir você, vai pensar que estou em pedaços.

Ela ri levemente da minha carranca e, pouco depois, quando terminamos de jantar, ajudo a retirar a mesa, mas ela recusa terminantemente que eu ajude com o restante. Estou prestes a argumentar, quando ouvimos a campainha da porta.

— Acho que a cavalaria chegou — digo, e antes de sair da cozinha, beijo seu ombro — Não vá embora enquanto converso com Alex, estarei no escritório.

Ela assente e a deixo para atender Alex e ter a conversa mais difícil que nós dois teremos.

Verifico a porta como força do hábito, abro e Alexander entra carrancudo. Ele por acaso descobriu mais merdas de minha família?

— Ross — ele cumprimenta quando passa por mim.
— Espero que esteja melhor.

— A preocupação de vocês está me deixando meio louco — digo e aponto para meu escritório.

— Vocês quem? — ele para no meio da sala e inclina a cabeça interrogativamente quando escutamos Alicia na cozinha — Ah, vejo que tem uma enfermeira disposta cuidando de você. Não perde tempo mesmo, Bruno.

— Falando em enfermeira, cadê sua assistente? Não está colada em você? — provoco, me referindo a Lana. Não o quero se metendo na minha relação com Alicia, como se fosse o pai dela. Isso só diz respeito a nós. Ponto.

— Bruno, ainda quebro todos os seus ossos por flertar com minha mulher — ele diz e me segue para o escritório. Sirvo um whisky para ele sem mesmo perguntar, sei da mania dele de tomar uma bebida no fim da noite.

— Então, o que polícia descobriu? — sento atrás da mesa e jogo minhas pernas em cima dela, cruzando as

mãos na nuca.

— A única pista são as câmeras do condomínio que flagraram uma pessoa indo até seu carro, pouco depois de você entrar no prédio da Alicia de manhã — ele diz e roda entre os dedos o copo. Depois me olha. — Por que você estava do lado de fora do prédio, afinal?

— Por nada em especial, não queria deixar Alicia desprotegida — digo incomodado — Mas isso não diz respeito a você, Alex.

— Como não? Temos responsabilidade por uma cliente, Bruno! Você primeiro dispensa os seguranças dela, primeira coisa errada!

— Eu posso fazer qualquer merda que eu queira, Alex. Você pode ser o sócio majoritário da empresa, mas eu também sou sócio e tenho poderes para fazer algo que ache que devo fazer. — Estou alterando minha voz, e isso só diz o quanto ele está me irritando com esse papo de grande chefe. — Não me meto nas suas coisas e nem na sua relação com Lana! Então não se meta na minha.

— Quer comparar o que tenho com Lana às suas transas aleatórias?! — ele deve estar brincando!

— É melhor retirar o que disse — digo entredentes — Você que não compare Alicia com outras mulheres! Ela não é uma transa aleatória e você, seu filho da puta,

tome cuidado com o que fala!

Estou tão bravo agora que tenho vontade de partir a cara presunçosa de Alexander.

— Então devo acreditar que ela não deu um pontapé na sua bunda ontem à noite e, por isso, você dormiu na rua? Não vejo você levando esse envolvimento além do que ele já foi, Bruno — ele diz — Há quantos anos conheço você? E tem sempre agido da mesma maneira com as mulheres. Não queira que eu acredite que está apaixonado agora.

— Assunto encerrado e, melhor ainda, Alicia é um assunto que não vou discutir com você — volto a me encostar na cadeira, bufando de raiva. Filho da puta intrometido!

— Então, por que não me conta, por qual motivo seu pai é um notório criminoso, Bruno, e durante todos esses anos que somos amigos você não disse nada? — ele indaga, tenso também.

— Minha família é um assunto que gosto de manter afastado da minha vida, Alex — digo por fim — E isso nunca veio à tona para ser discutido.

— Descobrir que meu sócio tem associação com pessoas de índole duvidosa, para dizer o mínimo, é bastante constrangedor, Bruno, ainda mais por terceiros. — ele está chateado, e não o culpo por isso. Por não

falar com meus amigos de anos sobre meus familiares.

— O que você sabe sobre eles? O que esse seu homem...

— Na verdade, Bruno, saber de seus familiares não foi a maior das surpresas — ele se inclina para mim, seu rosto está sombrio quando fala — Mauro descobriu que seu pai tinha negócios com Evan Duran. Não negócios diretos, mas, segundo Mauro, seu pai era um "cliente" de Duran. Lavagem de dinheiro e outras coisas duvidosas, o esquema era bem elaborado. Como Duran roubou todo dinheiro dos "clientes" e sumiu com ele, bem, isso não sabemos. Ninguém sabe onde foi parar. Talvez seu pai possa esclarecer.

Que porra era aquela? De que raios ele está falando? Estou totalmente paralisado. Não reajo.

Não, não, não...

— Não temos uma confirmação, são especulações. Por isso, quero que fale com seu pai — ele fala isso como se fosse fácil. Que eu discutiria esse assunto com meu pai, que me odeia!

— Você por acaso quer que eu ligue para ele e marque uma tarde para tomarmos um café enquanto discutimos isso? — pergunto sarcástico. — Faz quinze anos que não falo com eles, Alex. E você não os conhece, é melhor se manter afastado deles. Você não é

da polícia, afinal de contas.

— Está de brincadeira? Eles são uma pista para desvendar a morte do marido de *sua Alicia* — ele diz dando ênfase no "sua Alicia", e isso me incomoda. Alex levanta e anda pelo meu escritório, impaciente. — Por que não me conta essa história toda, Bruno?

Tenho um estalo no cérebro quando a coisa toda fica óbvia para mim, e eu levanto também, como se mil demônios estivessem atrás de mim. Deus! Estou lerdo para caralho! Deve ter sido forte mesmo essa pancada.

Deni, filho da mãe! Não era nada comigo, era Alicia que ele queria ferir! *Fique calmo, Ross.*

Vou até o canto e me sirvo de uma bebida, que tinha evitado por causa da medicação que tomei hoje, mas que se dane, preciso de álcool no meu sistema para me acalmar para que eu não saia agora e quebre a cara do meu irmão em duas!

— Por que a polícia já não tomou conhecimento disso? — minha voz é calma, mas a raiva fica latente em meu timbre.

— Não sei, mas faz uns dias que tenho essa informação do Mauro, mas queria falar com você em primeiro lugar, afinal, a família é sua — ele continua: — Mas as coisas são mais obscuras do que imaginamos. Seu pai tem uma rede de contatos e recursos para

manter algumas pessoas "cegas" e, se não estiver muito enganado, esse súbito encerramento do caso que alegaram por não ter recursos financeiros para prosseguirem, nada mais é que os cordões puxados nos lugares certos.

Ele estava coberto de razão. Eu agora já não tenho nenhuma dúvida que Deni e meu pai estavam nisso até o pescoço.

— Você sabia que meu irmão está rondando a Alicia? Deni Ross é meu irmão, e esse mês que passei fora ele se aproximou dela...

— E você só me diz isso agora!

— Alex, você recebe a porra do relatório dos seus seguranças? Eles devem ter mencionado. Você não leu, não é? — isso é fantástico.

— Claro que li, só não foi escrito o sobrenome desse tal Deni — ele rosna, furioso.

Isso só estava melhorando... Como posso contar para Alicia que meu pai a quer morta? Meu sangue está fervendo de raiva.

Alicia

Eu espero Bruno em seu quarto, automaticamente vim para cá em vez de ir para o antigo dormitório que usei aqui em sua casa. A desculpa que estou usando para

mim mesma é que preciso ficar de olho nele durante a noite, mas sei muito bem que isso é mera desculpa para estar aqui em sua cama.

Eles estão demorando tanto no escritório que tenho vontade de ir verificar o que tanto eles conversam.

Levanto, saio para a pequena sacada e observo a cidade lá embaixo. Estou tensa demais, preciso de um tempo longe de tudo isso; fazer uma viagem longa e distante desse sentimento que me sufoca e me deixa trêmula, sem foco, fraca. Depois da festa de Danila, deixarei Marcos assumir as poucas festas e sairei de perto de tudo. Não aguento mais viver presa dentro de casa sem poder sair sem nenhuma preocupação, dar um passeio na rua, correr no parque, coisas que eu costumava fazer antes dessa loucura começar.

Eu sinto que estou sufocando e que nada posso fazer para me sentir livre outra vez. O problema será fugir sem ser notada. Rio silenciosamente. Bruno certamente estaria dormindo na minha calçada. Balanço minha cabeça e afugento as imagens da minha mente. Estou imersa em pensamento quando escuto a voz de Bruno no quarto.

— Alicia!

— Aqui — digo e ele vem e para ao meu lado.

— Que diabos faz aqui fora? Esqueceu que é alvo de

algum atirador, Alicia? — imediatamente ele me puxa para dentro — Tem horas que acho que você pede para se machucar.

— Não faz nem cinco minutos que saí — retruco — Não seja dramático, Ross.

Ele não responde, só me olha severamente, a única reação visível eram os punhos fechados denunciando que ele estava com raiva.

— O quê?!

— Vou tomar um banho e dormir — Hum... desde quando ele é tão sério assim?

Segue para o banheiro, deixando-me lá sem compreender nada. Será que cometi um erro vindo assim impulsivamente? Será que ele acha que estou forçando uma relação?

Estou no mesmo lugar quando ele volta apenas com uma toalha cobrindo seus quadris estreitos, mas a solta, ficando nu, para vestir uma boxer branca. Exibido! Finjo não olhar, e ele vai para a cama como se não estivesse exibindo por aí seus dotes!

— Vai dormir em pé aí, Alicia? — ele agora está escondendo um sorriso de mim, a raiva deve ter passado e ele parece mais tranquilo — Vesti uma roupa para não agredir seu moralismo e decoro. — aponta a boxer onde tem... Droga! Essa vai ser difícil resistir, Alicia. — Juro

que serei um santo com você.

Isso é uma mentira deslavada dele, porque estava na cara que não se comportaria como um cavalheiro.

— E, bem? — eu digo fingindo calma, mas minhas mãos trêmulas desmentem-me estrepitosamente. Os olhos azuis de Bruno estão dançando com divertimento. Maldito seja ele, nem consegue disfarçar sua excitação.

— Venha aqui, bebê...

Rendo-me a contragosto, quer dizer, não sou tão contra assim, nesse momento, eu quero sentir que pertenço a algum lugar, mesmo que fosse por um instante.

Caminho vagorosamente para a cama e sento na beirada. Ele vem por trás, não deixando mais esquivar-me. Levanta meus cabelos fazendo um rabo de cavalo em sua mão e beija meu ombro por cima da camisa, porém sua outra mão está nos botões, na frente. Ele consegue desabotoar os três primeiros e puxa descobrindo meu ombro esquerdo.

— Bruno, não acho que será uma boa ideia, você não está bem...

Não seguro um gemido quando sua boca cai aberta na minha pele. Ele arrasta a língua até a curva do meu pescoço suavemente, a barba por fazer arranhando e, sensualmente, ele lambe minha carne delicada. Eu pareço

queimar em todos os lugares, quero virar e alcançar sua boca e beijá-lo intensamente. Mas ele continua explorando meu ombro com sua boca em beijos quentes e suga minha orelha em sua boca, mordiscando. Não seguro mais os gemidos quando ele puxa meus cabelos para trás, expondo meu pescoço ainda mais para seu ataque irrefreável.

— Senti sua falta... — sussurra tão suavemente na minha orelha que inclino em sua direção.

Droga, ontem eu o tinha dispensado e agora estou aqui gemendo por sua boca. Tento sair de seu domínio, mas ele envolve minha cintura com um braço e me puxa para perto, colando minhas costas em seu peito duro.

Fecho meus olhos quando ele mordisca meu ombro e leva a boca para minha nuca e morde com um pouco mais de força, fazendo-me arrepiar. Torço minha cabeça querendo beijá-lo, e ele enfim tem piedade de mim e suga minha língua em sua boca. Ele está me matando e não passou do meu ombro ainda. Fico trêmula na expectativa de ele me beijar assim por todo meu corpo mal-acostumado.

Meu segurança era meu pecado, meu vício...

Alicia

Eu fiquei completamente perdida, totalmente absorvida por sua boca em minha pele. Bruno não tem nenhuma pressa em me saborear. Ele desce uma das mãos pela minha barriga e para na junção das minhas coxas. Não posso parar o gemido pela maneira hábil que ele esfrega seus dedos no meu clitóris, fazendo meus olhos rolarem para trás. Sinto meu corpo começar a estremecer e empurro mais para sua mão.

— Amo a forma que você se entrega para mim, bebê — ele chupa minha orelha, e não aguento muito tempo, me desfazo em sua mão habilidosa. Agarro seus cabelos bem forte para me apoiar. Minha falta de controle é clara quando penso que amanhã ele terá uma dor em sua cabeça, mas isso é tão fugaz na minha mente nublada que continuo segurando-o firme enquanto me deixo levar pelo prazer.

Deito de olhos fechados, todos meus músculos parecem gelatina. Viro meu rosto para encarar Bruno que está pairando sobre mim, sua cabeça apoiada na mão e o

sorriso que ele ostenta é deliciosamente pecaminoso. Eu podia ficar viciada nesse sorriso. Uma gama estarrecedora de novas sensações explode dentro de mim, sentimentos ambivalentes se chocam quando enrolo meus braços em volta de seu pescoço forte e exijo mais de sua boca. O beijo como se não houvesse amanhã. Talvez não haja mesmo, cada dia para mim tem sido como o último. Mas agora estou entre o céu e...

— Você está bem? — pergunta descolando sua boca da minha. Ele está louco? Estou flutuando ainda na onda leve pós orgasmos.

— Sim, muito bem por sinal — dou meu sorriso para ele e recebo um beijo nos lábios antes que ele deite nos travesseiros e me puxe para seus braços. — Bruno...

— Boa noite, querida — ele me corta e apaga a luz ao lado da cama. Para um homem que nada quer de mim além do sexo, ele está agindo o contrário disso. Não está preocupado com o próprio prazer?

Ai, Bruno, assim vou começar a achar que você não é tão prostituto.

— O que o Alexander conversou com você? — pergunto momentos depois, já que o silêncio estava ficando estranho e não conseguia relaxar para dormir. — Claramente não foi algo que você gostou de ouvir, nunca tinha visto você tão chateado.

— Você ainda está acordada? — ele se mexe e me encara — O dia foi longo, Alicia.

Ele não quer me dizer o que conversaram? Isso me deixa ainda mais curiosa.

— O que a polícia descobriu? — insisto, fazendo-o suspirar pesadamente.

— Nada ainda, as câmeras de seu prédio não ajudaram muito. Claro que a pessoa não ia facilitar nossa vida se expondo para elas, certamente — ele me puxa outra vez para que eu fique de conchinha com ele — Amanhã conversaremos, agora estou exausto e ferido, querida — ele dramatiza e beija a curva do meu pescoço.

Mas eu quero algumas repostas, ele não irá mais fugir disso. Por hoje tudo bem, mas amanhã ele dirá nem que eu tenha de torturá-lo em um porão. Sorrio da imagem dele sendo meu prisioneiro e me aconchego ainda mais a ele.

— Boa noite.

Ouçoo seu leve suspiro e percebo que ele já deve ter dormido. Deve estar exausto mesmo para dormir antes de mim. Ele nunca faz isso, não enquanto estive vivendo com ele semanas atrás.

Acordo na manhã seguinte sozinha e não vejo nenhum sinal de Bruno por perto. Quinze minutos depois, saio vestida e quase pronta para voltar aos meus

afazeres do dia. Pena que terei de ir em casa para mudar de roupa. Essa estava amassada.

Não vejo Bruno em lugar nenhum, vou olhar no escritório e nada. Depois de voltar para a cozinha e me servir de um café, percebo o bilhete dele no balcão.

Nate e Connor estão esperando para levá-la aos seus compromissos. B

Como é romântico!

Fico olhando o papel, e meus pensamentos voam para onde ele poderia ter ido. Ligo para Marcos e combino de nos encontrar no local da festa de Danila e, por um momento, esqueço Bruno e foco no meu trabalho. Dez minutos depois, encontro minha dupla dinâmica esperando na porta de Bruno, e me questiono por que diabos Bruno deixou os dois no corredor.

Deni

Matar uma pessoa era fácil demais, qualquer idiota poderia fazer com uma arma na mão, mas então sou um idiota e, para ser sincero, eu sentia um carinho por Alicia Duran. Meio mórbido, é verdade, mas um carinho de qualquer forma. Ela me fascina de uma maneira que não consigo decidir se é uma atração por ela ser linda ou a fascinação de saber que tenho um certo controle sobre ela. Ela era tão serena e delicada, percebi no tempo que pude ficar com ela no mesmo ambiente.

Eu queria conhecer todos os segredos dela, verdadeiramente. Descobrir por que ela não revelava à polícia a identidade dos homens que ela disse ter visto em seu depoimento. Só posso pensar que ela sabe mais do que admite. Quero conhecer suas fraquezas e apertar seus botões até não ter nada escondido sob aquela aparência fria e controlada.

Entretanto, eu sempre dava um passo para trás na minha aproximação com ela. A culpa disso? Do meu querido irmão. Ele sempre consegue chamar todas as

atenções para si. Sempre tinha sido assim, até no dia que foi embora da nossa casa. Ele deixou minha mãe em lágrimas por semanas e meu pai raivoso e cuspiendo fogo por seu filho preferir ir para o exército do que assumir um lugar nas empresas da família.

Eu achando que o colocando no hospital, ele sairia do meu caminho para ter Alicia em minhas mãos. Foi o contrário disso, e ela correu para ele como uma mulherzinha apaixonada do caralho. Isso só fazia dela uma presa mais fácil, eu sabia agora onde apertar e fazê-la abrir a boca e falar.

Nesse exato instante, tenho um Bruno enlouquecido subindo para falar comigo, e sorrio de satisfação por tê-lo aborrecido e tirado de sua zona de conforto.

Bruno

Quando invado o escritório do meu irmão, a fúria é minha companheira. Minha vontade é quebrar seu corpo em pedaços sangrentos. Os homens que faziam seus serviços sujos tentaram me impedir de entrar, mas eles pensaram bem antes de colocar suas mãos sujas em cima de mim. Devem ter avisado meu irmão, porque parecia que ele estava me esperando no seu maldito covil.

— Eu vou acabar com você, Deni — grito furioso quando avanço para ele e agarro seu pescoço. Minhas mãos em volta dele tão fortes que ele estava ficando roxo, sem ar. Lembro que o maldito ainda é meu irmão e paro antes que cometa um crime — Vim te dar um aviso e não vou me repetir: FIQUE. LONGE. DA. ALICIA!

— Ou o quê? — ele ri e cruza seus braços despreocupadamente, como se eu não tivesse tirado sua respiração segundo atrás — Vai sujar suas mãozinhas inocentes com meu sangue? Você, Bruno? Não me faça rir.

— Estou avisando, Deni, saia de perto dela ou direi para ela quem você é. Melhor ainda, entrego você à polícia como o assassino do marido dela — digo baixo, minha raiva parecendo que irá explodir de dentro de mim.

— Faça isso e ela será posta em risco desnecessário. Posso deixar de ser bonzinho e calá-la de uma vez por todas — ele não está brincando, ele pode muito bem tentar fazer isso — Pelo nosso pai, ela já teria ido fazer companhia ao marido salafrário dela, eu que ainda poupo sua vida, e olha, irmãozinho, tive mais de centenas de chances de mandar sua querida namorada para os ares e não fiz isso. Sabe por quê? Quero você desesperado sem saber meu próximo passo. — ele está agora claramente

debochando da situação.

— Antes eu mato você, Deni — Caminho para a porta porque sei que farei algo que me arrependerei mais tarde, como arrancar sua estúpida cabeça fora de seu corpo maldito.

Falar com ele não vai adiantar, tenho que, de alguma forma, tirar Alicia da cidade e fazer a polícia chegar neles. E eu mesmo farei questão de falar com os policiais. Malditos.

Como direi para ela que meu irmão está, de alguma forma, envolvido na morte de Evan Duran, sem que isso quebre a sua confiança em mim? Como vou mantê-la afastada dele sem contar tudo?

Ligo para ela quando entro no carro, preciso saber onde ela está e ir até ela. Não haverá nenhuma força sobrenatural que me fará sair de perto dela. Nem que eu a algeme ao meu próprio braço. Tenho de pensar em um plano para fazer Alicia entender que, nesse momento, ela tem de deixar sua empresa de lado e sair um pouco de circulação. Eu só preciso pensar em algo.

Alicia

Estou a caminho do trabalho quando meu celular toca e o nome de Bruno aparece no visor.

— Alô.

— Ainda enrolada em minha cama, querida? — ele diz do outro lado. Tem um toque cínico em sua voz, ele não perdia uma oportunidade para provocar.

— Não, infelizmente não gosto de brincar só — devolvo e entro na brincadeira — O dono da cama achou mais fácil fugir logo cedo, me deixando lá sozinha e querendo atenção.

— Acredite, eu teria gostado de acordar você, bebê, e fazê-la perder a hora do trabalho — sorrio, incrivelmente contente com a promessa em sua voz. — Onde você está agora?

Ah não, qual sacanagem ele quer fazer comigo ao telefone na frente dos seguranças?

— Hummm, no carro ...

— Para aonde está indo? — Argh! Não era nada sacana, eu que estou sexual hoje!

— Para a casa de eventos onde será a festa de Danila Fontes — digo frustrada por ele ser tão sério, de repente, quando necessito que ele seja mais leve comigo. Se eu quisesse ser honesta comigo mesma, *mais safado comigo*. Passo o endereço para ele.

— Encontro você lá — ele desliga abruptamente e fico olhando para meu telefone.

Meu dia começa frenético, logo que cheguei fui "atacada" por Marcos cheio de dúvidas sobre a

decoração do local, já que essa era umas das coisas que eu teria visto ontem se não tivesse saído feito uma louca para ir atrás de Bruno no hospital.

Hoje seria um dia longo.

Eu realmente amo o que faço, gosto de sentir a satisfação dos clientes quando seus eventos saem de acordo com o que eles queriam, e fico mais satisfeita ainda quando sou indicada para seus amigos. Essa era a verdadeira propaganda de um negócio bem-sucedido.

Percebo que Bruno chegou logo depois de mim, mas ele ainda não chegou perto o suficiente para falarmos, ele se manteve longe, me dando espaço para que eu fizesse meu trabalho. Ele parece bem melhor que ontem, apesar do curativo ainda na testa.

Só consigo falar com ele quando me arrasta para um almoço tardio, coisa que eu havia esquecido de fazer hoje. Eu tinha a mania de esquecer esses cuidados comigo mesma sempre que estava absorvida com o trabalho.

— Devia se alimentar melhor, Alicia — ele diz quando sentamos à mesa em um restaurante perto do local onde estávamos.

— Estou correndo contra o tempo. Se não percebeu, tenho esse evento acontecendo amanhã — sei que não falta muito para entregarmos o local totalmente pronto

amanhã, mas corri tanto atrás desse trabalho que estou ansiosa demais para ficar quieta.

Pedimos nosso almoço, e observo que Bruno está calado e sisudo à minha frente. Ele tem os olhos correndo ao redor, como de costume, mas ele está claramente preocupado, percebo pelo vinco em sua testa e sua mandíbula cerrada. Nesse tempo que convivi com ele, sempre está com um sorriso cínico nos lábios e me chamando de viuvinha a cada cinco minutos, e desde ontem que ele não solta suas habituais gracinhas.

— Algo o está incomodando, Bruno? — indago quando vejo que ele não vai falar — É sobre seu acidente?

— Tenho um assunto para falar com você, mas não sei se seria prudente trazer esse assunto agora — diz e me olha firmemente — Falar de mim para uma cliente não é nada convencional.

Cliente? Lá vamos nós outra vez. Quando estou começando a me abrir um pouco para nossa relação ele diz isso?

— Cliente? — Eu sou uma parva mesmo, não consigo segurar.

— Não me entenda mal, Alicia, tecnicamente você é, sim, minha cliente acima de qualquer coisa, mesmo nós transando igual coelhos, isso não muda. Afinal, estou

zelando por sua integridade física — ele segura minha mão por cima da mesa — Eu nunca pedi isso a uma mulher, Alicia. Nunca precisei levar nenhuma a sério porque elas nunca dificultaram o sexo para mim. Por que me comprometer se eu já as tinha conquistado e tirado delas meu prazer? Mas quero assumir isso com relação a você.

Estou paralisada. O quê? Por que ele começou dando a entender que ia falar um pouco de si e terminou querendo um relacionamento comigo? Ele parece tão chocado quanto eu.

— Bruno... — começo, mas não sei o que dizer a ele. Estou apavorada. — Bruno, eu não sei se...

— O quê? Você é mulher, Alicia, e as mulheres sempre querem algo sério. Você não está sendo coerente, querida — diz, e eu puxo minha mão da dele.

— Mas era só sexo! — Oh, Deus, o que estou fazendo? Eu não posso, não ainda — Você disse isso, Bruno. Que podíamos nos divertir e eu poderia esquecer...

Minha voz falha quando tento levantar da mesa. Estou em pânico...

— Alicia, sente-se — ele segura meu pulso, me fazendo sentar outra vez — O que está havendo? Entendi tudo errado? Um mês atrás você ficou puta da vida

comigo porque eu terminei com você...

— Eu... — lágrimas queimam meus olhos e um nó na minha garganta me faz tentar engolir em vão — Eu não posso — digo em um fio de voz.

Bruno

Por que diabos eu fui dizer isso para Alicia?

Ela estava me dando o fora? Ela que, há pouco mais de um mês, estava puta comigo porque disse que não queria ter nada mais com ela? Eu estou totalmente confuso agora, droga.

Mas não ia falar isso assim, depois de falar com Deni e ter ideia do porquê de ele estar atrás dela. A minha ideia original seria tirá-la da cidade de qualquer jeito, sem que eu tenha de contar sobre minha família, mas quando abri minha maldita boca foi para fazer uma proposta que claramente ela não ia aceitar. Confusão do caralho que eu mesmo criei.

Não queria dizer para ela que minha família era responsável por ela ficar viúva, ela vai me odiar por isso ou correr para longe de mim. Esse pensamento me deixa louco, no entanto, parece que a fiz se distanciar de mim de qualquer maneira.

Ela parece apavorada na cadeira à minha frente, está se contorcendo nervosa, e nunca a vi assim. Nosso

almoço chega, e nós permanecemos calados sem tocar na comida à nossa frente.

— Por que você não pode, Alicia? — É o que pergunto quando minha maldita língua destrava. — Você não se importa de fazer sexo comigo, mas levar um namoro ou qualquer dessas merdas de mulherzinha comigo é demais para você?

— Não é você... — ela começa, mas eu a corto.

— Sim, vamos lá... o clássico "não é culpa sua, é minha". Alicia, somos mais que isso! — estou começando a ficar furioso com ela.

Ontem essa mesma mulher estava gozando na minha cama, agora ela vem com essa conversa de que não pode? Mesmo não sendo o que eu realmente queria dizer, depois que saiu, percebo agora que quero isso com ela. Eu a quero na minha vida, e isso é malditamente ruim, já que estou me apaixonado por uma mulher que é evidente seu receio de entrar em um novo relacionamento.

Qual o problema dela? O que diabos esse ex-marido dela fez para que ela entrasse em pânico com um simples pedido para ir adiante na relação? Porra! Não é nenhum pedido de casamento.

Vejo-a respirando fundo e tento me recompor também. Eu meti os pés pelas mãos com ela agora. Mas Alicia conseguia me surpreender sempre, nunca agindo

como eu achava que ele iria. Entendi tudo errado ontem, quando ela correu para me ver, preocupada comigo?

Droga, Bruno, você não está batendo bem da cachola, meu amigo, resmungo para mim mesmo, internamente.

— Bem, não lhe pedirei outra vez isso, Alicia — pego meu garfo e começo a comer.

Ela limpa a garganta.

— Você não vai me contar sobre sua família? — ela pede delicadamente, e a incerteza do tom me desarma um pouco. Eu sei que ela não teve um tempo bom com esse ex-marido, por isso eu queria dar um pouco de mim, apesar de tudo.

— Não tenho muito o que falar — minto, certamente tenho muito o que dizer a ela sobre eles — Vamos fazer um trato, Alicia?

Ela levanta seus olhos enormes para mim.

— Que trato?

— Eu conto mais sobre minha família e você me conta sobre seu casamento e o porquê desse medo. Não; pavor, quando falei de irmos para uma relação séria. — encosto-me na cadeira e a observando se contorcer ainda mais em sua cadeira. — Então, temos um trato?

— Eu não acho que isso...

— É pegar ou largar, Alicia, ou a partir de agora serei

apenas sua segurança e nada mais que isso — Eu estou forçando essa porra de verdade. Estou levando tudo ao extremo hoje, fazendo exigências demais até para mim. Mas minha viuvinha vai sair da porra da zona de conforto e falar comigo.

— Bruno, tem sido tão pouco tempo que nos conhecemos... — inclino-me para ela sobre a mesa.

— Pare, Alicia. Não perguntei nada sobre o tempo que nos conhecemos, quero saber se aceita o trato — digo e volto a encostar na cadeira.

— Você não pode exigir isso — ela fala com mais firmeza dessa vez, a Alicia impertinente começa a aparecer de novo. — Você surge com uma proposta de uma hora para outra e quer que eu pule ao seu comando? Acha que devo estar agradecida porque o fodão do Bruno Ross resolveu de um momento para outro nos levar a sério? Você se escutou, Bruno? Essa não foi a proposta mais romântica do mundo, sabe disso.

Ela dispara um discurso fervoroso. Descobri nesses minutos que estamos sentados aqui discutindo, que meu ego não era tão forte assim, sua recusa está amargando dentro de mim. Eu não sabia até então do quanto eu precisava dela e do quanto ela se infiltrou dentro de mim. Que sua recusa me deixou abalado...

— Você nunca fala de você, nunca deu a entender

que era mais que sexo, agora surge com isso e sem ao menos dar uma única indicação de nada? — Ela, com certeza, não terminou seu discurso.

— Essa é sua resposta?

— Eu quero ficar com você, Bruno, mas isso não precisa ser uma corrida de trem — ela me olha nos olhos — Por que não vamos devagar?

— Por que tenho a sensação que estou sendo usado sexualmente? — resmungo. — Viaje comigo. Esqueça seu trabalho por um tempo e vamos sair da cidade, e então acabamos com essa coisa de "não nos conhecemos de verdade" — Sim, isso era o que deveria ter feito antes de falar demais.

— E para onde iríamos? — ela fica mais animada com essa perspectiva.

— Qualquer lugar que queiramos ir.

Ela me dá um sorriso quando diz:

— Tudo bem, vou organizar as coisas.

Bem, as coisas podem não serem tão ruins assim.

23

Acalme-se comigo

Me proteja

Me abrace

Deite-se comigo

E me segure em seus braços

O seu coração contra meu peito

Seus lábios pressionados em meu pescoço

Eu estou mergulhando dentro dos seus olhos

Mas eles ainda não me conhecem

Com um sentimento que vou esquecer

Estou apaixonado agora

Bruno

Ouçó a música tocando ao fundo e puxo Alicia para um canto longe dos convidados. Eu não lhe dou chance de protestar: esmago minha boca na dela, empurrando minha língua de encontro a sua e a beijo forte. Quando ela consegue sair do meu agarre, está trêmula e vermelha.

— O que foi isso? — sua voz está permeada de desejo e reprimenda, e eu me inclino outra vez para sua

boca. — Bruno, estou no meu trabalho. — Ela sussurra como se tivesse medo que alguém a escutasse, mas quem está dando à mínima que a organizadora da festa está passando bons momentos com seu segurança?

Eu não me importo, quero-a louca de desejo e me querendo, não importa o que ela fale de não querer dar um próximo passo.

Desde ontem que algo estalou dentro de mim e estou puto com sua rejeição, mas estou determinado a fazê-la mudar de ideia, vou deixar essa mulher louca por mim ou não me chamo Bruno Ross. Se ela quiser a lua, darei a porra da lua para ela. Mas, no fim, seu coração será meu. Ela será completa e irrevogavelmente minha.

— Dance comigo — Digo de encontro aos seus lábios

— Não sou uma convidada, Ross, tenho que terminar...

— Quem se importa com isso? Você não parou cinco minutos desde o começo da noite, dê um tempo para você, Alicia. Eu quero dançar, e ninguém vai me impedir — digo decidido, passando meus braços por sua cintura fina e trazendo seus seios de encontro ao meu peito com força, não deixando dúvidas de quem estava no controle aqui.

— Você está tão abusado — ela fala, mas sei que

está se rendendo para mim.

— Sempre fui assim, bebê — Beijo seus lábios lentamente mais uma vez, quando nossos corpos vão ao ritmo lento da música que continua ao fundo. Quero que ela me abrace como quer ser abraçada e como quer ser amada. Estou tão perdido nela, tão louco por ela, que preciso me policiar para não esquecer que tenho de mantê-la segura.

— Estou ficando tão louco por você — sussurro em sua orelha, e ela fica tensa. — Quando você será completamente minha, bebê? Quando deixará tudo ir e se entregará de verdade para mim? Sabe, gosto de deixar você molhada, de saber que você pertence a mim e só a mim. Quero ser o único dono de cada pensamento seu...

— Bruno, não está jogando limpo... — seu murmúrio suave e trêmulo me deixa duro de encontro à sua barriga, estou latejante por ela.

— Adoro jogar sujo com você, Alicia — digo baixinho — Não vejo a hora que irmos embora e eu poder foder você bem gostoso...

Ela dá um suspiro trêmulo, e dou um sorriso para mim mesmo; ela nunca mais dirá não para mim. Minha missão: deixar Alicia Duran louca por mim.

...

*Acalme-se comigo
E eu vou ser a sua segurança
Você vai ser minha garota
Eu fui feito para manter seu corpo quente
Mas sinto frio quando o vento sopra, então me
abrace*

...

Dançamos absortos, como se existisse só nos dois naquele lugar. E, pouco depois, quando um dos funcionários vem em busca dela e ela sai dos meus braços, tenho essa sensação de vazio no peito como se tivesse algo arrancado de mim.

Olho ao redor da sala ainda cheia e pergunto-me que horas Alicia vai dar a noite por encerrada.

A festa de confraternização que ela organizou agora virou uma balada para os jovens advogados da empresa, e ninguém diria que eles eram advogados sérios, pois estavam mais soltos depois que os superiores tinham ido embora, pelo visto.

São duas da manhã, e Alicia ainda está elétrica, ela não parou um instante sequer. Estou zozinho de seguir cada passo dela, mas não vou perdê-la de vista.

Deni tinha estado na festa mais cedo, ele havia sido convidado, fez questão de estar cada vez mais perto de Alicia em cada oportunidade que teve. Eu entendia seu

jogo comigo. Ele queria que eu perdesse o foco e descuidasse dela. Mas ele deveria me conhecer melhor, tenho cada canto desse lugar cercado. Ele não daria um passo em falso ou eu cairia sobre ele com fúria.

Ele tinha saído, mas mantive um cara na cola dele. Não daria a chance de ele se aproveitar hoje com essa movimentação de pessoas ao redor de Alicia.

Eu passei boa parte do dia com Alex, planejando minha viagem. Ele era totalmente contra, já que seria mais fácil sermos atacados estando só eu e Alicia. Nem que eu tenha que ficar em um quarto trancado com ela, vou tirá-la de perto de Deni. E a ideia de ficar isolado do mundo com Alicia não é má, na verdade, eu adoro cada vez mais isso.

Corro meus olhos atrás dela quando a vejo ir falar com os garçons. Ela não cansa? Estou indo atrás dela quando Carl aparece ao meu lado.

— O homem que estava atrás de seu irmão disse que ele foi para casa — ele diz com seu jeito estoico de sempre — Se ele quiser mesmo fazer algo para Alicia, acho que hoje não será o dia.

— Não confie nisso — digo e volto a olhar para onde está Alicia e paraliso — Porra, aonde ela foi?

Alicia

Dando uma última olhada ao redor para certificar-me que tudo tinha corrido bem e que agora eu poderia ir para casa tranquila, vou até onde estão os garçons contratados e dou as últimas orientações para eles. Eu gosto de ficar até o último convidado sair, ver se tudo estava certo nos mínimos detalhes possíveis, não gosto de ter surpresas desagradáveis mais tarde, mas isso foi antes de ter um segurança em meu encalço a noite inteira.

Pensando nisso, entro na sala onde estava sendo usada como depósito de garrafas vazias e, como está tudo ok, dou meia-volta para ir ao encontro de Bruno e irmos para casa. O salão de festas não fica muito distante, e caminho calmamente para lá quando paro petrificada no corredor. Um homem de terno está parado na minha frente, e sinto todos os pelos da minha nuca eriçar. Ele me parece familiar, tenho a sensação de que o vi em algum lugar quando ele fica parado, calado, olhando-me. Não lembro se ele é um convidado, se o vi durante a noite, quando circulei no meio dos convidados de Danila.

— Posso ajudá-lo? — Pergunto, encontrando a minha voz firme, apesar de sentir meu coração batendo forte em meu peito. — A festa é para lá — aponto, e ele continua me olhando sem mexer um músculo da face.

Quando tento falar outra vez, ele diz:

— Você é Alicia Duran? — a voz é fria, e antes que eu responda, vejo Bruno aparecer atrás do homem.

— E você, quem é? — Bruno pergunta atrás do homem, e esse se vira para encontrar a carranca dele.

— Só preciso saber onde ficam os banheiros. — ele responde calmamente, como se fosse normal ficar em um corredor e o banheiro fosse se materializar ali.

— Tenho certeza de que eles não ficam por aqui — Bruno vem para meu lado, ficando entre mim e o homem.

— Obrigado — seus olhos caem em cima de mim outra vez — Boa noite, senhora. — A forma que ele me olha faz algo estalar dentro da minha cabeça, uma sensação de déjà vu.

Ele vira e vai embora. Bruno pega o telefone e fala com alguém sobre ele. Não escuto o que ele fala, minha mente é um turbilhão frenético como se quisesse me dizer algo, e minha respiração corta quando uma imagem pisca e lembro onde vi aqueles olhos me olhando da mesma forma que me olhavam antes de virar e ir embora.

Oh, meu Deus! Oh, meu Deus!

Sinto minhas pernas fracas quando me encosto à parede que estou próxima, chamando a atenção de

Bruno. Ele tinha parado de falar ao telefone e segura-me forte pela cintura. Cada respiração que tento dar parece que está esmagando meus pulmões e pânico começa a se construir dentro de mim.

— Você está bem, Alicia? — ele pergunta preocupado, observando minhas mãos trêmulas — Ele fez algo com você?

Tento falar, no entanto, minha língua parece colada ao céu da boca. Tento respirar e não consigo. Bruno me pega em seus braços e leva para fora do corredor. Como estamos longe da saída, ele me carrega até um banheiro e me senta no balcão de mármore.

— O que houve que deixou você assim? — ele segura meu rosto em suas mãos, fazendo-me olhar seus olhos quando ordena: — Diga-me!

— A-aquele homem, eu lembro dele... — digo baixo

— De onde, Alicia?

— No elevador... na noite que Evan... — não preciso continuar para ele entender o que quero dizer.

— Por que não disse antes, Alicia? — ele está pegando outra vez seu telefone — Carl, você tem o cara? O quê?

Ele escuta Carl falar e começa a esbravejar ao telefone.

— Puta que pariu, ele só acabou de sair daqui, não

daria tempo de ele sumir. Manda alguém verificar tudo, ele pode ser um dos assassinos de Duran.

Aperto meus olhos fechados e respiro fundo.

— Estou tirando Alicia daqui agora, indo para saída da lateral — ele guarda o celular e olha-me por um segundo, fixamente. Seu olhar frustrado me deixa ansiosa. — Vamos sair daqui.

Ele não espera por nenhuma resposta, pega-me nos braços e me carrega para fora em direção à parte lateral onde tem uma saída direto para os seguranças, que têm um carro bem na entrada nos esperando. Quando sento no banco atrás da SUV, me lembro das minhas coisas, tenho de avisar alguém para pegar. Estou pensando nisso quando Carl chega e me entrega meus pertences. O carro arranca, nos levando para o trânsito.

— Conseguiu alguma coisa? — Escuto a voz de Bruno e percebo que está falando ao telefone — Porra, essa era uma chance de termos algo concreto sobre esses caras... O local tem a circuito interno, verifique. Estou saindo do local.

Ele continua falando com a pessoa do outro lado, e minha mente deriva para imagens nada agradáveis do que poderia ter acontecido se eu não estivesse sob a proteção de Bruno e os outros homens.

Mantenho-me calada todo o caminho, e cada vez que

penso o quanto estive perto de um dos assassinos de Evan, sinto o suor frio correndo por minha pele. Ele veio atrás de mim, eu nunca tive tanto medo desde a noite que encontrei Evan morto na nossa sala. Eu queria correr para longe disso. Sinto-me fraca, frágil e com a sensação que minha vida pode ser tirada a qualquer minuto. Não tinha percebido que lágrimas caíam dos meus olhos, até que sinto o lenço que Bruno coloca em meus dedos trêmulos e me puxa para seus braços. Enterro minha cabeça em seu pescoço, inalando seu cheiro, e começo a me sentir mais segura outra vez. Ele não pede que eu fale qualquer coisa, porque sei que isso só fará a coisa ser mais real para mim.

Quando chegamos ao meu prédio não descemos de imediato. Ele enviou Nate e outro segurança que não conheço para verificar meu apartamento, e isso faz eu me sentir com mais medo. Será que ele acha que alguém vai invadir minha casa?

Passa algum tempo antes que ele fale com Nate e me leve para cima ainda em seus braços, mesmo eu protestando que posso andar, mesmo que minha voz seja fraca. Ele não me dá ouvidos. Vamos direto para meu quarto, e ele me deixa na cama antes de sentar ao meu lado.

— Está melhor? — pergunta, sua voz suave e

preocupada. Quando assinto, ele levanta e vai em direção ao banheiro e volta pouco depois, retirando seu terno e ficando só com a camisa branca a qual ele arregança as mangas até os cotovelos.

— Venha aqui, vamos livrá-la desse vestido — olho surpresa para ele, mas me dá um pequeno sorriso — Não se preocupe, só quero que tome um banho e vá para cama.

Humm, chato.

Ele me puxa levemente para ficar de pé, ajuda a tirar minhas roupas e leva-me para o banheiro onde a banheira está quase cheia. Ele tinha jogado sais dentro, e acho que exagerou porque as espumas estão densas.

— Vamos lá — diz quando desliga a água e me ajuda a entrar. Não me importo que ele esteja fazendo algo que posso fazer sozinha, sinto-me bem com ele aqui cuidado de mim por um momento.

Meia hora depois estou na cama, e meu segurança/babá tem uma xícara de chá para mim também.

— Obrigada — digo quando ele me dá a xícara — Você hoje está meigo, senhor Ross.

— Eu sou meigo, bebê — ele me dá um sorriso de molhar calcinha — Mas você levou um susto e precisa se deixar ser cuidada um pouquinho.

Sinto lágrimas quentes correrem por meu rosto. Além de Matt, ninguém nunca se preocupou em cuidar de mim, nem mesmo meu ex-marido tinha esse cuidado ou se importava depois que nós casamos.

— Hey... Está tudo bem. Não deixarei ninguém machucar você, prometo — Bruno se inclina e tira a xícara de meus dedos. Depois de depositá-la no criado-mudo, segura meu rosto com as duas mãos, retirando os vestígios de lágrimas, e beija suavemente meus lábios — Vou cuidar de você, querida. Confia em mim para isso?

Assinto quando envolvo meus braços em seu pescoço.

Bruno

— Está tudo bem, amor — murmuro contra os cabelos de Alicia e a puxo para meus braços. Beijo ternamente sua face banhada de lágrimas e tento controlar a raiva.

Esse sentimento avassalador que ela me faz sentir é tão estranho quanto novo e não sei que rumo dar para ele. Mas a única coisa que posso fazer agora é segurar minha garotinha frágil e cuidar dela. Ela não é tão forte como diz e não sabe o que fazer comigo cuidando dela.

Depois de um tempo, ela dorme e eu saio da cama, a fazendo resmungar algum protesto mesmo dormindo. Vou para a sala, encontrando Carl lá junto com Nate.

— Alicia está bem? — Nate levanta quando me vê entrar — Ela parecia não estar nada bem.

— Sim, está dormindo — digo a contragosto. Qual a dele com Alicia, está afim dela também? Franzo minha testa com o pensamento dele a cobiçando e tenho vontade de extravasar a raiva que estou acumulando dentro de mim. — Nada que deva se preocupar.

Digo duro, e ele deve ter notado meu tom nada amigável, porque olha para mim também com o cenho franzido.

— É claro!

Carl, que se mantinha calado, dá um meio sorriso quando sento em frente a ele.

— Marcando território, Ross?

— Não preciso disso, só deixando claro as coisas por aqui — não queria nenhum idiota com um pau perto da minha mulher, isso é um fato simples. — Quais as novidades? Falou com a polícia?

— Sim, mas você acredita que eles não estão muito preocupados com isso? — ele escora os cotovelos nos joelhos, inclinando para frente. — Eu posso apostar que seu pai tem um dos grandes da polícia na folha de pagamento, cara, isso é muito estranho.

Deve ter mesmo, por isso não fui à polícia ainda entregar os filhos da mãe. Meu pai era esperto e estava brincando de gato e rato até nos cansarmos e relaxar para ele fazer a jogada dele.

— A casa está pronta? — Carl tinha ficado encarregado de encontrar um lugar seguro para mim e Alicia.

— Tudo certo, lá tem até um quarto do pânico — diz sorrindo, coisa rara de se ver em Carl, um sorriso.

— Espero não poder usá-lo. E o carro?

— Estará aqui sem que haja nada suspeito sobre ele. Tudo limpo — fala e levanta — Estou indo, meu amigo, amanhã falo com você.

— Mais tarde, você quer dizer — digo, levantando também para segui-los até a saída. Quando eles saem, verifico o sistema de segurança e volto para o quarto.

Quando deito, Alicia se agarra a mim como uma tábua de salvação em seu sono.

Estou ficando fraco para as mulheres. Dormir ao lado dela por noites seguidas e sem sexo? Preciso me tratar urgente.

Deni

— Qual foi a reação de Alicia ao vê-lo? — pergunto ao homem de pé em frente à minha mesa logo cedo de manhã.

Eu começo a trabalhar antes das seis todos os dias, não importa o que aconteça, e hoje eu estou mais que ansioso para saber como Alicia se comportou ao ver o homem que ela supostamente esqueceu a fisionomia.

— Ela não pareceu me reconhecer — ele diz. Seu nome é Frank, foi ele que puxou o gatilho naquela noite, mas teve a idiotice de sair junto com os outros imbecis pela frente do edifício, como uns amadores filhos da

puta — Mas não tive muito tempo com ela, seu segurança apareceu e tive de cair fora. Pela forma que ele me olhou, pode ter ficado em alerta. Ele não deu muita chance para eu me aproximar dela durante toda a noite.

— Deixou meu irmão te ver? Como pode ser tão idiota? Aposto que agora tem um monte de policiais querendo pôr as mãos em você — digo furioso.

— Espero que não, senhor — olho feio para ele, pensando no quanto de ingenuidade um homem como ele pode ter.

— Torça para que não seja pego, ou você não chegará vivo na prisão — dou um sorriso frio para ele ter a certeza que não é brincadeira — Saia de circulação por um tempo.

Ele assente e sai. Respiro profundamente e aperto meu nariz para conter a raiva. Me aproximar de Alicia foi um erro. Eu devia ter mantido distância dela. O tempo está correndo e não consigo executar as coisas direito quando se trata dela. Um mês perto foi o suficiente para acabar com isso, mas eu deixei passar e agora eles estão perto demais de pôr tudo a perder.

Alicia

— Onde estamos indo? — pergunto enquanto dobro

um par de roupas e coloco em minha mala, em cima da cama.

Estou fazendo uma mala sem saber para onde vamos. Bruno quer sair da cidade o quanto antes e não me deu tempo de organizar meus compromissos na empresa e deixar Marcos supervisionando tudo. Eu ainda estou nervosa por ontem à noite, mas ele não saiu um minuto de perto de mim, e quando digo um minuto, é isso mesmo. Ele enviou um dos caras para pegar uma mala em seu apartamento e não me permitiu ir trabalhar hoje. Eu cedi porque estou apavorada. Acordei hoje cedo com outro pesadelo. Eles tinham parado, mas voltaram ontem, me deixando mais nervosa durante todo o dia de hoje.

Odeio essa sensação de sufocamento que sinto em não poder ser livre para ir e vir e fazer aquilo que gosto, sem me preocupar se tem um assassino em minhas costas. Eu tinha chorado de desgosto e medo nos braços dele, e ele só ficou lá, sem soltar suas gracinhas habituais, sem nenhum apelo sexual no nosso abraço. Eu sei que ele está muito preocupado com algo que não só é minha segurança, há outra coisa, além disso, o perturbando, e eu queria que ele confiasse em mim para falar. Sei que não estamos nesse nível de confidências, ainda precisamos trabalhar isso, tanto eu como ele.

Ele ainda não me passa segurança emocional, tenho meu pé atrás porque ninguém muda da noite para o dia, até ontem ele só transava e ia embora, por que não fará isso comigo? Quem me garante que seu interesse não é maior porque eu não me jogo nele como deve fazer suas outras mulheres? Quem garante para mim que sua óbvia preocupação comigo não é só trabalho? Minha cota de decepções se esgotou com a morte de Evan e seu mau caráter em me deixar com assassinos atrás de mim.

Mas apesar de dizer tudo isso para mim mesma, ele tem sido um bálsamo para minhas dores e angústias dos últimos tempos. Eu gosto de sua companhia, de me sentir querida e sei que, no fundo, estou caindo de amor mais uma vez por alguém, ainda que continue negando. Ele me assusta terrivelmente, porque ele pode me machucar mais do que Evan fez, disso eu tenho certeza. No fim, não amava Evan tanto assim. Ele já havia acabado com isso, com suas cobranças, como se fosse tudo culpa minha em não dar a ele o que queria de mim.

Olho para Bruno, que está recostado em minha cama vestido casualmente com jeans e suéter preto. Ele dá a impressão que está relaxado, mas não está, sei disso pela mandíbula apertada. Esteve muito calado durante todo o dia, só reafirmou que queria sair à noite, para não dar chance de quem estivesse nos observando nos seguir.

Eu não posso decidir se estou chateada, com medo ou frustrada com tudo isso. Estou quase virando uma fugitiva.

— Surpresa — ele resmunga quando achei que ele não responderia.

— Isso é chato, como vou levar as roupas certas? — levanto minhas sobrancelhas para ele quando vejo o sorriso malicioso surgindo nos lábios dele.

— Bebê, roupa não será problema — estica-se mais sobre minha cama e sorri mais largo, fazendo meu coração pular feito um louco no meu peito — Leve o essencial.

— Que tipo de viagem é essa? — resmungo quando vou pegar minha nécessaire com produtos de higiene no banheiro.

Leve o essencial? Homens não entendem que mulher não viaja com o essencial, ainda mais quando ela não sabe aonde vai.

Quando volto do banheiro, guardo o resto das coisas e fecho a mala, encarando-o.

— Você é muito curiosa. — ele levanta e me puxa para cima dele e nós dois caímos na cama — Liguei para seu irmão mais cedo e informei que vamos ficar fora um tempo.

Oh, meu Deus, mal tenho visto e falado com Matt!

— Preciso falar com ele — digo e tento me soltar de seus braços.

— Alicia, ele disse que posso ficar com você o tempo que quiser. —ele diz quando segura meu pescoço, trazendo minha cabeça para baixo.

— Mentiroso! Matt nunca diria uma coisa dessa. — repreendo quando escondo meu sorriso. — Sou sua irmãzinha querida!

— Disse mais, que posso abusar de você de todas as maneiras que eu quiser — fala de encontro à minha boca, em um sussurro rouco, antes de me beijar. Retribuo porque sou incapaz de ter sua boca junto à minha e resistir, não quero resistir mais. Gemo quando ele rola ficando por cima de mim e aprofunda o beijo. É sempre assim: um pequeno carinho se transforma em labaredas incandescentes de desejo quando nos tocamos.

— Bruno? — digo quando ele puxa a boca da minha e enterra a cabeça nos meus cabelos, me deixando respirar um pouco.

— Sim? — ele beija meu pescoço, o colo. Sinto sua boca quente por cima da minha blusa de malha fina, nos meus mamilos, deixando minha blusa molhada e...

— Não temos tempo para isso... Ainda quero falar com Matt — digo ofegante, mas seguro sua cabeça perto do meu peito.

— Ninguém precisa saber aonde vamos — ele levanta e senta na cama — Melhor para você, não quero dar chance de sermos seguidos. Confie em mim. É tão difícil assim, bebê?

— Eu confio — fico de joelhos na cama e passo os braços por seus ombros, por trás, descansando minha cabeça na curva do seu pescoço que cheira delicioso.

Bruno

Envio o carro de Alicia com Connor dirigindo em outra direção da qual estou indo com ela. Peguei outro carro novo, já que preciso despistar Deni ou sua corja de imbecis para longe do nosso destino. Faz uma hora que saímos de carro. Não vou muito longe, nem vou sair do país, a melhor forma de se esconder é em um lugar que ninguém acha que você irá.

Tenho mantido o olho no retrovisor, e nada que possa indicar se fomos seguidos, assim eu espero. Não quero as mãos porcas do meu irmão em cima da minha mulher, porque, porra, ela é minha e qualquer filho da puta que colocar a mão nela vai sofrer. Eu não me importo se é meu irmão ou seus malditos comparsas.

A fúria queima dentro das minhas entranhas e ameaça explodir desde ontem quando ela me disse que o cara que a abordou era um dos assassinos. Isso me deixa

doente, pensar no que ele poderia ter feito com ela se eu não tivesse chegado logo. Sinto raiva por não ter segurado o cara. Agora ninguém sabia dele, ele tinha evaporado e não foi pego por nenhuma câmera do circuito interno.

Deni miserável, eu preciso falar com meu pai, mandarei ele recuar junto com Deni, ou seja lá com quem mais eles estão trabalhando. Preciso saber o que eles querem realmente dela, porque uma coisa é certa: eles querem algo. Eu conheço meu pai, ele não hesitaria em mandar colocar uma bala na cabeça dela se ela fosse apenas uma ameaça de uma investigação caindo sobre eles e seus negócios ilícitos.

Olho para a mulher ao meu lado no banco do carona e sinto meu coração palpitar no meu peito. Nunca me importei ou me envolvi tanto com uma cliente como estou com Alicia. Nas outras vezes, eu tinha ido uma ou duas vezes para a cama com elas e partido para uma nova mulher, mas a minha viuvinha marrenta me quebrou quando não estava olhando. Estou apavorado para caralho!

Estendo minha mão e agarro a sua, trazendo para meus lábios e beijando o dorso, fazendo-a virar a cabeça para me olhar. Olho para a estrada e começo a investigar:

— Diga-me, o quanto você sabia do trabalho do seu

marido? — odeio essa palavra quando me refiro àquele idiota. Ex-marido filho de uma cadela. Ela não responde imediatamente, mas, quando fala, sua voz mostra a decepção clara em seu tom.

— A única coisa que sei é que ele era corretor da bolsa, Bruno — diz — Eu só soube que ele estava metido nisso quando ele morreu.

— Ele nunca disse nada a você sobre qualquer um dos seus clientes, nada que você lembre? Geralmente os maridos conversam com suas esposas, não?

Ela ri, e não é de alegria

— Isso seria a piada do ano — Alicia vira no banco para ficar olhando para mim. — Não tínhamos mais um casamento, Bruno. Só estávamos levando isso, talvez, porque não queríamos dar o último passo, que era o divórcio.

— E por quê? Ele te maltratava? — mordo as palavras. Maldito, se ainda estivesse vivo acabaria com ele.

— Não como você pensa — ela vira para a janela e não diz mais nada. Frustração me toma quando percebo que ela não falará mais.

— Fale comigo, Alicia — peço calmamente. Tenho vontade de parar no acostamento, pegá-la no colo e beijar até que sua tristeza se dissolva em meus lábios. —

Não quero ser invasivo, mas falar, às vezes, faz bem.

Isso era eu mesmo falando? O cara que não quer contar para ela quem é minha família?

Espero ela começar a falar, no entanto, ela continua virada para a janela e, depois de um tempo, eu deixo por enquanto, porém voltarei a tentar tirar alguma informação dela sobre seu casamento e assim eu possa ter uma ideia do que meu pai quer com ela.

Ligo o som do carro e coloco uma música para quebrar o silêncio que se instalou, me deixando nervoso. Sei que ela não confia em mim. Independentemente de ela ter afirmado mais cedo que confiava, creio que confia somente em mantê-la segura, mas, na parte que interessa, ela não confia. Aumento o som mais um pouco e *Stay With Me* invade o silêncio deixado no carro.

Oh, por que você não fica comigo?

Pois você é tudo o que eu preciso

Isso não é amor, está bem claro

Mas amor, fique comigo

Por que estou tão emotivo?

Não, não dá pra ficar assim

Preciso de auto-controle

E lá no fundo eu sei que isso nunca funciona

*Mas você pode deitar aqui comigo para que não
doa*

Eu preciso controlar meu ímpeto com Alicia, ela simplesmente tira meu eixo, e a quero totalmente entregue para mim.

Depois que rodamos uma meia hora, ela se vira para mim.

— Vai demorar muito para chegarmos? — seus olhos estão sonolentos.

— Entediada, bebê? — olho rapidamente para ela e volto a olhar a estrada.

— Só um pouco — diz — Tínhamos de sair tão tarde?

— Sim, era necessário — afirmo.

— Eu liguei para seu irmão hoje — ela diz casualmente.

— Você fez o quê? — eu freio o carro tão bruscamente que ela solta um grito assustado — Mas que porra, Alicia!!

— Você está maluco? Quer nos matar?! — ela está de olhos arregalados e agarrada ao banco do carro.

Mas que merda!!

— Que hora você fez isso? — agarro o volante com minhas mãos crispadas de raiva. Alguém me ajude ou

vou esganar essa mulher — Você disse que íamos viajar, Alicia?

— Claro que não, estúpido! Você passou o dia inteiro falando para não dizer a quem quer que seja, por que eu falaria para ele? — grita furiosa — E por que não podia falar? É seu irmão!

— Ele é mais meu inimigo que irmão, Alicia — viro para ela — O que exatamente você falou para ele?

— Nada de mais, só que precisava adiar mais uma vez nossa reunião. Eu fiquei de ligar para ele, Bruno, e honro meus compromissos — ela cruza os braços na defensiva, olhando para frente fixamente. — Não entendo vocês dois.

— Alicia...

— Não posso aceitar suas exigências sem saber o motivo — ela olha para mim — Custa me dizer o porquê dessa raiva entre vocês?

— Talvez seja pelo mesmo motivo que você não fala do seu casamento, Alicia — vejo-a abrir a boca para falar e desiste.

Sei que não é justo mantê-la no escuro, mas, porra, não quero perdê-la agora. Quero ficar com ela até o último minuto que eu puder. Depois dessa viagem vamos sentar e conversar. Isso se eu não entregar o filho da puta para a polícia.

Mesmo ela tendo dito que não falou para Deni, preciso fazer uma parada antes do nosso destino. Quero verificar se posso continuar com isso. Verifico minha arma, que mantenho em um lugar de fácil acesso, e ligo o carro outra vez.

— Desculpe por preocupar você — escuto Alicia dizer, e sua voz faz a raiva evaporar. Não resisto e passo um braço pelos seus ombros, a atraindo para mim, e ela vem sem resistência. Essa mulher ainda vai ser minha morte. — Não quero brigar com você.

— Tudo bem, querida. Só estou sendo cauteloso, não quero que nada aconteça com você. — ela se aconchega mais em mim. Dirigir e ter Alicia perto é um perigo. — O pensamento de você se machucar me deixa louco.

— Eu sei.

Alicia

Bruno faz questão de fazer uma parada antes do nosso destino final, segundo ele, para verificar se não fomos seguidos.

Paramos em um posto de gasolina, onde ficamos em torno de meia hora na loja de conveniência. Nós estamos chamando a atenção por passar tempo demais fingindo sermos clientes. Depois de comprarmos água, caminhamos de volta para o carro, deixando o homem do caixa nos olhando esquisito. Estamos rindo quando partimos de lá. Nossa aventura era divertida, no fim das contas. Eu imaginava a nós dois como nos filmes americanos, fugindo de bandidos armados. Bem, de qualquer maneira, estamos mesmo.

O resto da viagem foi sem nenhum sobressalto de ambas as partes. Acabei cochilando com minha cabeça no colo de Bruno, e quando acordei, o dia estava amanhecendo. O lugar que ele para o carro é um enorme chalé requintado à beira de um lago, de madeira escura e rodeado por um jardim exuberante. Parecia mais uma

pequena mansão do que realmente um chalé, com uma vista linda do lago azul-esverdeado àquela hora da manhã.

Saio do carro para que possa ver mais do lugar, extasiada com a paisagem. O chalé tem um deck que vai para o lago com piso de madeira e uma vegetação ao redor indo em direção à água onde há espreguiçadeiras acolchoadas com estampas floridas de cores claras.

Estou apaixonada pelo lugar e nem vi por dentro, ainda. Bruno não se detém e pega a nossa bagagem, levando tudo para a porta da frente de madeira maciça. Ele digita algo em um pequeno teclado escondido por uma tampa de metal na parede ao lado da porta. Ouço um clique e a porta abre. Caminho atrás de Bruno e paro, fascinada pela sala. É tudo meio rústico de propósito, a pessoa que decorou o lugar queria passar a sensação de estar no campo, de verdade.

Os móveis de madeira envernizada eram luxuosos. Assim como o teto arcado de madeira e a lareira, em um canto da sala, com sofás de couro escuros contrastando com a cor caramelo do lugar. No chão, tapetes persas, não sei se eram originais, mas davam um ar ainda mais requintado à sala.

— De quem é essa casa? — pergunto curiosa para Bruno quando caminho até a lareira. Queria que estivesse

acesa.

— Bom, acho que pertence ao Carl — diz e leva nossas malas para outro cômodo, que imagino ser um dos quartos. — Eu não queria ir para um lugar onde tivesse muita movimentação de pessoas, aqui eu tenho uma visão com câmeras de segurança que estão em lugares estratégicos. Quem se aproximar daqui eu verei imediatamente. Nosso vizinho mais próximo é a um quilometro daqui. Então, senhora Duran, você é minha refém. Totalmente minha.

Sorrio quando paro atrás dele em um quarto com vista para o lago de tirar o fôlego.

— Oh, não! Nunca mais quero ir embora desse lugar, é fantástico, Bruno — vou até a janela de cortinas brancas esvoaçantes que se abre para o deck e respiro o ar limpo e saudável da manhã, enchendo meus pulmões sem os gases poluentes da cidade grande. — Amei esse lugar, mas eu preciso dormir.

Digo quando viro para encontrá-lo, praticamente, colado a mim. Ele envolve seus braços na minha cintura e me atrai para seu peito firme.

— Gosto muitíssimo dessa ideia, bebê — ele me beija, e esqueço que estou exausta da viagem, sinto-me energizada com sua presença. — Vou fazer você gozar, querida. — sua voz rouca e profunda fazendo minhas

terminações nervosas palpitarem em expectativas.

Nossas línguas duelam, e gemo quando ele me empurra facilmente em direção à cama larga e baixa, forrada com lençóis brancos, que está bem no meio do quarto. Não presto atenção a nada, a não ser no homem que me beija tão ternamente que minha barriga dói de ansiedade.

Meus braços ao redor do seu pescoço, minhas costas arqueadas para que meus seios estejam colados ao peito duro de Bruno. Caímos na cama com ele sustentando nosso peso nos braços, nunca deixando de nos beijar profundamente. Ele não perde tempo quando os dedos dele brincam com minhas dobras por baixo da calcinha e, quando introduz dois dedos dentro de mim, eu grito na sua boca que não desgruda da minha. Meus quadris têm vontade própria quando mexo ao encontro de seus dedos habilidosos.

— Goze para mim, bebê — Bruno afunda mais um dedo, fazendo tudo ficar nublado quando gozo gritando seu nome, que é engolido por sua boca que, como seus dedos, é implacável e cruel tirando tudo que pode do meu corpo. Nem estamos nus ainda e eu já perdi minha mente nesses poucos minutos. Vou amar tê-lo todo para mim esses dias.

De repente ele levanta e fica em pé ao lado da cama,

trazendo-me à realidade depois de praticamente perder minha mente.

— Por que não se despe, minha querida? — sugere, mas parece uma ordem, e seu rosto não deixa margem para dúvida. Faço o que me pede languidamente, quando sento na cama e começo a retirar meu vestido, ficando apenas de calcinha e sutiã enquanto ele apenas observa. — Tudo!

Fogo se constrói novamente em mim quando levo minhas mãos às costas rapidamente e retiro meu sutiã. Logo em seguida minha calcinha faz companhia à pilha de roupas que estou jogando no chão. Volto a deitar e olho para ele. Um longo tremor passa por meu corpo quando olho seus maldosos e maliciosos olhos azuis, e seu meio sorriso safado nos lábios só faz intensificar mais os tremores em mim.

— Você tem ideia do quanto é linda, Alicia? — engulo em seco quando vejo seu olhar de fome e desejo gravados em todo meu corpo — Cada dia você parece mais linda para mim.

Ele tira lentamente sua roupa, como se tivesse todo o tempo do mundo para isso. Estou a ponto de levantar para ajudá-lo a se livrar delas quando ele me olha, autoritário.

— Fique aí — gemo quando caio de volta nos lençóis

macios e brinco com meus mamilos duros. Isso atrai os olhos de Bruno para meus seios. Ele lambe seu lábio inferior lentamente, me deixando trêmula e tão excitada que parece que estou em brasas, querendo somente que ele venha logo para a cama. Faz tanto tempo que nós fizemos sexo, desde que ele voltou de viagem que apenas tem cuidado do meu prazer.

— Vire e segure-se. — oh, ele estava frio e controlado, e não sabia que gostava tanto de dar o controle para ele. Meu coração está pulando louco dentro do meu peito quando fico de joelhos na cama e seguro na cabeceira da cama almofadada. — Melhor segurar firme, tenho algumas continhas para acertar com você, bebê.

Olho para ele, que está acariciando seu pau enquanto olha meu traseiro exposto só para seu olhar. Ele vem para perto da beirada da cama e me puxa pelo quadril, fazendo-me soltar a cabeceira, até que minhas costas estão quase coladas às suas costas. Sinto o calor do seu pau duro e gemo quando segura minha garganta, levanta meu rosto e beija-me forte, sua língua um chicote excitante quando invade minha boca, enrolando com a minha. Ele morde meus lábios para depois suavizar com sua língua deliciosa.

— Você me rejeitou, isso é mau, muito mau.

Ele segura meu cabelo em sua mão e empurra minhas costas me curvando para frente e, sem aviso, ele entra em mim sem piedade.

— Oh, céus! — não estou pronta ainda, mas estou bastante lubrificada do orgasmo anterior e gemo quando ele puxa, depois enfia forte até o fim. Eu grito alto com o impacto de seu corpo no meu — Bruno!

— Oh, bebê, isso mesmo, grite meu nome — a palmada no meu traseiro é tão forte que arqueio, arfante — Nunca. Diga. Não. Para. Mim — cada palavra rouca é seguida de uma estocada de seu pau no fundo da minha boceta.

Tremor violento de luxúria corre por mim quando planto meus cotovelos na cama e dou livre acesso para Bruno, empinando meu traseiro para ele. Segura meus quadris com as duas mãos, e estamos fazendo sexo duro e rápido e sei que não vou durar muito; calor se constrói e gemo alto como nunca pensei que gemeria na cama com um homem. Eu gozo tão rápido que é vergonhoso, estou naquela queda livre de prazer ofuscante, mas Bruno não parece se importar, porque sai de dentro de mim, agarra meus cabelos e leva minha boca para seu pau lindamente duro e brilhante de meu gozo. Chupo até onde posso tomá-lo.

— Chupe-me! Porra! — Ele está segurando tão forte

meus cabelos que dói, mas essa dor é nada comparada com a vontade de vê-lo perder o controle.

Meus lábios o devoram, e seus quadris fazem uma dança lindamente sincronizada e rítmica com minha boca. Gemo olhando seus olhos, que perdem o foco quando goza jogando sua cabeça para trás murmurando meu nome. Assisto quando ele se desfaz em minha boca e amo isso.

Pouco depois caímos em um emaranhado de corpos suados e exaustos, e adormeço sendo beijada ternamente.

Quando acordo estou sozinha na cama, e uma brisa gostosa vem pela janela refrescando o quarto. Procuro algum sinal de Bruno, e nada. Verifico as horas e percebo que dormi demais. São três horas da tarde. Nunca dormi tanto na minha vida. Vejo minha mala em um canto e levando lentamente, sinto-me leve e um pouco aérea por ter dormido tanto. Consigo achar na mala um robe branco curto de seda. O contato é delicioso na minha pele sensível. Olhando ao redor do quarto, vejo uma porta e verifico que dá em um banheiro. Oh! Certo, isso que eu precisava.

O banheiro é uma mistura em sua decoração: madeira

escura com porcelanas, tudo muito espaçoso, clean e cheirando a pinho. Não me detenho muito aos detalhes porque estou muito curiosa para descobrir onde anda meu lindo guarda-costas.

Tiro o robe e entro no boxe para uma ducha rápida. Depois irei explorar essa banheira enorme que está no canto do banheiro, quem sabe com uma companhia agradável. Estou com um sorriso bobo no rosto quando tomo meu banho.

Volto a colocar o robe depois de seca e vou à procura de Bruno pela casa. Percebo outros cômodos além daqueles que vi desde que cheguei, deve ter outros dois quartos, e vou abrindo portas para verificar o lugar. Na primeira porta que abro realmente é um quarto parecido com aquele que estava. Fecho a porta e vou para a próxima. Essa não se abre quando tento a maçaneta. Fico curiosa, mas sigo em frente e vou à sala que estive antes. Escuto música suave vindo de outro cômodo e sigo, reconhecendo o som de Moonlight sonata. O cheiro de especiarias é delicioso também, e percebo que estou faminta.

Paro na porta e observo Bruno, apenas com uma calça de moletom, na cozinha, preparando em cima do balcão de mármore e madeira, alguma coisa que não consigo identificar. Passaria horas só olhando como ele

fazia as coisas com precisão e leveza, como se isso fosse algo que estivesse acostumado a fazer e ainda escutando Beethoven. Era tão lindo que meu peito estava doendo, apertado. Estou tão encrencada. Estou apaixonada. Porque eu quero muito caminhar para ele agora, envolver meus braços ao seu redor e...

— Ah, enfim, a bela adormecida acordou — a voz de Bruno quebra meu transe emotivo, e ele solta a faca que tem nas mãos para cortar os legumes quando vem em minha direção. Termino de entrar na cozinha e ele envolve meu rosto nas mãos para beijar calidamente meus lábios, contrastando com a fúria da 5ª Sinfonia de Beethoven que, agora, está tocando ao fundo. Mas suas mãos estão fazendo uma exploração por baixo do meu robe.

— Venha comer algo, querida. — fala quando tira sua boca da minha.

Sorrio quando sou puxada para sentar no banco de madeira de aparência rústica em frente ao balcão ao qual ele estava antes.

— Então, o que vai ser, madame? — ele faz medidas para mim, e sorrio igual uma boba — Para nosso almoço tardio temos lasanha e vinho ou vinho e lasanha. Qual vai ser?

— Sêrio? Eu achando que você estava fazendo algo

espetacular com essa música e tudo mais — aponto a cozinha e o balcão onde ele estava preparando uma salada, vejo agora.

— Bebê, sou um homem do exército, sei fazer coisas incríveis e espetaculares — ele levanta sua sobrancelha e fica com um ar sexy — Mostrarei para você ao longo de nossa estadia aqui. — diz com um sorriso que indica que não é de comida que ele está falando.

— Promete? Adoraria aprender um ou dois truques com você, querido — devolvo.

— Alicia, você está bem? — ele me olha abismado

— O quê?

— O inferno está congelando, você me chamando de "querido" — meu sorriso murcha, mas trato de disfarçar quando ele vem outra vez para meu lado, me agarrando pela cintura — Gosto disso. Precisa melhorar, mas eu aceito isso. — E me beija. Adoro seus beijos.

Quando ele me solta novamente, começa a servir para mim um suco natural. Agradeço, mas ele, em vez de servir a comida lá, me leva para fora. Atrás da casa tem uma área com mesa e cadeiras, onde está posta para duas pessoas. Ah, meu Deus, ele está sendo tão cavalheiro comigo. Estou cada minuto mais apaixonada por seu cuidado. Ele puxa uma das cadeiras, me fazendo sentar, e termino meu suco.

Ele serve a nós dois de vinho e, sim, ele não estava brincando quando disse que era lasanha, vindo e salada.

Olho ao redor, amando a tranquilidade do lugar. A brisa soprava suavemente, deixando um frescor delicioso, certamente devido ao lago que praticamente rodeava a casa. Onde estávamos agora dava para ver tranquilamente a água convidativa, onde alguns pássaros sobrevoavam as águas tranquilas.

— Então, como é que o Carl tem esse lugar e não vive aqui? — pergunto entre garfadas da lasanha que, por sinal, está muito boa. — Aqui é maravilhoso, essa paisagem é linda!

— Não sabíamos desse lugar até há dois anos, quando ele mencionou em uma conversa depois que tinha tomado uns quatro whiskies — Bruno se encosta na cadeira, parecendo relaxado — Mas ele não vem aqui há um tempo. Não sei bem a história por trás da casa.

— Eu amei isso aqui — aponto ao redor — Eu nem sabia que precisava dessa serenidade, até que estou aqui nesse momento — e era verdade, estou me sentindo em paz, coisa que não sentia há muito tempo. É como se aqui não houvesse nenhuma ameaça à minha vida. E, ainda que não sei o que o amanhã me trará com relação a Bruno e isso que está acontecendo conosco, estou feliz por ele estar aqui comigo, e sinto que podemos nos

conhecer melhor.

Bruno

Verifico pelas câmeras de segurança cada canto da propriedade. Carl fez um excelente trabalho com a vigilância do local. Esse quarto foi montado com monitores para ver cada canto da casa e arredores. Eu não confio ficar aqui sem dar uma verificada a cada hora nos monitores. Paranoia? Talvez. Não quero dar chance para a vulnerabilidade de ser pego desprevenido, entretanto.

Mas passei a manhã toda trabalhando para conectar as câmeras online com o escritório central. Mas algumas ficaram de fora, na verdade, a maioria de dentro do chalé, só a câmera da porta que estava transmitindo para os caras na empresa. Assim posso ficar e relaxar com minha viuvinha. Falando nela, volto minha atenção para a câmera que captura sua imagem.

Observo quando Alicia molha o pé na água do lago. Faz mais de uma hora que ela está sentada no fim do píer de madeira que sai do deck para dentro do lago. Ela está pensativa enquanto seu pé balança na água, e só faz

um dia que estamos aqui. O que a está incomodando?

Meu telefone toca e olho o visor para dar de cara com o nome de Alex. É a primeira ligação que recebo, e sei que meu irmão não pode rastrear essa ligação, Alex não seria idiota.

— Saudade de mim, meu amigo? — digo com deboche, como sempre.

— Tenho Matt aqui querendo saber se você comeu a irmãzinha dele no jantar. Então... — a voz dele sai em um misto de severidade e brincadeira, provavelmente porque Matt deve estar junto com ele.

— Um homem nunca diz essas coisas, Alex. — devolvo. Bem, não tinha sido bem no jantar, mas como um café da manhã e toda a noite passada. Sinto meu corpo despertar com a lembrança de Alicia Duran todo submissa para mim. Isso era quente!

— Espero que esteja tudo bem aí — Alex agora é todo profissional, me tirando dos pensamentos quentes de uma Alicia disposta e sem amarras.

— Sim, diga a Matt que sua irmã está bem. Alguma notícia do Deni?

— Nessas últimas vinte e quatro horas? A única coisa que ele fez foi ir à casa de seu pai — diz — Bruno, você precisa decidir o que fazer a respeito desse assunto.

— Preciso falar com Alicia primeiro. — digo quando suspiro pesadamente — Vou cuidar disso. Só me dê um tempo antes que tudo acabe, Alex. Eu estou cada dia mais...

Porra! Apaixonado? Não, claro que não. Isso é impossível! Alicia me faz um homem melhor, quando estou com ela sou diferente, ela tem o maldito poder de fazer meu lado idiota baixar a crista por ela está passando por um momento delicado. Eu tenho esse receio que tudo que fizer vou magoá-la, como fiz um tempo atrás por sair naquela viagem que até hoje me intriga. Só em pensar que ela vai pedir para eu ir embora deixa meu coração batendo descompassado, em um aperto que dói. Estremeço quando penso que vou perdê-la quando tudo vier à tona.

— Isso está se arrastando, você sabe. Então resolva. Estar apaixonado por uma cliente dá nisso, Bruno, complicações desnecessárias. Precisa definir o que é mais importante. — ele desliga como sempre, sem se despedir.

Sim, preciso começar falando com Alicia de minha família, antes que eu saia daqui. E como ele fica falando que estou apaixonado, se nem sei o que sinto por aquela mulher? Mas que inferno, se eu não estou louco por ela e com um maldito medo de perdê-la.

Saio da sala e caminho pela passarela de madeira que leva para dentro do lago. Alicia escuta meus passos e vira a cabeça para mim, abrindo um sorriso. Ela tem sorrído mais para mim nessas poucas mais de vinte e quatro horas do que todo o esse tempo que nos conhecemos, e é um sorriso sincero e lindo para caralho.

Acordar com ela relaxada hoje tinha sido interessante. Eu nunca a tinha visto tão carinhosa e receptiva. Esse lugar estava fazendo bem para nós. Mas nada tinha de relaxado quando começávamos mais uma rodada de sexo, ah não, isso tem sido duro e árduo. Dou um sorriso quando me aproximo dela.

— Ross, pensei que iria passar a manhã toda trancafiado — ela reclama — Já estava entediada.

— Estou sendo cuidadoso, Alicia, cuidado nunca é demais — sento ao lado dela. Olho para o vasto lago azul e respiro forte para trazer um pouco de tranquilidade e coragem de falar com ela.

— Você está bem? Parece pensativa desde quando sentou aqui — observo. Estendo minha mão e tiro seu cabelo, que o vento trás para seu rosto, e coloco atrás de sua orelha delicada. Ela é tão feminina, suave, macia... Quero estar dentro dessa mulher vinte e quatro horas por dia. E isso não me cansaria.

— Estou apenas aproveitando a paz que sinto aqui —

ela aponta ao redor — Obrigada por me trazer aqui, não sabia que precisava de um lugar assim nesse caos que se tornou minha vida, até que ontem me vi aqui e percebi que era o que eu precisava para relaxar.

Seus olhos estão límpidos e mais verdes que azuis, refletindo a vegetação ao redor do lago. Ela está tão linda que não resisto, me inclino e capturo os seus lábios macios em um beijo suave, como a brisa que bate em nós. Desgrudando minha boca da dela, levanto e estendo minha mão para ajudá-la a levantar.

— Venha, vamos dar um passeio — agarro sua mão e a puxo para erguê-la quando começo a caminhar para o outro lado contrário ao lago.

Sou um maldito covarde adiando o inevitável, mas quem pode me culpar por querer prolongar meu tempo com ela?

Alicia

— Onde estão seus pais, Alicia? — Bruno está deitado na espreguiçadeira apenas com uma sunga de banho preta e óculos tipo avião no fim da tarde. Passamos a tarde caminhando, aproveitando e conhecendo um pouco ao redor e, quando voltamos, estávamos acalorados e tínhamos dado um mergulho no lago.

Mas sua pergunta me faz enrijecer na cadeira onde estou ao lado dele.

— Mortos — digo sem maiores informações, não tinha nada a dizer sobre isso — Somos apenas eu e Matt. Desde que me lembro, nós cuidamos um do outro, apesar de ultimamente ser só ele que cuida de mim. Mal o vejo.

— Sinto muito por isso — ele diz — Seu irmão sabe que não vamos deixar nada acontecer a você, Alicia. E Evan? Onde o conheceu?

— Na faculdade. — digo sem dar mais nenhuma informação.

— E casou com o namorado da faculdade. Que original, Alicia — ele implica com um meio sorriso, fazendo com eu relaxe um pouco. — Fale dele para mim. — pede e vira sua atenção toda em minha direção.

— Falar o que, pelo visto não o conhecia como achava — digo, a amargura dói em mim — Eu o conheci, namoramos por um bom tempo e depois casamos. Fim.

— Tenho certeza que tem mais aí — ele insiste.

— Não tem, mas e você? Onde anda sua família, além de Deni? — viro as perguntas para ele agora. Falar de mim é tão enfadonho.

Ele não responde agora, voltando a olhar o horizonte

a distância. Parece que toquei em uma ferida, porque ele está visivelmente tenso.

— Bom, meu irmão você já conhece — ele diz quando já estou dando por certo que não responderia, porém, sua voz tem uma pitada de raiva e amargura.

— Me fale por que vocês têm essa rivalidade — peço.

— Não é rivalidade, só coisa da cabeça obsessiva de Deni — ele suspira — Ele é mais velho do que eu, e quando nasci, ele criou uma barreira intransponível entre nós. Acha que vim ao mundo acabar com a vida dele, tomar o que é dele, como se eu fosse querer alguma coisa que venha da minha família.

Acho estranho ele dizer isso, e minha curiosidade leva a maior sobre a cautela.

— E por que não? Você se dá bem com seus pais? Você nunca os menciona.

Ele se mexe claramente desconfortável, e o aperto de seu punho é a prova do seu estado.

— Não há muito o que falar sobre deles — sua voz mudou de raiva para absoluta amargura. Ele parece que carrega grande mágoa com relação à sua família, mas eu não posso imaginar o que se trata.

— Claro que há, sempre tem, Bruno. Principalmente se for algo que nos machuca — ele parece considerar

quando exala fortemente, acho que criando coragem ou seja lá o que for que ele precisa para falar:

— Meu pai é um homem duro, Alicia. Fui criado no luxo e nas melhores escolas e quando, anos depois, descobri de onde vinha todo dinheiro da minha família, eu surtei porque ser um playboyzinho não tirou de mim o senso do que é certo ou errado. Eu tinha uma vida folgada e fácil, mas isso não tirou meu caráter. Meu pai queria que entrasse para o negócio dele, e quando optei por servir no exército, ele me deserdou. Na verdade, eu teria que escolher entre ir ou ficar, então eu fiz minha escolha — sua voz é tão triste que me toca. Estendo minha mão e toco seu braço, tentando afastar seu mal-estar. — Saí da casa dele e não voltei nunca mais.

— Isso é muito triste, querido. E o que seu pai faz? — pergunto curiosa, mas não deve ser algo bom, já que ele não queria estar envolvido. Calafrios correm por mim, e pela primeira vez estou desconfortável aqui nesse lugar que só me trouxe bem-estar.

Ele fica calado, e não sei se vai responder, mas ele continua:

— Ele é um homem de negócios. Não negócio legal, no entanto — ele confirma minhas suspeitas — Ele está em todos os segmentos que acha lucrativo, e não pense que ele não tem nenhuma empresa legalizada, ele tem,

mas é só mera fachada. — Eu estou chocada que seu pai é algum tipo de criminoso. Criminoso de alto perfil. — De qualquer forma, ele não achou legal o filho dele querer entrar para o exército em vez de assumir uma parte dos negócios ilegais dele. Na verdade, ele ficou indignado, possesso de raiva, então, fez como ele disse: um rato que abandona o navio ou coisa que o valha. Mandou que saísse de sua casa, ela não abrigaria um filho ingrato que estava cuspiendo na mão que o alimentou a vida inteira.

Estou dolorida por ele, seu pai deve ser um homem sem coração para tratar seu filho assim.

— Que idade você tinha? — minha voz é trêmula, não sei se de raiva pelo homem que nunca vi ou por compaixão por Bruno.

— Bem, tinha acabado de completar dezoito e anunciei que ia me alistar — diz sua voz resignada.

— E Deni, por que ele agora quer uma reconciliação? Pelo que ele me disse, quer que vocês voltem a se dar bem — em vez de responder, ele ri alto, mas é um riso sem alegria.

— Está mais para me tirar da jogada, querida — isso me choca. — Como vamos voltar a nos dar bem se nunca fomos amigos?

— Tirar da jogada, como assim? — medo rasteja em

minha pele quando pergunto — Você quer dizer... matar você?

— Provavelmente, se isso não fizesse meu pai deserdá-lo. Eles têm seus próprios códigos que não consigo entender — diz tão tranquilo eu só olho boquiaberta para ele.

— E sua mãe? — minha pergunta é em um fio de voz, porque essa família dele é demais para mim.

— Bem, minha mãe faz o que meu pai ordena. Se ela gosta de mim como um filho, ela não demonstra muito. Ela antes me fez ter um pouco de esperança, achava que se importasse comigo, mas sabe o quê? Ela o deixou me expulsar de casa. Bem, isso deve dizer muito sobre ela e seu amor materno.

— Sinto muito — levanto e sento na espreguiçadeira que ele está deitado.

— Não sinta, isso foi há muito tempo.

— Claro que não, eles estão todos vivos e te ignoram, deve doer — espalmo minhas mãos no seu peito desnudo e acaricio lentamente, lhe transmitindo um pouco de conforto, mas ele levanta e segura o corrimão do deck tão forte que vejo a hora de se partir em suas mãos.

— Está enganada, Alicia. Eu quero distância deles, não nasci para ser um deles — o desprezo na sua vez é

claro, mas sei que ele deve sofrer pela indiferença de sua família.

Algo me ocorre, e um calafrio percorre minha pele quando o encaro:

— É por essa razão que você não queria o Deni perto de mim — minha voz trai a ansiedade que sinto — Por ele ser uma espécie de criminoso?

— No começo, sim, mas agora — ele para e me olha firme quando retira os óculos. O azul dos olhos dele é uma turbulência, um misto de preocupação e outra coisa que não sei dar nome — Você não vai querer envolvimento comercial com meu irmão, Alicia. Ele pode manchar de vez a reputação de sua empresa, quando ela já é precária perante seus clientes por causa de Duran.

Ele tem razão. Agora que sei sobre Deni, não posso me dar ao luxo de perder o pouco que me resta de cliente. No entanto, como irei dizer a Deni que não posso fazer negócio com ele sem expor minhas razões?

— Mas agora o que, Bruno?

— Nada de mais, só fique longe — reitera.

— Acha que seu irmão faria mal para mim? Por causa dessa rivalidade ou porque descobri essas coisas sobre ele? — pergunto como se as palavras saltassem para fora da minha boca antes que as detivesse.

Bruno não responde, e sei que ele quer dizer muito

com esse silêncio.

— Só se mantenha o mais longe possível dele, Alicia. Já disse isso a você — fala aborrecido depois de vários minutos de silêncio.

— Tudo bem.

— Estou falando sério, sem ligar ou atender telefonemas dele. Falando nisso, onde está seu celular? — sua voz trai preocupação.

— No quarto, acho... — não termino de falar, ele já está correndo para dentro da casa. O que foi isso?

Levanto e vou atrás dele para encontrá-lo desmontando meu celular.

— O que está fazendo?

— Droga, Alicia! Alguém pode muito bem rastrear seu celular. Era para ter deixando em casa. — ele está furioso, mas não dirigido a mim, talvez com ele mesmo.

— Ninguém disse nada. — ouço seu suspiro exasperado quando ele se senta pesadamente na cama.

— Erros primários! Alexander tem razão, se envolver com as pessoas que estamos protegendo não é legal. Perdemos a cabeça e comentemos esses tipos de erros de jardim de infância do caralho!

Ah! Ele está chateado de verdade. Passa por mim e some no quarto que fica trancado, ao lado do nosso.

Descobri que lá era uma sala cheia de monitores que

transmite imagens em tempo real da propriedade e todos os cômodos da casa.

Oh, meu Deus! Agora é minha vez de cair de bunda na cama, para levantar em seguida e correr atrás de Bruno.

Vou para onde sei que ele deve estar agora e entro sem bater, parando de súbito ao vê-lo falando ao telefone, mal-humorado.

— Só redobre isso — escuta com o cenho franzido — Um lapso, cara. Você tem razão. Misturar trabalho e prazer nunca é bom, sei disso agora!

O quê? Para quem ele estava dizendo isso? Dizendo para o mundo que está dormindo comigo? Idiota!

Quando ele desliga, estou carrancuda e de braços cruzados, olhando feio para ele.

— Para quem está espalhando que está dormindo comigo?

— Me pergunte quem não sabe, querida. — ele vem e enlaça minha cintura, plantado um beijo no meu pescoço. Ah, agora lembrei o que vim fazer aqui.

— Bruno, essas imagens são transmitidas para onde?

— Humm, vamos falar disso agora? Prefiro despir você, bebê, e fazer algumas...

— Alguém vê essas imagens dos cômodos da casa? — tento empurrá-lo para longe — Algum dos seus

amigos está vigiando a casa?

— Não se preocupe, ninguém viu seu traseiro, Alicia — ele ri sem nem mesmo piscar com a possibilidade de nós estarmos dando um show de sexo ao vivo.

— Espero que não. — resmungo.

— Mas não vamos poder inaugurar o deck, lá sim tem câmera conectada com o pessoal da empresa. — ele lamenta — Por mim, eu poderia muito bem usar o deck hoje à noite, mas sei que seu pudor não vai me beneficiar.

— Em seu sonho, pervertido — bato no seu braço. Ele me puxa para um beijo quente, me fazendo esquecer as câmeras.

Droga, agora não vou mais poder ficar à vontade aqui. Saber que seus amigos podem nos ver fazendo sexo! Ele suga minha língua, e eu perco o resto de raciocínio que me resta. Enlaço seu pescoço e cintura, e ele me leva para o quarto batendo contra as paredes até me jogar em meio aos lençóis e cair sobre mim.

Esqueço nossa conversa de agora há pouco sobre sua família e me concentro no prazer que ele me proporciona. Envolver seu pescoço, e uma gama estarrecedora de novas emoções me bate. Procuro sua boca que vem ávida para minha, me dando tudo que eu quero e muito mais.

Eu amo isso.

Rubor cobre minha face quando retiro a camisa branca que estou usando e fico apenas em um biquíni minúsculo também branco. Desde que Bruno disse que aqui tinha uma câmara não me sinto confortável para ficar tomando sol à vontade. Olho ao redor, tentando achar a câmara e jogar algo em cima dela tampando a visão, mas...

— Posso saber o que você está procurando? — a voz de Bruno me faz pular de susto

— Nada!

— Alicia, faz uma semana que olha procurando alguma coisa aqui fora — sua voz tem um traço de riso contido, e olho para encontrá-lo trazendo pratos para nosso café da manhã e depositando na mesa. Ele deposita uma jarra de suco e vou até lá me servir. Eu estou tão mal-acostumada. Ele tem me paparicado por mais de uma semana nesse lugar. A cada vez que vou fazer algo, ele me impede dizendo que quer que eu relaxe. Tem sido glorioso cada dia aqui.

Nós mergulhamos no lago, fazemos caminhadas no fim da tarde, dormimos e fazemos sexo, muito sexo.

Quando formos embora daqui, serei uma viciada em sexo, pode acreditar. As noites têm sido quentes, e não estou falando do tempo. Os dias também, mas nos limitamos ao quarto porque não confio nessas malditas câmeras. E não as esqueço. É a única coisa ruim aqui. Mas sei que é para minha segurança.

Bruno vem e beija meus lábios, depois cai na cadeira à minha frente com seu corpo sexy em uma bermuda cargo que cai por seus quadris. O botão aberto faz meu sangue esquentar com aquele “V” exposto para minha apreciação. Isso é tão indecente, pode causar taquicardia em uma mulher. E é todo meu!

Por enquanto. Estou sempre me lembrando disso. Nada bom dura para sempre. Eu sei disso muito bem.

— Alicia, continue a me devorar com esses olhos, querida, que daremos um show digno de Oscar para os caras na empresa. — Bruno ri alto do rubor que me cobre inteira.

Argh! Sempre estou babando em cima dele. Sou uma indecente!

Depois de tomar sol a manhã toda, entro para tomar um banho. Encho a banheira e jogo um pouco de sais

dentro. Ligo o som estéreo que foi instalado aqui no banheiro, escolho uma música das minhas favoritas. Logo *Uninvited*, da Alanis Morissette, enche o banheiro me fazendo suspirar.

*Como qualquer pessoa ficaria
Eu estou lisonjeada por sua fascinação por mim
Como qualquer mulher de sangue quente
Eu quis um objeto simplesmente para almejar
Mas você, você não é permitido
Você não foi convidado*

...

Estou feliz aqui, faz tempo que não ando sorrindo assim... Eu estou me entregando completamente a tudo isso.

Retiro meu biquíni quando algo me chama atenção. Uma pequena mancha de...

Oh meu Deus! Meu sorriso se desfaz imediatamente.

Corro para minha *nécessaire* e agarro minhas pílulas que estão lá, verificando se não esqueci de tomar algumas e, sim, tomei todas. Vejo que faltam alguns dias para voltar para o médico.

Droga, por que estou sagrando? Desde que estou fazendo tratamento não sinto mais tanta dor ou sangro

antes da data.

Preciso ligar para o meu médico, urgente! Será que vou começar com novas crises? Já faz algum tempo, que estou quase esquecendo como eram. Tenho que falar com ele, marcar exames. Esqueço meu banho e visto meu roupão, preciso de um telefone.

Alicia

Droga!!

Sento na cama respirando fundo, dizendo para mim mesma que tenho de manter a calma.

— *Sim, Alicia, isso não é nada. Só um pequeno sangramento. Isso acontece às vezes, não é?* — Oh, céus! A última vez que isso aconteceu eu passei por uma curetagem e, logo após, a laparoscopia depois que me recuperei. Agora isso estava acabando com minha paz conquistada essa semana.

Procuro meu celular por todo o quarto, quando lembro que Bruno tinha retirado a bateria e não o tinha me devolvido. Estou trêmula de ansiedade. Nesses últimos dez minutos, todas as possibilidades ruins passam por minha cabeça. Pode ser só apenas uma coisa boba, mas quando você está tendo sexo e já teve vários abortos, a primeira coisa que você pensa é na possibilidade de que os métodos tenham falhado e que você possa estar tendo outro aborto. Eu não teria forças nem equilíbrio emocional para passar, outra vez, por esse calvário na minha vida. Tento lembrar se nos

esquecemos do preservativo, mas nada vem à minha mente. Não lembro se naqueles meses que passei em sua casa tínhamos sido cem por cento cuidadosos.

Preciso falar com meu ginecologista, só tenho de convencer Bruno a me levar de volta para casa ainda hoje. Não percebo que estou com lágrimas caindo, até que escuto a porta abrir e Bruno entrar, me olhando preocupado.

— O que houve, Alicia? Por que está chorando? — sentando ao meu lado, ele segura meu rosto em suas mãos, me olhando tão carinhosamente que só faz meu choro aumentar — Shii... está tudo bem, querida.

— Eu preciso voltar para casa hoje, Bruno — digo depois de um tempo em silêncio — Por favor!

— Ainda não, Alicia. Não conseguimos ainda pegar os idiotas que estão atrás de você, querida. Dê um tempo para nós trabalharmos nisso. — eu começo a argumentar, mas ele coloca um dedo nos meus lábios, me silenciando — Estamos trabalhando nisso sem a polícia, então temos que ser cautelosos e levar provas contundentes e irrefutáveis.

— Mas você não entende, eu preciso ir ao meu médico e ...

— Você está doente?

— Não, eu só preciso ir no meu ginecologista.

— Alicia, isso pode esperar, vamos ficar aqui mais uma semana. É o tempo de os investigadores conseguirem achar provas suficientes para prender esses homens, querida — Estou grata por ele estar sendo tão paciente com meu súbito surto.

— Bruno, é importante que eu vá hoje, eu preciso.

— Me faça entender, querida — ele fala mansamente — Se for um caso de vida ou morte eu levo você, mas não podemos ficar fazendo essas coisas porque você, de repente, resolveu ir ao seu médico para conversar.

Fico apenas olhando para ele. Eu estou me segurando para não surtar e gritar com ele.

— Devolva meu telefone, Bruno — digo séria — Ou irei embora só.

— Está com algum problema que não conheço, Alicia?

— Não é da sua conta o que eu tenho, Bruno, só me devolva o telefone — Estou por um triz de surtar e fazer uma bobagem, como ir embora daqui sem ele.

Ele não diz nada quando levanta e sai do quarto. Eu quero seguir atrás dele, mas minhas pernas não permitem que me mexa. Tenho tanto medo daquelas pílulas terem falhado e eu...

A porta volta a abrir e Bruno entra com um telefone na mão, mas não é o meu, deve ser algum telefone

seguro, já que ele acha que podem rastrear o meu até aqui.

— Para quem vai ligar? — ele está tão sério e frio.

— Dr. Allan, o meu médico, já disse — estico minha mão para o telefone, impaciente, mas ele não permite.

— Não tão rápido, querida. Quero ter certeza que não fará nenhuma besteira e, daqui a algumas horas, algum "amiguinho" seu aparecerá aqui querendo sua cabeça. Não vou deixar você sozinha com esse telefone. Então, qual o número?

O quê? Não vou me expor na sua frente. Mas minha cabeça está dando voltas de preocupação, e acabo dando o número do Dr. Allan para ele. Ele fala com meu médico para ter certeza que é ele realmente, enquanto bufo de raiva por ele não confiar em mim.

— Seja rápida e não dê nosso endereço — diz quando me entrega o celular.

— Como se eu conhecesse esse lugar — resmungo, antes de falar com Allan — Allan? — vou para a varanda para ter alguma privacidade, mas Bruno me segue, deixando-me mais nervosa.

— Alicia, como vai, aconteceu alguma coisa? Ainda faltam uns dias para sua consulta.

Digo para ele do surgimento do pequeno sangramento e das minhas preocupações, mas sem falar

nada comprometedor para que Bruno venha saber meus problemas ginecológicos, isso seria constrangedor. Depois que termino de falar espero a resposta do doutor, tão ansiosa que tenho de sentar na cadeira da varanda.

— Alicia, para ter um diagnóstico, eu precisaria fazer exames, mas isso pode acontecer. Pequenos sangramentos no meio da cartela do anticoncepcional pode ser apenas um escape menstrual sem importância, problemas hormonais ou estresse, lembre-se que está ainda em tratamento. Mas venha ao meu consultório para algo mais concreto, como exames. Você está indo muito bem com o tratamento da endometriose. Você só precisa relaxar para que as coisas melhorem.

— Eu não estou na cidade, doutor. O que posso fazer agora? — dou uma olhada para Bruno que está descaradamente ouvindo a conversa com a testa franzida.

— Venha quando puder ou, se esse sangramento persistir, venha imediatamente. Mas mantenha a calma, vamos retornar o remédio que estava tomando, se for o caso, porque esse tem uma dosagem menor. Não sei se você tem uma vida sexual ativa, mas...

— Sim — Digo e sinto meu rosto esquentar. *Por que ele tem de ficar me olhando?* Tento esquecer a presença de Bruno e continuo: — Pode ser uma gravidez, Allan?

— Acho pouco provável, mas agora você me deixou preocupado. Venha assim que puder. Por que não me disse isso quando veio aqui? Não teria baixado sua dosagem.

Quando fui à consulta mês passado, não tinha dito que estava numa relação e, portanto, ele tinha diminuído a dosagem da pílula. E esse era meu medo terrível. Uma gravidez seguida de aborto. Eu ia desmoronar se isso acontecesse outra vez.

Bruno

Escuto Alicia falando ao telefone, mas a única palavra que realmente escuto é "gravidez". Que porra é essa? Fico paralisado quando ela, enfim, desliga o telefone e vira para mim com olhos cheios de lágrimas. Saio da paralisação momentânea e vou até ela.

— Você está grávida? — digo tão baixo que mal ouvimos o som da minha voz. Ela está balançando a cabeça em negativa. Sou atingido por uma avalanche de sentimentos contraditórios que nem sei qual tem maior intensidade: alívio, consternação e...

— Claro que não! — ela diz com tanta firmeza que me atinge. Seria tão ruim assim? Mas eu a entendo, isso seria terrível na situação em que estamos; seria imprudente e uma total falta de responsabilidade.

Primeiro, não tínhamos base para ter um filho no nosso relacionamento e seriam duas vidas em risco. Eu seria um louco se cogitasse isso. Nós tínhamos pessoas atrás de Alicia, que não sabia se defender, lutar por sua própria vida. Se acaso alguém colocasse as mãos sobre ela e se tivesse outro inocente no meio disso, nunca poderia deitar e dormir se algo viesse a acontecer.

Ela já era um alvo fácil, e com um filho? Deni a mataria sem pestanejar, ele enlouqueceria se eu engravidasse uma mulher primeiro que ele. Uma gravidez agora era muita irresponsabilidade até para mim. Mas mesmo que isso nunca tenha passado pela minha cabeça até agora, se um dia eu fosse ter um filho seria com uma mulher como Alicia, que me faz querê-la em minha vida, e isso sem me deixar com vontade de correr léguas de distância.

Ela me acalma como nenhuma outra. Eu estava malditamente apaixonado, isso sim. Alex tem razão, sou um homem comandado por uma mulher sabichona do caralho, que pode muito bem me fazer beijar o chão que ela pisa.

— Então, o que você tem, Alicia? Pela conversa que ouvi, você acha que pode estar — pego o telefone que ainda está com ela e exijo: — O que diabos está acontecendo, Alicia?

— Nada, Bruno. Esse assunto só diz respeito a mim — ela tenta passar por mim, mas não permito.

— Não só diz respeito a você. Se suspeita de uma gravidez, isso me diz respeito.

— Não é gravidez! — Ela grita tão alto que me deixa surpreso. — Que inferno! Não posso estar grávida, simples assim, senhor sabichão! Então me deixe em paz!

— Não vou deixar você me afastar, Alicia — seguro seu braço antes que ela volte para o quarto e, colocando o celular de lado, pego seu rosto em minhas mãos fazendo-a olhar-me nos olhos. — Pensei que estávamos progredindo, Alicia. Você precisa me dizer o que está havendo para que eu te ajude. — digo persuasivo e o mais calmo que consigo.

Alicia é tão difícil de entender às vezes. Não deixa ninguém entrar facilmente. Tenho estado perto dela nesses últimos meses, e foram poucas as vezes que ela me permitiu chegar mais perto. E não estou falando do lado sexual, mas emocionalmente, e agora não consigo entender sua mudança, não faz nem uma hora que ela estava rindo — Fale comigo, querida.

Puxo-a para mim. Mesmo com sua resistência, consigo que ela relaxe aos poucos no meu peito. Depois que parece uma eternidade, ela fala:

— Só fiquei menstruada, nada de mais — sua voz sai

abafada por estar com o rosto escondido em minha camisa. Sei que é mais que isso, mas não a forço para falar.

— Tudo bem, quando você quiser falar, eu estou aqui — beijo o topo de sua cabeça, massageando suas costas que estão rígidas — Venha.

Levo-a para a cama e deito com ela em meu peito, que fica lá calada até que fala baixinho:

— Desculpe descontentar em você meu nervosismo, mas eu não quero uma gravidez, sabe, não quero mesmo — muito estranho uma mulher não querer ser mãe, e Alicia não parecia esse tipo de mulher. — Você também não parece o tipo de homem que quer ter filhos.

Oh, eu não me colocaria nessa categoria, nunca pensei, mas agora que o assunto veio à tona, quero sim ter uma família um dia. Isso nunca tinha sido colocado diante de mim, portanto, não pensava sobre isso.

— Por que acha isso? Porque ainda não sou um homem casado e essas besteiras? — digo apertando-a nos braços — Eu quero sim, um dia.

Sinto o corpo dela ficar duro, para em seguida ela sair dos meus braços e me olhar com pesar e dor nos olhos lacrimejantes.

— Boa sorte, então, para você. Eu nunca vou ter um filho — ela agarra seu roupão como se ele fosse sua

tábua de salvação — Acho que seria melhor nós pararmos com isso. — ela aponta entre nós dois. — Vejo que me enganei com você, não é o homem que imaginei que fosse. Aquele que nada quer de uma mulher a não ser sexo. Mas é igual os outros, quer filhos e uma família.

Estou chocado com sua mágoa, tem algo de muito errado com ela, porque o que ela diz não parece com a Alicia que estou conhecendo.

— O que isso tem de mau? Um homem pode mudar quando ele se apaixona, mesmo sendo o pior galinha. Ele no fundo vai querer ter um lar, Alicia.

— Não comigo. E deixei você entrar na minha vida em um dos piores momentos por achar que você nunca iria querer essas coisas.

Porra! Ela está me fazendo sangrar aqui. Ela acha que não posso mudar, amar. Acha que sou tão insensível assim, apenas porque peguei tantas mulheres antes dela que não consigo contar?

E o que diabos é isso de só ficar comigo porque ela poderia me dar o fora quando ela bem quisesse? Sou a porra de uma foda descartável?

— E se eu quiser, Alicia? Uma família, como uma pessoa normal?

— Só tenho de desejar boa sorte a você e a mulher

que vai ter isso com você. — ela levanta e caminha para o banheiro, o pesar em sua voz faz meu coração falhar uma batida.

— Posso querer com você. — ela para, mas não vira para me olhar.

— Se isso for verdade, melhor você começar a rever seus desejos. Não vou ter outra família, Bruno. Nunca.

— Diga-me por que, não seja covarde, Alicia — porra, acho que falei a coisa errada porque ela se vira furiosa e magoada.

— Covarde? Acha covarde que eu abra mão de ser mãe? Acha que foi fácil tomar essa decisão? — ela grita tão apaixonadamente que me corta o fôlego com sua dor, mágoa, sofrimento; uma mistura de emoções — tomei essa decisão para não ter esperança, para evitar uma dor maior que dilacera o coração, Bruno. Você não sabe de nada. Acha que acordei um dia e disse que não iria ter um filho, nunca? Acha? Nããão, isso foi tirado de mim da pior forma, uma e outra vez. Quando casei pensei que teria isso, sabe, mas não, filhos não seriam para mim, nunca. Você não sabe de nada da vida, senhor Ross!

Ela cai em um choro compulsivo, seus ombros tremendo violentamente. A única coisa que faço é ir até ela e envolver meus braços ao seu redor. Não faço perguntas, só fico calado esperando a tempestade passar.

Estou tão curioso que preciso me controlar para não fazer todas as perguntas que vêm à mente. Sei que ela não falará agora, não quero deixá-la mais nervosa do que deixei agora há pouco.

Eu tinha notado algo desde que a conheci: seu casamento já estava acabado quando Evan foi assassinado e que esse casamento pode tê-la transformado nessa mulher de agora, magoada e sem deixar que outra pessoa cuide só um pouco dela ou entre em sua vida. Ela tinha poucas amizades também, e essa quase obsessão por trabalho, como se essa empresa fosse seu mundo.

Volto com ela para a cama e voltamos à mesma posição de antes. Esse dia estava se provando nada fácil. E eu nem sei como terminará antes que outra explosão aconteça. Darei tempo para ela. Agora seria até de mau gosto forçá-la a dizer algo. Mas, de uma coisa estou certo: ela não me contará nada se isso a magoa tanto. Só posso descobrir por mim mesmo.

E é o que vou fazer, descobrir tudo sobre Alicia antes que o dia acabe. Saberei até o número de sua maldita calcinha. Ah, isso eu já sabia.

— Você quer ir para casa? — pergunto depois de mais de meia hora que estamos em um silêncio total, apenas quebrado pelos pequenos soluços dela.

— Eu quero ir, mas sei que isso vai de encontro ao que vocês estão trabalhando. Só ficarei bem depois que ver o Dr. Allan. Irei esperar até a noite, está bem?

— Claro, bebê, como você quiser. Saiba que pode contar comigo, Alicia. Seja o que for que esteja te perturbando, certo?

— Estou sendo uma vaca com você, não é? — ela levanta seu rosto vermelho e inchado de lágrimas. Ela está uma bagunça chorosa. Dou um sorriso para tranquilizá-la.

— Eu sou forte, você sabe.

— Eu queria que tudo fosse diferente, Bruno, mas não posso ser de outra forma agora. Eu não quero tudo isso na minha vida outra vez, não quero magoar e ser magoada por outro homem — mais lágrimas escorrem por sua face — Eu queria poder me entregar totalmente a essa coisa que aconteceu a nós, mas eu só vou magoar você. Eu vou magoar você, mas não consigo me afastar. Sou tão egoísta.

— Shiii, não é. Você é linda! — porra, o que vou fazer com essa mulher? Comigo?

Ela ainda precisa confiar em mim, isso era um fato. E, porra, estou incomodado que ela não confie.

Bruno

Ficamos os dois deitados por tanto tempo que parecia que algo se quebraria se nos mexêssemos. Talvez quebrasse mesmo, o meu coração no caso. Dizem que o hipotálamo é o responsável pelos sentimentos, o amor entre eles, mas por que o nosso peito aperta e dói para cacete? Eu estou abalado pelas palavras de Alicia.

— *Eu queria poder me entregar totalmente a essa coisa que aconteceu a nós, mas eu só vou magoar você. Eu vou magoar você, mas não consigo me afastar. Sou tão egoísta.*

Suas palavras ficam rondando minha mente no silêncio do quarto.

Eu já tinha me entregado sem ao menos perceber quanto. Mas as palavras dela me fazem ver que realmente estivemos brincando ao redor disso nesses últimos meses. Eu preciso que ela se doe completamente para mim porque estou totalmente doado a ela. Ela me desperta toda a docilidade que estive negando a todas as

mulheres que passaram por minha vida. Eu não poderia abrir mão disso agora.

Esfrego suas costas para cima e para baixo. Sua respiração está tranquila, e percebo que ela dormiu. Levanto devagar para não a acordar e cubro seu corpo antes de sair do quarto. Vou direto para o telefone, preciso saber o que afligi uma mulher como Alicia para ela parecer tão frágil. E se ela tiver alguma doença grave? Pela forma que se comportou hoje, estou imaginando todo tipo de merda.

Alexander atente imediatamente:

— Bruno, você não pode ficar ligando para mim a cada cinco minutos — diz

— Você fez alguma investigação sobre a Alicia? Sei que você faz isso com a maioria dos nossos clientes — digo sem ligar para suas gracinhas, indo direto ao assunto — Preciso saber se temos em nossos arquivos sua ficha completa.

— Por que isso? Ela tem algum problema, está acontecendo algo aí, Bruno? Precisando de alguém aí? Reforço?

— Nada que deva se preocupar, Alex. E não preciso de reforço, tenho controle aqui, aliás, não tem nada acontecendo com a segurança do local, tudo em ordem. — suspiro quando prossigo: — Só quero saber toda a

ficha médica e tudo o que você tiver aí sobre a Alicia.

— Não investiguei nada sobre ela. Ela é irmã de Matt, não tinha necessidade.

— Pode conseguir isso ainda hoje para mim? Ou posso falar com o pessoal da empresa de investigação daqui mesmo, mas você que tem paciência de lidar com esses caras.

— Não vai me dizer o que está acontecendo entre vocês dois?

— Isso é pessoal, Alex. Não me meto nos seus negócios com sua noiva, cara, então fique fora dos meus negócios também.

— Isso que me preocupa, Ross. Sua seriedade é anormal, isso não é você. Cadê o cara "nem aí" que conheço desde sempre? — ele realmente pensa isso de mim, que não vou levar nenhuma mulher a sério nunca? Mas também nunca dei motivo para ele pensar o contrário.

— "Ele" conheceu uma mulher e isso está acabando com o cara "nem aí" — foi tudo que consegui dizer. — O nome do médico dela é Allan, não sei o sobrenome, ele deve saber o que ela tem.

— Se ela estiver doente, volte para casa, Bruno. Matt vai matar você se algo acontecer com a irmã dele. Todos os dias ele procura saber como ela está, então, cara, não

estraga isso.

Eu estou ficando irritado com as pessoas sempre achando que eu que irei estragar as coisas. Isso poderia ser o contrário, sinto que Alicia pode muito bem não estar preparada para nós. Não estou preparado para deixá-la ir, entretanto. Pela primeira vez quero algo, e a mulher em questão está mais esquiva que um cervo.

— Está bem, vou investigar e mando o que descobrir ainda hoje para seu e-mail. Mas, mudando de assunto, seu irmão se mantém do mesmo jeito, sem fazer nenhuma manobra. Mas isso não quer dizer que esteja tão quieto assim. Acredito que ele pode estar aprontando alguma coisa, pois algo estranho aconteceu que me deixou em alerta.

— O quê?

— Uma empresa chamada D-Ross Empreendimentos está interessada na compra do antigo apartamento da Alicia. Tudo indica que essa empresa pertence ao seu irmão. Ele não está sendo nada sutil nisso, com esse nome. Ele está começando a errar nesse joguinho de gato e rato.

— Não conheço, mas o que conheço sobre minha família? Nada. Precisamos descobrir o porquê de ele estar interessado na casa.

— Vamos investigar. Tenho de desligar, envio o

documento para você mais tarde, Ross — ele desliga. Fico parado olhando para o telefone por tanto tempo que perco a noção da hora.

Levanto depois de um tempo e vou olhar Alicia no quarto. Estou preocupado que outra crise apareça, mas ela continua dormindo, então volto e vou para a cozinha, preciso fazer algo para ocupar minha mente antes que enlouqueça.

Começo a preparar o jantar para quando Alicia acordar. Começo um camarão à Provençal acompanhado com salada e arroz especial "a la Ross". Meu toque especial.

Eu sempre fui um cara que gostava de privacidade, então, desde que saí da casa dos meus pais, aprendi a viver sozinho. Mesmo tendo tantas mulheres em minha vida, nenhuma passava de apenas uma noite, não tinha tempo para essa merda de romance e nunca preparei um jantar para mulher alguma. Para ser sincero, tinha sempre sido o contrário, elas estavam sempre à disposição e eu nunca dei a mínima. Mas quando consegui me interessar por uma mulher além de uma noite? Alicia é tão ou mais problemática do que eu.

Como Alicia gostava de comer lá fora, no deck, arrumei para que jantássemos lá como fazíamos toda noite. Arrumo dois lugares, depois vou até o pequeno

jardim onde colho algumas rosas brancas, levando-as para a mesa, onde ponho em um pequeno vaso. Bem, eu não saberia dizer se Alicia iria gostar, afinal ela não deve estar com humor para minhas gentilezas, entretanto eu gostaria de agradá-la, fazê-la esquecer suas tristezas e angústias só por um momento. Não imagino como ela irá me tratar sabendo que sei um pouco mais sobre a vida dela a partir de hoje.

Deixo minhas conjecturas de lado e vou verificar meu e-mail e se Alex já enviou o documento com as informações que pedi mais cedo. Abro o notebook na sala de monitoramento, mas ainda não tem nada no e-mail. Estou chateado demais para permanecer no mesmo lugar, tinha vontade de sair para uma corrida, espiares minha mente e meu coração pesado. Saio para o corredor, volto minha atenção para quarto e abro a porta, me deparando com Alicia saindo do banheiro.

Ela deve ter tomado banho, pois o cheio de sabonete e loção chega até mim. E ela também está vestindo umas das minhas camisas. Isso era sexy! Pena que não poderia afundar no seu corpo e fazê-la esquecer a dor que estava refletida nos olhos dela. Ela parece mais calma e introspectiva, tímida até, não imagino o porquê. Ela nunca foi uma mulher tímida, era "cheia de dedos", mas não tímida.

— Você está bem, bebê? — Vou até ela, mas ela se retraía quando me aproximo, e isto causa uma dor aguda em meu peito.

— Sim, obrigada. — ela não olha em meus olhos, no entanto, não posso deixar que ela me afaste dessa maneira.

— Você deve estar com fome, querida, venha jantar comigo — convido, porém ela já está balançando a cabeça em negativa.

— Estou sem fome, Bruno, obrigada — estendo minha mão e acaricio uma das bochechas que estão pálidas. Seus olhos estavam sem maquiagem e ainda meio inchados do seu choro mais cedo. Ela nunca pareceu tão frágil.

Não dando atenção para seu retraimento, seguro seu rosto entre minhas mãos e beijo seus lábios, um beijo cálido e suave, fazendo Alicia suspirar em minha boca. Seu sabor me deixa excitado e louco para devorar sua boca macia, mas dou um passo para trás, me distanciando. No entanto ela vem e abraça meu tórax, escondendo seu rosto em minha camisa.

Envolvo meus braços em torno dela e aperto seu corpo contra a meu. Ficamos lá em pé no meio do quarto por vários minutos, calados. Não havia necessidade de falar, sei que ela só quer ser abraçada.

Tenho um maldito nó na garganta porque sei que se me deixar abater por sua distância, tudo que vivemos até agora não será suficiente para mantê-la comigo.

Ergo uma mão e seguro o lado de sua face, fazendo-a me olhar nos olhos.

— Faça-me companhia então, estou faminto. — eu só quero levá-la para a mesa, sei que lá posso convencê-la a se alimentar.

— Está bem — sua súbita aquiescência me deixa feliz para caralho. Envolto sua cintura e a levo para o deck que ela adora. Eu vou comprar uma casa igual a essa para ela, disso não tenho dúvidas. Melhor ainda: farei uma oferta a Carl e comprarei essa.

Faço Alicia sentar, e ela me olha com olhos assombrados assim que vê a mesa, as flores e a garrafa de vinho que está ao lado pronta para ser servida.

— Por que está sendo gentil, Bruno? Você não precisa fazer isto, não comigo, eu continuo a Alicia de antes, não me trate como um maldito cristal.

— Aceite um pouco de carinho, bebê. Isso não é nada de mais. — digo e a sirvo primeiro, mesmo ela dizendo que não tem fome. Ligo o som com o controle, e as músicas clássica começam a tocar. Eu as escuto para me acalmar, e espero que Alicia aprecie também. Apesar de dizer que não queria, ela começa a comer e

dou um sorriso quando geme delicadamente com uma porção em sua boca.

— Vou contratar você como meu cozinheiro, Bruno Ross. — ela dá um meio sorriso e pega a taça de água, levando-a aos lábios.

— Não sei se você pode me pagar, bebê, mas posso pensar em algo delicioso como pagamento — balanço minhas sobrancelhas para cima e para baixo, fazendo seu sorriso aumentar.

Merda, eu poderia passar a porra da noite fazendo isto se ela manter esse sorriso nos lábios. Fazendo-a esquecer suas merdas só por um instante. Estamos quase terminando nosso jantar quando a voz de Josh Groban flutua através dos altos falantes, fazendo minha pele arrepiar.

*...E todas as nossas cartas estão na mesa
Diga-me o que você quer fazer
Só não me diga que é tarde demais
Não me diga que é tarde demais agora
Só não me diga isso
Para que eu te ame...*

Sinto a música despedaçar a porra do meu coração.
Tento puxar assunto com Alicia, mas ela volta sua

atenção para as rosas em cima da mesa como se as tivesse visto agora. Pensativa demais.

— As flores são lindas, Bruno. Você não é de todo mal, como eu acreditava — ela tentar agradecer, mas isso sai meio sem jeito. Acabo segurando seu pulso e a faço se levantar de sua cadeira e puxo-a para uma das espreguiçadeiras, sentando-a no meu colo. Deito com ela recostada no meu peito, quando peço:

— Por que você não me conta como era seu casamento, Alicia? Esse babaca deve tê-la magoado para que você se tornasse essa mulher tão desconfiada que é hoje.

Ela fica tensa e não fala por vários minutos, até que enfim murmura:

— Eu casei com Evan logo que terminamos a faculdade, mas já namorávamos há um tempo, então casar era mera formalidade. Ele foi um ótimo namorado, porque se fosse de outra forma, não teria casado com ele. Mas depois que nos casamos, ele mudou. Já não era aquele homem que eu conhecia. Era indiferente a mim em muitas coisas. Mas o que começou a levar nosso casamento ao fim foi quando eu não consegui lhe dar um filho tão longo casamos como ele queria. Eu não evitei tê-los, só nunca procurei saber por que não engravidava. Mas um dia enfim eu engravidei e tudo parecia perfeito.

Ele mudou outra vez e agora era atencioso, me tratava como se eu fosse quebrar a qualquer momento, ele parecia feliz e eu estava feliz... — sua voz quebra em dor, e eu aperto seu corpo mais junto a mim em uma tentativa de encorajá-la a continuar.

— Estava com quatro meses e, de repente, começou uma dor terrível nas partes inferiores das minhas costas, depois isso foi tão intenso que eu não sabia sua origem. Não deu nem meia hora, então começou uma hemorragia que levou meu bebê de mim — o soluço dela é de cortar a porra do meu coração.

— Quando estava no hospital, conheci o Dr. Allan, ele é especialista em endometriose. É uma doença ginecológica que acomete milhões de mulheres — diz — Com sua experiência, ele desconfiou e quis fazer os exames. Ele não mentiu para mim, disse que eu tinha a doença e se eu fizesse o tratamento poderia um dia engravidar e levar uma gravidez até o fim. Eu não tinha Ânimo para uma nova gravidez, eu não queria isso outra vez, mas Evan, ele queria. — Esfrego seu braço e Alicia funga.

— Ele achou uma forma de me torturar sem nunca tocar em mim, era cobrada constantemente, e engravidei outra vez, mas com o estresse que estava, a gravidez não durou nem dois meses, mesmo com o Dr. Allan me

ajudando, e isso se repetiu e repetiu...

— Eu comecei a ter pesadelos constantes, e isto me deixava mais e mais nervosa a cada dia. Ficava imaginando quando Evan ia começar sua ladainha sobre eu ser uma mulher seca que não conseguia segurar seu precioso filho dentro de mim. Eu não podia fazer nada para segurá-lo dentro de mim, Bruno, e isso acabava comigo. Eu sinto-me culpada porque, quando ele morreu, eu não senti tanto assim sua morte, parecia que eu estava livre para sempre de sua tortura psicológica.

— Alicia, você poderia tê-lo deixado — eu digo, a raiva como veneno líquido na minha veia. Bastardo filho da puta. Ela quebra em choro mais uma vez.

— Eu já me sentia culpada por não dar um filho a ele, Bruno, e pedir o divórcio parecia mais um fracasso. Como se não bastasse, além de infértil, eu fosse uma inútil no meu casamento. Mas, no fim, eu já pensava em desistir disso também.

Eu queria matar o filho da puta do falecido marido se o desgraçado já não estivesse morto. Covarde! Enquanto vivia exigindo que ela lhe desse um filho, estava metido com bandidos e ainda por cima roubando desses caras e colocando sua própria mulher em risco.

— Você não é nada disso, Alicia — beijo seus cabelos — Não está em suas mãos decidir se você será

mãe ou não. Isso não cabe a você, quem sabe não pode ser mãe de outra forma? Talvez exista um bebê lá fora precisando de uma mãe especial, uma feita especialmente para ele. E que você seja essa mãe, um bebê que precisa receber tanto desse amor que existe aqui — coloco minha mão em seu coração, que está batendo tão forte que parece que sairá de seu peito — Ele pode estar esperando por você, bebê. Nada é por acaso, querida, tudo tem uma finalidade.

— É fácil falar, Bruno, mas quando nós nos sentimos um fracasso como mulher é difícil colocar as peças nos lugares outras vez, reunir forças e esquecer nossa dor que é constante. Mas já renunciei a isso, não me dou mais esperança. — Eu não tenho autoridade para falar de sua dor, eu a estou conhecendo de verdade hoje, nunca poderei imaginar como ela se sente.

— E hoje, o que aconteceu? — pergunto depois de estarmos em silêncio por alguns instantes.

— Um pequeno sangramento. Assim levou ao último aborto, começou exatamente assim, mas quando percebi já era tarde demais e isso me fez pirar — diz — Ainda estou pirando aqui, na verdade, é como se estivesse na berlinda e algo fosse acontecer a qualquer momento.

— E o que o doutor disse para você?

— Que pode não ser nada, e realmente é muito

pouco para que eu entre em desespero. Ele quer saber com exames exatamente o que é, mas agora à noite nem está descendo mais. Deve ter sido mais desespero de minha parte ou uma pequena menstruação adiantada.

— Se você quiser, voltamos para casa — digo e penso que não foi nem preciso ler sobre Alicia em um dossiê. Estou feliz demais que ela tenha confiando em mim e falado. — Vamos embora amanhã cedo se assim você quiser.

— Eu amei esse lugar, Bruno. Eu precisava de um lugar assim.

— Posso te perguntar uma coisa? — pergunto cauteloso, não quero magoar essa mulher mais do que ela já está.

— Claro.

— Você ainda pode engravidar? — Sinto todos os músculos que tinham começado a relaxar endurecer tudo outra vez.

— Por que você quer saber isso? — sua voz estava na defensiva e trêmula.

— Só curiosidade.

— O Dr. Allan diz que sim, fiz uma cirurgia há um tempo que foi bem-sucedida, tenho feito tratamento desde então. Ele diz que quando eu relaxar isso acontecerá. O problema maior não é ficar grávida. É

levar isso até o fim. Isso parece, às vezes, impossível.

— Você é especial para mim, sabe disso, não é, bebê? — fuço em seu pescoço em meio à profusão de cabelos e beijo seu pescoço. Eu preciso distraí-la de tanta tristeza, mesmo sabendo que não posso fazer sexo. Esse sim seria uma bela distração, porém posso distrair de outras formas. — Você está com dor?

— Não. O que tem em mente, senhor Ross?

— Quero que venha comigo. — Levando e vou até a mesa, pegando a garrafa do vinho e duas taças. Volto puxando sua mão em direção ao lago, lembrando que quando fui à sua procura mais cedo e a encontrei surtando, eu tinha planejando um passeio. Estava indo chamá-la e esqueci completamente.

Um bote estilo de canoagem com dois remos estava amarrado no fim do píer de madeira. Desci primeiro e, segurando a mão dela, a fiz se juntar a mim e sentamos um de frente para o outro, dentro do espaço pequeno. A noite estava com uma tímida lua no céu, mas, em compensação, as estrelas estavam bem visíveis a esta hora. Remo para o meio do lago e ouço os suspiros deliciados de Alicia à minha frente.

— Tudo bem? — pergunto quando paro o bote no meio do lago.

— É lindo aqui, querido. — diz olhando para o céu.

Acho que nem percebeu que me chamou de querido. Sorrio intimamente. Minha Alicia, inconscientemente, gosta de mim mais do que quer admitir. Eu, por outro lado, não tenho nenhuma dúvida que a amo. Eu só preciso coragem para dizer isso a ela sem a fazer correr para longe de mim.

Sirvo nosso vinho e entrego uma taça para ela, que toma um pequeno gole, depois volta a olhar para cima com um sorriso nos lábios.

— Poderia passar a noite inteira aqui — diz e me olha. Eu seguro seu pulso e a trago ela para mim, beijando sua boca com força. O sabor de vinho em seus lábios me deixa duro, e aprofundo o beijo rolando nossas línguas juntas. Sugo seus lábios como se bebesse cada gota de vinho que ainda poderia existir lá. Merda, estou ficando excitado para caralho e não posso avançar nela como eu desejo.

— Você tem um efeito especial em mim, bebê. Faz-me sentir como se pudesse ser um homem melhor. Me faz querer te dar o mundo. — murmuro contra sua boca. — Eu amo você, Alicia.

Alicia

Estou paralisada no lugar, inacreditavelmente inerte depois de escutar Bruno dizer que está apaixonado por mim.

Ele não queria dizer isso, não mesmo. Cadê o homem que pegava todas, o que seus amigos dizem que não tem escrúpulos e que saía com as clientes por diversão? Esse aqui está me assustando.

Estou o encarando sem dizer nada, minha respiração é difícil, o ar nos meus pulmões é dolorido. Porque eu sei que vou magoá-lo como o avisei. Eu sabia que isso poderia acontecer, porque eu também estava apaixonada, mas não poderia viver como antes, apavorada, me enchendo de esperança e vê-la se despedaçar em seguida.

— Eu amo você, Alicia. Sei que talvez não seja o momento certo para te falar isso, mas porra! — Bruno diz e eu estou hiperventilando, chorar parece a única coisa que faço bem hoje. — Eu sei que talvez você não

esteja preparada para ouvir ou dizer de volta, mas estou por nós dois. Não preciso que me diga agora, só me deixe te amar sem promessas para o futuro; um passo de cada vez.

Oh, Deus, por favor! Grito silenciosamente.

— Mas não posso mais negar isso, bebê — ele sussurra, e minha vontade é fugir, remar esse bote para terra firme e correr e correr e correr. Ele não pode me dizer isso assim. Depois de tudo que falei há pouco, ele não vê que não quero repetir meus erros? Que não vou fazê-lo passar por isso junto comigo? Que nunca, nunca mais deixarei outro homem impor seus desejos sobre os meus?

— Eu... sinto muito — engasgo com o nó em minha garganta quando me afasto dele, sentando o mais longe possível, onde estive sentada na outra ponta — Eu não quero magoar você, Bruno, mas não quero entrar em algo com você e, lá na frente, tudo dar errado.

— Não estou fazendo nenhuma exigência, Alicia. Você não pode saber o futuro, querida — ele me olha com tanta ternura, e meu coração falha uma batida.

— Podemos ir agora? Estou com frio — era uma mentira, só quero... respirar. Ele está me sufocando de uma maneira que faz um alerta disparar na minha cabeça. Eu estou apaixonada por ele, isso é claro para mim. Ele

tem sido tão compreensivo, e isso faz meu coração mais feliz do que já estive em muito, muito tempo.

A lógica me dizia para correr para bem longe dele, mas o meu coração destroçado queria receber esse amor; queria sentir-me amada. Mas tudo era tão recente. Evan morreu faz nem seis meses e eu já estou aqui com outro homem. O medo oblitera qualquer sentimento que tenho por Bruno, e sei que mesmo tentado de todas as formas ser fria e não me apaixonar, não consegui parar esse sentimento.

Eu inconscientemente tinha tentado mostrar para um Evan morto que eu poderia ter um homem, apesar de ele dizer muitas vezes que nenhum outro homem jamais olharia para mim se soubesse que eu não poderia lhe dar um filho; que ele era o único que eu teria e que era tão compreensivo por eu ser uma mulher problemática. E esse homem, logo após eu revelar meus medos, diz que me ama. Estou em conflito de emoções neste momento, e elas são maiores do que eu imaginei sentir outra vez. Seria possível ser feliz com uma pessoa? Eu tinha perdido essa fé. A única pessoa que me amava era meu irmão, e não sei se acredito em mais ninguém.

— Eu vou te levar para casa — Bruno diz baixo, como se soubesse o conflito interior que está dentro de mim agora. Ele rema de volta para o píer, calado, e eu

não sei muito como agir com essa tensão entre nós. Quando ele me ajuda a sair do bote, eu saio praticamente correndo em direção à casa.

— Espera, Alicia!

Ouçó a voz de Bruno me chamar, mas não paro. Corro para o quarto e deito de bruços na cama. Minha vida tinha sido de mais perdas que ganhos. Fui destinada a sempre perder, meus pais e seguidamente meus bebês, depois Evan, mas isso tinha sido uma perda que, não sei, talvez ganho. Sei que é errado pensar assim, entretanto estou sendo fiel a mim mesma.

Eu estou destruindo o meu relacionamento com Bruno, porém, qual a garantia que ele me dava? Algumas semanas atrás, ele simplesmente me disse que era melhor ele e eu terminarmos, nós tínhamos dito coisas nada gentis um para o outro naquele dia. Eu não podia dar meu coração assim e cometer os mesmos malditos erros do passado. Inclusive já sofrendo por isto.

— Você está bem, Alicia? — não o tinha escutado entrar no quarto. Sinto o colchão afundar com seu peso e sua mão acariciar meus cabelos, seguindo de beijos por minhas costas — Hei, não fique assim, não disse que amava você para vê-la sofrer. Só quero amar você, quero sanar um pouco sua dor, bebê. Não estou exigindo que me ame de volta, sei esperar por você. Pela primeira

vez na vida, quero lutar pelo amor de uma mulher. Não me pergunte o que vejo em você, realmente é ranzinza, resmungona, me chama de prostituto...

Ele graceja, fazendo a tensão diminuir, e rio entre as lágrimas que correm caindo no colchão.

— Você é linda, é a mulher mais incrível, mesmo neste momento correndo de nós. Você é corajosa para mim, tem uma força dentro de si que nem mesmo você vê isso. Porém, o melhor de tudo é que sei que me ama. Sou irresistível, querida, eu sei. Então não adianta negar. — Ele continua gracejando. Mas, oh merda! Ele deve estar magoado com minha reação e está tentando levar na esportiva. Eu me odeio agora! Sou uma bruxa má!

Viro na cama e olho seus olhos azuis intensos e lindos, me fazendo mergulhar dentro dessas piscinas cálidas e convidativas. O carinho dele e sua gentileza fazendo minhas cicatrizes menos doloridas eram demais para mim. O que faço agora?

— Você também é muito especial para mim, Bruno. Tem sido desde que veio para minha vida — digo e estendo minha mão para acariciar seu rosto áspero da barba por fazer — Você não sabe quanto foi importante tê-lo na minha vida nesses últimos meses. Mesmo quando eu tinha todos os motivos de me manter longe de um homem que se assume um cafajeste, me fez

esquecer por vários momentos as coisas ruins que estavam e que ainda estão acontecendo na minha vida — Digo em um só fôlego. Seus olhos nublam por alguns instantes, mas logo voltam a me fitar com ternura.

— Mas, Bruno, mesmo isso sendo maravilhoso, você tendo mudado tantas coisas no meu mundinho particular, não basta para mim agora. Não quero outro relacionamento que vá me levar à dor outra vez. Desculpe, por favor.

Ele não diz nada, no entanto sei que o estou magoando terrivelmente, agora rejeitando sua declaração.

— Você não está dando nenhuma chance a isso, Alicia. Está com medo, eu sei. — ele enjaula minha cabeça entre seus braços, falando bem perto de mim — Não está nos dando uma chance. Não pense muito, querida. Só aproveite cada segundo disto. Sem pensar que amanhã vou me transformar em Evan Duran, pois não vou, não sou ele.

— Não é isso... — digo baixo. Minha cabeça dói por ter chorado tanto hoje, e a fonte parece que não seca. Deus, eu virei uma manteiga derretida, não sou essa bagunça de mulher. O que ele está fazendo comigo?

— Então o que é, amor? — ele beija meus olhos, a minha testa, os cantos dos meus lábios. Isso é uma tortura deliciosa — Pare de pensar demais, Alicia!

Ele me beija, e eu me agarro a ele como se ele fosse minha tábua de salvação em um mar revolto de emoções que nem cabem dentro de mim. Sua boca é tão terna que me faz cativa, e retribuo seu beijo com todas as minhas forças. Quero gravar seu carinho no meu coração com ferro e fogo.

Bruno

Eu me precipitei como um idiota me expondo para Alicia, em uma hora completamente inconveniente. Ela estava abalada de tudo que aconteceu hoje, aí eu vou e jogo a porra de uma bomba em seu colo. Sou um fodido idiota!

Ela dorme ao meu lado enquanto estou deitado ao seu lado, olhando o teto há um bom tempo. Acabo levantando e vou para a sala de monitoramento, sempre faço isso à noite, para dar uma olhada nas câmeras do perímetro fora da casa. Cuidado nunca é demais.

Sento e verifico os monitores por um momento, depois volto minha atenção ao e-mail que chegou de Alex. Não o abro, não quero ver mais da dor de Alicia estampada em uma droga de relatório. Fico olhando sem nada ver para os monitores outra vez. Estou prestes a levantar e voltar para perto de Alicia quando vejo algo em

um dos monitores. Aqui é um lugar esmo sem movimentação de pessoas, o vizinho mora a mais de um quilômetro, mas há um carro parado fora da propriedade. A câmera que o pega é umas das mais distante da casa. Mexo na câmera e dou um zoom tentando ver com nitidez quem estaria dentro do carro. Seria alguém de Deni? Não acredito que ele descobriu onde estamos. Os caras na empresa não viram isso se aproximando? Estou prestes a chamar alguém de lá quando o carro começa a se afastar, saindo de vista. Todas as entradas para o chalé são cobertas por uma câmera, e procuro atentamente nas outras, mas não consigo detectar nada. Droga, eu preciso tirar Alicia daqui, essa porra não é mais segura. Não sei quem está lá, mas não posso facilitar e ela acabar se machucando porque fui negligente.

Levanto e verifico o alarme da casa. Vejo outra vez se as portas e janelas estão todas fechadas. O idiota que viesse hoje aqui poderia dizer adeus à porra desse mundo. Estou puto demais para brincar com qualquer um. Quando volto para a sala, vejo minha arma e munição que deixei em cima da mesa. Pego-a e passo a esquadrinhar cada imagem que a câmera possa pegar. Ligo para a empresa onde tem uma equipe que sempre está lá trabalhando nessa parte de monitoração dos

clientes.

— Ross — um dos homens atente — o que houve?

— Quem está falando?

— Dimas. Houve algum problema aí?

— É você o responsável pelas câmeras do chalé? — pergunto, meu mau humor levando a melhor.

— Sim, sou um dos que verificam vocês.

— Então por que merda você não viu um carro se aproximando daqui? Estou enviando as imagens e quero que as verifique e identifique quem está no carro.

— Não vimos nada — ele diz meio chateado e certo tom de desculpas.

— Isso é óbvio. Me chame quando tiver uma resposta o mais rápido possível. — digo e acrescento: — Alex por acaso ainda está trabalhando?

— Não, senhor.

— Me chame quando identificar quem está no carro.

Desligo e recosto-me à cadeira. Esses caras não deviam trabalhar nesse ramo de segurança privada, bando de incompetentes.

Meia hora depois o telefone toca e Dimas diz que as imagens não dão para identificar quem estava no carro. É muito escuro para ter uma definição das feições da pessoa lá dentro. Depois de deixar instrução para manterem um monitoramento constante do local,

desligo. Estamos partindo daqui antes do previsto. Vamos voltar para casa, e como Alicia precisa ir ao médico dela, então está mais do que na hora. Apesar de não termos feito nada para levar Deni e os comparsas à polícia.

Ligo a câmera do quarto principal, que até então não tinha sido ligada, e vejo Alicia ainda dormindo. *É, Ross, você se ferrou de vez, meu camarada. Se apaixonou pela mulher mais problemática do planeta. Mas, e daí? Eu faria tudo de novo. Alicia só precisa de tempo para retribuir. Eu não vou deixá-la me afastar, nem que eu tenha de trancá-la em um calabouço e me aproveitar de seu corpo sexy para caralho até ela tirar da cabeça que não serve para amar outra vez.*

De qualquer maneira, agora era hora de focar em sua segurança.

Alicia

Acordo com cheiro de café e lábios por meu pescoço.

— Hummm — resmungo quando estendo meus braços para o causador de tais beijos. — Ross, você não é desse mundo. — minha voz sai rouca e estranha.

— Bebê, você é gostosa pela manhã, não posso

resisti — ele agora me agarra me beijando na boca, mesmo sob meus protestos de não ter escovado os dentes e essas besteiras que nós seres humanos tememos pela manhã.

— Vamos ter de ir embora daqui a pouco — ele diz quando senta e pega uma bandeja e coloca em meu colo — Então coma.

Olho para a bandeja e de volta para ele. Oh, ele definitivamente me mima ao extremo. Um botão de rosa, uma xícara de café, um copo de suco natural e uma torrada. Ele sabe que não como mais que isso em meu café da manhã.

— Obrigada, querido. — digo e sorvo da xícara. Depois pergunto, apreensiva: — Por que temos de ir?

Será que ele mudou de ideia sobre nós, não me quer mais? Cristo! Quando disse a ele ontem que não queria um relacionamento sério com ele, eu não imaginei que ele me deixasse. Eu iria morrer de dor. Deus, não sei o que quero. Uma hora o empurro para longe e na outra o quero perto. Sou a maldita rainha da indecisão.

— Surgiu um assunto e não podemos mais ficar aqui — ele inclina-se e deposita um beijinho rápido nos meus lábios — Portanto, senhorita Duran, faça as malas que vamos partir.

— Aconteceu algo? — Ele ontem tinha dito que

precisava de tempo e hoje quer ir embora.

— Nada de mais, bebê.

— Se você diz... Me dê meia hora que terei tudo pronto.

Bem, levou mais de uma hora para que nós pegássemos a estrada de volta para casa. Descobri que Bruno não tinha dormido na noite passada. Isso me deixou preocupada com ele dirigindo.

— Tem certeza que não posso dirigir, Bruno? — pergunto quando faz meia hora que deixamos o chalé.

— Não se preocupe com isso, Alicia. Só ligue o rádio ou converse comigo, sim? — ele pede quando sorri para mim e volta a olhar a estrada. Olhar ao redor é o que ele mais faz desde que saímos.

Ligo o som do carro e músicas clássicas começam a tocar. Eu sempre achei que Bruno era mais do rock, mas vejo que me enganei mais uma vez com ele.

Depois eu mudo para outro estilo e encontro um dueto de Meghan Trainor e John Legend, *Like i'm gonna lose you*.

*Em um piscar de olhos
Apenas um sussurro de fumaça
Você pode perder tudo
A verdade é que você nunca sabe*

*Então eu vou te beijar mais bebê
Alguma chance que eu tenho
Eu vou fazer a maior parte dos minutos e amar
sem arrependimentos*

*Então, vamos dar o nosso tempo
Para dizer o que queremos
Use o que temos
Antes de tudo se foi
Não, nós não estamos prometendo a amanhã*

Eu me viro para olhar Bruno, que mantém as mãos crispadas no volante. Estico minha mão e coloco em sua coxa. Ele me olha rapidamente.

— Eu vou dar uma chance para nós... — isso é só o que posso prometer para ele no momento. Mas o pensamento dele estar me dizendo adeus é pior do que imaginei.

Farei o que puder para não o deixar ir.

Alicia

O vazio da minha alma parece desaparecer um pouco quando coloco para fora estas palavras.

Tentar um passo de casa vez. Isso que estou fazendo. Não adianta me jogar de vez, sem cautela, porque isso nunca foi meu estilo. Tive apenas três homens durante toda minha vida, e dois nem conto, pois foram namoricos adolescentes. Apenas Evan foi meu namorado e depois marido. Não sou lá a mais experiente com homens vividos, ainda mais com um que parece ter tido mais mulheres que um sultão.

Bruno tem um poder sobre meus sentimentos que são incontroláveis para mim. Me envaidece seu interesse, mas ele não pode curar completamente minhas dores e tirar anos de medos de dentro de mim, isso pode levar tempo. Mas, certamente, tem sido um bálsamo nessa turbulência que está minha vida. Uma nova relação traz exigências demais para eu suportar agora e sobre as quais entendo perfeitamente.

Eu não sou covarde, vou tentar por mim mesma.

A reação dele à minha declaração me deixa nervosa. Na verdade, ele só pegou minha mão em um aperto firme, levando aos lábios e beijando a palma, dizendo:

— Ok, bebê. Vai ficar tudo bem.

Apenas isso? Ele disse ontem que não desistiria de mim assim facilmente. Estou com medo de serem apenas palavras bonitas para me conquistar. Mas daí me pergunto, o que ele poderia querer se já me tem completamente entregue em sua cama?

Aconchego-me mais para perto do seu corpo musculoso, recebendo um pouco do seu calor que me faz derreter enquanto seguimos viagem. Beijo seu ombro, e ele tira os olhos da estrada por um momento para me olhar.

Nada de mais acontece no resto da viagem, apenas alguns telefonemas que Bruno recebeu de alguém. Depois disso, ele se manteve calado. Eu sabia que possivelmente o magoei por não dizer que o amava de volta. Todavia, estou certa que quero tentar e nos dar uma chance real. E isso, para mim, é maior do que eu imaginei depois da morte de Evan.

Se ele quisesse manter tudo do jeito que era, sexo simplesmente, eu poderia prometer qualquer coisa. Porém, ele me surpreendeu com um "eu amo você, Alicia". Isso é muito para assimilar. Estou um passo atrás

dele nessa relação. Ele pode ser um bom homem, no fim das contas. Minha mente é um turbilhão de conjecturas do futuro enquanto o carro corta as milhas e milhas de volta para casa.

Chegar em casa não foi ruim. Eu tinha amado esses dias de férias forçadas, eu não tenho nenhum arrependimento de ter ido com Bruno até lá. Mas a primeira coisa que fiz foi ligar para o Dr. Allan, assim que tive acesso a um telefone, e marcar uma consulta para a primeira hora da manhã; irei vê-lo, e só assim eu posso ficar tranquila.

O pequeno sangramento de ontem simplesmente não existe mais. Estou me sentindo meio boba por ter surtado e exposto meus problemas para Bruno. Mas, por outra parte, foi um alívio colocar para fora tudo isso. Eu nunca expus todos os problemas do meu casamento para meu irmão. Logicamente ele sabia de algumas coisas que eu não conseguia esconder. Falar com Bruno tinha sido benéfico para mim. Por incrível que pudesse parecer, eu me sinto hoje mais leve.

Querer ter o controle já não parecia um sentimento compulsivo como era há seis meses. Eu me sentia diferente, e talvez deva isso ao amor que começava a construir-se em meu coração, que há muito tempo precisava desse calor envolvente chamado Bruno Ross.

Falando em Bruno, ele sim está estranho desde que saímos do chalé. Ele agora estava no escritório com Alexander, Carl e outro segurança de nome Salvatore. Eles praticamente chegaram juntos conosco no prédio. E, desde então, eles estão trancados lá dentro.

Sem nada para fazer, ligo para Marcos e peço um relatório desses últimos dias de ausência. Estou tão relapsa com meus negócios, foram quase duas semanas sem nem procurar saber como andavam as coisas, já que Bruno confiscou meu celular.

— Você tem três possíveis clientes — diz Marcos depois de nos cumprimentarmos e eu questionar como andavam as coisas na empresa — Ligaram logo após você viajar. Mas eu disse que sua agenda estava superlotada e que teriam que esperar você ter uma vaga. — ele diz, rindo.

Rio de sua astúcia, e ele continua:

— Então, se estiver tudo bem, ligo amanhã agendando uma reunião.

— Sim, por favor, faça isso. Amanhã eu não irei trabalhar, mas depois volto com todo gás — brinco, e parte da ansiedade sai um pouco.

— Sabe quem ligou procurando você? — Ele indaga, mas sem esperar minha resposta, continua: — Deni Ross. Ele queria saber onde estava e se tinha dia para

voltar.

Estranho. Eu liguei para ele avisando que viajaria. Mas não me atenho a isso. Depois de conversarmos por alguns instantes, desligo. Tenho vontade de ver meu irmão, estamos tão distantes ultimamente, mas sei que sair agora não será possível, não quando não tem nenhum segurança disponível.

Bruno

— Esse cara é o mesmo que abordou Alicia na festa — digo quando Salvatore passa o vídeo que enviei ontem em uma imagem trabalhada e com um programa de identificação de rosto — O cara que ela reconheceu do elevador. — Tinha enviado para o funcionário verificar e ele disse que não deu para ver nada. — Verifiquem esse tal de Dimas, Alex. Deni pode muito bem comprar a lealdade de alguém dentro da MS. Ele simplesmente não estava vendo um carro se aproximar em um local aberto? Dizer que não conseguiu distinguir as feições do cara no carro quando isso foi um trabalho simples de identificação? — Esbravejo.

Estou tão furioso que minha vontade é esmagar a porra da mesa em duas. Os caras estão olhando para mim, rara foram as vezes que me viram com raiva, e

agora era umas dessas horas.

— Ele simplesmente entregou a porra da minha localização — ando pelo escritório.

— Calma, Ross. Isso não foi comprovado. Vou investigar isso. — diz Carl pegando se celular e ligando para alguém. Ele vai para um canto da sala e começa a falar em um tom baixo, não dando para distinguir o que ele diz.

— Ele vai investigar? Para mim isso é mais que claro. Ele foi negligente e tosco. — digo para Alexander, que apenas continua analisando o vídeo.

A necessidade de proteger Alicia me deu um foco que vinha faltando. Estou tão diferente do Bruno que esses caras conhecem que devo estar confundindo suas mentes.

— Não quero ser chato, Bruno, mas terá que entregar seu irmão à polícia. Seu testemunho será decisivo para que eles retomem a investigação e, com isso, Alicia pode ficar enfim livre disso tudo — Alex diz, e algo aperta dentro do meu peito. Alicia livre pode não me querer.

O pensamento vem tão rápido que me atordoa, e fico com raiva por cogitar a possibilidade desse trabalho nunca chegar ao fim e, portanto, ela nunca se livrará de mim, mesmo querendo.

Balanço minha cabeça e tomo uma decisão que estive protelando até agora: eu irei amanhã na polícia e toda essa merda irá acabar.

— Você tem razão, irei amanhã ao departamento de investigação e jogarei a merda no ventilador.

Deni

— Então, você é ainda pior que seus funcionários. Não conseguiu nada com a viúva Duran? — meu pai pergunta detrás de sua mesa. Aperto minha mandíbula e continuo calado, não adiantava falar.

Eu estava com raiva de mim mesmo por ter deixando Alicia escapar das minhas mãos quando a tive tão perto. Essa ideia idiota de ganhar a confiança dela e tentar extrair alguma informação não tinha dado certo. Agora ela está quase inalcançável para mim. Bruno está tão grudado na mulher que fica impossível chegar nela. Eu estava esperando-o nos entregar, mas o "sangue" dele não permitiu. O idiota ainda deve ter uma imensa vontade de fazer parte da família. Idiota. Antes eu acabo com ele.

— Quero que você a traga aqui, quero conhecer a mulher que fez seu irmão se apaixonar — diz meu pai, fazendo-me levantar o olhar, surpreso — E quero isso rápido. Contrate um exército se for preciso, para que os seguranças que estão com ela desapareçam. — Mas que merda ele quer com Alicia?

— O que você quer com ela? — levanto inquieto — Eu vou conseguir a informação dela, papai, e talvez ela nem saiba onde o marido deixou toda a grana que roubou de nossos associados — digo querendo ganhar tempo, entretanto sei que quando ele quer algo ele consegue por bem ou por mal.

— Você tem andado atrás dessa mulher há meses e nada tirou dela, nem a fez calar a boca de uma vez, então eu mesmo irei lidar com isso. — ele diz aborrecido.

— Está bem, a trarei aqui.

Alicia

— Então você não irá ao médico comigo? — digo na manhã seguinte. Bruno tinha chamado os antigos seguranças para ir comigo no médico quando soube que eu tinha marcado a consulta.

— Eu tenho de ir falar com a polícia hoje e não sabia que a senhora iria marcar algo sem me avisar antes, senhora Duran — ele está aborrecido por causa disso. Desde que eu tinha informado que ia sair que ele estava me olhando duro e mal-humorado. — Qual o problema que você tem de nunca comunicar nada, querida?

Eu não informei porque, no fundo, não queria que ele fosse comigo no Dr. Allan.

— Bem, de qualquer maneira, quando sair do médico irei me encontrar com meu irmão — dou um beijo no seu queixo que está com a barba por fazer. Ele parece sexy assim — Gosto quando você deixa a barba crescer um pouquinho.

— Não tente me distrair — ele abre a porta do Jeep novo que tem agora no lugar do outro. — Irei te deixar no médico.

— Por que você tem de ir na polícia? — pergunto quando estamos a caminho da clínica.

Ele me olha rapidamente e vacila.

— Esse assunto é extenso e complicado, bebê, quando eu voltar, conversaremos.

— Tudo bem. É sobre a morte de Evan?

— Sim, mas agora não se preocupe com isso.

Não insisto, porque esse assunto me deixa doente.

— Matt está vendendo meu antigo apartamento, você sabia disso? Ele me ligou informando que uma empresa com seu sobrenome fez uma proposta irrecusável — digo mudando de assunto. Matt me ligou ontem à noite para saber como tinha sido minhas férias de duas semanas e para saber como eu estava lidando com o ócio. Não fiquei exatamente no ócio lá, Bruno me fez trabalhar de uma maneira quente e deliciosa.

— Sim, eu soube. Pode ser coisa do meu irmão —

ele diz com aborrecimento.

— Não imagino por que a máfia quer meu apartamento — digo e levo minha mão à boca. Oh, merda! — Desculpe, não quis dizer isso.

Ele ri um pouco.

— Eu também não imagino, querida, deve ser a morbidez do lugar.

— Que horror!

Cerca de vinte minutos depois, ele me deixa na clínica juntamente com Connor e vai para o que imagino ser o departamento de polícia.

Dou meu nome na recepção e espero ser chamada. Estou tão ansiosa que minhas mãos estão úmidas de suor.

— Então, Alicia, não há mais nenhum sangramento. Você me deixou preocupado com seu telefonema desesperado, pensei que tinha sido algo mais grave. — diz o Dr. Allan, pouco mais de meia hora que já estou em sua sala e depois de ele fazer um exame ginecológico não invasivo.

— Isso não é normal para mim, doutor — digo, a calma dele me deixando mais nervosa. Desço da cama e,

depois de me arrumar, volto a sentar à sua frente.

— Irei pedir alguns exames, e mesmo que você esteja grávida de poucos dias, isso será detectado com o exame de sangue. Você não estava grávida na última consulta, isso posso garantir — ele diz, escrevendo no meu prontuário. — Mas eu acredito que houve esse pequeno sangramento pela dosagem fraca da medicação. Alicia, você tem obrigação de contar para seu médico ginecologista que tem uma vida sexual ativa. Mas eu errei em não ter perguntado na última consulta quando falamos da dosagem menor — Eu fico vermelha, e Allan ri da minha cara envergonhada — Você está namorando? Que coisa boa, fico feliz por você. Você tem passado por muitas coisas, tem de relaxar mesmo — ele continua.

Estou me sentindo uma adolescente sendo repreendida. Eu ando ultimamente com a cabeça nas nuvens. E tinha feito sexo sem preservativo desde que fomos para o chalé, isso era um lapso terrível da minha parte comigo mesma. Eu estava brincando em torno disso e nem percebi o que estava fazendo. Preciso voltar ao meu juízo perfeito.

— Faça esses exames ainda hoje, vou pedir o resultado até amanhã. Não irei passar outra pílula até ter esses resultados. — pego os papéis, e depois de me despedir, vou imediatamente para o ambulatório fazer os

exames.

Quando termino tudo, percebo que Connor não estava na porta quando saí da sala do Dr. Allan. Procuro-o em torno da recepção e não o vejo. Vou até a recepcionista atrás do balcão.

— Olá, você viu o homem que estava comigo agora há pouco? — ela tira os olhos do computador e me encara como se eu estivesse perguntando que horas sai a nave para Marte.

— Não vi ninguém, senhora.

— Obrigada.

Que droga, aonde ele foi? Resolvo sentar e esperar, afinal teria de pegar um táxi se quisesse sair daqui.

Passam cinco, dez minutos, e nada de ele parecer, então resolvo ligar para ele. Mas o celular apenas chama. Levanto decidida a ir embora e ando para fora da clínica. Eu sei que estou me arriscado, porém não ficarei aqui com meu segurança sumido. Vou ao estacionamento verificar, em uma última tentativa de encontra-lo. Quando chego, vejo Connor ao lado do carro e suspiro com alívio.

Mas junto a ele está Deni Ross, e algo não parece bem. Eles mantêm uma conversa tensa, e quando me aproximo, vejo Connor ficar apreensivo e mudar de cor. Meu instinto me manda dar meia-volta e correr. Os olhos

do guarda-costas me envia mensagem para fazer exatamente isso, mas Deni olha para cima, para mim, e sorri vindo na minha direção.

— Alicia, que surpresa. Estava falando com seu segurança porque quero convidá-la para vir comigo. Tem uma pessoa que quer muito conhecê-la. — Olho para Connor. Ele está olhando fixo para mim e seu rosto reflete apreensão, mas Deni já está ao meu lado e segura meu braço, me guiando para um carro que não é o nosso.

— Deni, sinto muito, mas não irei..

— Eu insisto — ele não está sorrindo mais, e vejo quando alguns homens ficam ao lado do meu segurança. Deni abre a porta do carro, esperando que eu entre.

— O que está acontecendo? — exijo com firmeza. Não irei entrar nesse carro por livre e espontânea vontade.

Alicia

— Diga-me o que está havendo, Sr. Ross — exijo saber de Deni, ainda em pé ao lado do carro — Não irei a lugar algum com você sem falar com o seu irmão primeiro.

— Eu sou a favor de você ir sem grandes alardes, senhora Duran. Não quero chamar a atenção das pessoas em volta. — ele aponta alguns transeuntes passando por ali, outros entrando em seus carros — Como disse para seu segurança, meu pai gostaria de conhecer a namorada do seu filho mais novo, então estou te levando até ele. Sabe, ele é um homem já velho, não gosta de sair de casa. Então, Alicia, seja sensata e uma boa futura nora e venha comigo.

— Se seu pai quer me conhecer, ele pediria isso ao Bruno e não a você — tento me afastar dele, mas ele impede minha passagem com o braço.

— Você, nessas alturas, já deve saber que eles não se falam, minha querida, e nem eu e ele somos os melhores irmãos ou amigos — ele segura meu braço, forçando

para que eu entre no carro, e acabo sentada no banco de trás junto com ele que entra em seguida.

Eu tento ver Connor, e o vejo sendo empurrado para um carro também. Minha cabeça dá mil voltas e nada faz sentido aqui. Por que Connor permitiu isso e nem reage a nada? Abro minha bolsa e pego meu telefone. Estou prestes a ligar para Bruno quando Deni pega meu celular.

— Devolva-me isso, Sr. Ross — digo esticando meu braço para pegá-lo de volta.

— O quanto você gosta do meu irmão, Alicia? — ele baixa a voz em tom conspirador — Por que se você ligar para ele, ele acabará machucado por sua causa. Sabe, ele pode ter se livrado do último acidente, mas o próximo será fatal.

Ele fala com tanta casualidade que me choca. Ele é louco?

— Por que está fazendo isto? O que você quer de mim? Você que mexeu no carro do seu irmão? — disparo uma pergunta atrás da outra. Meu sangue começa a esquentar, e fico abismada comigo mesma com a súbita vontade de descer minha mão em seu rosto com um tapa. — Como ousa agredir seu próprio sangue? Seu irmão?

Ele ri da minha raiva. Tenho minhas mãos apertadas em punhos prontos para socar seu rosto. Idiota!

— Devia entregar você para a polícia por tentativa de homicídio — digo furiosa.

— Você não é um bloco de gelo, Alicia, que grata surpresa. Gosto dessa gata selvagem que está querendo sair daí de dentro — ele me olha com desdém, arqueando uma sobrancelha — Mas devia se preocupar com você, minha querida. Não suporto mulheres descontroladas assim — aponta para mim.

— O que seu pai quer comigo? — Devia estar tentando sair desse carro em vez de pensar em agressão física. — Eu quero que você me leve para casa, Deni, não estou me sentindo bem, acabei de sair do médico — Eu não entendo o que ele está fazendo. Ele bebeu? Tão diferente do Deni que conheci, todo gentil, esse é um idiota.

— Você está doente? — ele parece genuinamente preocupado. Chega a ser hilário e contraditório.

— Talvez. — fecho meus olhos, preocupada com o que pode acontecer comigo e Connor. Ele parecia tão aflito, coitado — O que você fez com Connor? — viro minha cabeça para olhá-lo.

— Só um pequeno incentivo para que ele cooperasse comigo.

— O que seria isso?

— Talvez não goste da resposta. Ele tinha de

escolher entre você e sua pequena filhinha. Ele não escolheu você! — Diz com deboche.

— Você machucou uma criança? Que tipo de monstro é você? — agora estou apavorada com seu sangue frio.

— Claro que não. Eu gosto de crianças, Alicia, mas os meus homens podem não ter meus princípios, e se ele não cooperasse comigo ela poderia se machucar — ele recosta-se no banco de couro e pisca para mim com malícia — Isso pode se aplicar a você também, pode se machucar se não começar a cooperar.

— Do que está falando? —minha voz trêmula me trai — Cooperar com o que, seu...

— Primeiro, quero que saiba que seu apartamento está sendo comprado pela minha empresa. — diz, me cortando. Como não digo nada, ele continua: — Não quer saber por que estou comprando seu apartamento, Alicia?

— Não — minto. Como estou apavorada com o que ele pode me fazer de mal, minha curiosidade está a mil por hora.

— Diga-me, Alicia: você sabia todos os segredos do seu marido? Sabia tudo sobre seu trabalho? — sua voz é baixa e macia. Se eu já não estivesse apavorada, ficaria, porque esse tom de voz dele me dá calafrios.

— Como já disse para a polícia, não sei nada sobre o trabalho de Evan, portanto, Sr. Ross, não, eu não sei nada da vida do meu falecido marido.

— Pense, Alicia. Às vezes as respostas estão no nosso subconsciente e achamos que nada sabemos, mas no fim temos as repostas bem ali. É só pensar com calma sobre o que ele fazia em casa.

— Nunca chegava em casa no horário que pudesse observá-lo, senhor Ross. Então não tem como saber o que ele fazia quando chegava, principalmente nos últimos seis meses que antecederam sua morte.

— Onde você acha que foi parar todo o dinheiro que ele roubou dos seus clientes?

Por que diabos ele está me perguntando isso? Qual o maldito interesse dele com isso? Oh, Deus! Seria Deni uma das pessoas que Evan roubou?

Ah, merda! Percebo naquele momento que isso pode terminar mal.

Será que nunca vou me livrar das merdas que Evan aprontou? Eu tinha minhas emoções me fazendo incapaz de manter o foco. Balanço minha cabeça, limpando minha mente, e respiro fundo e pesadamente.

— Você era um dos seus clientes? Você é umas das pessoas que querem me matar?

Oh, Senhor, eu realmente sou uma suicida, porque se

ele realmente fosse, eu estava caminhando para minha morte certa. Por isso Bruno não me queria perto do irmão? Ele sabia de Deni e não me contou?

Deni olha para mim sério, e estou com meu coração na mão esperando sua resposta quando um telefone começa a tocar. Percebo que é o meu. Deni olha para ele com um sorriso. Ainda o tem nas mãos desde que tinha pego de mim.

— Olha só... Isso só melhora, Alicia. — ele aperta o botão de atender — Alô!

Bruno

Deixo Alicia na clínica, mas não estou feliz. Deixá-la com outras pessoas me deixa com uma sensação nada boa no peito. Porém tenho de fazer isso hoje, não posso protelar mais minha ida ao departamento de homicídio e falar que suspeito da minha família. Seria doloroso cumprir isto até o fim. Primeiro tenho que passar na empresa, e faço isso em tempo recorde. Vou até o balcão da recepção, encontrando Lilian lá como sempre, linda e concentrada.

— Adoro vir aqui, é sempre inspirador e gratificante entrar por aquelas portas e se deparar com uma beleza estonteante — digo parando junto do balcão.

— Bruno! Quanto tempo. — fala como sempre quando a provoço, exatamente como sei que ela faria. Olho ao redor como também sempre faço, procurando o marido perigoso dela — Sal não está.

Ela ri quando me vê olhando ao redor, e rindo também. Bato meus dedos no balcão antes de rumar para meu escritório.

— Bom saber, nunca sabemos quando o louco não toma seu remédio contra o ciúme — ela balança a cabeça, rindo. — Conselho de amigo: devia colocar uma coleira no homem.

— E quem disse que ele já não tem uma? — ela pisca conspiratória.

— Lilian! Não sabia que vocês dois praticavam BDSM — finjo espanto, fazendo-a arregalar os olhos, e agora é a vez dela olhar ao redor.

— Bruno! Não é nada disso. E não fale essas coisas aqui onde as pessoas podem escutar.

Rio quando vou embora, deixando-a murmurando sobre minha cara de pau. Perco meu sorriso quando pego alguns documentos que Alex disse que iria deixar em minha mesa. Estes documentos eram todas as provas que Duran estava envolvido com pessoas de índoles duvidosas, e minha família estava aqui exposta.

Eu não sei o que irá acontecer com meu pai ou Deni.

Talvez, como sempre, não serão incomodados.

Tenho medo por Alicia, e sei que posso piorar a situação dela dando esse depoimento hoje. Meu pai tinha muitas amizades, e ficar fora da cadeia foi o que de melhor ele fez durante toda a vida. Nunca tinha sido preso, muito menos Deni. Deixando as dúvidas de lado, pego a pasta e saio. Se houve um momento em que precisei manter meu juízo comigo, esse momento era agora. Não recuar era o lema.

— Até mais, Lilian. — digo quando passo por ela na saída.

— Tenha um bom dia, Ross — ela responde — E não demore muito para aparecer por aqui, sentimos sua falta. E traga sua namorada. Preciso conhecer a mulher que conseguiu te laçar.

Escuto seu riso, e sem me virar levanto minhas mãos em um aceno, ignorando o "namorada". Eu só sei de uma coisa: que até o fim do dia, Alicia pode estar me odiando por esconder coisas importantes dela.

Quando paro meu carro no estacionamento do prédio do departamento, retiro a arma do coldre que estava usando e deixo no porta-luvas do carro. Eu pego meu telefone e empurro no bolso do terno. Tenho vontade de ligar para Alicia, mas ela pode estar na sala com o médico.

Minha. Minha, e não vou perdê-la agora, porém minha relutância em entrar imediatamente nesse prédio se deve ao fato de que, com isso jogado no ventilador hoje, pode fazê-la de distanciar de mim. Talvez ache que eu possa fazer mal para ela, pela simples razão de ser um Ross.

Desço e caminho para fazer logo o que tinha de ser feito.

Isso levaria o dia todo, eu sabia. Depoimentos sempre são demorados pra caralho, então quando me sentei na sala do delegado, avisei:

— Quero terminar com isso rapidamente, tenho serviços me esperando lá fora que não podem esperar o dia todo.

— Sr. Ross, devo lembrá-lo que foi o senhor mesmo quem pediu para estar aqui? — diz, não dando muito ouvido para mim — Vamos levar o tempo que for preciso.

Duas horas depois ainda estou falando e falando as mesmas coisas, para frente e para trás. Porra, preciso saber onde está Alicia. Não confio em ninguém cuidando dela longe de mim, por aí. Estou inquieto a cada minuto passado aqui.

— Você está dizendo que seu pai e irmão são os assassinos de Evan Duran?

— Estou dizendo, delegado, que há fortes indícios de que eles tenham parte nisso. Não afirmei que vi meu pai ou irmão puxando o gatilho de uma arma. Estou apenas lhe mostrando o resultado de nossa investigação paralela. — digo aborrecido. Por isso protelei tanto minha vinda aqui, esses caras adoram colocar palavras na boca das pessoas — Preciso de uma pausa para um cigarro, delegado. — Eu minto, pois nem fumo. Na verdade, quero ligar para Alicia. Porra! Estou como um cachorrinho adestrado pra caralho.

— Estamos longe de acabar, Sr. Ross — bufo, impaciente com suas palavras.

— Delegado, preciso de um tempo. Estou fazendo isso como um favor para vocês. Não sou a porra de um suspeito obrigado a falar horas seguidas sem descanso. — digo, já levantando. Não obedecerei a esse filho da puta que não faz seus serviços corretamente. Porque se eles tivessem continuado investigando, eles teriam chegado ao assassino de Duran.

— Pode ir preso por desacato, senhor Ross, e não está nos fazendo um favor, está cumprindo sua obrigação de cidadão. — Ignoro-o e saio.

Pego meu celular e ligo para Connor. Apenas chama até a ligação cair. Droga! Odeio quando eles fazem esse tipo de coisa, não atender telefone quando estão em

serviço. Ligo então para Alicia, e depois do quarto toque uma voz masculina atende.

— Alô — a voz inconfundível de Deni me faz congelar no lugar — Irmão, que bom que ligou.

— Cadê Alicia, seu miserável?! — grito, fazendo os policiais ao meu redor me olharem com cara feia. Dou meia-volta para a sala do delegado.

— Não quero que se preocupe com sua namorada, irmãozinho. Papai quer muito conhecê-la — Deni está dizendo, quando vejo que o delegado já não está mais na sala.

— Não a machuque, Deni. — peço muito baixo. Estou correndo agora para fora do prédio da delegacia — Ela não sabe nada do marido, posso garantir para você. Ela é inocente, porra!

— Isso quem vai dizer é nosso pai — ele diz com satisfação. — Agora tenho de desligar.

— Espera! Deixe-me falar com ela

— Oh, meu irmão, está chorando? — Ele está debochando porque sabe que me atingiu — Implore!

Porra!

— Eu vou acabar com você, Deni!

— Não estou escutando você implorando pela vida dela, Bruno! — ele diz, rindo. Miserável!

— Por favor... — digo calmamente. Quando entro

no meu carro ouço a voz de Alicia.

— Bruno? O que está havendo? — sua voz é apreensiva, posso sentir pelo tom de sua voz que ela está com medo.

— Hei, bebê. Você está bem? — pergunto, sem demonstrar que estou com medo por ela.

— Estou sim... Mas...

— Estou indo buscar você, aguarde firme, ok? — manobro saindo do estacionamento. Conecto meu celular no viva-voz. — Você sabe onde está indo?

— Deni disse que para ver seu pai. Bruno, isso tem a ver com Evan? — ela tem a voz trêmula.

— Chega dessa conversa — ouço a voz de Deni — Diga adeus ao meu irmãozinho.

Ele corta a ligação, e quando tento ligar outra vez vai para caixa postal. Estou dirigindo para a casa do meu pai depois de anos longe. E na pior circunstância. Deus me perdoe, mas eu arrancarei a cabeça do maldito Deni se ele machucar Alicia.

Ligo para a empresa, preciso de reforços se as coisas não saírem bem na casa do meu pai.

— Terminou aí, Ross? — diz Alex, atendendo.

— Alexander! — estou com tanta raiva que minha voz sai estranha — Deni está com Alicia.

— Porra! — ele pragueja — Ele não a machucou,

não é?

— Ainda não. — passo o endereço da casa do meu pai — Mande alguns homens para lá.

— E Connor?

— Não consegui falar com ele.

— Vamos resolver isso de uma vez por todas, Bruno! Vou tentar algum contato com ele.

— Desligando — digo, encerrando a ligação, e dirijo feito um maluco pelo trânsito caótico. Sei que meu pai não vai matar a Alicia, ele não é idiota, mas ele pode machucá-la, e isso ele vai fazer.

Alicia

Desligo o telefone sentindo lágrimas ardendo em meus olhos. Não quero chorar, tenho de manter o foco e meu discernimento. Por incrível que pareça, tenho mais medo por Bruno que por mim. Pela forma que Deni falou com ele ao telefone, mostra o quanto tem ressentimento de Bruno. Eu não posso imaginar o porquê de ele sentir menos que amor por seu irmão.

Eu tenho uma relação tão próxima do meu próprio irmão, que acho terrivelmente perturbador que outros não tenham essa mesma afinidade. Matt e eu somos nossos portos seguros. Mas esses dois irmãos parecem mais dois inimigos. Sinto no meu coração que Bruno não odeia Deni. Já o Deni? Esse parece, sim, odiar o irmão.

— Deni, qual o seu interesse em se aproximar de mim? — pergunto depois que respiro fundo para me acalmar. *Calma, Alicia*, esse é o mantra dentro da minha cabeça.

— Meu irmão não devia guardar segredos de você, querida — ele ri um pouco quando vira no banco e olha

para mim — Bem, já que você não irá abrir a boca para ninguém a partir de hoje, eu vou te contar.

— O que Bruno deveria me contar? — pergunto preocupada.

— Que ele sabe quem matou seu marido. — diz com satisfação.

O quê? O que esse idiota está falando? Claro que Bruno não sabia, ele teria me falado. Se não para mim, mas para a polícia. Não guardaria um segredo como esse. Deni só pode estar mentindo. *Mentiroso maldito.*

— Como é? — digo com incredulidade — Você sabe como? Se nem a polícia sabe?

Dor passa por mim e minhas mãos tremem. Eu as aperto ao redor do meu celular para que ele não veja que está enfim me afetando. Não acredito que confiei tanto em Bruno e ele não teve a mesma consideração por mim.

— A polícia sabe, ou parte dela. Só é interessante que fiquem calados. Eles são corruptíveis e fáceis de comprar, Alicia — ele debocha — E seu marido não era nenhum cidadão exemplar para que eles se importem tanto com ele. Era um criminoso.

— Como você? — desafio, mesmo com receio que ele pudesse me fazer mal. Não poderia abaixar minha cabeça diante desse desajustado. — ele, em vez de ficar irritado, começa a rir.

— Não como eu, minha querida. Ele não teve essa sorte — diz nada modesto — Ele era um ladrãozinho de merda que roubou da minha família e de nossos associados. E você, Alicia, deve saber onde ele colocou esse dinheiro, porque não é pouco.

Oh, meu Deus! Eles eram as pessoas que estavam atrás de mim? E Bruno sabia disso. Por isso que...

— Você matou meu marido? — minha voz sai sufocada. Angústia não tem fim dentro de mim, sinto-me enganada — Seu pai, ele... — Paro, não posso verbalizar isso, é muito para mim.

Ele não diz nada, e não sei se quero saber mais. Estou imaginando por que diabos estou sendo protegida pelo homem cuja família é a responsável pela situação que me encontro. Estou me sentindo perdida e mais confusa que nunca.

O carro para momentaneamente na frente de um portão alto de ferro preto, que se abre automaticamente para o deixar passar. A casa que surge adiante — bem, não é exatamente uma casa, mas uma mansão com as paredes cobertas de heras verdes — era grande e intimidante. O automóvel se detém diante da provável entrada onde vejo uma porta larga.

Deni desce e estende a mão para mim, como se eu fosse uma convidada em vez de uma vítima no que

parece um sequestro, mesmo que ele não tenha me machucado fisicamente. Depois daquele telefonema de Bruno, estou me controlando para não surtar, é isso ou vou começar a gritar por socorro feito uma maluca desvairada. Sei que não levará a lugar nenhum. O que me dá essa força é a certeza na voz do Bruno dizendo que vem me buscar. Nunca acreditei tanto em outra pessoa. Ele parecia tão preocupado.

Mesmo sabendo que ele sabe mais do que me diz, ainda acredito que ele nunca me fará mal, ele não é igual a seu irmão degenerado. Agora que tenho meu celular comigo, agarro-o como se minha vida dependesse desse aparelho.

Achei estranho Deni permitir que eu ficasse com ele, deve saber que não ligarei para Bruno, afinal, não seria necessário. Mas posso ligar para a polícia, o 190, e todos esses criminosos seriam presos por sequestro, só assim ficaria em paz.

Paro olhando ao redor para ver se tem uma rota de fuga, mas certamente não há. Ainda que tivesse, não posso sair daqui sem respostas.

— Bem-vinda, Alicia — Atrás de mim, Deni diz em meu ouvido quando se inclina colocando sua cabeça rente à minha, seu queixo no meu ombro. A intimidade do gesto me incomoda e dou um passo para frente. O

escuto rir baixo, mas não dou nenhuma atenção.

Segurando meu braço, ele me guia para a entrada da casa.

Ele me leva para uma sala enorme e ricamente decorada, mas não me atento para essas coisas; estou olhando para o senhor elegantemente vestindo um terno, sentado em uma poltrona. Ele não deve ter mais que sessenta e cinco anos, magro, mas de uma maneira saudável, e exala poder em minha direção.

Vejo que os filhos não puxaram a ele fisicamente, quer dizer, apenas os cabelos, que no caso dele já são grisalhos, entretanto muito parecido com o dos seus filhos. Seu olhar afiado está fixo em mim. Noto que não há nenhuma simpatia ou benevolência neles. Um frio percorre minha espinha, porém não me intimido diante dele. Se vão me matar, não morrerei como uma covarde.

— Papai — diz Deni quando entramos na sala — Quero lhe apresentar Alicia Duran.

Ele não diz nada, apenas me analisa com olhos de falcão. Empino meu queixo para ele e o desafio com o olhar. Ele acha que vou falar primeiro? Está enganado.

Esse homem expulsou o próprio filho de casa e poderia muito bem me matar aqui e agora. Eu seria apenas mais uma estatística na lista dos desaparecidos, mas não me curvarei para esse covarde.

— Senhora Duran, enfim posso conhecê-la. — ele diz e aponta para o sofá de couro À sua frente — Por que não senta? Temos algo para conversar. — ele cruza as pernas elegantemente e vira seu olhar para Deni. — Deixe-nos. Enfim, você conseguiu fazer algo rápido. Até mais rápido do que imaginei.

Olho para Deni que fica vermelho pela reprimenda. Mas, por mais estranho que possa parecer, eu não queria que ele saísse e me deixasse com seu pai. Onde estava Bruno?

Vejo Deni sair com uma careta de desgosto e, como não tenho outra opção, sigo para o sofá e sento, minha coluna reta e tensa. Estou ainda segurando meu telefone, pronta para ligar para a emergência se for necessário. Isto chama a atenção do homem à minha frente, e ele faz um show para se inclinar mais para trás na poltrona e me dar um olhar de comando.

— Você tem algo que me pertence, senhora Duran — sua voz é baixa e intimidante — Seu marido deixou algo em seu poder que pertence a esta família.

— Senhor Ross, não sei nada sobre o que o senhor e Deni estão falando. Desconheço quaisquer uma das coisas ilícitas que meu marido fazia. — digo confiante, mesmo que por dentro estivesse igual gelatina.

— Não minta para mim, senhora Duran — ele

vocífera com seus olhos escuros e frios cravados em mim — Não gosto dos mentirosos, então comece a falar algo que eu quero ouvir.

Onde está você, Bruno? Grito nos meus pensamentos. *Seu pai vai me matar.* Penso angustiada.

— Senhor Ross, meu marido não falava dessas coisas. Como já disse para a polícia, não sei de nada. — minha garganta está seca e tento engolir, mas está ficando difícil, não sei o que dizer para salvar minha própria pele.

— Estou perdendo minha paciência, senhora Duran, e isso pode não ser bom — ele descruza as pernas e levanta, caminhando pela sala — Seu marido morreu e a senhora sabe o motivo. Mentiu, roubou...

O silêncio que se segue na sua óbvia ameaça é denso, e o ar na sala parece crepitar. Ele não levantou a voz, nada, tudo parece calmo, como se tivéssemos tendo uma conversa normal. Mas sei que posso morrer ainda hoje, e tenho um maldito nó na garganta. Evan conseguiu, enfim, acabar comigo. Ele no fim me venceu, mesmo morto achou uma forma de me fazer chorar, mesmo que diferente das outras vezes. Era desesperador saber que você pode morrer por ser inocente. Onde estava a maldita lógica disso?

Vejo o pai de Bruno caminhar até perto da janela da

sala, suas mãos no bolso da calça, depois se volta para mim.

— Soube que meu filho mais novo está apaixonado por você — diz ele e franze a testa — Que coincidência, não, senhora Duran, logo meu filho ser seu segurança? Que ironia do destino, não é?

Eu não queria chorar, mas meus olhos ardiam, e sinto quando uma lágrima solitária desce por meu rosto. Eu a seco.

— Senhor Ross, não tenho nada a dizer ao senhor, não tenho nenhuma informação que possa interessar, então queira, por favor, me levar de volta para seu filho. — eu também levanto e tenho vontade de voltar a sentar, pois minhas pernas estão trêmulas.

— Meu filho não lhe salvará agora, disso tenho certeza. Ele não vem aqui, por nada — ele diz quando volta na minha direção — Eu sinto muito pelo meu filho. Vai perder a namorada por ela ser idiota e não falar a verdade quando isto é exigido dela.

— Eu sinto muito... — meu telefone começa a tocar, me interrompendo. Olho esperançosa para a tela, mas vejo o número de Allan. Oh Deus, Bruno não ia aparecer? — Allan! — atendo sem pensar se isso faria minha morte mais rápida.

— Alicia, você ainda está por perto da clínica? — ele

indaga com jovialidade — Seus exames estão quase prontos, daqui a meia hora no máximo, se ainda estiver por perto venha me ver.

— Acho que não vai ser possível, Allan, eu... — sinto quando o telefone é retirado da minha mão, e de olhos arregalados vejo o senhor Ross o desligando.

Ele se afasta outra vez de mim e pega o telefone que está em uma mesinha ao lado de sua poltrona. Ele retira o receptor do gancho, disca uma série de números, falando em seguida:

— Venha aqui. — deposita-o de volta no gancho e me olha — Já não é necessária, senhora Duran.

Uma porta se abre, e para dar passagem a dois homens. Um eu reconheço imediatamente. Minhas pernas falham debaixo de mim.

Bruno

Eu nunca imaginei que um dia eu voltaria aqui. Pela forma que saí anos atrás, nunca cogitei mesmo que remotamente retornaria, mas aqui estou, tão cheio de ódio que se conseguisse colocar as mãos em Deni, eu o mataria. A raiva que sentia dentro de mim transbordava para a superfície e ameaçava me sufocar.

Eu estava assustado com a potência desse sentimento direcionado à minha família. Nunca senti essa

raiva antes. Sempre tinha sentido desgosto deles por serem como são, no entanto, agora eles estavam extrapolando os meus limites de tolerância.

Tinha ligado há dez minutos para o delegado. Eu tinha esperança de ter aquele cretino do Deni preso hoje.

— Senhor Ross, não pode achar que essa delegacia está à sua disposição para ir e vir quando lhe convier — ele disse quando atendeu. Devia estar chateado pela minha saída repentina, como imaginei que estaria, mas não importava agora.

Não dei nenhuma desculpa, apenas dei o endereço do meu pai para ele e expliquei rapidamente o que houve. Agora estou parado nessa droga de portão, esperando que alguém venha abrir. Já não tenho acesso livre aqui. Vejo pelo retrovisor o carro de Alexander chegando atrás do meu. Buzino furiosamente até que um guarda vem abrir.

Ele deve me reconhecer, porque abre sem muito alarde. Acelero meu carro, cantando pneu no asfalto até parar na frente da casa. Desço já com minha arma pronta para disparar na cabeça de qualquer filho da puta que tentar me impedir de entrar, e espero que não seja tarde demais para Alicia.

Corro para a porta e abro para me deparar com Deni. Eu não penso e vou para cima dele, furioso. Soco

violentamente sua cara repetida vezes fazendo-o cair. Pareço um trator quando vou para cima dele sem nem argumentar, qualquer raciocínio lógico que possa existir em mim evaporou quando vi sua cara idiota.

— Cadê Alicia, seu idiota?! — grito quando ele tenta levantar para revidar os socos, mas estou tão enraivecido, a adrenalina me dando força que nem sabia que tinha, não dou nenhuma chance para ele.

Soco, soco, soco.

— Você a perdeu, imbecil — ele ri, sua boca vermelha do sangue de seus lábios cortados, seu rosto inchando onde tinha socado — Você PERDEU!

— Maldito! — vocifero partindo para cima dele outra vez.

— Parem! — a ordem vem de dentro da sala. A voz do meu pai é inconfundível, mesmo depois de anos sem a escutar. Estaco congelado no lugar e viro para encará-lo.

— Onde está Alicia? — vou em sua direção quando um dos seguranças dele dá um passo à frente, parando ao ver meu olhar enfurecido. Boa decisão, filho da puta. Eu não tinha percebido que estava rodeado deles. — É melhor ela não ter um arranhão ou vou acabar com você — ameaço.

— Não tolero esse tipo de desrespeito na minha casa

— meu pai fala, frio.

— Foda-se a sua casa! Eu não dou a mínima. Cadê a Alicia? — exijo quando o empurro do meu caminho e entro na sala. E alívio me toma quando eu a vejo no sofá. Mas o alívio dura pouco quando percebo que ela está deitada no sofá e não está se mexendo.

— Alicia! — chamo quando caio ajoelhado e verifico seu corpo. — Alicia, fale comigo!

— Ela desmaiou — diz uma voz atrás de mim. Levanto lentamente do chão e viro. Meu pai.

— O que você fez com ela?! Se a machucou, vou esquecer que você é meu pai.

Sentia uma ardente necessidade de acabar com qualquer um que lhe fizesse mal. A fúria que crescia em meu interior me despojava da lógica e o controle, me fazendo perder a lógica.

Escuto vozes alteradas lá fora, e depois a polícia invade o local. Meu pai me olha desgostoso.

— Não havia a necessidade de trazer a polícia com você, filho. — vejo pelo canto do olho Alexander aparecer ao lado do delegado.

— Fique longe de Alicia a partir de hoje ou não respondo por mim. — digo furioso.

— Delegado, que honra tê-lo em minha casa — meu pai caminha para o delegado, ignorando minha ameaça.

Vejo incrédulo quando ele coloca a mão no ombro do delegado e o guia para fora da sala. Porra, ele não tem limites.

Viro para Alicia e a pego em meus braços. Vou tirá-la desse lugar contaminado por ódio. Alex se aproxima.

— Ela está bem?

Assinto e começo a sair da sala quando estaco pela terceira vez no dia, congelado no lugar. Minha mãe está descendo as escadas. Deus, isso é demais para um só dia.

— Filho...

Saio do congelamento e agarro Alicia mais forte em meus braços, continuando meu caminho para fora.

— Temo que esses filhos da puta não serão levados presos, Bruno — Alexander diz ao meu lado. — Descobri que esse delegado tem uns rabos presos e foi um erro chamá-lo.

— Sei disso agora, por isso a porra da relutância em acreditar em mim e aquela enrolação no depoimento. Isso não ficará assim. — Saio para encontrar Deni ao lado do carro de polícia com o rosto inchado.

Coloco Alicia no banco traseiro e sento com a cabeça dela no meu colo. Ela está voltando a si, e eu abaixo, beijando sua testa que está enrugando com a careta que está fazendo. Olho para Alex que está dando instruções

aos homens que vieram com ele e, sem me perguntar nada, ele senta no banco do motorista do meu carro e sai.

Olho através do vidro. Tinha de voltar aqui e acertar as contas com eles todos, porque eu sabia que essa polícia de merda estava no bolso do meu pai. Sei agora porque esse caso não foi resolvido. Fodidos corruptos!

— Bruno... — ouço a voz fraca de Alicia e volto minha atenção para ela. — Você veio.

— Claro que sim, bebê, sempre — beijo seus lábios rapidamente em um selinho e acaricio seu rosto delicadamente — Você está bem? Eles te fizeram algum mal, querida?

— Não. Só me assustei um pouco...

— Shii, está tudo bem agora. Vou levar você no médico, isso é o certo a fazer. — digo.

— Leve-me de volta à clínica, o Dr. Allan quer falar comigo — ela diz em um fio de voz. — Eles ainda vão querer me matar, Bruno?

— Não, Alicia, porque antes eu acabo com eles! — raiva se apodera de mim outra vez.

— Por que você mentiu esse tempo todo para mim, Bruno? — ela pergunta, sua mágoa evidente.

— Não menti, querida, apenas achei desnecessário preocupá-la com isso — digo tentando amenizar.

— Você mentiu...

— Não, bebê, não pense assim...

— Para aonde quer que a leve, Ross? — a voz de Alex me interrompe.

Dou o endereço para ele e olho para Alicia. Ela está de olhos fechados, e fico preocupado que não me perdoe.

— Desculpe, amor — sussurro — Só quero proteger você.

— Eu sei, só que não confia em mim — responde.

— Claro que confio, mas isso não é motivo de orgulho para mim, fazer parte de uma família criminosa. — esclareço.

Ela não responde e continua com os olhos fechados. Pouco depois, Alex para o carro na frente da clínica, e eu desço com ela no colo.

— E o Connor? Estou preocupada com ele — Alicia pergunta.

— Esse tem muito o que explicar, porque deixou Deni levar você.

— Ele não podia fazer nada, Deni estava ameaçando sua filha. Esse seu irmão é louco.

— Eu sei disso.

Alicia

Dez minutos depois, estou deitada em uma maca na enfermaria da clínica e o Dr. Allan está examinando e aferindo minha pressão arterial.

— Está só levemente alterada, mas pela circunstância, é surpresa não estar mais alta — dissemos a ele que fui assaltada e por isso o "ladrão" tinha tomado o celular no momento em que ele falava comigo. — Alicia, eu preciso falar com você.

— Sobre o resultado dos exames? — olho para Bruno que está sentado ao meu lado na cama.

— Sim. — confirma — Tenho os resultados, pedi que saíssem o mais rápido possível.

— Bruno, pode esperar lá fora um momento? — Peço.

— Claro que não, não irei deixar você sozinha.

— Por favor.

— Negativo, Alicia.

— Senhor Ross, um médico não pode dar um diagnóstico a um paciente na presença de outros se assim ele não quiser. — tenta interferir o Dr. Allan — A ética...

— Dane-se a ética, doutor. Ela não ficará só, eu posso garantir.

— Bem, se você não se importar, Alicia. — eu fico nervosa, mas acabo assentindo. — Certo, o exame de

sangue teve um resultado que talvez você não goste, Alicia. Você está grávida. Quero descobrir de quanto tempo, já que você estava tomando medicação.

Ele continua falando, mas não o escuto mais...

Não, não, não, não....

Alexander

— Diga-me, delegado, por que não tivemos um preso hoje ou melhor, dois presos hoje?! — estou berrando furioso na sala do delegado de polícia — Uma mulher foi sequestrada e os culpados estão soltos? Que porra de autoridade são vocês?!

— Senhor Marshall, contenha-se. O senhor Ross é um homem de negócio, não poderia sequestrar sua própria nora como está sendo acusado, ele me esclareceu que houve um mal-entendido. — diz o delegado.

Ele está brincando comigo.

— Diga-me, o senhor é mesmo da polícia? Está parecendo um capanga da máfia.

— Posso prendê-lo por desacato, senhor Marshall. — ele levanta vermelho de sua cadeira — Quero que se retire dessa delegacia, esse caso está mais que encerrado.

— Muito bem, faça seu serviço. Prenda-me e isso vai

parar na corregedoria, senhor delegado — dou um passo para frente, estou com meu nariz praticamente colocado no dele. — Agora sabemos por que esse caso foi encerrado antes de ser resolvido: deram para alguém corrupto e sem escrúpulo.

Esse filho da puta me enoja. Não fico lá questionando o imbecil, eu irei entregar toda essa porra de delegacia aos federais.

Havia deixado Bruno e Alicia na clínica e ido direto para a delegacia saber a razão de o delegado não ter prendido Deni Ross hoje. Estou simplesmente abismado com tanto pouco caso com esse assassinato.

O pai do Bruno e seus amigos tinham mais poder sobre a polícia da cidade do que eu imaginei, e não vi isso vindo para nós dessa maneira.

Eu preciso descobrir a razão por que eles não fizeram mal a Alicia, isso me chocava. E eu sabia aonde teria de ir.

Paro meu carro cerca de uma hora depois na frente da mansão e desço. Um empregado abre a porta para mim.

— Gostaria de falar com o senhor Ross. Diga que é Alexander Marshall, que esteve hoje aqui — digo, e o senhor me faz entrar como se já me esperasse. Provavelmente tinham me visto pelas câmeras que vi ao

redor da propriedade.

Sou levado para um escritório seguindo o empregado silencioso à minha frente. O pai de Bruno está sentado atrás de uma mesa grande e imponente.

— Senhor Marshall, que prazer vê-lo duas vezes no mesmo dia — ele diz quando entro — Não sabia que eu era tão importante. — ele tem um ar severo, mas noto seu tom sarcástico. Não me importo que esse velhote se ache o intocável, posso acabar com esse ar de superioridade que ele tem.

— Gostaria de saber o que houve aqui hoje — digo direto, não vim aqui tomar chá da tarde com ele — Sei que vocês estão envolvidos na morte de Duran, e trazer Alicia aqui hoje não foi para conhecê-la, como alegaram. Minha pergunta é: por que ela saiu daqui viva?

— Senhor Marshall, não tenho de dar explicações para o senhor — ele retruca sem se abalar com minha óbvia acusação — Não tenho que falar de assunto de família com você.

— Engano seu. Seu filho é meu amigo, mas não vou permitir que use isso contra ele para se dar bem. Ele pode ter consideração pelo senhor, porém eu não tenho. — sento à sua frente — E seu outro filho pode ir para a prisão junto com toda a escória quando os federais entrarem no caso.

— Se acha esperto, senhor Marshall? — ele ri — Não tenho nada a esconder. Sou apenas um homem de negócios e um pai que quer seu filho de volta. Respondendo sua pergunta, sim, ela saiu viva daqui porque não sou um assassino, logo, o senhor não tem nada a fazer aqui.

— Belo discurso, mas vou acabar com você e seus capangas da próxima vez que se aproximar de Alicia. Ela é apenas vítima do idiota com quem você fez negócios. — levanto e o encaro — Sei onde seu dinheiro está, senhor Ross. — jogo a bomba e saio.

Eu não sabia bem onde estava o dinheiro. Para nós e a polícia que estava investigando o caso, ele tinha perdido toda a quantia. Alex e eu somos os mais interessados em descobrir a verdade. Só tínhamos que encontrar isso, e esses caras poderiam deixar Alicia livre ou não, já que ela sabia quem era um dos assassinos. Eu tinha enviado a imagem do cara ao delegado, mas, com tudo que aconteceu hoje, ele revelou-se um inútil comprado e eu estou tomando outras medidas.

Duas horas depois eu tento falar com Bruno, mas soube que ele estava com Alicia e não podia falar. Porra, o cara não dava sossego para a mulher? Coitada, tinha acabado de sair de um pseudo sequestro e ele estava matando em cima dela. Balanço minha cabeça, rindo. Só

Ross mesmo aproveitaria da fragilidade de uma mulher para se dar bem.

Ligo para um antigo colega e envio toda a investigação paralela para ele. Bom, agora era esperar, e os tubarões começarão a cair em breve.

Alicia

— Não... — meu sussurro é quase inaudível no quarto. Dr. Allan fala, porém são palavras ininteligíveis — Não, não. — repito mais alto agora. Eu não posso. Simplesmente não posso lidar com isso. Estou sufocando, é como se um peso de mil toneladas estivesse em minhas costas agora. Tudo de novo não! Rezo silenciosamente. *Por favor, por favor, não...*

Sinto meu corpo convulsionar. Não tinha percebido que estava chorando até sentir braços fortes me apertando, mas tento sair do aperto firme de Bruno, que tinha levantado da cadeira ao lado e agora estava sentado na cama e me abraçando.

— Alicia, bebê. — ouço-o dizer, mas estou entrando em pânico. — Ei, estou aqui, calma, querida.

— Calma?! Como pode dizer isso? — eu grito quando o empurro para longe, as lágrimas como torrentes descendo pelo meu rosto — Você não entende como isso é para mim... vai começar tudo outra vez, eu

não quero isso, não quero...

— Alicia, vamos cuidar de tudo agora de forma diferente. Você está melhor, sabe disso. Não rejeite isso por medo, porque seu corpo é comandado por sua mente. Se você se der por vencida, achando que vai perder, é isso que pode acontecer. — O Dr. Allan está falando rigorosamente comigo — Vamos tomar todo o cuidado, e a acompanharei de perto. Ficará tudo bem. — ele garante. — Seria ideal que também tivesse um acompanhamento psicológico.

Eu apenas fico lá por um momento, absorvendo tudo. Uma hora antes, eu achava que ia morrer e agora estou aqui em uma perspectiva igualmente assustadora para mim. Talvez mais. Abortar agora seria como realmente me matar.

Bruno se mantém firme e calado ao meu lado, não tinha se manifestado, apenas estava lá, taciturno. Seco minhas lágrimas e olho para ele, que sustenta meu olhar com firmeza. O Dr. Allan deve ter notado que precisava sair e nos deixar a sós.

— Vou deixar vocês por um momento e volto daqui a pouco. — ele parece saber que Bruno é o pai do bebê pelo olhar que ele dá para ele. — Não saia antes que eu fale com você, Alicia.

— Ela não irá, doutor — Bruno garante — Pode ter

certeza.

Ele sai deixando o silêncio para trás. Minha boca está seca de repente, ansiedade toma conta de mim.

— Não me olhe assim, Alicia — ele deixa escapar em um murmúrio — Eu não sei que atitude tomar. Não sei se fico feliz ou triste. Feliz porque, porra, eu posso ser pai, isso é... — Oh, Deus! — Por outro lado, triste por você passar por isso outra vez, sei o quanto isso a magoa. Sinto-me feliz e ao mesmo tempo temeroso, bebê.

Eu fico calada, sem saber o que dizer. Não sei de que forma ele acha que estou olhando para ele. Não acredito o quanto fui relapsa com sexo sem proteção. Mas não penso coerentemente quando se trata desse homem.

— O que vamos fazer? — pergunto baixo — Eu não quero que se sinta obrigado a nada, isso foi... — minha voz embarga, dolorida. Eu não posso falar disso agora. E faço a única coisa que não deveria: mudo de assunto quando temos uma tonelada de conversa sobre nosso bebê — O que aconteceu hoje com seu pai?

— Sério que quer falar disso, Alicia? Essa questão fica apagada diante do nosso pequeno participante, não acha? — ele coloca uma mecha de cabelo atrás da minha orelha — Nosso bebê será bem-vindo, querida. Não se sinta pressionada a nada, está bem?

Assinto como se isso não fosse grande coisa, mas não aguento fingir por muito tempo e abraço-o e, sem dizer nada, ele só me segura. Não precisamos de palavras, nós estamos com o mesmo pensamento, isso é óbvio pela forma que não temos forças para verbalizar isso. Medo de perdemos. E eu tenho outro medo maior: que Bruno me culpe se não conseguir.

O Dr. Allan volta pouco depois com muitas recomendações. Que eu fique em casa sem fazer nada até segunda ordem, que fique deitada sem fazer esforço de qualquer tipo. Bruno diz que farei tudo isso. Estou de repouso absoluto até o terceiro mês. Se nada acontecer até lá, posso começar a fazer pequenas coisas, Allan diz quando me leva para fazer exames de dosagem hormonal e ultrassonografia. E avisa para que nem pense em sexo. Sim, quem pensaria nisso? Estou levando para casa "toneladas" de remédios e vitaminas.

— Alicia, tente se manter calma e longe de confusão, esse é o principal conselho que deve seguir à risca — recomenda. — Sr. Ross, certifique-se disso.

Ele precisava pedir isso ao Bruno? Ele estava mais que disposto a ficar me monitorando o tempo inteiro.

— Nem precisa pedir, doutor — ele me dá um sorriso, mas vejo a tensão dele. Bruno não está confortável com um bebê a caminho, estou certa disso.

Cerca de cinco horas depois chegamos em casa, e tenho vontade de bater em Bruno. Ele não deixou meu pé tocar o maldito chão desde que me pegou na casa do pai dele.

Jurei que morreria quando vi aquele homem aparecer na sala. Se o pai do Bruno queria me assustar, conseguiu. Colocar um dos assassinos na minha frente tinha sido a causa do meu colapso e desmaio. O homem que tinha visto deixando o elevador naquela noite. E ele parecia com medo quando veio junto com outro homem. Não entendo quando penso sobre isso. Por que ele estaria com medo?

Olho ao redor do meu quarto. Estou com essa vontade de chorar absurda quando coloco minha mão sobre meu ventre e fecho meus olhos e rezo.

— Fique forte para mim, bebê... — sussurro — Eu quero muito te conhecer, por favor não me deixe.

Não consigo segurar minhas lágrimas quando elas correm silenciosas. Eu quero ser positiva, mas, às vezes, nós somos nossos piores inimigos.

Agarro o controle que Bruno deixou no criado-mudo e ligo um som, preciso me distrair.

A voz triste de Josh Groban cantando *You Raise Me Up*, me faz encolher na cama.

Eu queria que ele não tivesse saído, mas disse que

precisava revolver umas coisas e que ia ligar para Matt. Sim, eu preciso da força de Matt quando estou sentindo esse medo horrível. Adormeço com a música ao fundo...

Quando estou triste e toda a minha alma tão cansada

Quando problemas vêm e sobrecarregam o coração

Então, eu me acalmo aguardando no silêncio

Até você vir e sentar-se um tempo comigo

Você me eleva até eu estar sobre montanhas

Você me eleva para andar sobre tempestuosos mares

Eu sou forte quando estou sobre seus ombros

Você me eleva mais do que posso conseguir

Bruno

Eu tenho sentimentos dúbios dentro de mim; um quer gritar aos quatro cantos que vou ser pai, o outro quer correr em direção oposta a tudo isso. Estou apavorado desde que o médico disse que Alicia estava grávida. Isso não era bom, não nessas circunstâncias, mas há um terceiro sentimento sobrepujando esses dois primeiros. Estou pronto para dar outra surra em Deni e vou fazer exatamente isso. Colocar uma mulher grávida em perigo? Filho da mãe!

Deixo Alicia adormecida no quarto e chamo seu irmão, sei que ela gostaria do apoio dele agora. Ela tem estado calada demais. Eu fiquei com receio que ela surtasse, mas depois do primeiro rompante ela ficou quieta. Não sei se isso também é bom sinal.

Porra, estou rindo feito um idiota, agora que estou sozinho na sala esperando o Matt. Ficar rindo na frente dela pode dar uma maldita ideia que estou louco de felicidade com essa gravidez. E isso pode causar mais ansiedade para ela. Achando que se ela abortar vou cobrar dela igual ao defunto idiota.

Meu sorriso murcha quando escuto a campainha. Ando até a porta e abro para Matt entrar.

— Cadê minha irmã? — ele entra praticamente me derrubando no processo — O que fizeram com ela? Ela foi sequestrada?

Eu não acredito que foi um sequestro, meu pai quer fazer algum ponto comigo, senti isso hoje quando olhei para ele. A atitude dele foi como se dissesse: *está vendo, filho, que eu posso ser bom para você e poupar sua mulher?*

— Nada. Ela está dormindo, eu quero falar com você primeiro — aponto para a sala e ele senta no sofá — Ela está bem fisicamente, mas eu já não sei emocionalmente...

Deixo a frase no ar. Matt está carrancudo quando me encara.

— O que ela tem? O que fez com ela?

— Ela está grávida. — isto que fiz com ela. Sou o causador de seu maior pesadelo.

— O quê? — ele parece realmente chocado — Minha irmã não pode passar pelo inferno que passou com Evan, não pode. É você o pai do bebê? — Ele levanta e começa a andar pela sala — Ela disse que nunca engravidaria de novo. Ela deve estar surtando agora, e você diz que ela está dormindo? Muito estranho. A última vez que ela perdeu um bebê, ela se transformou em um bloco de gelo por meses.

— Sim, eu sei que não é a hora certa para isso, mas quero que você esteja aqui para ela. — digo — Ela pode levar essa até o fim, só precisa de cuidado e pessoas ao seu redor apoiando — onde foi parar meu eu verdadeiro? O que esse homem que estava falando todo centrado fez com "Bruno Ross fodedor de miolos?"

Estou chocado comigo mesmo. Mas Alicia, com sua dor, me conquistou como um maldito raio. Devo ser daqueles caras que gosta de coisas para consertar. Alicia era furada desde o começo, mas quem disse que eu vi essa porra vindo? Estou tomado por ela até a medula.

Matt volta a sentar, assentido.

— Eu sempre apoie minha irmã, não importa o quê — ele diz eu que preciso sair digo:

— Estou precisando sair, gostaria que estivesse aqui quando ela acordar — não sei o quanto ele sabe sobre Deni ou se não sabe nada. Não tenho vontade de começar essa conversa agora.

Levanto e sigo para o quarto para verificar Alicia antes de sair. Ela ainda dorme quando beijo seus lábios macios e, pouco depois, deixo seu apartamento e vou até o meu. Precisava fazer uma mala e acampar na casa dela. Estou levando minha mudança temporária para o carro quando Alex liga.

— Ross, como está Alicia?

— Grávida.

— O quê?

— Isso que escutou. — estou rindo de novo, que merda, é involuntário. Estou feliz, porra!

— Ross, você não faz nada pela metade. Tem ideia do que será ter um filho?

— Marshall, quem escuta você falar pode achar que você é pai de uma legião de crianças — rio apesar de tudo — Ah, esqueci que sua noiva é uma pirralha.

— Foda-se.

— Não, você é um papa-anjo!

— Ross...

— Desculpe, não é um anjo, está mais para diaba.

— Tenho de avisar para você que os federais irão assumir o caso — ele me ignora e muda de assunto, fazendo meu sorriso desaparecer lembrando do que tenho de fazer.

— Por que eles estão assumindo agora?

— Aquele delegado filho da puta não vai fazer nada sobre isso. Liguei para o Caleb e ele disse que vai assumir. Devíamos ter feito isso há muito tempo, quando descobrimos quem eram os responsáveis — sim, mas eu não tive a maldita coragem de denunciar meu pai, essa era a verdade, mesmo sabendo que deveria.

— Preciso que você foque em achar os documentos que provem que Evan perdeu o montante que ele desviou.

— Claro, farei isso, mas primeiro quero ficar com Alicia alguns dias. — Entro no carro e conecto meu telefone no viva-voz — Me dê dois dias e vou procurar isso.

— Claro, certamente que seu pai, nem irmão, não farão nenhuma jogada para matar a mãe de seu filho.

— Eu os mato primeiro.

— Veja isso.

Ele desliga, e meu pensamento corre para Alicia. Ela é minha prioridade, mas tenho algo a acertar com meu

irmão primeiro.

Desço na frente de seu apartamento e sou parado pela segurança.

— O senhor Deni não está, senhor — ele avisa e olho-o firme para saber se mente — Ele não voltou hoje.

— Obrigado.

Dou meia-volta. Ele deve estar na casa do meu pai, o idiota.

Como já é noite, volto para o apartamento de Alicia. Tudo está silencioso quando entro.

Vou direto para o quarto, e meu sangue gela quando verifico que ela não está lá. Verifico todo o apartamento e nada, nem ela e nem Matt.

O que diabos ela aprontou?

Bruno

Eu perco o controle quando percebo o que Alicia fez. A sua mala não estava aqui, e como obviamente Matt tinha sumido junto com ela, ele a levou embora daqui sem a porra da minha permissão.

Esmurro a parede em frustração com a falta de fé de Alicia. Não custava nada dar uma chance para nosso filho antes de pensar que irá perdê-lo. Será que ela se acha tão incapaz assim? Eu achava que ela seria mais forte que isso, no entanto, ela está me decepcionando.

Saco meu telefone e disco para o celular dela. Como já imaginava, ele está desligado. Esse protecionismo para com uma mulher era algo que não estava acostumado a sentir, porém isso está se acumulando em meu peito, fazendo meu coração disparar. Eu não imaginei que um dia fosse estar me sentindo dessa maneira. Eu a queria tanto, e não é porque ela é linda e gostosa pra caralho ou porque agora ela carrega meu filho, não. Eu a quero porque, por mais que seja cabeça dura e obstinada, ela

toca dentro de mim de uma maneira que nunca aconteceu antes. Ela me cativa com seu jeito reservado e que não dá uma merda para mim, porém no fundo ela me quer, ou não teria ido para cama comigo.

Posso parecer como os outros homens que querem aquilo que não podem ter. Bem, estou na mesma *vibe*. Mas, neste momento, sinto vontade de quando a encontrar trazê-la para casa e mantê-la trancada e protegida até que nosso bebê nasça. Mas, ao mesmo tempo, tenho vontade de acertar seu traseiro com umas boas palmadas.

— Ah, Alicia, você está salva porque agora possui algo precioso dentro de você, ou daria umas palmadas nesse seu traseiro surtado — resmungo enquanto mudo para um par de jeans e uma jaqueta de couro preta, seguindo em seguida para a saída.

Pego as chaves da moto que faz meses que não piloto e saio. Preciso vê-la. Sei bem aonde ela foi. Matt merece uns socos bem dados em sua cara por compactuar com a neurose da irmã. Saio queimando asfalto pelas ruas. Calor envolve minhas estranhas de tanta raiva e frustração. Pareço estar lutando uma luta perdida.

Cerca de quinze minutos depois, estou em frente ao prédio dele, e o porteiro me deixa entrar sem problema.

Toco a campainha insistentemente.

— Sabia que você não demoraria para vir aqui — diz Matt abrindo a porta. Invado sem nem mesmo ser convidado a entrar. — Sinta-se à vontade — ele diz irônico, porém tem um toque de humor por trás. Ele deve achar estranho o segurança de sua irmã praticamente invadir sua casa.

— Onde está Alicia? — Pergunto furioso — Deixei-a com você por dois malditos minutos e você não controlou suas loucuras?

— Ross, minha irmã é adulta. Não preciso comandar sua vida e decidir tudo por ela. Se ela quer passar um tempo aqui comigo, é exatamente isso o que ela vai fazer — ele aponta para que me sente, mas continuo de pé — Ela precisa de um tempo e eu a entendo.

— Onde ela está? — pergunto, não dando ouvidos para ele — Ou eu mesmo preciso sair e procurá-la?

Ele fecha os olhos impotente, sabendo muito bem que não vou acatar essas merdas de Alicia.

— Terceira porta — ele aponta para o primeiro andar, e subo uma pequena escada para o andar de cima. Como um construtor de prédios, pensei que ele moraria em algo maior, mas até que é modesto o seu apartamento. Não ligo para nada ao redor, encontro a porta que ele me indicou e a abro sem bater.

Alicia está sentada com as costas na cabeceira da cama, olhando para a porta como se já me esperasse. Ela está mordendo os lábios nervosamente e seus olhos esverdeados estão um pouco apreensivos. Merda de mulher teimosa.

— Oi. — ela diz quando fecho a porta atrás de mim.

— Qual é a sua desculpa, Alicia? — paro sério ao lado da cama. Minha vontade é sentar, pegá-la no colo e correr com ela daqui, mas me contenho enfiando as mãos no bolso enquanto espero uma resposta que seja plausível para sua loucura insana, porém ela não parece disposta a dar. — Virei as costas dois segundos e você desaparece?

— Desculpe. Só quero um pouco de espaço, Bruno — ela desvia os olhos de mim — Eu preciso digerir tudo isso. É aterrador ficar grávida neste momento da minha vida. Além do fato que posso abortar a qualquer minuto, posso também morrer por um membro de sua família. É demais para que eu fique perto, entenda, por favor.

— Eu não vou deixar nada acontecer com você, deve saber disso — digo frustrado. Droga, parece que estamos tendo essa conversa diversas vezes e ela não confia em mim quando afirmo isso.

— Você escondeu de mim que sua família matou o Evan. Como quer que eu fique perto? — ela leva à mão a

barriga, e isso causa um aperto em meu peito — Não vou ficar lá, onde seu irmão ou pai mandará um assassino atrás de mim.

— Podemos conversar e deixar tudo isso para trás. Meu pai não vai fazer nada mais com você, Alicia, eu irei me certificar disso. — digo com convicção. Sei bem que ele não fará, pois se assim fosse, ela agora estaria morta. Ele teve sua chance hoje e deixou-a viva, e fico imaginando a razão. Ele quer algo de mim, sei disso. Só não sei ao certo o que ele quer.

— Você não confiou em mim, sabendo que sou a mais interessada em toda essa história, mas achou melhor omitir — reclama. Ela tem razão, não disse porque sabia que ela fugiria de mim.

— Não vou permitir que eles cheguem perto de você outra vez, Alicia. Aqui você também não está cem por cento segura — digo cansado. — Venha comigo, confie em mim, bebê.

— Não posso ir, eu não aguentaria ver sua decepção caso eu tenha outro aborto — ela cobre seu rosto com as mãos trêmulas, e minha raiva ameniza quando sento ao lado dela na cama. Estico meu braço, seguro seu pescoço e a atraio para mim. Ela vem sem muita resistência. Sua rejeição me mata e machuca como nunca pensei ser possível. — Eu sempre disse, Bruno,

que não estava preparada para outro romance sério, que eu ia magoar você. Por favor, vá embora. Eu preciso que me dê um tempo para assimilar tudo.

— Assimilar o quê? Podemos fazer isso junto, como prometi para você — seguro seu rosto em minhas mãos e faço-a olhar para mim. — Eu amo você, não importa se você perder nosso filho, eu irei continuar amando você. Eu estaria mentindo para você que não me importo com ele. Eu estou muito feliz, é uma coisa nova e surpreendente para mim, mas eu abraço isso, Alicia, como nunca fiz com nada em minha vida.

— Bruno...

— Não, me dê uma chance, só uma, para provar que não vou te deixar na primeira dificuldade, bebê — beijo seus lábios trêmulos e puxo-a para mim, enterrando meu rosto em seu cabelo.

— Eu queria que tudo fosse diferente, que eu fosse forte para não ter medo de nada, mas descobri durante o dia de hoje que se eu perder nosso bebê, serei apenas uma casca sem sentimentos, Bruno. E você não merece uma pessoa assim ao seu lado. Merece mais porque, nesse tempo que estive com você, eu me senti muito especial. Mesmo quando não queria me envolver, você me fez te querer, mesmo não querendo. O quero demais e não posso negar a você sua própria família. Não posso

ser egoísta e não permitir que você tenha seus próprios filhos. — ela agora é quem segura meu rosto em suas mãos, com lágrimas descendo por seu rosto lindo.

— Então não negue, venha comigo — meus malditos olhos estão ardendo e pinicando com lágrimas. Pela primeira vez na vida, nem quando saí de casa aos dezoitos anos, expulso pelo meu pai, eu derramei uma lágrima, e Alicia estava fazendo meu coração sangrar. Ela balança a cabeça em negação.

Eu sei que ela acredita naquilo tudo, a dor está estampada em seu rosto e ela não vai ceder. Sinto isso em cada célula do meu corpo. Não posso exigir nada agora, estresse só fará mal para ela e nosso filho.

— Dê-me um tempo, por favor, é tudo que peço. — se dizer nada por causa do nó em minha garganta, eu a beijo dando todo o amor que possuo dentro de mim através da minha boca. Nossas línguas se tocam e calor envolve meu corpo.

Sinto saudade de estar dentro dela, sentido seu calor ao redor do meu pau que pulsa agora saudoso. Acaricio sua língua com a minha em um beijo longo, profundo e forte, levando comigo cada nuance de sabor que possa tirar dela.

Ah, merda, estarei condenado a passar meses sem ter um sabor da minha viuvinha.

Afasto-me dela com um gemido rouco e abaixo minha cabeça para beijar sua barriga plana. Demoro com minha boca lá um tempo que parece horas. Quando levanto, ouço seu soluço e olho para seus olhos cheios de lágrimas renovadas. Se ela quer que eu fique longe, é isso que irei fazer.

— Você é minha, toda minha, Alicia, e ninguém tocará em você. Não irei permitir isso nem estando morto — vocifero. Meus dedos correm por seus cabelos macios — Fique bem, querida. — fecho meus punhos para deter a vontade de voltar a tocá-la e me afasto, erguendo-me da cama. — Se precisar de mim, só terá de que ligar, vou estar aqui para você. Cuide do nosso filho, apenas faça isso.

Caminho para fora sem olhar para trás, apenas escutando seu choro. Se ela quer distância por que está chorando? Não entendo a Alicia, juro que não entendo. Ela é tão contraditória.

Matt está na sala quando desço as escadas, e levanta seus olhos do computador em que ele está mexendo.

— Tudo bem? — pergunta colocando o laptop de lado. Paro e suspiro, enraivecido.

— Tenha a certeza de que sua irmã irá cumprir toda e qualquer orientação do médico — digo — Ela não pode ficar sozinha, e se eu souber que você permitiu que ela

saiu para ir trabalhar, arranco sua maldita cabeça fora.

— Terminou, Ross? Você gosta de insultar um homem em sua própria casa — ele parece divertido — Eu sou o único que vai cuidar dela. Só mantenha alguém da segurança por perto, não confio nos membros da sua família, senhor Ross — ele não parece mais divertido. Alexander tinha dito para ele todo o envolvimento de Deni e meu pai com o caso Evan Duran.

Ignoro sua óbvia reprimenda. Ele acha que sou a favor da minha família psicopata?

— Você ainda tem as chaves do antigo apartamento de Alicia? Eu preciso ir lá verificar algumas coisas. — digo.

— Foram retirados quase todos os móveis de lá, e seu irmão provavelmente já mandou retirar o que restou. O que vocês querem ver lá? — pergunta curioso.

— Só quero dar uma olhada. Não fui junto com os homens quando eles foram lá, mas agora eu preciso ir — digo evasivo. — Você já entregou todas as chaves a Deni?

— Ainda mantenho uma cópia aqui — ele sai em busca das chaves, e meus olhos se voltam para as escadas. Merda! Odeio deixá-la aqui!

— Pronto, aqui estão. — Matt volta com um molho de chaves e as pego me despedindo dele. Preciso ir ou

jogarei certa viúvinha nos ombros e a levarei à força daqui. Enquanto desço, ligo para a empresa solicitando um segurança para ficar aqui.

Pego minha moto no estacionamento, verifico as horas, vendo que ainda é cedo. Provavelmente os caras ainda estão em algum bar, eu preciso é tomar alguma bebida forte também.

Paro em frente ao bar que fica na mesma rua da empresa e, pouco depois, vejo a mesa de sempre com os caras ao redor.

— Olha se não é Ross em carne e osso — um dos caras me vê e praticamente o bar todo escuta seu grito. — Pensávamos que você tinha se aposentado das noitadas. Bem, foi o que me disseram.

— Ross, chega aqui — Sal está no canto junto com Carl — Parece chateado. Ainda de mau humor por causa de hoje cedo? Seu velho é uma raposa, isso eu devo confessar.

— Não vim aqui falar disso, Benacci — resmungo. Faço sinal para uma garçonete para uma bebida e sento ao lado de Carl — Você falou com o Connor? — pergunto para Carl, apesar de dizer que não queria falar desse assunto, mas estou querendo saber a razão de Connor não ter feito seu trabalho hoje.

— Ele está mal, cara. Seu irmão pegou pesado com

ele. — Carl fala tranquilamente — Ele tinha umas fotos da filha dele, então ele estava de mãos atadas.

— Não gosto disso, poderia ter significado a morte certa de Alicia.

— Mas não foi, Ross.

Minha bebida chega e tomo um gole que desce queimando. Ótimo, isso era melhor que sentir essa outra queimação no coração por deixar Alicia para trás.

Alicia

Vejo Bruno sair com meu coração apertado, mas sei que é a coisa certa a fazer. Não quero ver a decepção naqueles olhos azuis se eu falhar mais uma vez. Ajeito-me nos travesseiros e tento dormir, no entanto o sono não vem. Pouco depois ouço uma batida na porta e Matt coloca a cabeça para dentro do quarto.

— Toc, toc — ele diz com um sorriso quando deita ao meu lado na cama — Você está bem? Você está tão diferente, irmãzinha. Raramente a vi chorar durante sua vida toda e, desde que a vi hoje, as marcas de lágrimas estão no seu rosto.

— Deve ser os hormônios — digo com um bufo de risada chorosa — Não é culpa minha.

— Claro que não, quem sou eu para dizer o contrário? — ele segura minha mão junto a dele,

entrelaçando os nossos dedos — O que está acontecendo entre você e Ross? O que há de errado?

Eu balanço minha cabeça e não digo nada. Tudo está errado, achei que eu era forte, mas sou fraca e patética.

— Nada. — digo por fim — Só as vezes que tudo fica confuso, aí o medo parece sempre levar a melhor sobre minha vida.

— Lembra quando nossos pais morreram? E você foi uma garota durona que aguentou os trancos de vivermos sozinhos?

— Claro que sim, Matt — sussurro — Eu tinha você lá para mim. Sempre priorizou minha vida em vez da sua. Devia casar, sabia? Eu já sou grandinha, você sabe.

— Então, não conheço bem esse seu segurança, mas ele parece gostar de você, querida. — ele vira para olhar-me de frente — Se vocês vão ter um filho, não devia estar fugindo dele assim.

— Você, mais que qualquer um, devia entender meu receio ...

— Alicia, eu entendo você, querida, mas você está vivendo do passado. Nem todo homem vai te tratar como Evan, te culpando por algo que estava além de você. Pare de procurar sabotar as coisas para você, se dê uma chance de ter a família que você queria.

— Talvez eu não tenha nascido para ter essa família.

— Pare de dizer bobagem! Esse seu pessimismo é doentio, irmãzinha, pode te fazer mal — ele bate levemente no meu nariz — Bruno Ross me ameaçou de morte truculenta se você sonhar em se mexer dessa cama. Então, como tenho medo de morrer jovem e por morte violenta, melhor ficar quietinha e ter essa garotinha daqui A uns meses.

— Garoto.

— Nah, uma garotinha está perfeito, farei todo os desejos da princesa do titio Matt. — ele ri, me fazendo esquecer minhas fraquezas por um instante.

Bruno

Três dias. É isso que darei para Alicia "digerir" o que for que a esteja impedindo de aceitar nossa nova condição. Sair e deixá-la nunca foi tão difícil, mas preciso resolver de uma vez por todas minhas indiferenças com meu pai e Deni também, para ser sincero. Meu irmão e sua competitividade em me superar desde pequeno é um fardo constante na minha vida. Tinha sido antes de sair de casa e tem sido nesses últimos meses. Eu achei que saindo de casa e deixando-o reinar sozinho fosse suficiente. Não foi, pelo visto. Quando ele iria entender que não me interessava por nada sobre os negócios do nosso pai? Que fiz meu próprio caminho naquilo que eu gostava de fazer? Sua ambição era maior do que eu sempre imaginei.

Paro a moto na vaga da garagem de Alicia, no antigo prédio onde ela morava. A essa hora da manhã não tem ninguém circulando por aqui. O guarda da entrada não me impediu de entrar quando me apresentei. Sigo para o elevador e pouco depois estou entrando no apartamento

praticamente vazio agora, a não ser pelas faixas da polícia na sala de estar.

Ando calmamente observando tudo à minha volta, cada detalhe desse lugar tinha de ser explorado. Mas sigo para o quarto principal onde ainda tem alguns móveis deixados para trás. Isso precisava de uma boa equipe de limpeza. Estranho esse lugar estar à venda nesse estado, talvez Matt não estivesse planejando vender, contudo meu irmão deve ter insistido nisso, e só esse fato era capaz de me deixar mais curioso sobre o lugar.

Penso que ele quer fazer, ou já fez, uma varredura aqui atrás da mesma coisa que eu estou: pista sobre o paradeiro do dinheiro. Apenas não entendo o porquê meu pai não esqueceu isso, afinal todos eles têm dinheiro para umas três vidas.

Precisava dar um fim nisso, nesse caso. Alicia merecia ter uma gravidez tranquila e sem sobressaltos que pudessem pôr em risco essa nova vida dentro dela. Meu filho ou filha, não importa. Tanto quanto eu nunca liguei para esses aspectos da vida, estou louco de felicidade. Mesmo tentando sufocar esse sentimento para não dar mais motivo de temor para Alicia. Ando batendo nas paredes; nada de parece oca, ou falsa.

Depois de meia hora, não encontro nada que me leve mais perto de solucionar essa merda fodida de Evan

Duran. Entro no banheiro da suíte e faço o mesmo procedimento que fiz no quarto, toda e qualquer reentrância que existe, eu verifico na esperança de encontrar provas e levar para meu pai. Eu não iria para a polícia outra vez. Não, estava fora de cogitação. Os agentes federais iriam invadir esse local em breve e eu tinha de encontrar algo antes de eles começarem a própria investigação do caso.

Minha busca aqui também é infrutífera e volto para o escritório. Esse local era o mais óbvio de guardar algo, se Duran guardou algo aqui era muito burro mesmo. Mais tarde vejo que aqui também não tem nada. A sala de estar que passei antes parecia tão vazia que não posso imaginar um local para esconder documentos. Porra! Isso é frustrante.

Depois de quase duas horas investigando cada canto, eu sento no colchão desforrado da cama que ainda está aqui e olho ao redor, quando vejo o abajur na mesinha ao lado da cama. Na mesa não há nada que não seja esse abajur e um despertador desses pretos comuns com luminosos verdes. Ele está apagado, e pegando-o, verifico que deve estar com as pilhas gastas por esses meses todos aqui abandonado. Retiro a parte de trás onde ficam as pilhas, no caso são duas pilhas das grandes. Retiro-as, essas devem ir para lixos diferentes.

Estou prestes a devolver o relógio na mesinha quando vejo um adesivo preto colado na cavidade onde as pilhas se alojam. Arrancando com a unha, levanto o adesivo e vejo que atrás tem um mini cartão de memória parecido com chips de celulares. Será que Duran armazenou as informações aqui?

Como não tenho aqui comigo um computador para verificar o conteúdo do cartão, volto direto para a empresa. Passo pela recepção e, pela primeira vez, não paro para brincar com Lilian que está sentada atrás do balcão, como sempre. Vou direto para minha sala. Não perco tempo antes de inserir o cartão e, para minha decepção, tem que inserir uma senha de acesso aos dados.

Rosnando de raiva, pego o telefone e ligo para um dos técnicos para que ele possa tentar uma forma de passar por esse bloqueio. Cinco minutos depois ouço uma batida na porta e um dos caras aparece.

— Qual o problema, Ross? — Leo Martins, uns dos caras que faz trabalhos de hackers para a empresa, para em frente à minha mesa.

— Tenho um documento protegido, preciso que veja se consegue quebrar o código — digo e levanto para que ele sente em minha cadeira e fico ao seu lado.

— E tem algo que eu ainda não consegui quebrar? —

ele se gaba — Isso aqui é mais fácil que tirar doce de criança, Ross.

Vêjo-o trabalhar cerca de três minutos, em que ele desbloqueia com uma facilidade impressionante.

— Feito!

Olho para tela onde várias pastas aparecem. Leo vai clicando, e essas não contêm nenhuma senha. Vêjo que se trata de transações financeiras e, sim, isso pode ser o que procuro.

— Esse cara não era lá muito inteligente com segurança, muito fácil. — ele levanta e volto a sentar.

— Obrigado, Léo, se caso precisar volto a chamar — digo e começo a ver pastas e mais pastas.

Tem aqui pastas de até três anos atrás. Começo pelas mais recentes. Puta que pariu! O cara lidava com muita grana. Não demorei em encontrar o que eu queria, uma em particular tinha o nome Ross e a que imagino ser de associados.

Como nós já imaginávamos, os milhões que Duran teve acesso não existiam mais. Pelo que pude perceber, nesses relatórios, o dinheiro foi investido e perdido em aplicações na bolsa. Compras de ações que se desvalorizaram e fez o imbecil do Duran fracassar. Eu não precisava ver mais nada para entender que isso poderia tirar Alicia da mira deles. Eu só tinha de

convencer meu pai e ele manter os outros homens longe de Alicia.

Faço uma cópia, retiro o cartão e levanto, saindo da minha sala. Precisava agir o quanto antes.

Tenho outro assunto pendente, e pegando meu telefone ligo para o médico de Alicia.

— Alô — Diz o Dr. Allan quando atende.

— Dr. Allan, Bruno Ross.

— Senhor Ross, em que posso ajudá-lo? Alicia está bem? — ele parece preocupado — Ela está seguindo minhas orientações?

Isso eu não sabia, afinal estava longe desde ontem.

— Até onde sei, sim, doutor — digo e aceno para Lilian que está de cenho franzido para mim quando passo pela recepção — Doutor, quero pedir um favor. Ontem o senhor disse que Alicia precisa de apoio psicológico. Quero que envie alguém de sua confiança para ela.

— Senhor Ross, isso é bastante inusitado, mas como sei que ela não vai dar esse passo, ligarei para ela indicando um amigo psicólogo. — ele diz — De qualquer maneira, ele provavelmente se negará a ir até ela. Isso só terá resultado se partir dela, a vontade de procurar ajuda.

— Quero que envie ainda hoje uma pessoa para falar com ela — teimo. Eu não tenho que esperar a boa vontade de Alicia para procurar ajuda. Mulher teimosa.

— Não precisa ser algo formal, doutor, mas apenas uma visita cordial, e que isso a leve à iniciativa de conversar com um profissional.

Ele diz que irá falar com o amigo. Fico mais aliviado. Pode não ser a coisa certa, mas não deixarei Alicia se perder em si mesma.

— Nem tudo pode ser resolvido da noite para o dia, senhor Ross, isso pode ter o efeito oposto do que o senhor quer. Dê tempo, ela se ajustará em breve.

Mesmo assim dou o endereço de Matt para o médico e exijo que ele envie alguém e ele diz que vai tentar. Droga! Eu não posso lidar com essa Alicia irracional sem que perca minha cabeça e diga umas verdades para ela, que pode fazer mais mal que bem nessas circunstâncias. Eu a amo, mas tem hora que tenho vontade de bater no seu traseiro até que ponha um pouco de juízo no lugar.

Estou tentando o meu melhor, porra! E não tenho nada de Alicia. Ela nunca disse de volta que me ama, isso pode deixar um cara inseguro. Se eu fosse um cara mais inseguro, estaria pirando achando que ela nunca ia me aceitar na vida dela, como eu queria estar.

Sigo para a casa do meu pai onde terei uma conversa definitiva.

Alicia

Essa noite passada na casa de Matt foi praticamente em claro. Não consegui conciliar o sono, suas palavras ficaram martelando dentro de mim desde que conversamos ontem. E quando consegui dormir um pouco foi para ter os mesmos pesadelos que me atormentam desde que comecei a ter abortos. Sempre a mesma coisa, eram vários bebês de olhos vidrados mortos em pilhas, um monte de sangue ao redor e gritos de agonia de uma mulher, prantos inconsoláveis que nunca paravam. Depois mudava e eu me via ensanguentada e com um bebê morto em meus braços, meu choro era dolorido e sufocante.

Acordei suando e tremendo, acendendo a luz da cabeceira temendo encontrar os lençóis manchados de sangue, mas alívio me invade quando percebo que era apenas um pesadelo. Lágrimas descem pelo meu rosto. Enrosco-me nos lençóis, e a voz de Matt ecoa na minha cabeça:

— *Se permita ser feliz, Ali, não deixe seu medo atrapalhar algo que pode ser bom — Matt diz antes de caminhar para fora do meu quarto, ontem — Pare de tentar sabotar o que pode ser uma nova chance. Se permita isso sem culpa, ou seja lá o que esteja te aborrecendo e fazendo correr em direção oposta das*

peessoas que te querem bem. Esqueça o passado, Ali.

— Eu não estou correndo — teimo, franzindo o cenho para ele.

— Está sim, querida. Quando parar de se punir por ter perdido seus bebês, você se sentirá melhor — diz e segura a maçaneta da porta. — Boa noite. E pare de pensar; dá para escutar seu cérebro trabalhando dentro dessa cabecinha.

De fato, estava tão apavorada que estava sendo negativa em tudo. Eu não tinha deixado a maravilhosa notícia da gravidez me dominar por completo, como se não aceitar isso fosse doer menos se tudo acabasse de um momento para o outro. Passo a noite rolando sem achar lugar na cama espaçosa. Sinto a falta de Bruno aqui ao meu lado, e culpo a mim mesma por estar sozinha agora. Eu só o faço sofrer com meu medo. Medo de me machucar, de machucá-lo ainda mais lá na frente. Medo de não ser capaz, outra vez.

Levanto logo cedo e vou para a cozinha para encontrar Laura, a senhora que toma conta da casa para Matt. Ela deve estar por volta dos quarenta e cinco anos e está aqui com ele há uns três anos.

— Ah, Alicia, querida! — ela vem e me envolve em um abraço apertado — Parabéns pela gravidez, querida.

Como ela sabe disso? Deve ter sido o linguarudo do

Matt.

— Obrigada, Laura. — digo e sento à mesa — Onde está o linguarudo?

Ela ri.

— O senhor Matt saiu logo cedo, mas deixou recomendado que permanecesse em repouso — ela me aponta — Eu vou garantir que você não levante um minuto sequer. Falando nisso, o que quer para o desjejum?

Eu digo qualquer coisa, ela repreende e começa a tagarelar, dizendo que nunca mais tinha me visto, e acabo me distraíndo enquanto como meu café da manhã.

— E o pai desse bebê, quando irei conhecê-lo? — continua Laura, com sua conversa cheia de expectativas. Pelo que sei de Bruno Ross, ela não vai demorar para conhecê-lo.

Não acreditei naquela conversa dele de me dar tempo, talvez um ou dois dias no máximo. Me pego sorrindo porque sei que, no fundo, é o que quero, que ele não desista de mim. Não faz o estilo dele deixar nada para lá. Teimoso.

— Em breve — digo tomando meu suco natural.

Passo a manhã inquieta, sem nada para fazer a não ser passar a maior parte do tempo falando com Marcos na empresa. Eu tenho de dar um aumento de salário para

ele, o coitado tem se desdobrado para assumir meu lugar.

Eu não me sinto grávida, não sinto nada dos sintomas de gravidez, deve ser porque estou de poucas semanas. Mas, ao mesmo tempo, tenho medo de fazer movimentos bruscos como se isso fosse desencadear algo ruim.

No meio da manhã recebo um telefonema do Dr. Allan para saber como eu estou. E ele diz, reforçando o dito antes, que nesses primeiros dias e meses eu faça praticamente nenhum esforço e que fique em casa de repouso. Ele diz que enviará alguém para falar comigo na casa de Matt.

— Como seu médico, eu quero a garantia de que, além do cuidado com seu corpo, sua mente esteja em harmonia. Irei falar com um amigo, e ele passará hoje para uma visita.

Não posso argumentar com ele, mas também sei que ainda não estou pronta, porém aceito conhecer o amigo psicólogo de Allan.

Almoço uma salada de frango deliciosa da Laura e depois durmo no sofá na sala de estar, acordando sobressaltada com a campainha. Sei que tem um segurança na porta, pouco depois escuto a voz de Laura.

— Sim, levarei o senhor até ela. — ela surge

acompanhada por um jovem homem negro, com cerca de vinte e poucos anos. Sua expressão é jovial e simpática quando eles se aproximam de mim. Levanto e Laura me apresenta.

— Alicia, esse é o senhor Antony. Ele foi enviado pelo doutor Allan. — O quê?

— Prazer em conhecê-la, senhora Duran. Meu nome é Ray, e Allan me disse para vir fazer uma visita e conhecê-la — ele estende a mão e eu pego em um aperto.

— Sente-se — Aponto para a poltrona e, depois de acomodados, peço para Laura nos servir algo e ela nos deixa só para providenciar.

— Você é o psicólogo?

— Sim, sou psicólogo, e como disse, vim apenas conhecê-la — ele sorri, mas eu não o acompanho. Allan realmente acha que preciso de atendimento psicológico. Talvez eu precise mesmo, Evan quase acabou com minha mente.

— Senhor Antony...

— Me chame de Ray.

— Bom, eu agradeço sua visita, senhor Antony, mas ainda não estou preparada para isso — digo meio constrangida. Que droga.

— Claro, vim apenas conhecê-la. Allan disse ontem

que você precisava ter esse acompanhamento, fique à vontade para fazer isso no seu tempo. — ele diz.

Laura volta com nossa bebida. Ela serve um chá fraquinho para mim dizendo que não fará mal nenhum, que ela bebeu esse chá em suas duas gravidezes. Agradeço e ela volta a nos deixar sozinhos.

— Normalmente, não faço esse tipo de abordagem, mas Allan quer seu repouso absoluto nesse estágio inicial de sua gravidez, portanto, quando quiser conversar, fique à vontade para ligar que virei aqui.

Eu gosto dele, não parece impor nada e me deixa à vontade para falar, mas estou com a língua travada e colada ao céu da boca e nada sai. Antes de sair, ele deixa seu contato para quando eu tiver a necessidade de colocar para fora minhas angústias. Poderia entrar em contato e marcar uma consulta. Fico grata.

Volto a deitar no sofá de Matt e deixo minha mente ir para Bruno, perguntando-me onde está. Olho para o telefone e tenho a súbita vontade de ligar, saber se ele está com raiva de mim por pedir que se afastasse de nós.

Ligo o som e procuro um dos meus cantores preferidos na playlist de Matt. *One*, do Ed Sheeran, explode na sala. Encolho-me em mim mesma e deixo as palavras invadirem meu coração e mente.

*E eu sei que você vai ficar longe por um tempo
Mas eu não tenho planos de ir embora*

...

*Pegue a minha mão, meu coração e minha alma
Eu só deixarei que esses olhos vejam você*

...

*Então diga-me o caminho para casa
Estou ouvindo músicas tristes
Cantando sobre o amor
Onde ele dá errado*

Eu durmo, e quando acordo no fim da tarde, tenho minha decisão tomada. Não deixarei o homem que me trouxe um pouco de amor escapar de mim. Mesmo que isso me quebre lá na frente, quem se importa? Mas irei ter a certeza que tentei.

Pego meu celular e ligo.

Espero que não seja tarde demais, estou ligando para Bruno e ele não me atente.

Bruno

Depois de falar com o médico de Alicia, faço algo que talvez não seja a coisa certa a fazer, mas que nesse momento não penso sobre isso. Apenas mando uma mensagem para Alexander avisando que encontrei algo sobre Evan. Não espero sua resposta, ele provavelmente vai querer que eu vá até ele para ver essas provas, mas não tenho tempo a perder com isso. Preciso falar com meu pai e resolver logo isso, o resto depois é com a polícia. Se vão fazer algo, já não será problema meu.

Paro a moto em frente ao portão, e um segurança o abre para mim depois de alguns segundos. Cinco minutos depois estou sentado em frente ao meu pai no escritório. Estou sentindo um maldito mal-estar por estar aqui, dependendo desse homem para deixar minha mulher em paz.

Eu sou um filho da puta maldito que ainda tenho consideração por ele, por ser meu pai, apesar de ele não ter a mesma consideração por mim que sou seu filho. Eu me sinto estranho em estar aqui sendo recebido como

um desconhecido na mesma casa que fui criado.

Meu pai senta atrás de sua mesa, e eu trinco minha mandíbula com desgosto. Não gosto de estar nessa posição, onde tenha de pedir algo para ele.

— Ter você aqui é uma surpresa e tanto, filho — ele inclina seu corpo magro para trás e me encara — O que posso fazer por você?

— Por mim nada, talvez eu faça por você — coloco o pen drive em cima da mesa à sua frente.

— O que é isso? — indaga, mas não se mexe com intenção de pegar.

— O seu precioso dinheiro, que é mais importante que as vidas das pessoas — debocho e me inclino, e com o dedo indicador empurro o pen drive na sua direção.

A porta abre atrás de mim e Deni aparece, seu rosto está roxo dos socos que proferi nele ontem. Tenho vontade de levantar e terminar de acabar com ele pela forma que colocou meu filho em risco, além de Alicia.

— Olha se não é a ovelha negra de volta ao redil — ele ri e fica em pé ao lado da mesa, como se fosse um maldito segurança do meu pai. — O que você veio fazer aqui, Bruno? Veio com a polícia de novo?

Não respondo, apenas olho firme para meu pai que acaba pegando o pen drive e dando para Deni, dizendo:

— Veja o que é isso — Deni franze o cenho e vai verificar. Ele usa um laptop que está em cima da mesa, e dou tempo para os dois verificarem a cópia que tinha feito para trazer a eles.

Observo quando eles vão tomando conhecimento do conteúdo dos documentos. Meu pai está lívido de raiva e Deni está praguejando. Assisto com um sorriso interno o quanto eles foram feitos de idiotas pelo mais idiota ainda, Evan Duran.

— Não acredito que ele fez isso! Nos usou, usou nosso dinheiro para se dar bem...

— Não tão bem, já que ele perdeu tudo — digo satisfeito.

— O apartamento foi liquidado com nosso dinheiro, comprei a porra do apartamento e ele tecnicamente já era meu. — Deni esbraveja começando a andar para lá e para cá na sala. Papai está ainda olhando para o computador.

— Isso, irmãozinho, você realmente é um trouxa. Achava que com isso iria se aproximar de Alicia? Como é burro — provoco, porque estou louco que ele reaja e venha para cima de mim. Quero quebrar o resto de sua cara maldita. — Você sempre quer o que é meu, não, Deni? Vive à sombra de seu querido pai, mas é incapaz de fazer algo por si mesmo, panaca idiota!

Como previ, ele vem com tudo para cima de mim.

— Vá se fod...

— Chega vocês dois!

O grito do nosso pai o faz parar, mas seu olhar assassino está em mim. O encaro de volta, pedindo com que ele venha para mim. Quero arrancar esse arzinho arrogante dele. Esse terno de grife dele é só uma capa para dizer que é um homem civilizado, mas não passa de um capacho do meu pai.

— O que você vai fazer com isso? — essa é a voz do meu pai, fazendo com que eu vire minha atenção para ele. — Por que você nos trouxe isso e não levou para a polícia? Isso faria com que nós fôssemos todos para a cadeia.

Sim, tinha um documento com um depoimento de Duran, onde dizia que se ele morresse, os Ross e outras três famílias eram os responsáveis. Ele sabia que poderia morrer por sua ganância e teve a esperteza de amarrar todos para ir com ele à bancarrota. Por isso estou aqui, fazendo o que não devia. Se eu os entregasse, estaria assinando a sentença de morte de Alicia e do meu filho. Eu preferiria morrer a ter de perdê-la.

— Quero sua garantia que deixará Alicia em paz para sempre. — digo com voz firme — Ontem, vocês a colocaram em risco junto com meu filho, não permitirei

que isso aconteça outra vez, garantirei que todos estejam no inferno antes disso, *papai*. Sequestraram uma mulher grávida que poderia perder o nosso filho! Malditos doentes do caralho!

Vejo o semblante do meu pai mudar e ouço o gemido aborrecido de Deni.

— Não sabíamos, filho — meu pai começa, mas eu o corto.

— Você se importaria? Acho que não. — encaro-o com raiva — Eu estou apostando que daqui em diante você dirá para seus pit bulls para se manterem longe dela. Ou vão todos para a cadeia. Garantirei isso.

— Não faça ameaças que não pode cumprir — Deni diz raivoso — Você não é a porra de nada, irmãozinho.

— Cala a boca, Deni! — ele é repreendido por nosso pai. — Sabia que a moça estava grávida do seu irmão? E não disse nada? Não gosto de ser deixado no escuro, filho, sabe disso.

Observo a interação dos dois e vejo a raiva de Deni se construindo. Porra! Ele ainda vai matar nosso pai por repreendê-lo na frente de qualquer pessoa. Deni odeia isso, e se for por minha causa, essa raiva é em dobro.

— Eu estou feliz que vou ter um neto, enfim — ele deixa Deni em paz e se vira para mim com um sorriso que não vejo há muitos anos. Isso não me abala, esse

homem é um desconhecido para mim agora. Deni sai da sala batendo a porta, furioso. Ele me preocupa. Ele é dinamite pura com raiva.

— Seu irmão precisa controlar a raiva, por isso fiquei triste quando você preferiu ir embora e não aceitar seu legado como meu filho. Seu irmão não tem a paciência para lidar com pessoas e muito menos para lidar com os negócios da família. Esse temperamento exacerbado dele é ruim para os negócios. — sua voz saiu um pouco triste enquanto ele continua — Eu preferia você desde cedo para assumir, e ser rejeitado por você, filho, foi um golpe muito duro. Eu reagi da pior forma possível, fazendo você me odiar. Ir e nunca mais voltar, nem para ver sua mãe.

Não digo nada, porque isso não significa nada para mim, mas sinto uma parte do aperto que senti esses anos todos sair um pouco do meu peito. Saber que ele não me odeia tanto parece retirar um pouquinho desse peso, mas isso não vai me fazer ser um filho querido de volta ao seio da família. Aqui não há nada para mim, quero distância desse lugar. Minha mãe escolheu apoiar o marido e não se importar comigo, porque diabos eu iria voltar para falar com ela?

Não, eu não vou ser tão bonzinho agora para aceitar um almoço de família aos domingos.

— A única coisa que quero de você é a garantia que Alicia será deixada em paz. — levanto e enfio as mãos no bolso. Eu preciso sair daqui. Esse ambiente me incomoda — Ou essa merda será jogada no ventilador e você pode não gostar, papai.

— Claro. Considere feito, ninguém incomodará sua mulher — ele parece realmente pesaroso por eu ignorar sua súbita revelação.

— Espero não me arrepender dessa decisão. Se você não cumprir com sua palavra, irei ter a certeza que vou atingir onde mais dói em você.

— Sua ferocidade é um deleite, meu filho, queria que seu irmão tivesse um pouco de sua personalidade.

Isso sempre foi o problema com Deni. Ele tinha percebido o que meu pai não verbalizou, mas deixou claro desde cedo. Eu nunca quis nada disso, mas Deni não acreditava que eu não quero nada que venha deles.

— Mantenha seu filho na coleira. — Digo e caminho para a porta. — Não acho que ele levou na boa que vou ter um filho. Ele sempre quer ser o primeiro em tudo. Então o mantenha longe de Alicia.

— Filho! — paro e viro para meu pai. — Parabéns pela gravidez da moça.

— Obrigado. — digo com antipatia.

— Se um dia você parar de me odiar, eu gostaria de

conhecer meu neto — ele diz sem sua habitual arrogância tão característica dele.

— Você não fez absolutamente nada para isso, pai, para eu perdoá-lo. — digo e abro a porta — Eu não sou seu filho por mais de quinze anos, por que mudar isso agora? Só se mantenha longe.

Saio deixando-o lá parado, não me importo.

Olho ao redor à procura de Deni, mas não o encontro. Porra, eu e ele ainda temos algo a acertar. Mas eu sei que só o fato de Alicia estar grávida do meu filho é demais para ele, que adora essa competição comigo. Isso leva um sorriso a contragosto para meu rosto. Panaca! Nem engravidar uma mulher ele faz direito.

Verifico minha moto estacionada antes de montar, não confio nesses caras e muito menos em Deni. Ele não tem os mesmos escrúpulos que eu tenho. Considerar a familiar, mesmo ela não tendo nada a ver comigo, com valores diferentes de mim. Ele me mataria sem pestanejar.

Nada aparentemente está errado e sigo para fora de lá. Tenho a sensação de que não resolvi tudo que tinha de resolver nessa casa, mas saio de qualquer jeito. É opressivo esse lugar.

Não vou baixar a guarda com Alicia, não agora, não confio no meu pai e em Deni menos ainda.

Estou inquieto quando vou para a empresa falar com Alexander, ele deve estar puto comigo. Mas farei essa porra do meu jeito. Paro a moto e vou direto para sua sala. Ele está com Carl e Benacci, e eu espero fora enquanto ligo para Matt para saber de minha gravadinha mais porra louca que há nesse mundo. Não vou ligar para ela, vou dar mais um dia. Se eu aguentar ficar longe. Sinto sua falta pra caralho. Ela me faz um homem melhor, eu nem me reconheço.

Ontem à noite no bar tinha tantas mulheres disponíveis dando em cima e eu não senti nada além de repulsa com o pensamento de outra mulher me tocando. Viúva feiticeira! Me lançou um maldito feitiço.

Entro depois de falar com Matt e me reúno com Alexander e os outros.

— Onde estava, Ross? — Carl pergunta quando sento no sofá que é o único lugar desocupado no momento.

— Resolvendo umas pendências. — digo e deposito o cartão com as informações de Duran na mesa — Estou mostrando isso a vocês, mas não quero que entreguem à polícia, principalmente você, Alexander. Não quero ver meu pai tirar a vida da minha família.

Porra, isso saiu da minha boca mesmo? Os caras devem estar pensando a mesma coisa, porque estão

olhando para mim boquiabertos.

Benacci começa a gargalhar, fazendo os outros o acompanharem.

— Porra, Ross, você caiu feio de amor! — ele se curva de tanto rir — Quero ser o padrinho do casamento!

— Vão se foder! — caio de volta no sofá, fazendo as hienas rirem mais de mim. — Vocês todos são dominados por boc...

— Cala a boca! — Carl fala sério agora — Bem, o que tem nessa porcaria de cartão? — ele aponta. Cara, esse nosso amigo precisa se revelar, ele não fica legal quando estamos falando de mulheres e boceta na sua frente. Nós temos uma teoria sobre isso: ele deve ter levado o maior chifre da história.

Deixando o chifre de Carl de lado, começo a explicar o conteúdo do cartão e digo sobre minha visita a meu pai, deixando Alexander puto como imaginei que ficaria.

Alicia

Estou preocupada com Bruno. Sei que ele pode estar dando o tempo que pedi para ele, mas desde ontem que tenho tentado falar com ele e nada. Quando Matt chegou à noite, disse que tinha falado com ele, em algum

momento, sobre mim. Bruno tinha ligado para saber de mim, indicando que se importa ainda, e me acalmei um pouco ontem, mas hoje são dez da manhã e nada de ele retornar minhas ligações.

Ele tem sido tão carinhoso, e eu uma maldita mulher insegura. Em minha defesa só posso culpar minha vida anterior e o homem que conhecia e se transformou no meu algoz psicológico. Confiar é um passo gigantesco, e eu quero dar esse passo com Bruno. A despeito de ele ter um passado nada bonito sobre as mulheres, eu o vi mudar nesses poucos meses, tenho de dar crédito ao meu prostituto predileto.

Se eu tenho de fazer as coisas funcionarem, tenho também de encontrar uma maneira de saber lidar com tudo que vem junto. Passado, meu e dele, um filho que eu não esperava ter jamais, que me abala e gera pânico. Pensar no serzinho dentro de mim e saber que posso perdê-lo me apavora sobremaneira.

Tenho medo de ter sido covarde demais e ele ter ido para sempre. Se eu no começo não soube controlar e superar a atração e acabei apaixonada e amando Ross, então, não adianta fugir dele agora, isso só fará com que o perca para sempre.

No meio da tarde recebo a visita do Dr. Allan. Ele tinha prometido vir aqui uma vez na semana para me

acompanhar todo caminho dessa gravidez bem de perto. Ele não precisava fazer isso, se locomover para me assistir em casa, mas ele se tornou mais meu amigo que médico, coisa que agradeço demais. Ele me pediu para ficar em total repouso vinte e quatro horas nas primeiras semanas e, mesmo com meu trabalho parado, eu vou acatar suas ordens.

Também liguei para o psicólogo e irei para uma consulta amanhã com ele. Quero muito que Bruno esteja aqui para me levar, tenho receio de sair na rua e Deni me sequestrar outra vez.

Deixando de lado minhas preocupações, sento e ligo para a empresa para falar com Marco. Aceitaremos apenas pequenos eventos a partir de agora. Ontem foi um dia de muita conversa com ele, e hoje quero deixar isso mais fundamentado para que ele possa trabalhar sem mim por um tempo. Eu não farei nada que leve minha pequenina esperança.

Estou impaciente sem o Matt aqui. Laura está ocupada com suas coisas e não pode ser minha constante dama de companhia, mas está sempre vindo dar uma conferida em mim, deve ser coisa do meu irmão superprotetor. Levantando, vou para a cozinha onde ela está com seus afazeres.

— Oh! O que precisa, minha querida? É só chamar

que levo para você — ela seca as mãos no pano de prato. — Seu irmão deu ordem restrita sobre você ficar parada.

Oh, Matt! Ele tem sido tão carinhoso e cuidadoso comigo desde a morte dos nossos pais, que isso está arraigado dentro dele e qualquer coisa que possa me machucar, ele fica meio paranoico com seus excessos de cuidados. Ele tinha assumido esse papel de pai comigo, e só era dez anos mais velho que eu. Eu o amo demais por deixar sua vida em espera para que eu pudesse crescer. Mesmo quando isso aconteceu, ele não me abandonou, continua aqui para mim.

A única coisa que me faria feliz agora é ver meu irmão com alguém cuidando um pouco dele, para variar. Ele tem sido minha rocha por anos e anos, e eu só quero vê-lo feliz. Meus olhos piscam com ardor de lágrimas. Limpo a garganta obstruída com um nó e digo:

— Não estou inválida, Laura, quero conversar. Minha cabeça está a ponto de entrar em parafuso de escutar meus próprios pensamentos. — sento no banquinho no lado oposto do balcão e puxo assunto — Meu irmão tem uma namorada que eu não sei, Laura?

— Seu irmão não me fala dessas coisas, querida — ela ri.

— Nunca trouxe nenhuma aqui? Sério? — estou

chocada com isso. — Eu sempre soube que ele namorava bastante por aí.

— Ele já trouxe, sim, algumas meninas aqui. Mas não é muito comum. E nunca a mesma por muito tempo. Por isso não sei dizer se tem alguém especial — Laura diz e serve para mim um prato de frutas — Estava fazendo isso para levar para você. Tem de engordar esse bebê, querida.

Sorrio e mordo um pedaço de kiwi, saboreando lentamente. Isso é ótimo.

— Irei ficar toda minha gravidez aqui com você, então...

Sou cortada pelo som da porta, e Laura sai para verificar quem é. Ela volta depois acompanhada de Lana Mitchell, a noiva de Alexander. Eu não a conheço muito bem, acho que a vi uma ou duas vezes, e não imagino por que ela está aqui.

— Olá, eu sou Lana — ela diz com um sorriso — Desculpe vir sem avisar, mas soube que você foi sequestrada e quero que saiba que estou aqui para ajudar no que for preciso. Eu fui sequestrada também algum tempo atrás e foi horrível, então, se você precisar de uma amiga, estou aqui, pode me falar de qualquer coisa que você esteja sentindo de ruim, posso dizer que isso passa com o tempo...

Caio na risada com sua tagarelice e ela fica vermelha.

— Desculpe. Estou falando demais, não é?

— Sou Alicia Duran, prazer — estendo minha mão e ela me puxa para um abraço que acabo devolvendo. Ela é meio maluca.

— Oh! Sim, sei quem você é, a namorada do Bruno, ex-pegador inveterado — balanço minha cabeça com o furacão que entrou pela minha porta, ou melhor, pela porta de Matt.

— Sim, essa sou eu — Sou sua namorada? Já nem sei se sou algo para ele, já que não retorna minhas ligações. — Falando nele, você ouviu falar dele?

Oh, meu Deus! Não acredito que estou fazendo isso, especulando da vida de Bruno para uma quase desconhecida.

— Não ouvi nada, mas espera — ela pega o celular e coloca no ouvido — Oi, amor! Oh, estou atrapalhando? — ela escuta e vejo, mais uma vez, sua pele clara avermelhar — Só queria saber onde anda Bruno... Claro que não! Não sou eu que quero saber onde ele anda, mas sua namorada.

Ela me olha, e dou um sorriso amarelo, mas encorajador. Escuto o bufo de riso de Laura e volto minha atenção para ela, que me dá um olhar divertido. Caramba, estou realmente em apuros, usar a namorada

de Alexander para saber de Ross é demais.

— Está bem, não seja grosso comigo quando eu ligar para você, senhor segurança, sou a prioridade em sua vida, não se esqueça disso — ela diz severa, mas o humor e carinho na sua voz é identificável — Claro que foi grosso! Achar que estou ligando para você para saber de outro homem, isso foi grosseiro de sua parte. Não posso acreditar que você possa pensar que eu seria tão imatura.

Prendo meu riso. De onde saiu essa maluca tagarela? Ela continua tagarelando e repreendendo com o coitado do Alexander do outro lado.

— Tudo certo! — ela diz quando termina — Ele não tem notícia do Bruno desde ontem.

O quê?!

— Mas ele vai ligar daqui a pouco para te falar — Lana diz e senta ao meu lado, tão espontânea que fico chocada. — Alex me contou que você está grávida, por isso vim também, para oferecer um ombro amigo. Meu melhor amigo foi embora, não porque sou péssima amiga, mas foi necessário na época. Então estou precisando recrutar novas amigas. Pode contar comigo.

Lana se revelou uma companhia excelente para remediar meu tédio, mas minha preocupação por Bruno persiste, e nada do que ela diga me distrai o bastante. Faz

mais de uma hora que ela está aqui quando recebe uma ligação de Alexander, dizendo que Bruno está em casa.

Em casa?! Mas por que ele não veio me ver? Deus, eu devo ter o ferido de verdade.

Depois que Lana vai embora, prometendo voltar para me fazer companhia, eu me recolho no meu quarto. Peguei meu celular e enviei uma mensagem para Ross:

Me perdoa!

Eu fico olhando o telefone por horas, mas nada vem dele. Meu coração está tão pequeno no meu peito... Eu sou tão estúpida. Não aguentando mais a espera, eu apelo para algo que o fará vir para mim.

Nosso filho sente sua falta.

Querendo me distrair, ligo o play do meu celular e coloco as músicas para tocarem aleatórias. *Diamonds*, da Rihanna, começa a tocar.

...

*Eu logo soube que nos tornaríamos um só
Oh, bem no começo*

*À primeira vista eu senti a energia dos raios do sol
Vi a vida dentro dos seus olhos*

...

Eu agora só o queria aqui para mim, como sempre estive.

Eu o amo.

Muito.

As lágrimas veem molhando meu travesseiro onde mantenho repousada minha cabeça.

A música para com um beep do som da mensagem.

Só nosso filho?! Estou querendo ser mais persuadido, bebê.

Nãoooo, não só nosso filho.

Alicia

Estou com lágrimas nos olhos e um sorriso nos lábios quando digito de volta. Ele quer ver-me implorando.

Estou pronta. E eu preciso de você, muito. Precisamos conversar, por favor.

Caramba! Eu não sou muito boa nisso, preciso treinar mais com Bruno o meu charme. Se depender dessa mensagem, talvez ele não ache que o quero de volta na minha vida.

Não obtenho resposta imediata. Sento na cama, puxando meus joelhos para junto do meu peito, minha testa encostada na perna, olhos fechados e espero... e não vem mais nada da parte dele.

Estou tentada, depois de meia hora sentada na mesma posição, a enviar outra mensagem, mas desisto. Não sei o que dizer, como me desculpar pela minha falta de fé.

Escuto a campainha da porta e fico chateada pela visita fora de hora. Não quero ver ninguém, quem eu

quero não responde as minhas mensagens. Que droga!

Estou realmente aborrecida agora, quando ouço uma batida na porta. Devia ter alertado Laura que não queria mais nenhuma visita hoje. A visita de Lana serviu por cinco.

— Entre, Laura — digo com voz apática. Penso que ela veio para avisar da visita, coisa que não tenho a menor vontade de fazer agora. *Ele está me castigando por mandá-lo embora, ele faz isso para me deixar maluca, apenas isso, eu sei.*

A porta se abre e não levanto minha cabeça para olhar.

— Laura, não quero visita. Diga que estou indisposta.

Estou mesmo, meu estômago está embrulhado em nós de nervosismo. Bruno Ross! Ainda vai me matar de ansiedade qualquer dia desses, mas ele tem razão em uma coisa: eu preciso ser mais forte por nós.

— Você está bem?! — A voz preocupada e máscula não pertence a Laura de maneira alguma.

Levanto minha cabeça para encontrar os olhos azuis hipnóticos fixos em mim. Intensos e um pouco cautelosos, mesmo assim ele me fita com tanta intensidade que queima dentro de mim como labaredas nas minhas veias. Calor me aquece quando percebo que

ele veio para mim. Mesmo que eu o tenha chutado daqui dois dias atrás. Ele fica parado no meio do quarto, e sei que isso depende de mim agora.

Deus, ele é tão lindo que tira meu fôlego. Eu não sei se um dia me acostumarei com a forma que ele me abala e tira meu eixo; desestabiliza-me de uma maneira única. Bruno Ross abala meu mundo como ninguém jamais o fez, e é por isso que estou seguindo o conselho de Matt: me permitindo amar livre de qualquer culpa e receio. Sei que preciso trabalhar meus medos com essa gestação, mas o primeiro passo tenho que dar agora, aqui, com ele.

Meu segurança. Minha verdade. Meu porto seguro nesse mundo incerto que se tornou minha vida. Eu só queria ser boa com as palavras e poder dizer para ele o quanto ele significa para mim. Mas ficamos ali, os dois, olhando nos olhos um do outro e sei o que ele quer que eu faça. Dar o primeiro passo, só assim ele saberá que estou entrando com tudo e para ficar. Que o amo o suficiente para esquecer meu passado. E olhar para ele como meu futuro.

— Você veio — sussurro. Saio da cama e fico a dois passos dele, ainda olhando em seus olhos. Eu preciso falar com ele, colocar para fora o peso que venho trazendo em meu peito, antes que mude de ideia e não

fale tudo que eu quero.

— Nunca imaginei, naquele primeiro dia, quando abri a porta achando que encontraria meu irmão do outro lado — começo — que eu fosse encontrar uma pessoa especial que me quisesse e aceitasse com meus defeitos. Eu não imaginava, naquele dia, que encontraria parado na minha frente, cheio de si e arrogante, um homem que me fizesse rir outra vez em um dos piores momentos da minha vida. Que me tirou o chão e fez tudo ficar mais fácil e leve; que me fez esquecer em momentos cruciais que eu poderia ter o mesmo destino de Evan e fazer parte do medo ir embora. Eu queria ser forte e, mesmo querendo isso intensamente, eu descobri que não sou tão forte assim quando se trata de sentimentos, de se doar verdadeiramente a alguém, quando lá atrás meu coração foi despedaçado — tomo fôlego e percebo que lágrimas silenciosas correm pela minha face.

Bruno está me olhando sem nada em seu rosto que indique alguma reação do que ele sente. Estou tremendo. O coração batendo tão acelerado que estou temendo um ataque cardíaco.

— Eu costumava pensar que nunca mais seria feliz com alguém, mas desde aquele dia, algo mudou dentro de mim. Meus pensamentos eram só seus a cada hora do dia e da noite e neguei tanto, tanto, no entanto você

continuou vindo e se infiltrando dentro do meu peito, tão profundo que eu nem percebi a hora que você se tornou meu mundo todo. Eu mandei você embora porque o pensamento de você me abandonar era demais para suportar, e se eu perder nosso filho não suportaria passar por isso sem você por perto. Eu morreria de desgosto e só, porque fiz a bobagem de mandar você sair da minha vida. Não significa que isso não me mate aos poucos. Sem você por perto meu mundo perde o colorido. Eu quero que saiba que se Deus não permitir que um dia eu seja a mãe do seu bebê, eu ainda tenho você comigo, se ainda me quiser. Eu amo você mais do que possa imaginar, Bruno Ross. — Emoção e dor excruciantes saem acompanhados na minha voz.

Eu solução tão forte que sinto meu coração falhar uma batida. Sinto seus braços me envolverem tão apertado que tira o resto da minha respiração.

— Eu garanto para você que vou tentar implacavelmente deixar meus medos para trás. Tenho uma consulta marcada com o terapeuta, e esse primeiro passo é por nosso bebê, por mim, por nós. Eu preciso que você acredite em mim... — minha voz embarga e seus braços apertam-me mais.

— Shiii... está tudo bem, querida — sua voz também está embargada quando ele segura meu rosto entre suas

mãos e seca a torrente de lágrimas que desce com seus polegares — Eu também te amo. Vai ficar tudo bem, bebê.

— Sinto muito por ser tão intransigente e não saber lidar com tudo isso. Você mudou minha vida, Ross, sem você ao redor, cuidando de mim, é vazio e doloroso demais. E foram apenas dois dias, eu não aguentaria mais um dia sem você — digo em um fio de voz, passando meus braços em volta de sua cintura e enterrando meu rosto em sua camisa. — Eu amo você. Muito. Deixe-me mudar sua vida também, por favor. Eu quero tanto que tudo se conserte entre nós.

Ele segura minha cabeça outra vez em suas mãos e esmaga sua boca na minha, beijando-me como se fosse a primeira vez, como se não tivesse de mim o suficiente, e eu retribuo com todo o amor que sinto por esse homem. Calor me toma, e agora meu coração está batendo com pura felicidade. Passo meus braços por seu pescoço e beijo sua boca com fome. Tem sido tempo demais que não provo sua boca. Gemo, e isso faz com que ele se afaste, me olhando preocupado.

— Não... — tento puxá-lo de volta, mas é impossível.

— Não devia estar fora da cama, amor — diz ao mesmo tempo que me pega no colo e me deita na cama e

vem comigo, deitando em cima de mim, mas sem o peso do seu corpo que está sendo seguro pelos seus braços que estão em cada lado da minha cabeça. Estou em uma gaiola viril e quente. Dou um sorriso trêmulo de emoção. — Como está meu bebê? — pergunta, amoroso, deixando-me mais trêmula.

Ele olha para baixo para minha barriga inexistente. Meu coração aperta em meu peito, com o tumulto de sentimentos que enrolam em um emaranhado de emoções dentro de mim.

— Bruno, eu farei tudo que puder para ir até o fim. Allan me indicou um terapeuta — repito sobre o terapeuta porque isso é difícil de admitir, que eu estou quebrada para que precise de um. Baixo os olhos, mas ele me faz olhar para os seus, segurando meu queixo entre os dedos.

— Fico muito feliz que aceitou ajuda, querida, você me deixa muito orgulhoso com essa decisão. Só você pode decidir isso. Estarei aqui para você, onde quer que você me queira — ele me dá um sorriso lindo quando acrescenta: — Eu acredito que meu filho é forte pra caralho. Sairá a mim, pode ter certeza. Não o deixarei ir assim facilmente, pode acreditar. E se tudo não for como nós queremos, estarei aqui para te pegar e segurar você tão forte que não haverá espaço para dor.

Sim, eu quero acreditar que ele tinha esse poder, eu só queria que ele tivesse de verdade.

Acabo rindo de seu convencimento e do amor que seus olhos azuis deixam transparecer. Ele não é o mesmo homem que conheci meses atrás, não mesmo.

Oh, céus... O que foi que fizeram com Ross prostituto?

— Você tem certeza de que é um garoto? — pergunto e tiro seus cabelos que caem em sua testa, empurrando-os para trás. — O que vier para mim está perfeito — Levo minha boca para sua enquanto o puxo para mim, beijando sua boca deliciosa.

Beijamo-nos durante o que parece uma eternidade, e quando eu acho que ele vai além, ele rola me levando com ele, quebrando nosso beijo. Ficamos deitados em silêncio. Não precisamos falar, é como se essa conexão entre nós tivesse se estabelecido essa noite. Que o que viesse para nós, iríamos enfrentar juntos.

— Te amo.

Ele diz, sussurrando em meu ouvido com uma voz arrastada que eu conheço bem demais. Cheia de tesão. Arrepios percorrem minha espinha. Levanto minha cabeça para olhá-lo, e ele captura outra vez meus lábios. Não vamos arriscar sexo. De jeito nenhum. Mesmo que entremos em combustão nessa cama.

Seus dedos estão agora nos meus seios. Ele torce meus mamilos sensíveis entre os dedos, e um gemido rouco escapa da minha garganta.

— É tão bom tê-lo aqui, querido. Senti sua falta — digo ofegante. Depois pergunto para distraí-lo, pois seus dedos são torturadores e estão me deixando terrivelmente excitada: — Então, o que iremos fazer agora?

— Agora eu quero te beijar, até você perder essa linda cabecinha.

— Sim, por favor...

— Eu não poderia ficar mais tempo distante de você, sinto-me vazio sem você. — diz antes de me beijar impiedosamente.

Ele é tão lindo que dói em meu coração...

Bruno*Um mês depois*

Gemo quando abro caminho entre as pernas de Alicia e entro forte dentro dela. Ela está molhada pra caralho e pronta para mim, seu grito rouco ecoa no quarto. Meu pau está sendo estrangulado, e eu amo isso pra caralho.

Agarrando sua cintura, puxo-a para mim, encostando seus seios em meu peito, e faço-a sentar em meu pau, usando minhas mãos como alavanca para fazê-la subir e descer furiosamente sobre ele.

— Ah, bebê, como você é gostosa! — rosno quando mordo um dos mamilos que está bem na frente do meu rosto e chupo tão forte em minha boca que ela grita de prazer e dor. Estou no limiar de me perder completamente dentro dela. Seguro seu cabelo na nuca e capturo sua boca com a minha, mordendo e lambendo onde deixei minha marca em seus lábios. Quero marcá-la como minha, deixá-la louca por mim, para que nunca pense que pode me mandar sair de sua vida.

— Você é tão linda, meu amor... — digo de encontro

aos seus lábios, e eles se abrem para minha língua outra vez e tudo parece entrar em um frenesi louco. Nosso beijo fica molhado, louco; estamos ofegantes e loucos de tesão, meu pau fica mais duro, se possível, dentro dela. Estou prestes a gozar tão violentamente dentro do seu calor úmido...

— Bruno?! — a voz de Alicia me chama, e o toque de sua mão em meu peito me faz acordar do sonho molhado muito quente que estou tendo.

Merda!!

— Hummmm — resmungo frustrado.

— Você está bem? Estava parecendo que estava com dor — ela acende a luz ao lado da cama. Dor? Sim, muita, mas de tesão maldito. Nem em sonho estou gozando mais.

— Oh, sim, querida, estou com dor, muita dor. — estou com uma maldita tenda nas minhas calças de pijama, e isto dói pra caralho. Olho para ela, que está inclinada sobre mim com olhos preocupados.

— Onde é a dor, querido? — Ah, como minha Alicia está inocente. Pego sua mão e coloco em minha ereção.

— Bem aqui.

— Oh! Eu vejo.

— Humm — ela aperta em torno de mim e gemo involuntariamente. Ela trabalha a mão para cima e para

baixo no meu eixo.

Alicia tem evitado qualquer tipo de excitação, e sexo está definitivamente fora por tempo indeterminado. Mas isso é tão frustrante.

— Tudo bem, querida. Vou tomar um banho frio. — digo quando levanto dando um beijinho em seus lábios e fujo para o banheiro.

Serão os nove meses mais longos da minha existência.

E contado...

Dias depois

Estou na sala de espera da clínica do terapeuta aguardando Alicia, que neste momento está em consulta. Essa é a quarta vez que ela vem, e já vejo seu progresso.

Já não é tão frágil com essa coisa de perder o bebê. O Dr. Allan tem sido mais que um médico para ela, e esse terapeuta que ele indicou realmente tem feito um bom trabalho com ela. Já o Dr. Allan vem verificar a cada dois dias sinais de que ela possa abortar, exames não invasivos para detectar qualquer sinal de

sangramento. Ele faz isso para deixá-la mais tranquila. Mas tudo tem caminhado bem.

Porra! Felicidade pura e simplesmente me invade a cada dia que passa e ela continua com nosso filho dentro dela. Se eu disser que não tenho medo estarei mentido; morro de medo, mas não deixo isso transparecer para ela, nunca.

Quero ser o homem que vai estar lá para ela. Eu me surpreendo a cada dia comigo mesmo. Nunca pensei, nem um pouco, que estaria aqui nesse momento com qualquer mulher. Para ser claro, eu nunca tive a visão de um futuro para mim igual o que estou tendo com Alicia. A mulher me acertou em cheio, direto no meu coração.

Tem sido um passo de cada vez nas nossas vidas. Eu a convenci a ir morar comigo. Ela não queria, mas isso não teve argumento, afinal vamos ter um filho juntos e ela precisa de mim. Estou fazendo trabalho burocrático da empresa em casa, para que não tenha de deixá-la nem um minuto do dia sozinha. O risco ainda é muito grande de aborto nesses primeiros meses e nada pode ser negligenciado. Sou duro se ela faz qualquer coisa além de respirar.

Ela fica puta de frustração.

Por que as mulheres são tão independentes? Não tem essa de querer tomar banho sozinha, caramba! Eu não

perderia a chance de ter um gosto daqueles peitos redondos e duros pra caralho!

Droga, quem está duro agora sou eu com o pensamento dos peitos dela. Ajeito-me e olho ao redor da sala. Tem um casal sentado em outro conjunto de sofás à minha frente, e eles não estão olhando para mim. Bom. Já a recepcionista loira está me verificando a cada oportunidade detrás de sua mesa, conheço o tipo. Não muito tempo atrás eu já estaria com seu maldito telefone, mas agora eu prefiro as morenas de olhos esverdeados e temperamento de um estivador.

Bato com meus dedos impacientes. Nunca entrei nessas consultas com Alicia, eu prefiro não ir, é algo só dela e respeito sua individualidade, apesar de o terapeuta ter sugerido que eu poderia participar um dia, pois uma das razões de Alicia estar aqui é esse pavor de que eu não fique ao seu lado se ela perder o bebê. Tal qual o maldito Duran fez durante o casamento deles.

Mas sei que ela se sentirá melhor sem a minha presença. Suspiro quando olho ao redor e vejo que a recepcionista vem na minha direção.

— O senhor deseja que eu sirva um café? Água? — pergunta, solícita. Os olhos dela em mim oferecem mais que café.

— Estou bem, obrigado — dou um sorriso sem

muito entusiasmo para ela e levanto minha sobrancelha em questionamento quando ela permanece no lugar.

— Ok, qualquer coisa, mas qualquer coisa mesmo, pode pedir — ela dá um sorriso sedutor e volta para seu lugar. Tem outras pessoas na sala e ela não ofereceu nada? Ela poderia ser mais óbvia?

Quinze minutos mais tarde, Alicia aparece acompanhada pelo terapeuta. Depois de se despedir dele, levo-a para fora em direção ao carro, abrindo-lhe a porta e dando um beijo rápido em seus lábios, para depois dar a volta e sentar no banco ao lado.

— Tudo bem? Como foi essa sessão? — pergunto quando dou partida no carro, *Bronken Glass*, de Sia, começa a tocar assim que o motor ganha vida.

— Foi bem — ela fala depois de alguns instantes e estende sua mão, pousando-a em minha coxa, e esfrega seu polegar em círculos fazendo, junto com a música, que eu perca um pouco o foco do trânsito.

Tem sido quase dois meses que nós estamos tentando de verdade.

...

Então não desista, é só um romance de jovens amantes

Não estou te descartando como vidro quebrado

E vamos continuar juntos. Eu planejo ir devagar com Alicia, pois sei que ela ainda não está pronta para a próxima fase. No entanto, eu estou mais que pronto.

Eu tenho mantido Alicia em constante vigilância, ainda não confio que meu pai vai deixar as coisas assim, fáceis. Não sei se posso confiar na palavra dele. Bom, mas confio menos ainda em Deni.

Minha mãe me ligou, bem, quem ligou foi meu pai e a colocou ao telefone para falar comigo, e pediu para ver-me, mas ainda não aceitei. Não sei se posso esquecer o passado facilmente. Estou precisando de um terapeuta também. Sorrio com o pensamento.

Olho para Alicia e penso que nunca estive mais feliz do que agora. Só preciso dela junto a mim.

Estamos vivendo um dia de cada vez, mas minha fé em nós supera qualquer outro sentimento. E sinto que Alicia está no caminho para confiar mais em nós também.

Só precisamos ser fortes um para o outro. E vou ser forte para minha menina.

Ainda não sabemos o sexo do bebê, apesar das ultrassonografias que Alicia fez até agora. Não importa o que venha a ser, vamos amá-lo de qualquer maneira. Já

amamos.

40

*Amar pode curar
Amar pode remendar sua alma
E é a única coisa que eu sei
Eu juro que fica mais fácil
Lembre-se disso em cada pedaço seu
E é a única coisa que levamos conosco quando
morremos*

Ed Sheeran

Alicia

Suspirando, encosto minha cabeça no banco do carro enquanto Bruno nos leva para uma noite com seus amigos. Estou agora com quatro meses de gravidez, e a cada dia estou mais apaixonada por nosso filho. Digo “filho” porque não sabemos ainda qual o sexo, pois me nego a saber ainda. Não tem um único dia que eu não derrame litros de lágrimas pelo milagre que está acontecendo dentro de mim.

As coisas ainda estão meio loucas dentro da minha cabeça. Tenho pesadelos que me fazem acordar suando e com lágrimas nos olhos, porém são raros agora.

Segundo meu terapeuta, estou indo a passos de bebê

contra meus medos de o meu corpo não ser forte e eu perder meu filho.

É totalmente assustador. Sempre sonho que estou sangrando horrores, jorrando sangue por todos os lugares, choros de bebês, e depois estou correndo e correndo e nunca consigo encontrar o bebê que está chorando. É aterradora minha agonia, tremor me percorre e soluços saem de minha garganta enquanto deixo um rastro vermelho por onde passo no sonho.

Mas durante as noites que tenho esses pesadelos, sempre que acordo estou sendo abraçada por braços fortes, que estão ali para mim como prometido. São meses de aprendizado para voltar a depositar minha confiança em outro homem, mas eu não poderia pedir outro melhor. Bruno Ross se revelou meu homem dos sonhos, eu o amo feito louca, se quer saber. Ele pode ter sido um galinha mulherengo, mas comigo ele tem sido tão gentil e apaixonado que às vezes tenho receio de ter tanta felicidade

Virando minha cabeça, observo o perfil masculino e forte de Bruno. Ele bate os dedos no volante como se estivesse nervoso ou impaciente. Sua mandíbula está com uma leve barba sexy que o deixa mais gostoso, se isso é possível. Eu aboli o sexo, nem tento nada, Allan não liberou por ser minha primeira gravidez depois da

última cirurgia. Como não planejamos essa gravidez, Allan proibiu qualquer atividade, portanto, nada de sexo, mas Bruno também não estava reclamando.

Eu sabia que ele vivia em constante tensão, mas não queríamos correr riscos desnecessários e nosso filho é mais importante que sexo; haverá muito depois que o bebê nascer. Também estou frustrada com isso.

Vou ter de esperar meu bebê nascer para voltar a usufruir do meu homem. Estava ansiando por isso, não sou de ferro.

Eu amo saber que ele mudou tanto por nossa causa. Saber que antes de nós ele nem cogitou ter um relacionamento sério me faz sentir especial.

— Está me encarando — ele diz e dá uma rápida olhada para mim.

— Estou apreciando a vista. Que é linda daqui de onde estou — provoco, fazendo-o rir — Onde estamos indo exatamente?

— Os caras estão em um restaurante e bar com música ao vivo e karaokê — diz — Só não espere que eu cante, amor.

— Oh, céus, você acabou com a minha noite. Como não vai cantar?

— Sem chance, deixo isso para os outros — ele retruca.

— Estraga-prazeres! — Nunca o vi cantar nada, nem no chuveiro, por isso fico curiosa. Até o fim da noite quero vê-lo cantando.

Pouco depois, ele para o carro em uma rua em frente de um restaurante e abre a porta para mim. Estamos os dois sendo mais que cautelosos comigo, eu sinceramente sou a grávida mais neurótica da existência, e Bruno tem sido muito mais que eu nesse quesito.

— Tudo bem? — ele segura o lado do meu rosto e beija suavemente meus lábios antes de enlaçar o braço em volta de mim, me guiando para dentro do restaurante, deixando a chave com o manobrista.

É a primeira vez que irei como sua namorada passar uma noite com seus amigos. Esses meses que ficamos juntos não tivemos chance de confraternizar com nenhum; eu não saí muito de casa, tenho me mantido a mais reclusa das grávidas.

Não quero arriscar me aventurar, apesar das recomendações de Allan dizendo que tudo é coisa da minha cabeça, que não terei um aborto assim tão fácil, mas quem disse que o escuto? Muito menos meu amado segurança, que me apoia na decisão de ficar o mais quieta possível. Bruno acredita que não percebo sua ansiedade tão ou maior que a minha. Tem me tratado com tanto amor que às vezes penso que não mereço sua

total dedicação.

— Estou sim, querido, não se preocupe — digo quando me encosto mais em seu corpo duro e forte.

A recepcionista nos cumprimenta, e depois de Bruno dizer que temos mesa com os outros, somos levados para eles, que estão em uma área reservada.

Alex, Lana e Carl eu conheço, e o outro segurança, Salvatore, já vi algumas vezes. Ele tem uma loira ao lado, e suas mãos juntas só podem indicar que são um casal. Bruno cumprimenta todos e depois me apresenta.

— Alicia, você já conhece todos aqui menos Lilian, a esposa de Benacci — ele aponta a loira, confirmando o que eu já imaginava. Ela dá um sorriso sincero que eu retribuo.

— Seja bem-vinda, Alicia — ela diz, simpática.

— Obrigada, prazer em conhecê-la também, Lilian — digo e vejo Lana se levantar vindo em minha direção.

— Lana você já conhece. — diz Bruno rindo quando Lana me ataca em um abraço. Ela tem sido um amor indo me visitar sempre. Como minha cota de amigos está escassa, ela e Cindy são minhas amigas mais próximas.

— Você está tão linda, Alicia — Lana diz, jovial, me liberando do abraço. Depois se vira para Bruno: — Já você, feio como sempre.

— Patricinha, eu sei que você sente algo por mim —

Bruno pisca para ela, e Lana cora voltando a sentar — Deve ser algum amor mal resolvido pelo meu charme lendário.

— Vai sonhando... — ela sorri para mim quando fala. — Não sou eu que tenho o apelido "prostituto", hein, senhor Ross?

— Sou um homem totalmente regenerado. — ele retruca, brincalhão.

Sorrindo, sento na cadeira que Bruno puxou para mim. Cumprimento os homens e recebo acenos cordiais deles.

— Você disse isso para ela? — Bruno pergunta baixinho em meu ouvido — Golpe baixo, Viuvinha.

Antes que eu diga algo, Lilian chama minha atenção para ela. Não deixo de pousar minha mão em sua coxa e belisco forte. Ele apenas pega minha mão na sua e aperta suavemente, colocando em cima de seu pau. Oh, Deus! Maldito homem.

Olho ao redor para ver se alguém está vendo onde minha mão está.

— Tão bom tê-la conosco, Alicia. Estava começando a achar que você era fruto da imaginação. Todos falam de você, e eu não tinha tido a oportunidade de conhecê-la. — Lilian diz, alheia ao meu constrangimento momentâneo — E esse nenê? É um garotinho ou

garotinha?

— Ainda não sabemos. — digo, e sinto meu rosto esquentar. Droga, estou cheia de puritanismo hoje, mas conversar com amigos do seu namorado com a mão em suas partes Íntimas é novo para mim.

— Será um garoto, eu garanto — Bruno diz. Ele repete isso a cada minuto, acredita realmente que teremos um garoto.

Depois de mais um aperto sobre minha mão, ele a libera com um sorriso cínico para mim. Maldito safado!

Depois que estamos todos acomodados, o garçom vem anotar nossos pedidos. Observo o local e vejo que tem um pequeno palco onde tem um letreiro luminoso escrito “*karaokê a partir das 23h*”. São apenas oito da noite. Droga, provavelmente estaremos longe daqui quando começar.

O jantar foi extremamente agradável com os amigos de Bruno e que agora são meus também. Fico sabendo que Lilian, além de casada com Sal, é a recepcionista da empresa de segurança e que os dois tem uma longa história.

— Vamos marcar um dia de nos encontrar, Alicia, e fazer coisas de garotas, sem esses meninos por perto — ela diz em certo momento.

— Ela já me prometeu visitar a CASM — retruca

Lana — Quero suas ideias de organização de festas. Ah, e você irá organizar meu casamento, que será em breve.

— Breve quando? — pergunto. Ela começa a discorrer sobre o casamento e não para de falar até Alexander fazê-la parar quando a puxa para ele e a beija na nossa frente.

— Vocês dois podem, por favor, parar? Isso é constrangedor — Salvatore fala, mas os dois o ignoram.

— Alex! Isso é nojento!! — Bruno se junta a Sal para atormentar o casal apaixonado. Todos estamos nos divertindo enquanto seguimos com o jantar. Alex resolve soltar Lana, toda resabiada, de volta para sua cadeira.

Carl é o único caladão e pensativo, mas, durante o jantar, ele se retirou da mesa quando um som de piano começou a tocar nos alto-falantes do restaurante. Depois de um tempo que ele tinha saído, a música parou abruptamente e começou outra canção. Ele voltou com uma carranca pior do que quando saiu da mesa. Os outros não pareceram notar ou fingiram que não notaram seu retraimento na conversa. Olho para Bruno, que está me olhando com a testa franzida quando me pega observado seu amigo.

— O quê? — sussurro para ele.

— Não tente desvendar os mistérios do Carl, Alicia. O homem é uma fortaleza com sua vida privada — ele

sussurra de volta, apenas para mim.

— Não estou preocupada com isso — afirmo calmamente.

São dez horas quando Bruno anuncia que iremos embora.

— Alicia não pode se cansar muito — ele fala como se eu fosse uma mulher decrépita — Tenho de colocá-la na cama.

Isso gera um monte de sorrisos ao redor da mesa, e eu acabo vermelha mais uma vez essa noite.

— Bruno, não seja estraga-prazer, quero ficar para o karaokê, amor — digo gentilmente. Ele se recusa categoricamente em ficar e, pouco depois, nos despedimos de todos e saímos do restaurante para o ar frio da noite.

Bruno

Quando chegamos em casa, naquela noite, depois de jantar com nossos amigos e coloco uma Alicia resmungona na cama, dizendo que a trato como um bebê, recebo um telefonema do meu pai depois de meses sem notícia da minha família. Eu tenho mantido um olho sobre Deni e ele tem se mantido afastado de mim, o que é ótimo.

Vejo o número do meu pai e atendo depois do

terceiro toque. No íntimo não quero atender, mas acabo atendendo de qualquer maneira.

— Filho... — ele fala quando atendo. Eu sinceramente não gosto quando ele me chama assim, não soa genuíno — Que bom que consegui falar com você.

— O que posso fazer por você?

— Preciso que venha visitar sua mãe — ele diz, fazendo-me recuar. Não tenho vontade de ser o filho pródigo dos meus pais — Ela tem me enchido a cabeça com lamentações por você não falar com ela. Estou pedindo um favor, filho. Diga-me que virá falar com ela.

— Não posso prometer nada, veremos isso depois — não me comprometo aí, não sinto remorso por não sentir falta deles na minha vida. Talvez, no fundo, eles tenham feito um favor para mim em me afastar desse mundo alienado que eles vivem.

Depois de desligar, sem muitas delongas, volto para o quarto onde Alicia já está dormindo, mesmo que ela tenha reclamado que a trato como um bebê. Ela gosta desse cuidado. Depois de um banho, deito perto dela, trazendo seu corpo para junto do meu, sua barriga saliente é onde pouso minha mão. Meu filho! Beijo seu pescoço, inalando seu cheiro, e ouço seu suspiro. Mesmo em seu sono ela é receptiva a mim.

Amo essa mulher mais que minha vida. Eu

definitivamente estava esperando por ela por toda minha existência. Deve ser por isso que, antes dela, nada me segurava mais que uma noite de fodas aleatórias. Cada dia sinto isso mais profundamente dentro de mim.

— Te amo — sussurro antes que o sono me leve.

Quando o dia amanhece, levanto primeiro que Alicia. Hoje eu quero que seja um dia especial: iremos saber o sexo do nosso filho. Eu tenho certeza que será um garoto.

Estou na academia me exercitando quando a Luíza, nossa nova empregada, aparece na porta com o telefone sem fio.

— Senhor Marshall na linha — ela me entrega e sai.

— O que houve, garotinha? — graso debochado.

— Temos um problema. As câmeras do seu edifício pegaram uma imagem de seu irmão — Alex fala, e estou totalmente na conversa agora. — Ele esteve observando seu apartamento durante um tempo, depois foi embora. Acredito que pode querer fazer algo com Alicia ainda, melhor ter cuidado.

Filho da puta! Eu devia ter acabado com ele quando tive chance.

— Quer segurança de plantão aí? — Alex oferece.

— Não há necessidade, não saio para deixar Alicia sozinha.

— Fica alerta, Ross.

— Sempre.

Será que isso tem alguma ligação com o telefonema do meu pai ontem? Bem, espero que não.

Deni

Vejo quando eles entram na clínica do médico de Alicia, e a raiva me toma. Meu pai só fala nesse neto maldito e o quanto seu filho o orgulha. Estou inclinado a acreditar que meu pai me odeia.

Mas minha raiva maior está em Bruno, apenas por ele existir. Eu sempre soube que meus pais não me amavam como amava seu filho mais novo. Sempre era tratado diferente depois que ele nasceu. Mas agora tenho algo em mente que irá deixar meu papai orgulhoso do seu filho mais velho.

Bruno não existindo, eu fico com sua mulher e filho; simples assim. Ninguém nunca iria imaginar o que eu o fiz ou mandei fazer. Sumir com Bruno de uma vez por toda e "encarecidamente" assumir seu filho e mulher.

Eu só tenho que agir...

Bruno

— Oh, meu Deus! Que lindo, querido! — Alicia exclama amorosa e escandalosamente quando Allan para a ERA da ultrassom para ver o sexo do nosso filho.

As lágrimas descem abundantes por seu rosto vermelho de alegria. Minha fria cliente de outrora agora está lindamente exultante com a imagem na tela. Completamente tomada de um amor que irradiava por cada poro de sua pele lisa e que faz minha boca aguar com vontade de saborear cada pedacinho dela.

— Linda, você quer dizer, não é, mamãe? — Allan diz sorrindo.

— O que você quer dizer com isso? É um garoto!! — digo me inclinando para ver melhor — Estou vendo algo pendurado ali — aponto para tela na minha frente.

Não pode ser uma garota, isso é demais para minha sanidade mental. Futuro pai de uma garota? Oh, merda! Onde deixei a porra da minha pistola?

— Você quer dizer esse dedinho aqui? — Allan localiza uma mãozinha.

— Não, volte para baixo. Vi algo comprido balançando lá! — aperto meus olhos, tentando localizar o instrumento inexistente do meu filho.

— Ah! Sim, o cordão umbilical!! — ele provoca, sorrindo mais ainda.

Alicia está praticamente tendo convulsão de tanto rir.

— Ah, amor, sinto muito, você será pai de uma menina linda.

— Absurdo!

— Não diga isso, Bruno — ela reclama, mas tem um sorriso tão lindo no rosto que parece dividido em dois.

— Ainda acho que vi um membro ali pendurado. — insisto — Era grande como os dos homens da família Ross.

— Sim, sim, dois membros, as perninhas da bebezinha são bem fortes — ele graceja comigo. Realmente sou uma aberração. — E seu coração também. Conforme-se, Bruno, não foi dessa vez — Allan diz e tira foto da nossa nenê que está se mexendo com movimentos estranhos para mim, no útero de Alicia — Tudo está perfeito, Alicia. Continue indo assim e nascerá uma garotinha mais que saudável — Allan entrega guardanapos de papel para ela limpar a barriga, mas assumo isso, limpando cada coisa pegajosa que está em sua barriga proeminente.

— Bruno, sinto que não é um garoto como desejava — ela diz baixinho — Mas eu não me importo o que seja, o importante é que nasça saudável.

— Hey! Estava brincando com isso. Não importa, amor, agora serão duas para me manter na linha. — me curvo e beijo sua barriga — Argh! Isso é frio e nojento — sua barriga pegajosa me faz mudar meu foco de beijos. Beijando seus lábios, ajudo-a a colocar sua roupa de volta. — Quero que ela seja parecida com você, esses cabelos pretos e olhos lindos!

— Oh, céus, comigo não!

— Realmente, seu gênio não, amor! — ela bate em meu braço e eu rio quando beijo a ponta de seu nariz — Não importa, amarei qualquer coisa que venha de você, bebê. Você é minha. E nossa filha será mais do que bem-vinda.

— Oh, eu te amo tanto. — lágrimas descem por sua face, fazendo meu coração se contrair. Mesmo sabendo que são lágrimas de felicidade, não gosto da minha garota chorando. — Obrigada por existir, senhor Ross. Amo você mais a cada dia. Sabe disso, não é?

— O que seria de você sem mim? — gracejo, fazendo-a esquecer as lágrimas.

Pouco depois estamos sentados em frente ao médico, recebendo conselhos para a nova etapa da

gravidez. Estou feliz para caralho! Mesmo querendo um garoto.

— Alicia, você está liberada para algumas atividades leves, não fique tão parada até o parto — ele diz — Não vá a nenhuma maratona e estará tudo certo.

— Allan, sei que maratona está fora das atividades, mas diga-me — sorrindo largamente, me inclino para o médico — Sexo pode?

— Bruno!

— O quê? Por acaso você não está com vontade? — viro para uma Alicia vermelha ao meu lado — E não me diga que não, ontem mesmo você estava me apalpando em pleno jantar com nossos amigos.

— O quê? — ela está de olhos arregalados, indignada — Você que colocou minha mão lá.

— Sério? Não me lembro disso, apenas de sentir sua pequena mão me apertando deliciosamente — Alicia é tão fácil de provocar. Olho para Allan, que está sorrindo olhando para nossa interação. — Allan, como um bom médico que sei que você é, diga-me se posso atender minha mulher, ela está voraz e me atacando em público.

— Oh, Deus! Juro que acabo com você, Bruno Ross — ela fala indignada. Eu apenas faço um gesto para o bom doutor, como quem diz: "estou te falando".

— Nesse caso, aconselho algumas pequenas

atividades, mas nada que quebre as paredes ou destrua as camas — ele diz — Não vejo nada que impeça sexo cuidadoso. Qualquer dúvida pode me ligar.

— Oh, não será necessário, a última coisa que irei pensar é em você, Allan — Alicia agora é um lindo caqui de tão vermelha que está ao meu lado. — Você já tem feito por nós mais que um médico faz por seus pacientes.

— Alicia, além de minha paciente, tornou-se uma amiga. E você também, Bruno. — ele estende a pasta onde tem fotos e a gravação da ultrassonografia. — Aqui.

— Obrigada, *doutor* — Alicia pega os objetos e, depois de mais algumas recomendações, Allan dá por encerrada a consulta, então levo Alicia para o carro.

Querendo comemorar as boas notícias, de que não há nada de errado com o bebê, levo Alicia para fazer algo que ela tem desejado como uma lunática: ir à empresa onde Marcos, junto com um novo gerente, tem assumido toda administração. Eu não permiti que Alicia fosse lá, certamente ela não cumpriria as recomendações médicas de ficar quieta em repouso. Sou um tirano, pode acreditar. Sorrio, pois sei que isso para ela é melhor que um diamante raríssimo.

— Aonde vamos? — ela se encosta no banco

esfregando a barriga, um ato inconsciente que ela faz a cada minuto. — Estou morrendo de fome.

— Logo verá, bebê — estendo minha mão e acaricio seu joelho. Levo um tapa na mão, fazendo-me retirá-la imediatamente.

— Tarado! Depois sou acusada de assedio sexual! — ela diz, me fazendo gargalhar — Como ousa dizer aquilo, Bruno Ross? Que mentiroso! Sou a única que foi assediada pelo senhor.

— Lembro-me de uma mão me apalpando — estou rindo quando, cerca de quinze minutos depois, paro o carro na frente da pequena empresa de eventos de Alicia.

— O que estamos fazendo aqui? — Ela já tem a mão na maçaneta da porta, abrindo-a.

— Espera, vá com calma — digo segurando seu braço, impedindo que ela saia. Saio em seguida e ajudo-a a sair do carro, guiando-a para dentro de prédio.

— Achei que você gostaria de dar uma passada aqui hoje — com minha mão em sua cintura, me inclino para beijar sua fronte, sussurrando: — Depois podemos comemorar só nós dois.

— Obrigada, querido, você é o melhor — ela para e fica nas pontas dos pés para alcançar minha boca. Beijando-a de volta, gemo em deleite. Seu sabor me deixa louco.

— Bebê, não faça assim — dou um passo para trás — Podemos ser presos por atos ilícitos na rua.

— Não estamos na rua, estamos em meu próprio prédio — ela olha ao redor e fica rubra quando vê seus próprios funcionários nos observando. — Oh, Deus, Bruno! Você está quebrando todos os recordes de me fazer passar vexame hoje.

— Não tenho culpa se você não resiste a mim, querida — piscando, a puxo o resto do caminho para cumprimentar seus funcionários.

Ao longo da próxima hora, ela parecia uma criança em festa de doces, se inteirando de todo o andamento dos eventos agendados enquanto conversava com Marcos e o novo gerente.

Aproveitei e fiz algumas ligações. Eu precisava terminar algumas coisas inacabadas com meus pais. Ver minha filha hoje, através daquela tela, me fez perceber que não quero um futuro cheio de raiva para ela. Se eu tiver que ir ver minha mãe e ter uma conversa com ela, é o que farei. Converso rapidamente com meu pai e digo que irei à sua casa no próximo fim de semana.

— Traga sua namorada com você — ele pede.

— Por quê? Está planejando um novo sequestro? Ela não pode — digo, seco. Ele que não pense que pode chegar perto da minha filha ou de Alicia.

— Pensei que isso já estivesse resolvido, filho.

— Longe disso. Assustar e colocar em risco a vida do meu filho foi imperdoável — corto de maneira nada agradável — A única coisa que me faz ainda falar com você, é você continuar se mantendo longe dela.

— Tudo bem, não quero que desista de vir ver sua mãe. Só era uma ideia para que nós a conhecêssemos melhor. E para que eu possa me desculpar pela forma que a tratamos.

— Não se preocupe com isso, ela não se importa com vocês — suspiro entediado com essa merda de conversa — Tenho de desligar.

Desligo sem esperar resposta. Quero me manter distante, pois quando os federais caírem em cima não quero associações com qualquer um deles. Depois de mais duas ligações, volto para perto de Alicia.

— Está na hora de irmos. Você parece cansada, e ainda temos outro lugar para ir — passo meu braço ao redor dela e olho para Marcos — Queira nos desculpar, mas Alicia ainda não pode se cansar muito, e voltar a trabalhar está fora de questão por enquanto.

— Poderia sim, tem serviços aqui que não irão me matar, você sabe — ela me contradiz — Agora, se você é do tipo machista que não permite mulher trabalhar, é outra história, senhor Ross.

— Eu? Machista? Sinto-me abalado com essa acusação — rio cinicamente para ela — Amor, o trabalho pode esperar.

Merda, ela tinha razão. Eu a prefiro em casa por pura razão machista mesmo, mas nada tem a ver com ela não trabalhando. Tenho um tipo de trabalho específico para a viuvinha.

— Tudo bem, temos dado conta, apesar de muitos clientes estarem sentindo sua falta porque você tem um jeito especial com eles — Marcos diz — Não se preocupe, Alicia!

Alicia

Trazer-me aqui foi um gesto maravilhoso de Bruno, isso prova que ele está sintonizado com meus profundos desejos. Que esses meses de convivência tem feito ele me conhecer.

— Obrigada por isso — digo quando saímos mais tarde e ele me leva para um almoço em comemoração de mais uma nova etapa com meu filho bem em meu corpo.

Filha! Sinto os olhos encherem de lágrimas. Nunca chorei tanto na minha vida como tenho feito de um tempo para cá. Cada vez que penso sobre a minha vidinha dentro de mim, as lágrimas vêm sem que eu tenha controle sobre elas. Mas não me importo, porque

são lágrimas de alegria, felicidade e um emaranhado de sentimentos que mais parece um cocktail de emoções. Amor de uma maneira tão pura que sinto meus pelos eriçarem de tão envolvida que estou nisso, em estado de "fofura" o tempo inteiro.

Eufemismo dizer que o homem ao meu lado é, em sua maioria, o responsável por parte dessa felicidade e amor. Bruno fez meu mundo tornar-se belo, e tudo passou a fazer sentido em minha vida.

O restaurante é simples e convidativamente familiar. Olhando ao redor, fico imaginando por que ele me trouxe aqui.

— Tudo bem? — Oh, Deus, ele não para de perguntar isso a cada minuto!

— Ross, seu cuidado comigo é tocante — digo — Mas você é tão exagerado.

— Não é exagero, é só cuidado com você e nossa filha.

Uma garçonete chega ao lado da nossa mesa e entrega um cardápio, dizendo que virá logo em seguida anotar nosso pedido. Quando ela nos deixa a sós, digo:

— Por que me trouxe aqui exatamente? Poderíamos almoçar em casa, não quero sair da minha dieta.

— Alicia, você ainda precisa trabalhar seu lado megera — ele ri, fazendo meu coração dar cambalhotas;

amava seu sorriso — Eu quero apenas brindar a nós. Nossa pequena família. A você e a pimplinha que vem por aí.

— Oh, você é tão fofo, Ross.

— Fofo? Você acaba com minha masculinidade! Sou todo macho, amor.

— Disso não tenho dúvida! Mas sério, há um motivo especial para vir aqui?

— Nenhum motivo escuso, apenas um momento fora de casa para comemorar a boa saúde de nossa filha — ele encosta na cadeira e me olha com amor visível em seus olhos cobalto — Você me faz feliz, Viuvinha.

— Prostituto, esse nome ridículo não tem mais graça — rio apesar do mau gosto dele — Isso é mórbido!

— Ah, não, José de Alencar me inspirou para esse apelido — ele garante sério, me fazendo rir.

— Sério isso? Vai culpar o coitado por esse mau gosto?! — exclamo com fingida exasperação.

— Ora, se ele pode ter uma viuvinha, eu posso ter a minha também — fazendo sinal para que a garçonete venha anotar nosso pedido, continua: — Mas ele não era tão sortudo assim igual a mim, bebê.

— Oh, definitivamente fofo, Ross, mas te amo assim mesmo — gracejo.

Durante o almoço, ele continuou bem descontraído

com suas gracinhas, me fazendo rir. Era tão bom relaxar e aproveitar este momento único com ele. Sinto-me feliz como nunca estive antes.

Bruno

Hoje os caras estão reunidos em um encontro de bebedeira de final de sexta-feira e, como parte da turma, estou aqui, mesmo que minha cabeça esteja em casa.

Eu estou um merdinha sentimental, quem diria isso? *Meu Passado me Condena*, esse sim é o nome de filme de Hollywood para minha vida antes de Alicia, mas hoje estou para *Meu Presente é Minha Perdição*. A mulher me tem enrolado em seu dedo e vem outro dedinho para me dominar, mas eu sou apaixonado pelas duas de qualquer maneira.

O bar onde estamos possui dois ambientes: strippers dançando em cima de um palco de um lado e do outro tem telas de TV's onde passam jogos e notícias, que é onde estamos agora. Que nossas mulheres não saibam onde estamos hoje ou estaremos em maus lençóis. Carl é o único solteiro aqui. E ele está bebendo um drink atrás do outro.

— Bruno, você está com a cabeça onde? — Benacci pergunta, acertando meu ombro com um soco — Deixa

aquela mulher em paz uma noite!

— Foda-se — digo quando volto minha atenção para os babacas na minha frente — O quê? — pergunto, pois todos estão me olhando como se estivessem esperando uma resposta que eu não sei qual é.

— Queremos saber quando será o grande dia — diz Alex bebendo sua cerveja.

— Grande dia de quê? Perdi algo? Tem um grande cliente que precisamos trabalhar que eu não sei? — fico confuso, já que não sei que porra significa o grande dia. Os caras caem na risada. — Falem logo, seus imbecis!

— O grande dia do seu casório — esclarece Carl com a voz um pouco arrastada — Estamos prontos para sermos os padrinhos, basta dizer o dia que estaremos lá. Para consagrar o amor!

Casamento.

— Humm — começo — Bem, ainda não sei, outro dia quase a pedi em casamento durante um almoço, apenas não fui até o fim. Levei-a lá para pedir que casasse comigo, porém voltei atrás. Ela merece flores e todas essas coisas de romance, apenas não sei o que fazer. — digo virando o resto de minha bebida e sinalizando para mais uma ao garçom — Alicia não estava pronta naquele momento, de qualquer maneira.

— Você perguntou para ela? Talvez seja você que

não queira casar, Ross, que não está pronto — Alexander sugere — Ela talvez não queira nada disso. Um simples pedido pode fazer o mesmo efeito que um anúncio no telejornal.

— Boa ideia, Alex — Benacci ri do outro lado da mesa — Isso é original, hein! Se quiser ajuda, estou aqui.

— Vocês todos viraram uns babacas sentimentais — diz Carl, nos surpreendendo. Ele sempre permanece calado quando o assunto é mulher — Supervalorizam o amor quando ele nada mais é que um rótulo para justificar tanta baboseira e, no fim, não dá em nada. Absolutamente nada!

Own! Alguém está amargurado hoje. Olho para Carl e noto que ele está bebendo mais que o habitual e, pelas suas palavras, está ficando alto.

— Desde quando você é expert nisso, cara? — Salvatore o encara — Eu amo minha mulher e isso não faz de mim um idiota.

— Não? Depende da perspectiva, meu caro — Carl retruca e o encara friamente quando diz: — Não foi ela que matou o seu filho e você continua idolatrando-a? Para mim isso é baboseira.

Vejo Benacci levantar, e sei que isso pode acabar mal. Fale o que quiser dele, mas não toque na sua loira

platinada. Ele perde a cabeça *facinho, facinho*.

— Nunca mais se atreva a insultar minha mulher ou quebro esse seu nariz empinado do caralho! — Sal murmura furiosamente. Sua raiva está exposta em seus olhos quando se inclina na mesa para ficar no mesmo nível de Carl.

— Quero ver você tentar — Carl diz displicentemente, como se estivesse pedindo por uma briga. Tem algo de errado com ele hoje, isto é certo.

— Muito bem, meninas, já chega — digo quando coloco a mão no ombro de Sal, fazendo-o sentar — Fica calmo aí, fanfarrão. Você não quer que sua loira fique sabendo que estava no bar cheio de strippers e, além disso, brigando igual um Pit Bull raivoso.

— Algo está errado, Carl? — Alexander deve ter notado também que algo não estava bem com nosso amigo — Você está precisando de férias, talvez?

— Quando quiser eu aviso, senhor presidente — diz sarcástico — E não tem nada de errado comigo.

— Não? E desde quando você anda bebendo? Isso não é seu estilo, O'Neill — digo e vejo-o ficar tenso na sua cadeira.

— Não interessa — ele resmunga baixo, cheio de sentimentos não ditos, e volta sua atenção para o copo à sua frente. Ele olha o fundo do copo como se de lá fosse

sair respostas para a fome do mundo.

Depois disso voltamos a conversar animadamente. Eu fico relaxado por algumas horas, sabendo que Alicia não está só. Matt está com sua irmã, isso me deixa mais tranquilo para sair com meus amigos por uma noite. Sorrio, lembrando do quanto ela acabou comigo depois da consulta naquele dia.

A cada oportunidade que estivemos em público, ela dava um jeito de pôr suas mãos sobre mim. E quando eu começava a entrar no jogo, ela fazia cara de paisagem e retirava sua mão de minha ereção. Mulher vingativa! Mas isso era bom, porque eu tinha resolvido que deixá-la excitada contava ao meu favor.

Novidade, novidade, eu não estou tomando banho frio. Sexo sem penetração tinha suas vantagens e uma boca pecaminosa também. O pensamento me deixa meio ericado!

Na TV, que estava ligada onde passava um jogo, entra o comercial e o locutor começa a anunciar um concerto musical que irá acontecer amanhã em algum lugar da cidade. Eu apenas escuto o estilhaço de vidro se quebrando para depois observar sangue saindo da mão de Carl, que tem a mão ao redor do copo agora quebrado.

— Que merda, cara! — todos nós levantamos da

mesa para verificar o estado de O'Nell, que está com olhos vidrados na tela da televisão.

Sigo seu olhar e vejo a musicista que fará a apresentação amanhã. Que diabos significa isso? Volto a olhar para Carl, e nunca vi tanto ódio nos olhos dele. O cara não sentiu nem o corte em sua mão.

Voltando à realidade depois que a imagem dela some da tela, ele fixa os olhos na mão ensanguentada, pega um guardanapo e tenta secar o sangue que não para de sair. Um garçom aparece com uma toalha, que ele enrola na mão sangrenta.

— Devia ir ao pronto-socorro, O'Nell — Alexander fala.

— É apenas um arranhão! — Carl contesta com raiva contida, depois fica apático e pensativo. O olhar fixo no vazio.

Ele é o cara mais estranho que já vi. Não conheço muito da vida pessoal dele, apesar de sermos amigos há algum tempo. Ele mantém a vida pessoal isolada de todos nós. Hoje foi a primeira vez que o vi perder o controle assim.

O corte realmente não foi profundo, mas ele deveria ir desinfetar isso, no entanto ele fica lá sentado sem se mexer por um longo tempo. Depois desenrola a mão da toalha e levanta da mesa nos deixando estupefatos

quando segue para o outro lado do bar onde estão as strippers e dançarinas fazendo lap dance. Pouco depois ele tem uma mulher em seu colo em uma dança que mais parece um acasalamento.

— O que diabos deu nele? — Benacci fala ao nosso lado, onde assistimos Carl recebendo a dança superquente. Mas é seu rosto que chama a atenção. É totalmente sem expressão, como se nada o afetasse. Mesmo que a mulher esteja esfregando a bunda em sua virilha.

— Acho que tem a ver com a mulher do comercial — digo virando para encarar Alexander e Sal. — O cara pirou quando a viu na TV.

Ficamos nós três confabulando a melhor história para Carl e a musa do piano.

São duas da madrugada quando saímos do bar. Como todos tomamos álcool, seguimos para o serviço de táxi. Menos Carl, esse tinha saído à tiracolo com a dançarina.

Entro no táxi e vou para casa. Não lembro uma época que entrei em um táxi desses sozinho, depois de ter estado em um bar cheio de mulheres disponíveis.

Agora, eu tenho uma única para voltar.

Alicia

Os meses seguintes foram lindos com a preparação para a chegada da minha filha.

Sem que nada tenha sido acordado ou falado, estou morando com Bruno definitivamente. Ele não fala em casar, mas eu também não toco no assunto. Para ser sincera, não preciso disso; casamento não é algo que me atrai tanto. Prefiro viver assim, em harmonia comigo mesma e com um homem que me agrada além da conta.

Estou indo para um jantar com Bruno, ele diz que será o último que fará comigo com a barriga enorme. E, sim, minha barriga está tremendamente gigante, minha filha está enorme. Estou com trinta e nove semanas e posso ter minha filha a qualquer momento. Meu rosto se divide em um sorriso. É também meu aniversário, e ele quer que seja especial.

Colocando um brinco de diamante na orelha, observo quando Bruno vem para dentro do quarto e para atrás de mim. Ele retira do bolso um colar de pequenas turmalinas azuis esverdeadas e cravejadas com minúsculos diamantes que brilham para mim.

— Feliz aniversário, bebê — ele beija meu ombro enquanto coloca a joia em meu pescoço — Seus olhos parecem turmalinas. Esse colar foi feito especialmente para você. — ele sussurra em minha orelha antes de chupar em sua boca o lóbulo, fazendo-me tremer e soltar

um gemido involuntário.

— Isso não é justo, Ross — murmuro dengosa — Obrigada pelo presente, ele é lindo! Amei, querido.

— O melhor para você — ele me vira em seus braços e espalha beijos por meu pescoço e queixo, beijando lenta e sedutoramente o canto dos meus lábios. — Pronta? — quer saber com sua boca praticamente colada à minha e sua ereção pressionando minha barriga.

— Muuuito — devolvo maliciosamente quando beijo sua boca. Sua língua varre a minha boca com ganância sedutora.

Depois do que parece uma eternidade, nós nos separamos ofegantes. Estamos atrasados para o jantar. Acabo de colocar os brincos de turmalinas. Eles são discretos e fazem par com o lindo colar. Bruno deve ter gasto uma fortuna com esses presentes.

O restaurante que fomos me surpreende porque é o mesmo que viemos meses atrás com nossos amigos. Aquele que tem karaokê a partir de certa hora da noite e cujo eu não tive a oportunidade de ver Bruno cantar.

Seguimos para a mesa indicada pela recepcionista e fico emocionada por ver todos ali e mesas conjugadas para que fiquemos todos juntos. Matt e sua nova namorada, Marcos, Alexander e Lana, Sal e Lili, Carl e Cindy, todos com sorrisos sinceros para mim. Lágrimas

encharcam meus olhos e, quando sou parabenizada por todos, sinto que irei estourar de felicidade.

Ah, esqueci que Connor está aqui também. Alguns meses atrás, ele veio se desculpar por deixar Deni me levar naquele dia para casa de seu pai. Eu não o culpava por nada. Afinal, que culpa ele tem se Deni é um louco? Não ouvi falar nada a respeito dele mais, melhor assim.

O jantar é cordial e estou feliz por Bruno ter a sensibilidade de convidar todos para comemorar conosco. Não lembro quando foi a última vez que meu aniversário foi tão divertido. Ele senta ao meu lado com uma mão grudada na minha, seu polegar a acariciando todo o tempo. Estamos quase terminando o jantar quando ele sussurra ao meu ouvido:

— Vou ao banheiro, não fuja daqui — ele levanta e sai. Sigo-o com os olhos, e quando volto a olhar ao redor, tenho uma plateia me olhando com olhares risonhos. O quê? Perdi algo?

— Vocês dois são tão lindos juntos — Lana diz, sonhadora — Apenas perde para o meu Alex e eu, que somos lindíssimos juntos.

— Sim, claro, você não é nada modesta, garotinha! — Alex diz, e todos riem. A música ao vivo que estava sendo tocada para e uma voz anuncia que, atendendo a um pedido, o karaokê começará mais cedo essa noite.

— E já temos o primeiro candidato dessa noite a postos — a voz do homem anuncia — Divirtam-se!

Estou rindo porque irei pedir que Bruno cante hoje, não há como ele fugir. Uma música começa a tocar. Viro de frente para o palco, pois estava de lado. A voz familiar começa a cantar

—To really love a woman
(Para realmente amar uma mulher)

Volto minha total atenção quando, passando a primeira parte, uma voz de Bruno sai do microfone.

When you love a woman
(Quando você ama uma mulher)

You tell her that she's really wanted
(Diz a ela o quanto é desejada)

Oh, Deus! Bruno...

When you love a woman
(Quando você ama uma mulher)
You tell her that she's the one

(Diz a ela que ela é única)

Não aguento mais chorar... ele não devia fazer essas coisas. Mesmo sua voz não sendo tão espetacular, a emoção contida nela me arrepia e energiza toda minha alma. *Você também é meu único*, digo mentalmente para ele.

*She needs somebody, to tell her that it's gonna last
forever*

(Ela precisa de alguém pra dizer-lhe que durará pra sempre)

As lágrimas que tento conter jorram por toda minha face.

To really love a woman
(Para realmente amar uma mulher)

Let her hold you
(Deixe que ela te abrace)

Till you know how she needs to be touched
(Até você saber como ela precisa ser tocada)

You've got to breathe her, really taste her
(Você tem de respirá-la, tem de sentir seu gosto)

Till you can feel her in your blood

(Até senti-la em seu sangue)

*And when you can see your unborn children in her
eyes*

(E quando vir seus futuros filhos nos olhos dela)

You know you really love a woman

(Você saberá que realmente ama uma mulher)

— Case comigo, bebê. Eu apenas sei que amo você.
— quando ele chega perto da mesa, onde vem cantando e quando percebo o que ele vai fazer, eu levo minhas mãos à boca e meus olhos se arregalam, surpresos. Não acredito que ele vai fazer isso aqui e agora. Deus, meu prostituto é louco. — Depois que te conheci, escutei essa música apenas uma vez e disse a mim mesmo que ele não sabia porra nenhuma sobre as mulheres. Alicia, eu estava enganado. Quando a gente ama uma mulher, nós dizemos para ela o quanto ela é única, que é desejada e que permaneceremos juntos não importa o quê. Então, casa comigo? Você é a única para mim.

Deus, ele realmente fez isso aqui? Tento ficar de pé, mas ele vem para junto de mim ajudando-me a levantar, e não dou chance nenhuma a ele quando enlaço seu pescoço com meus braços, enterrando meu rosto em seu peito. Meu rosto está quente, devo estar tão vermelha!

— Você não respondeu, bebê — ele diz no meu

ouvido.

— Você tinha que fazer isso assim? — eu levanto meu olhar para seu olhos azuis, olhando o fundo de sua íris que amo tanto — Você também é meu único. Eu...

Estou paralisada para dizer a palavra.

— Eu o amo mais do que você imagina. Sim, eu caso com você, se me tirar daqui agora! — digo isso sussurrando para que as pessoas ao nosso redor não ouçam meu apelo ridículo.

Ele apenas ri de mim, como sempre.

— Não seja boba, são nossos amigos — ele levanta meu queixo e me beija profundamente, fazendo-me esquecer quem quer que seja.

— Ross, essa é minha irmã. Menos cara, bem menos — a voz de Matt me faz sair do torpor que estou, essas brumas cor de rosa que estou agora são muito densas. — Ela precisa de um anel. Eu não acredito que você teve coragem de cantar, mas não comprou um anel?

— Claro que tem um anel, não faço nada pela metade — ele garante. Puxando um anel idêntico ao meu colar e brincos, ele segura minha mão, onde o enfia no meu dedo. — Agora não pode mais mudar de ideia.

— E quem disse que vou?

Agora somos os dois parabenizados por nossos amigos. Champanhe é aberto em comemoração, e brindo

com minha água.

— Você não é tão terrível cantando — digo para ele depois que as coisas voltam ao normal na mesa. — Você planejou isso?

— Claro que sim — ele me puxa mais para perto, depositando beijos em meu ombro desnudo. Meu vestido azul turquesa de um ombro só foi feito para acomodar minha gravidez.

A noite acabou sendo perfeita. Quando finalmente todos caminhamos para fora do restaurante, não imaginei que minha noite pudesse me abalar mais que tudo que tinha acontecido até então. No entanto, me enganei.

Caminhamos para o estacionamento, mas todos paramos quando vimos Deni encostado ao carro de Bruno.

— Ora, ora, se não é a turminha da Mônica! — ele ri da própria piada. Está bêbado? Ele cambaleia para frente, fazendo todos ofegarem quando percebemos a arma em sua mão. Ele aponta para Bruno e eu paraliso.

Deus, não!!

— Então, irmãozinho? — ele arrasta as sílabas grosseiramente. Seu terno de grife está um pouco abarrotado, sua semelhança com Bruno está longe de ser vista agora, pois a carranca dele deforma suas feições que são tão parecidas com a de Bruno. — Pronto para

dizer adeus à sua filha? À sua namorada?

— O que você está fazendo, Deni? — a voz de Bruno, por mais dura que esteja, tem uma nota de pânico, e sei que é por mim, que ele teme por nossas vidas, minha e de nossa filha. — Solte essa maldita arma.

Deni ri. Estou tremendo tanto que minhas pernas falham debaixo de mim, fazendo-me segurar o braço de Bruno com tanta força que devo o estar machucando. Sinto alguém se aproximar de mim do outro lado, mas não tenho coragem de tirar meus olhos do louco à minha frente.

— Eu vou soltar quando você estiver morto, seu maldito imbecil! Quando você desaparecer e nosso pai deixar os negócios enfim para mim. Ter o controle de tudo sem interferência do filho mais novo idiota que não quer assumir nosso negócio, mas que ele deseja tanto isso de você que fica cego para mim, que estou sempre fazendo tudo por ele! — ele berra furioso, gesticulando com a arma. Cada vez que ele a aponta para nós eu tenho um pequeno enfarto.

— Eu que assumo riscos, dou minha cara a tapa por nosso legado, e você, o que faz? Ah, simplesmente abandona tudo e vai embora, esquece que tem uma mãe e todo o resto, mas, mesmo assim, ele quer você lá para

ser a porra do mandachuva do negócio que fiz questão de aprender desde cedo. Você apenas joga isso na nossa cara. Esnoba! Então, quando você não existir, ele me fará o único herdeiro do que já me pertence!

— Você é um doente, Deni! — Bruno tenta me empurrar para trás dele, mas eu finco meus pés no chão, não permitindo que ele se faça de escudo para mim.

— E você é um fodido babaca, irmãozinho — ele rosna, e sua raiva é tão latente.

— Bruno?! — chamo, porque estou perdendo os sentidos. Não quero distrair Bruno para que ele venha a se ferir por minha causa.

As coisas parecem acontecer em câmera lenta quando eu simplesmente apago de nervosismo. A última coisa que vem em meu pensamento é a minha filha.

Eu acordo para dar com luzes passando rápido por cima de mim e vozes alteradas ao longe. Eu tento voltar à realidade, mas não consigo sair desse limbo entre a consciência e a inconsciência.

Bruno

Estou apavorado quando pego Alicia nos braços e entro no carro com Connor dirigindo como um louco e a buzina escancarada para os motoristas abrirem caminho.

Ainda bem que existe um hospital a poucos quarteirões de onde nós estávamos. Chegamos em pouco minutos, e ela é levada para ser atendida o mais rápido possível. Quando ela desmaiou praticamente aos meus pés, eu entrei em pânico achando que Deni havia atirado nela e não visto, apesar de não tirar os olhos dele.

Maldito louco! Mas o desmaio de Alicia veio a calhar, sua distração foi suficiente para que Carl dominasse o idiota. Eu estava muito ocupado pegando Alicia em meus braços para me importar com qualquer outra coisa ao redor.

Ando de um lado para outro na sala de espera onde estão chegando nossos amigos, menos Alexander e Carl. Benacci entra junto com Lillian e Lana. Matt e a namorada vêm logo depois, e ele parece tão apavorado quanto eu.

— Como está minha irmã? — indaga quando chega

perto.

— Sendo atendida, ainda não sei como está — digo voltando a caminhar de um lado para outro. Agarrando meu telefone, e disco o número do meu pai, que atende quase que imediatamente.

— Eu te pedi para deixar seu maldito cão de guarda longe de Alicia! — eu esbravejo e saio para outro corredor quase vazio do hospital — E você simplesmente não o manteve na coleira. Se algo acontecer com ela, eu juro que vocês todos irão pagar por isso.

— Do que está falando, filho? — ele pede.

— Estou apenas avisando, senhor Ross — enfatizo nosso sobrenome, pois sei que ele detesta quando o chamo assim. — Ligue para seu filho.

Desligo o telefone e volto para a sala onde tudo parece igual a um minuto antes.

Eu estive com meu pai meses atrás, fui lá conversar com minha mãe, e na ocasião pedi que se mantivesse longe de Alicia, pois sei que não quero minha mulher e filha contaminada por ele, mas isso hoje foi demais.

Ver minha mãe e conversar com ela não mudou muito o conceito de família desajustada que eu tinha sobre a minha, penso enquanto me perco nas lembranças do dia em que finalmente fui visitá-la.

Eu paro o carro na frente da casa da minha família e respiro fortemente. Isso poderia ser pior.

Seguindo para dentro, já encontro minha mãe esperando por mim na sala. Ela parece elegante como sempre, mas tem um ar melancólico em suas feições que me abalam um pouco por ter sido tão duro com ela todos esses anos. Quando digo duro, foi por não falar com ela quando fez algumas tentativas de termos um diálogo. Porém estou aqui agora, e isso é muito para alguém que prometeu a si mesmo que não voltaria jamais a essa casa.

No entanto, um homem pode mudar de opinião, afinal ela é a mulher que me trouxe ao mundo, e apesar de tudo a amo, mesmo quando isso me machuca para caralho!

— Mãe — digo à guisa de cumprimento — Bom ver você.

Ela caminha em minha direção e envolve seus braços em torno de mim. Eu fico duro no lugar, sem coragem de devolver o abraço. Quando ela percebe minha falta de reação, se afasta pedindo:

— Desculpe, filho. Eu só quero abraçar você, faz

tanto tempo — tenho um nó em minha maldita garganta. As mãos dela estão trêmulas quando me convida para sentar. — Você quer algo para tomar?

Não sou uma maldita visita de clientes do papai, tenho vontade de dizer.

— Não, estou bem — sentando no sofá, continuo: — Mãe, não posso demorar tanto tempo.

— Sim, claro. Como está sua namorada? Espero que o bebê esteja bem — ela dá um sorriso frágil. — Não tive a oportunidade de vê-la.

— Qual hora você queria vê-la? Quando ela estava sendo ameaçada por seu marido? — ela se encolhe visivelmente.

— Está atacando sua mãe, Bruno? — a voz do meu pai é como um chicote permeado de insatisfação pela minha grosseria — Devia ter mais respeito por ela.

— Tudo bem, eu o entendo — ela me defende — Sou a única responsável pela atitude dele. Em todos esses anos desde quando você o mandou embora, não o defendi. Sou a única que não teve a coragem de ser uma mãe melhor. Que coloquei o amor pelo meu marido na frente do amor pelo meu filho. Se você me odeia, querido, eu não posso te julgar, você teria razão. Não te protegi como deveria.

— Não fale bobagens, você não fez nada errado —

meu pai vai até onde ela está e senta ao lado dela, segurando suas mãos — Eu que fiz quando o mandei embora. Não se culpe assim, querida.

Minha mãe me olha firme quando diz:

— Quero que nos perdoe e volte para casa, filho.

O quê? Sem chance. Perdoar até poderia. Voltar? De jeito nenhum.

— Já tenho minha própria família — escorando meus cotovelos nos joelhos, me inclino para frente — Mas não se preocupe, não tenho raiva de você, mamãe, apenas aqui não é mais meu lugar. Não quero que fique pensando que te odeio, claro que não, eu nunca odiei você. Estava ferido por sua indiferença quando saí daqui anos atrás, mas agora sou adulto e tenho minha própria família. Contanto que se mantenham longe de Alicia, estou bem com isso, apenas não espere que eu venha aqui a cada domingo fazer uma visita. Não gosto de ser hipócrita fazendo de conta que nada aconteceu e que vocês não tentaram matar minha mulher.

Olho para meu pai que está de cenho franzido, indicando que não gosta do que acabei de dizer.

— Vou pedir outra vez a você: mantenha seu filho longe de nós. Eu não quero problemas, porque isso pode não ser bom para nenhum de nós — levanto e vou até onde mamãe está sentada, agacho à sua frente e seguro

sua mão na minha.

— Você quer que eu perdoe você? Então perdoo, mas não deixe Deni atrapalhar minha vida e serei eternamente grato a você — exagero, mas beijo o dorso de sua mão e ela se desmancha em lágrimas quando joga seus braços por meus ombros, me abraçando.

Deixo-a com esse momento, só quero ir embora daqui. Deixá-la em paz é o que posso fazer. Porra, eu sou a porra de um magnânimo?

Meu pai me olha em agradecimento por acalmar sua mulher. Aperto meus braços por sua figura, e ela chora ainda mais murmurando desculpas e desculpas.

Não fique tão satisfeito, meu velho! Penso, olhando seus olhos astutos. Bem, ele deve ter entendido.

Quando saí de lá, naquele dia, saí com a certeza de que meu pai manteria Deni longe. Ledo engano do caralho!

Benacci me mantém informado do que houve com Deni. Ele estava agora com os federais. Carl e Alex tinham ligado para eles, que vieram e o levaram preso. É bom que o mantenham lá ou, Deus, eu não sei o que faria com ele. Se o desgraçado não fosse meu irmão, já

teria estourado seus miolos.

Agora ele deve estar sendo acusado de tentativa de homicídio, mas ele tinha meu pai para pagar uma fiança exorbitante por sua liberdade.

Meia hora depois, um médico aparece dizendo que posso ver Alicia. Ele apenas diz que ela voltou à consciência e que está bem, e nossa filha aparentemente está bem. Apenas um ligeiro aumento do batimento cardíaco do bebê, mas que ele já estava entrando em contato com o médico de Alicia, que eu imagino ser o Allan.

Sigo até uma sala onde ela está sendo mantida e caminho para perto dela, verificando-a. Ela parece um pouco pálida e assustada.

— Hey!

Beijo sua testa antes de sentar ao seu lado. Pego suas mãos na minha.

— Você está bem?

— Sim. E o seu irmão, o que aconteceu com ele?

— Não se preocupe com isso, bebê — beijo sua mão carinhosamente — Está preso. — digo apenas.

— Vou demorar aqui? Minha filha está bem? Estava aqui preocupada com você.

— Sim, um pouco. Allan foi chamado caso entre em trabalho de parto. Apenas preocupe-se de ficar bem,

meu amor.

— Sêrio? Estou bem.

— Mas eles a querem em um hospital para uma eventualidade, você passou um susto danado. — suavemente tiro seus cabelos do seu rosto, e ela fecha os olhos. Lembrando que nossos amigos estão lá fora esperando notícias, levando e digo: — Volto já, querida.

Volto para a sala de espera e os tranquilizo; agradecendo a todos, os dispenso para irem embora. Eles acatam depois de saber que Alicia ficará bem. Menos Matt, que foi ver sua irmã. Depois que eles saem, volto para o quarto de Alicia.

Allan chegou pouco mais de meia-noite no hospital e depois de examiná-la disse que era melhor preparar a sala de parto. Ela não sentia dor nenhuma, mas estava com dilatação, palavras dele não minhas, ele falava grego para mim.

Ele coloca um cateter em seu braço, dizendo que daqui a pouco ela começará a sentir dores. Diz isso quando injeta algo no soro dela.

São três horas da manhã quando ela começa a se contorcer de dor, e eu fico meio sem saber como agir. Odeio vê-la vermelha, suada e gemendo, assim. Era bom fazer um bebê, mas tê-lo era algo bizarro.

Mesmo com a medicação, Alicia não dilatou o

suficiente para o parto normal, segundo Allan. E, como o coração da nossa filha estava agitado, ela foi levada para a sala de cirurgia para uma cesariana. Não vou assistir o parto, não sou tão corajoso, fico do lado da sala afundando o chão com meus passos. Faz meia hora que ela foi para lá, e estou sofrendo de antecipação quando vejo caminhando, porta adentro da sala, nada mais, nada menos que meus pais.

Mas que merda é essa?! Caminho até onde eles estão.

— A única coisa que eu já pedi para vocês foi que Deni ficasse longe de Alicia, e vocês não fizeram isso — vou acusando sem nem mesmo cumprimentar. Eu sei que eles não poderiam controlar Deni, mas porra! Isso era culpa deles mesmo.

— Não podemos controlar todos os passos de seu irmão, Bruno — papai diz, ecoando meus pensamentos.

— Ah, pode sim, só espero que você não o tire da cadeia agora. — digo ameaçador — Ou vou esquecer que somos do mesmo sangue.

Mamãe lamenta em voz baixa, mas não dou a mínima.

— Considere feito, filho — Ele diz — Ele permanecerá lá até criar juízo. Como está Alicia?

— Em cirurgia — mordo as palavras.

Saio de perto deles e volto a andar igual a um leão enjaulado. Frustração é meu nome. Deus! Como eu queria ter tido a chance de quebrar a cara de Deni. Sabe quando você sente aquela sensação de impotência? Assim que me sinto por não ter dado nem um soco na sua cara bêbada.

Segundo Bennaci, ele levou uns bons socos de Carl, que andava meio violento de um tempo para cá. Bem feito para o filho da puta ganancioso.

Isso me lembra de algo. Vou até meu pai.

— Me tire do seu testamento. Isso para ontem, e deixe apenas Deni como herdeiro de tudo — digo — Isso tudo é por causa do poder. Poder esse que nunca quis e nem quero. Dê para ele, assim ele me deixará em paz para sempre e eu lhe agradeceria muito. Só assim ainda irei ter alguma consideração por vocês dois.

Ele assente, acatando meu pedido. Bem mais fácil do que do que imaginei.

Estou prestes a voltar para minha andança pela sala quando Allan sai com um sorriso. Eu paraliso.

— Ross, parabéns! Sua filha nasceu e Alicia passa bem, apesar do susto de ontem — ele diz, e tenho de me escorar na parede. Bruno Ross pode desmaiar a qualquer momento.

— Obrigado, Allan — minha voz sai embargada.

— Daqui a pouco pode ir vê-las — ele volta, e eu sento na cadeira mais próxima.

Obrigado! Agradeço em pensamento.

Alicia

Estou sonolenta e grogue quando sinto algo macio tocar meus lábios. Beijos cálidos e macios são colocados em meus lábios e rosto. Mãos passeiam por meus cabelos.

— Acorde, bebê — uma voz máscula me chama — Sei que você não quer perder isso.

— Bru... — limpo minha garganta obstruída — Bruno.

— Esse sou eu e nossa filha. Brulícia está aqui! — a voz dele é recheada de riso.

— O quê? Que raio de nome é esse, Bruno?! — Oh, Deus, o que ele fez com nossa filha?

— O nome dela, querida — Abro meus olhos e o vejo inclinado para mim com um pacote rosa nos braços — ela esteve reclamando com o papai dela que não tem nome.

Ele ri e vejo a malícia em seus olhos azuis.

— Então, estamos chamando nossa princesa de Brulícia — Oh, céus! O que irei fazer com esse homem provocador?

— Retire esse nome horroroso dela, agora! — exijo, entrando nesse joguinho dele — Isso é lá nome de gente, ainda mais da minha filha. — Reclamo.

— Como não é nome de gente? São nossos nomes. Que tal Brunilda?

— Bruno! Fale sério, vai deixar essa garotinha assustada e para sempre em acompanhamento psicológico.

— Alicia, você é tão fácil de provocar — ele diz, rindo tão largo que meu peito incha de amor por ele.

Sorrio de volta quando uma onda de felicidade toma conta de mim. Olhando para o pacotinho precioso no colo dele, eu apenas choro. Oh, cara! Eu consegui, nós conseguimos ir até o fim.

Entendendo o porquê das minhas lágrimas, ele deposita nossa filha em meus braços.

— Diga *olá* para mamãe, meu docinho. — fala amoroso para ela.

— Eu quero dar o nome de minha mãe para ela, Bruno, se você não se importar — digo quando aperto e sinto o cheiro de bebê da minha filha. Isso me inunda até a alma, me enchendo de mais amor por esse serzinho especial.

— Claro que não me importo, querida — ele beija meus lábios suavemente. — Como sua mãe se chamava?

Você nunca me disse.

— Valentina.

— Então será Valentina Ross — ele olha com amor para Valentina. — Tão apropriado para minha guerreirinha mais linda!

— Eu te amo — sussurro para ele — Você me deu o maior presente que alguém jamais poderia me dar.

— Não fiz nada, bebê. Eu fiquei com a melhor parte disso, que foi fazer junto com você essa lindinha aqui. — ele nos beija e sorri.

— Então, quando vamos começar a fazer outros? — ele diz cada palavra levantando as sobrancelhas sugestivamente — Estou contando os minutos, sabe disso, não é? Eu, você, uma cama...

— Oh! Ela está escutando você falando essas coisas impróprias para menores — aperto Valentina em meus braços.

Ele ri, me fazendo rir também.

— Estou falando sério, Alicia.

— Sei que está. Eu apenas sei que ele é perfeito para mim.

Alicia

— Amor?

Estou amamentando minha Valentina, embevecida de amor e gratidão, olhando-a sugar com fome.

Ainda estou no hospital, em recuperação das horas de parto. Ontem, a essa hora, eu estava sentindo tanta dor, mas tudo deu certo, tenho meu tesouro mais preciso em meus braços. A alegria não cabe dentro de mim, é tanto amor que tenho medo de ser um sonho.

— Amor? — percebo que Bruno esteve falando comigo e eu mal escutei. Levanto meus olhos para ele. Está em pé com as mãos no bolso, sua barba por fazer. Ele não saiu desse quarto desde que eu vim para cá.

— Não te ouvi, querido — respondo — O quê?

— Sim, agora estou em segundo lugar. Caramba, Alicia, fazendo-me ficar com ciúme de uma garotinha? — ele graceja e vem sentar na poltrona ao lado — Tenho de te perguntar algo.—Certo, deixe apenas eu colocar essa garotinha na caminha dela que sou todas ouvidos ao meu segurança favorito. — digo rindo

— Bebê, sou seu único segurança — ele levanta para

pegar Valentina nos braços, e é tão delicado e cuidadoso com ela que me deixa com lágrimas nos olhos.

Eu me pergunto, às vezes, por que relutei tanto em me doar inteira para esse homem. Ele era tão lindo! Eu sempre fui uma mulher que me amava acima de qualquer coisa, mas meu casamento me levou ao fundo e fez-me pensar que eu não era capaz, não era uma mulher completa que não teria uma experiência única de ser a pessoa mais importante na vida de outra pessoa.

Aí vem um playboy mulherengo e me dá um presente lindo, único, que é minha filha, mas não posso dar crédito a apenas a ele, eu fui a responsável por isso também; consegui quando não achei que conseguiria. E não posso deixar de amar esses dois como nunca amei algo na minha vida.

— Prontinho, minha princesa, papai agora precisa conversar com a mamãe. Seja uma boa menina e não peça para mamar pelos próximos cinco minutos, sim? — ele está falando com Valentina enquanto a coloca no bercinho ao lado da minha cama. Estou boba do quão delicado ele é com ela.

Deixando-a lá quietinha, ele vem sentar ao meu lado na cama.

— O que houve? — estou preocupada. Nossa vida ainda corre perigo?

— Nada de mais, amor — ele me olha, segura minha mão e a leva aos lábios para um beijo cálido — Sei que você pode se recusar a vê-lo, por toda a situação que minha família criou para você, a colocando em risco, no entanto meus pais querem muito conhecer a neta deles. Mas só os deixarei a verem se você permitir, bebê. Você se sente segura e confortável para isso?

— Oh! — eu não tinha pensando nisso, que seus pais poderiam querer fazer parte de nossas vidas. Não os queria perto da minha filha. Era tão recente tudo que houve. — Não quero seu pai junto da minha filha, Bruno! Não confio nele.

— Então irei dispensá-los — ele diz, levantando. Eu agarro sua mão, parando-o.

— Eles estão aí fora?

— Sim, desde ontem, e querem ver Valentina, mas, como disse, você decide isso.

— E você quer que eles tenham contato com nossa filha? — pergunto, porque ele é o pai também e pode muito bem ter sua opinião levada em conta.

— Não quero ser hipócrita e ser o melhor filhinho do meu pai, mas estou tão feliz que não me importo agora de eles a conhecerem.

— Então tudo bem — sorrio para ele — Só não quero ser amiga de seu pai também, eles me causaram

muito mal junto com seu irmão. Deixe-os conhecerem a netinha linda deles, a mais linda do mundo inteiro.

— Sim, somos tão fodas, amor, fizemos juntos a bebê mais linda — ele se gaba, e rimos juntos igual dois tontos. O amor pode fazer cada coisa incrível!

— Vou os deixar entrar, ok? — ele beija meus lábios e se levanta para chamar seus pais.

Pouco depois, a mãe de Bruno vem me cumprimentar e parabenizar. Ela me esquece dentro de cinco segundos quando olha Valentina ao lado.

— Ela é tão linda! — ela suspira, emocionada.

Deni

Faz dias que olho as paredes da cela onde estive trancafiado nesse último mês. Rio para mim mesmo.

Papai está fazendo tudo que pode para me manter aqui. Ele veio me fazer uma visita um dia depois que aqueles federais filhos de uma cadela me colocaram aqui. Veio dizer que eu tinha ultrapassado os limites ao tentar dar um fim naquele meu irmãozinho de bosta. O tapa que ele me deu vai custar caro para ele. É só eu sair daqui.

Alexander Marshall teve a audácia de dizer que matei Evan Duran, e posso pegar alguns anos de cadeia por isso. Ele não perde por esperar.

Ouço a outra cama da cela gemer quando o meu companheiro de cela se mexe. Odeio isso aqui. Os primeiros dias tive alguns problemas, os desgraçados acharam que poderiam me intimidar. Descobriram logo que não podiam, jamais. Bando de imbecis.

Tenho meus advogados trabalhando na minha liberdade, isso é uma questão de tempo.

Saio da cadeia um mês depois e sou recebido por três seguranças do meu pai. Eles abrem o carro, não deixando dúvida que tenho de ir com eles. Eles me levam direto para casa. Esse tratamento nada convencional me deixa intrigado, e quando sou escoltado para o escritório dele, estou bem chateado.

— Espero uma boa razão para estar sendo tratado como um delinquente por você, pai — digo assim que entro.

— Sente-se — papai diz e sigo suas instruções. — Eu tinha de ter certeza de que você iria vir direto para cá.

— Não sei mais para onde iria, já que moro aqui.

— Sabemos que não é bem assim. Mas vamos logo ao ponto. Estou passando todo o negócio não legal para você, como sempre quis. — ele diz como se isso fosse grande coisa. A verdade era que sempre estive à frente disso. Mas tinha de reportar todas as merdas a ele no fim do dia.

— E por que isso agora? — pergunto calmamente — Estranho, já que fui deixando para apodrecer na cadeia por você. E agora essa generosidade?

— Tenho uma razão, e você não vai levar tudo sem fazer algo em troca.

— E o que seria?

— Vou fazer um documento passando tudo para você, mas tem duas cláusulas. Primeira: vai deixar seu irmão e a família dele em paz, sem gracinhas de sua parte. Segunda: se algo acontecer com ele ou sua família, você perde tudo. E sei que você quer muito dominar o submundo dessa cidade. Tenho certeza que é maior que sua raiva por Bruno.

Aplaudo. Sua vontade de ficar bem com Bruno deve ser muito grande para ele estar abrindo mãos de tanto poder.

— Não vai dizer nada? — diz quando apenas fico olhando ao redor. Bem, vamos ver o quanto ele quer fazer isso.

— Bem, papai, eu aceito, mas essa casa fica comigo também.

— Sabe que essa casa pertence à sua mãe — ele diz

— E daí? Sem casa, sem acordo.

— Tudo bem, posso comprar uma melhor para ela.

— Sei que pode. Mas não terá o mesmo significado

dessa. — Sim, eu sei disso, essa casa pertenceu ao meu avô materno, e vamos ver se ele convence mamãe de sair daqui. Eu levanto e caminho para a porta.

— Preciso de um banho — rindo, caminho para meu quarto.

Quando termino e saio do banheiro, encontro mamãe me esperando.

— Hoje é o dia da visita ao filho mau? — vou até ela e beijo sua testa.

— Vim dizer para você ficar com a casa. Iremos sair, filho. — Que merda, eu queria um motivo para acabar com a raça de Bruno. Entretanto, meus pais estão loucos pela neta. Soube que Bruno era pai de uma menina — Aceite a oferta de seu pai.

Claro que ia aceitar, meu irmão não valia o esforço. O que eu queria estava sendo dado facilmente para mim. Eu sou o rei dessa cidade finalmente.

— Claro que sim, mãe — dou um abraço nela e vou me vestir. Tenho um negócio para administrar. Minha vingança não é tão importante assim. Posso viver com isso.

Epílogo

Seis meses depois...

Bruno

— Pode ir tranquilo, senhor Ross, ela dormirá até amanhã.

— Tem certeza disso? — olho para a babá da minha filha — Outro dia eu jurava que ela estava dormindo e que acordaria somente na manhã seguinte, e mal cheguei á porta do quarto e o grito estridente dela quase me matou de susto.

— Tenho sim, senhor Ross. Ela dorme igual um anjinho — ela garante enquanto cobre o corpinho frágil da minha filha com um cobertor.

— Se você diz — digo incredulamente — Me chame, se precisar.

— Vá sossegado, tenho tudo sob controle aqui — eu duvido muito, minha filha sabe ser imperiosa e brava tal qual sua mamãe, teimosa também.

Claro que confio no profissionalismo da babá, mas todo cuidado era pouco com minha florzinha.

Depois de uma última olhada nela, caminho para fora do quarto infantil decorado nas cores rosa suave e branco cremoso e vou para meu próprio quarto. Faz apenas dois meses que estamos nessa casa nova, mais espaçosa para minha família. Depois de me livrar das

roupas, vou para o banheiro. Tenho uma noite de luxúria me esperando. Alicia deve chegar daqui a poucos segundos. Ela estaria aqui antes da meia-noite, mas quando ela diz isso, sempre chega antes, parece que quer me pegar fazendo algo inapropriado. Mulher má. Agora são onze e meia, e tenho de deixar tudo pronto para seduzir.

Alicia

— Dará conta de tudo? — questiono Marcos, que está me olhando feio agora — Oookaayyy! — levanto minhas mãos em rendição à sua cara de homem mau.

— Quando passou quase um ano afastada, quem deu conta, senhora Duran? — ele parece ofendido.

— Você está certo, força do hábito. Então deixarei tudo em suas mãos capazes. — Olho para os convidados e dou uma conferida geral no salão para ver se algo está fora de lugar, mas nada parece fora do normal.

Esse é o aniversário de quinze anos da filha de um político, e tudo parece ir melhor do que imaginei. Voltar a trabalhar tem sido agridoce. Deixar minha princesa em casa é muito difícil. Transferi parte do escritório para a nova casa onde moramos e só venho conferir as coisas nos eventos e geralmente saio cedo. Nada de uma, duas horas da manhã. Isso é coisa do passado. — Boa noite. Ligue-me logo cedo amanhã.

Cerca de meia hora depois, estaciono na garagem de nossa casa e desço. Tudo está silencioso e com pouca iluminação. Bruno deve estar no quarto de nossa filha, mimando nossa garotinha. Ele tem o péssimo hábito de deixar nossa bebê dormindo em seu peito em vez de na caminha dela. Isso logicamente faz nossa princesa espernear malcriada quando é deixada para dormir

sozinha.

Não casamos ainda, queremos nossa filha de dama de honra, então vamos esperar, não precisamos de um papel para nos sentirmos casados. Haveria algo melhor que o fruto do nosso amor andando pelo corredor da igreja com nossas alianças? Acho que não. Tenho um sorriso feliz nos lábios desde o dia que ela veio ao mundo.

Estranho meu querido “marido” não ter vindo me receber. Subo as escadas para o andar superior onde ficam os quartos e vou direto para o de Valentina. A cena aqui não é o normal. A babá está pronta para dormir e minha filha está dormindo em seu berço. Silenciosamente vou até ela e cheiro sua cabecinha gostosa, tentando não acordar meu anjinho.

— Tudo bem? — pergunto cochichando para Kelli. Ela assente com um sorriso e volto-me outra vez para Valentina, beijando-a — Boa noite, meu amor.

Sussurro um boa noite para Kelli e saio à procura de Bruno. Tão estranho não encontrá-lo com Valentina. Entro no quarto para me deparar com ele saindo do banheiro secando o cabelo, totalmente pelado.

Fico parada apreciando a vista até ele se dar conta da minha presença.

— How! Bebê, por que sempre atrapalha meus

planos para você? — ele reclama, e segurando as duas pontas da toalha a joga para trás do pescoço, deixando seu físico apetitoso para minha apreciação.

— Que planos você tinha em mente? — termino de entrar e joga os saltos para um lado. Humm, delícia enfiar meus pés no carpete felpudo.

— Planejava uma noite quente para nós — ele faz um beicinho sexy. Ele é ridiculamente lindo, me olhando com cobiça — Você está gostosa nesse vestido.

Sim, ele deve estar apreciando meu vestido, porque seu lindo e delicioso pau está bem acordado me saudando. Oh, sim, ele conhece sua dona.

— Você ainda pode executar isso — digo com má intenção, e ele vem para perto de mim e prende-me, jogando a toalha ao redor de mim para me atrair para seu peito firme, onde gotículas de água me fazem salivar com a vontade de lambê-las. Não resisto e passo minha língua por seu peito e mamilo. Minha mão circula seu pênis duro entre nós — O que tem aqui para mim?

Ele não responde, apenas me beija duro. E eu tenho minha resposta. Meu segurança favorito sabe fazer suas duas mulheres felizes de maneiras bem diferente.

— Planejei uma noite de sexo tântrico para nós, mas tinha todo um clima, velas, músicas... — ele salpica beijos — Mas vou pular essa parte, vamos direto foder

bem forte.

— Tão romântico, amor — debocho quando círculo seu pescoço com os braços.

— E eu não sei disso? Nunca me imaginei dessa forma, todo romântico, falando poesia — ele ri, e é tão bonito. Suspiro, mais apaixonada do que nunca.

Ele me beija e eu me entrego como sempre. Ele me tem desde que veio para minha vida. E eu amo isso.

O dia D

Bruno

Nervosismo tem nome e sobrenome. *Bruno Quase Casado Ross.*

Meu smoking parece apertado no meu pescoço. Ao meu lado, Alexander e Carl, que têm sido meus amigos desde as forças armadas, estão me olhando com caras de idiotas, passando o dedo transversalmente na garganta em sinal de que estou indo para uma morte certa.

Alex é um hipócrita porque ele é um urso pardo dominado por sua fêmea. Tenho vontade de rir alto com minhas comparações. Isso deve ser o nervosismo de estar casando com essa mulher linda, ranzinza e que me leva à loucura. Eu estava suando frio, e não era culpa do calor, aqui dentro da igreja estava tudo perfeitamente climatizado. Tive a melhor organizadora para esse evento.

— Prepare seu coração, Ross — Alex diz, rindo. — Você tem duas mulheres hoje o dominando legalmente.

— Ainda tem tempo de sair correndo, Ross — Carl rosna do outro lado — Tem exatamente... — ele olha o relógio no pulso — Uns minutos. Podemos te dar cobertura.

— Fechem suas bocas! — A voz de Lana vem do banco da frente, onde ela está sentada junto com alguns dos caras da empresa e meus pais. Meu irmão não está

aqui e nem quero que esteja. Meu ultimato a meu pai é simples: quer ver sua neta crescer? Mantenha Deni bem longe, e ele tem cumprido isso até agora. — Alexander, você está com problemas sérios, grandão!

— Agora eu que posso dizer: cara, é melhor correr, essa menina tem suas bolas — digo baixo para ele antes de piscar maliciosamente para Lana.

Meu coração dá um baque quando a música anuncia a entrada da daminha de honra. Não caibo dentro de mim mesmo quando vejo minha pequena princesa em passos trôpegos começando a andar para dentro da igreja. Alguém vem guiando-a para dentro.

Porra, ela está tão linda em um vestidinho branco, e quando me vê vem em total disparada. Não me contenho e vou ao seu encontro. Tenho medo que ela caia, afinal ela começou a andar tem tão pouco tempo. Ela joga a almofada que traz nas mãos no chão, e eu rio. Minha filha estava nem aí para essas alianças. Tenho malditas lágrimas nos olhos quando agacho e pego-a nos braços, quebrando qualquer protocolo de casamento.

— Pa-pa — ela balbucia feliz quando a agarro forte. Ela tem um sorriso, e seus dentinhos brancos são as coisas mais lindas do mundo. Eu vivo para esse sorriso. Pode amor demais causar infarto? Juro que tenho uma dor infernal no meu peito.

— Você foi perfeita, princesa. — eu sussurro para ela quando volto para o altar e uma música de Beethoven, *Love Story*, uma das nossas favoritas, começa a tocar. E a vejo. Minha Alicia não poderia estar mais linda, perfeita.

— Ma-ma — Valentina aponta, querendo sair do meu colo, mas eu a perto mais firme, tentando ao mesmo tempo engolir o nó formado em minha garganta.

Droga! *Segure-se, homem, chorar igual a um bebê na frente de sua filha? Sério?* Irei traumatizar minha filha.

— Ma-ma.

— Sim, princesa, mamãe está linda — digo e caminho pela segunda vez para encontrar meu segundo amor. Ela tem lágrimas correndo pelo rosto vermelho, seus olhos esverdeados estão brilhantes e aquosos quando encontram os meus.

— Você está perfeita — sussurro e beijo seus lábios rapidamente. Valentina me imita e molha sua bochecha com um beijo molhado. — Nós te amamos. — ela funga e sorri. Vejo que ela quer falar, mas apenas chora.

Dou meu braço para Alicia e caminho de volta para o altar com as duas mulheres da minha vida.

A cerimônia é feita com nós três juntos no altar, e o choro silencioso de Alicia ao meu lado só me faz mais

feliz, porque sei que ela chora por estar feliz, e isso traz minha própria felicidade.

Quando o padre manda beijar a noiva, já estou beijando faz um tempinho. Valentina corta meu barato indo para os braços de sua mãe, que a pega feliz, apertando nossa garotinha nos braços, e eu só faço abraçar as duas juntas.

— Eu amo tanto vocês — Alicia diz com voz embargada.

Bem, eu só posso concordar com ela; eu e Valentina somos fáceis de amar. Sou um charme, vocês sabem. Sou gostoso pra caralho.

— Senhora Ross, você é uma mulher de sorte, tem o homem mais gostoso do recinto e a filha mais linda.

— Só posso concordar com você, prostituto! — ela sussurra apenas para eu ouvir.

— Hei, deixei essa vida para trás! — finjo-me indignado.

— Você é meu prostituto, Ross.

— Eu amo ser seu, para sempre...